

DIÁRIO DE UM LADRÃO

Jean Genet

Tradução de
Oswald Neuwirth

INTRODUÇÃO
de Oswald Neuwirth

TRADUÇÃO
de Oswald Neuwirth e Jean Genet

editora cullum





Jean Genet

DIÁRIO DE UM LADRÃO

Apresentação

Ruth Escobar

Introdução

Jean-Paul Sartre

Tradução

Jacqueline Laurence e Roberto Lacerda

EDITORA NOVA FRONTEIRA

© Éditions Gallimard, 1949

© da tradução by Jacqueline Laurence e Roberto Lacerda

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso — 21042-235

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G29d

Genet, Jean, 1910-1986

Diário de um ladrão / Jean Genet ; tradução Jacqueline Laurence, Roberto Lacerda [Ed. especial] ; introdução Jean-Paul Sartre. — Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015.

212 p. (Cultura)

Tradução de: Journal du voleur

ISBN 978-85-209-2247-7

1. Ficção francesa. I. Laurence, Jacqueline. II. Lacerda, Roberto, 1941-. III.

Título. IV. Série.

15-19608

CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

Apresentação

Jean Genet chegou numa manhã de sol, em junho de 1970. Os jornalistas acotovelavam-se no aeroporto. Ele passou rosnando, bufando, azedo; mal me cumprimentou. Caminhava tão rapidamente que eu me desequilibrava nos meus saltos altos. Trouxe-o para casa. Excitava-me ter em meu convívio o autor de minha grande obra.

Estava grávida de três meses de meu filho Nelsinho, e preparávamos a atriz que me substituiria até o parto. Genet participava com volúpia de todas as fofocas do elenco e tinha sempre saídas estapafúrdias para os problemas. Dentro de casa portava-se ora como o vovô de minhas filhas Rutinha e Inês, ora como uma criança temperamental. Na época, as más línguas espalhavam que ele não gostara do espetáculo, o que não é verdade. O teatro não mobilizava mais Jean Genet. Dizia que o teatro estava morto, recusou-se a ver os integrantes do Living Theatre que foram visitá-lo em casa, nem sequer aceitou receber Julian Beck ou Judith Malina. Sua loucura agora, dizia, era *“la politique”*.

Conversávamos até de madrugada, ele não se cansava de contarmos histórias da prisão e suas aventuras no exército francês na Argélia. Nunca me preocupei em averiguar se Genet realmente fizera o serviço militar, mesmo porque suas histórias eram absolutamente irreais, semelhantes a um filme do Gordo e do Magro no exército. Ríamos até a histeria; Genet se deliciava e contava mais. Tinha insônia, só quebrada à custa de soníferos. Às vezes, de madrugada, surpreendia-nos invadindo o nosso quarto, enfiando-se em nossa enorme cama D. João V, esfregando as mãos de contente, como quem está aprontando o maior rebu, e dizendo: *“Alors les enfants, on va bavarder! Assez dormir, vous avez l'éternité pour dormir!”*

O pior não era quebrar o sono, mas o chulé que se espalhava pelos lençóis. Eu reclamava:

— Jean, de novo você não lavou os pés antes de dormir!

Ele ria, adorando: “Mas é bom este cheiro, é do melhor queijo francês, autêntico *port-salut*.”

Eu saía tonta da cama, apanhava uma toalha embebida em água quente e sabão e, feito Maria, lavava-lhe os pés brancos, alvos qual leite.

Durante os dias em que ficou em casa, os pedidos de autógrafos e entrevistas

nos martirizavam, porque ele se recusava a receber qualquer pessoa. Quanto aos autógrafos, ensinou-me a copiar sua assinatura e me estimulava a falsificá-la. Quando eu retorquia que isso era estelionato, ele atacava: “Não seja idiota, a vida é um estelionato.”

Um dia, fomos surpreendidos por um telegrama de Maria do Carmo Sodré, esposa do governador de São Paulo naquela época, que demonstrou interesse em recebê-lo. Jean desandou um rosário de palavrões e insultos contra a ditadura no Brasil, até que o convenci a visitar a esposa do governador para prestar um serviço à Resistência. Expliquei que Maria, vulgarmente conhecida como “a Tia” e costureira de Lamarca, estava presa com a atriz Nilda Maria no presídio Tiradentes. Durante a ação, seus netos haviam sido carregados para uma unidade da Febem, que ninguém sabia qual fosse. Era a oportunidade de encontrá-los através da primeira-dama. Jean cedeu e, durante a audiência, mesmo esforçando-se ao máximo para ser polido e cortês, investiu com tanta veemência contra a selvageria das ditaduras que Maria Sodré no mesmo instante telefonou e colocou a Secretaria de Segurança na pista das crianças. Em 48 horas eram localizadas em duas unidades da Febem e eu levava a notícia para a avó, no presídio Tiradentes. Maria deu uma carta entregando-me a guarda de seus netos, mas meu desejo e sua vontade não foram atendidos pelo juizado de menores, que alegou minha situação de desquitada. Dali a algumas semanas o sequestro do embaixador Elbrick retirava setenta presos políticos da cadeia, inclusive Maria e seus netos, que viajaram para a Argélia em troca do refém.

Também levei Genet ao presídio Tiradentes para visitar Nilda Maria, a atriz que interpretava Chantal, a revolucionária. Nunca soube se minhas entradas no presídio Tiradentes se deram graças à desorganização da repressão ou à ignorância da minha identidade, pois nos meus documentos constava Maria Ruth dos Santos. Quanto a Genet, na ficha de visita coloquei-o como tio afastado de Nilda, casado com uma tia que emigrara para a França. O personagem de Genet saltava do palco e encarnava na vida. Ficção e realidade eram uma só história. Finalmente nada havia a inventar. Nilda soluçava nos braços do “tio” Genet, o mito do século, o autor de sua história e de seu personagem. Na semana seguinte eu era proibida de entrar no Tiradentes. Certamente nossa aventura chegara aos escritórios do Doi-Codi.

Antes de Jean ir embora, recebemos a visita de um jovem francês que havia sido seu grande afeto, um corredor de automóveis com quem ele foi se encontrar em Mato Grosso. Jean era reservado sobre sua vida pessoal e nunca nos deu muitos detalhes sobre o jovem corredor, a não ser que havia tido um acidente muito grave e fora seu grande amor.

Jean me inoculou a angústia eterna dos que vivem nas trevas e no limite da

vida, a angústia dos delinquentes por falta de amor. Ele me ensinou a ternura pagã pelos criminosos, pelos marginais, pelos anatematizados. Durante anos tentei entender esse outro mundo levando meus espetáculos para trás das barras, até enfiar-me num projeto de ressocialização e humanismo dentro da Penitenciária do Estado. Quando me faltavam forças pensava em Genet, em sua história de amor e maldição.

Ruth Escobar^{[\[1\]](#)}

Introdução

Diário de um ladrão é a obra mais célebre de Jean Genet. Inspirou a Jean-Paul Sartre o texto que se segue:

“Não é Narciso que governa. Enquanto inclinam-se sobre a água, veem apenas uma vaga aparência de homem. Genet se vê por toda parte; as superfícies mais foscas retornam-lhe sua imagem; mesmo com outros, se distingue e, ao mesmo tempo, revela seu mais profundo segredo. O tema inquietante do duplo, da imagem, do sócia, do irmão inimigo, é encontrado em todas as suas obras. Cada uma delas tem esta estranha propriedade de ser e refletir a si mesma. Genet faz surgir uma multidão fervilhante e volumosa que nos intriga, nos transporta e se modifica em Genet sob o olhar de Genet.

“Em *Diário de um ladrão*, o mito do duplo tomou sua forma mais tranquilizadora, mais comum, mais natural: Genet fala de Genet sem intermediário; ele narra sua vida, miséria e glória, seus amores; faz história de seus pensamentos, podemos crer que ele tem, como Montaigne, o projeto ingênuo e simples de se representar. Mas Genet nunca é simples, mesmo consigo próprio. Certamente, ele diz tudo. Toda a verdade, nada mais que a verdade: mas é a verdade sagrada. Sua autobiografia não é uma autobiografia, ela não é mais que uma aparência: uma cosmogonia sagrada. Suas histórias não são histórias: elas o apaixonam e fascinam, mas você crê que ele expõe fatos e, subitamente, percebe que ele descreve ritos; que se ele fala de mendigos ulcerosos do ‘Barrio Chino’ é para movimentar suntuosamente as questões de precedência e de etiqueta: ele é o Saint-Simon deste Tribunal dos Milagres. Suas lembranças não são lembranças: elas são exatas, mas consagradas; ele fala de sua vida como um evangelista, em testemunho maravilhado... Se, no entanto, você souber ver, na articulação, a fina linha que separa o mito envolvente do mito envolvido, descobrirá a verdade, que é terrível.”

Jean-Paul Sartre^[2]

PARA SARTRE E CASTOR.

A roupa dos forçados tem listras rosas e brancas. Se, comandado pelo meu coração, universo que é o meu deleite, eu a elegi, tenho pelo menos o poder de descobrir nelas os numerosos sentidos que desejo: existe, pois, uma estreita relação entre as flores e os forçados. A fragilidade, a delicadeza das primeiras são da mesma natureza que a brutal insensibilidade dos outros.^[3] Se eu tiver de representar um forçado — ou um criminoso —, irei enfeitá-lo com tantas flores que ele mesmo, desaparecendo debaixo delas, há de parecer uma outra, gigantesca, nova. Na direção do que se chama o mal, eu vivi por amor uma aventura que me levou à prisão. Embora nem sempre sejam belos, os homens voltados ao mal possuem as virtudes da virilidade. Por si mesmos, ou pela escolha feita para eles de um acidente, eles se afundam com lucidez e sem queixas num elemento reprovador, ignominioso, igual àquele, se for profundo, em que o amor precipita os homens.^[4] Os jogos eróticos desvendam um mundo inominável que a linguagem noturna dos amantes revela. Essa linguagem não se escreve. Cochicha-se de noite, ao ouvido, com voz rouca. De madrugada está esquecida. Negando as virtudes do mundo de vocês, os criminosos desesperadamente aceitam organizar um universo proibido. Aceitam viver nele. O seu ar é nauseabundo: eles sabem respirá-lo. Mas — os criminosos estão longe de vocês — como no amor eles se afastam e me afastam do mundo e das suas leis. O deles fede a suor, esperma e sangue. Enfim, à minha alma sedenta e ao meu corpo ele propõe a dedicação. É porque ele possui essas condições de erotismo que me empenhei no mal. A minha aventura, que nunca foi comandada pela revolta ou pela reivindicação, não terá sido até hoje mais do que uma longa cópula, complicada, pautada por um pesado cerimonial erótico (cerimônias figurativas que levam ao campo de trabalhos forçados e o anunciam). Se ele for a punição, aos meus olhos também a justificação, do crime mais imundo, há de ser o sinal do mais extremo aviltamento. O ponto definitivo aonde conduz a reprovação dos homens havia de me aparecer como o lugar ideal do mais puro acordo amoroso, isto é, o mais turvo, onde são celebradas ilustres bodas de cinzas. Desejando cantá-las utilizo o que me oferece a forma da mais deliciosa sensibilidade natural, que a roupa dos forçados já suscita. Além das suas cores, pela sua rugosidade, a fazenda evoca certas flores cujas pétalas são ligeiramente felpudas, particularidade que, à ideia de força e de vergonha, me faz associar aquilo que é mais naturalmente precioso e frágil. Esta aproximação, que me informa sobre meu eu, não haveria de impor-se a outro espírito, ao passo que o meu não pode evitá-la. Ofereci pois aos forçados a minha ternura, quis dar-lhes

nomes encantadores, designar os seus crimes com, por pudor, a mais sutil metáfora (sob cujo véu eu poderia ter ignorado a suntuosa musculatura do criminoso, a violência do seu sexo). Não é com esta imagem que eu prefiro representá-los na Guiana: os mais fortes, com tesão, os mais “duros”, sob o véu de filó do mosquiteiro? E cada flor em mim deposita uma tristeza tão grave que todas devem significar a tristeza, a morte. Foi em função do campo de trabalhos forçados, pois, que fui à procura do amor. Cada uma das minhas paixões fez com que eu o esperasse, entresse; me oferece criminosos, me oferece a eles ou me convida ao crime. Enquanto escrevo este livro, os últimos forçados estão voltando para a França. Os jornais o anunciam. O herdeiro dos reis experimenta um vazio idêntico se a república o priva da sagração. O fim dos campos de trabalhos forçados nos impede de alcançar, com a nossa consciência viva, as regiões míticas subterrâneas. Cortaram-nos o mais dramático movimento: o nosso êxodo, o embarque, a procissão sobre o mar, que se cumpria de cabeça baixa. A volta, esta mesma procissão às avessas, não tem mais sentido. Em mim, a destruição do campo de trabalhos forçados corresponde a uma espécie de castigo do castigo: castram-me, cobrem-me de infâmia. Sem preocupação de decapitar os nossos sonhos das suas glórias, acordam-nos antes do prazo. As prisões centrais têm o seu poder: não é o mesmo. É menor. A graça elegante, um pouco diminuída, não se encontra lá. Nelas, a atmosfera é tão pesada que precisamos nos arrastar. Rastejar. As centrais tornam-se mais rígidas, mais negras e mais severas, e a grave e lenta agonia dos campos de trabalhos forçados era, da abjeção, um desabrochar mais perfeito.⁴⁵¹ Enfim, agora cheias de machos ruins, as centrais estão negras deles como de um sangue carregado de gás carbônico. (Escrevo “negro”. A roupa dos detentos — presos, prisão, prisioneiros mesmo, palavras nobres demais para nos designar — impõe-me a palavra: é de burel escuro.) É na direção delas que o meu desejo será levado. Sei que uma aparência burlesca muitas vezes se manifesta nos campos ou nas prisões. Sobre o soco maciço e sonoro dos tamancões, a estatura dos condenados é sempre um pouco frágil. Estupidamente, a silhueta deles se quebra diante de um carrinho de mão. Frente a um guarda, eles abaixam a cabeça e seguram na mão a grande capelina de palha — que os mais jovens enfeitam, assim queria eu, com uma rosa roubada, concedida pelo guarda — ou a boina de burel escuro. Eles se conservam numa postura de miserável humildade. (Quando são espancados, algo neles entretanto deve erigir-se: o covarde, o velhaco, a covardia, a velhacaria, são — conservados em estado da mais dura, da mais pura covardia e velhacaria — endurecidos por uma sova, assim como o ferro endurece ao ser batido.) Obstinam-se na servilidade, pouco importa. Sem negligenciar os que são disformes, aleijados, são os mais bonitos criminosos que

a minha ternura enfeita.

— O crime, digo a mim mesmo, deve ser hesitado por muito tempo antes de conseguir o perfeito êxito que é Pilorge ou Ange Soleil. Para aperfeiçoá-los (o termo é cruel) foi necessário o concurso de numerosas coincidências: à beleza dos seus rostos, à força e à elegância dos seus corpos, deviam juntar-se o seu gosto pelo crime, as circunstâncias que fazem o criminoso, o vigor moral capaz de aceitar um tal destino, enfim o castigo, a crueldade deste, qualidade intrínseca que permite ao criminoso transparecer e pairando sobre tudo isso as obscuras regiões. Se o herói combate a noite e a vence, que nele permaneçam seus farrapos. A mesma hesitação, a mesma cristalização de felicidades preside ao êxito de um puro policial. A uns e outros quero bem. Mas, se gosto do crime deles, é pelo que ele encerra de castigo, “de pena” (pois não posso supor que eles não a vislumbraram. Um deles, o ex-pugilista Ledoux, respondeu com um sorriso aos inspetores: “É antes de cometê-los que eu poderia ter lastimado os meus crimes”), onde quero acompanhá-los para que, de qualquer maneira, os meus amores sejam plenamente satisfeitos.

Neste diário não quero dissimular as outras razões que fizeram de mim um ladrão, a mais simples sendo a necessidade de comer; todavia, em minha escolha jamais entraram a revolta, a amargura, a raiva ou qualquer sentimento desse tipo. Com um cuidado maníaco, “um cuidado ciumento”, preparei a minha aventura como se arruma uma cama, um quarto para o amor: eu tive tesão pelo crime.

Dou o nome de violência a uma audácia em repouso apaixonada pelo perigo. Pode ser percebida num olhar, num andar, num sorriso, e é dentro de nós que ela produz redemoinhos. Ela nos desmonta. Essa violência é uma calma que nos agita. Dizem às vezes: “Um cara que promete.” Os traços delicados de Pilorge eram de uma violência extrema. Sobretudo sua delicadeza era violenta. Violência do desenho da mão única de Stilitano, imóvel, simplesmente colocada sobre a mesa, e que tornava perturbador e perigoso o descanso. Trabalhei com ladrões e cafetões cuja autoridade me arrastava, mas poucos se mostraram realmente audaciosos quando aquele que mais o foi — Guy — não mostrava qualquer violência. Stilitano, Pilorge, Michaelis, eram covardes. E Java. Deles, mesmo quando repousavam, imóveis e sorridentes, escapava pelos olhos, pelas ventas, pela boca, pela palma da mão, pela braguilha inchada, sob o linho ou a lã, por aquele brutal montículo da barriga da perna, uma raiva radiosa e sombria, visível sob a forma de vapor.

Mas nada quase sempre a assinala a não ser a ausência dos sinais habituais. Primeiro, o rosto de René é encantador. A curva oca do seu nariz lhe dá uma aparência viva, apenas perturbada pela palidez plúmbea do seu rosto inquieto. Os olhos são duros, os gestos calmos e seguros. Nos mictórios públicos, ele bate tranquilamente nas bichas, revista-as, rouba-as, às vezes lhes dá, como um golpe de misericórdia, um pontapé na cara. Não gosto dele, mas a sua calma me doma. Ele opera, na noite mais perturbadora, à beira dos mictórios, dos gramados, dos bosquezinhos, sob as árvores dos Champs-Élysées, perto das estações, na Porte Maillot, no Bois de Boulogne (sempre de noite), com uma seriedade de que está excluído todo romantismo. Quando volta, às duas ou às três da manhã, sinto-o cheio de aventuras. Cada lugar do seu corpo, noturno, participou delas: as mãos, os braços, as pernas, a nuca. Mas ele, ignorando essas maravilhas, conta-as para mim numa linguagem precisa. Do seu bolso saca os anéis, as alianças, os relógios, pilhagem da noite. Coloca-os num copo grande que logo estará cheio. As bichas não o espantam nem os seus hábitos: só servem para facilitar os seus golpes. Quando, sentado sobre a minha cama, ele conversa, o meu ouvido agarra farrapos de aventuras: “Um oficial de cuecas a quem ele furta a carteira e que, de dedo em riste, o intima: ‘Saia daqui!’” “A resposta de René zombeteiro: ‘Tá pensando que está no Exército.’ Um soco forte demais que ele deu no crânio de um velho.” “Aquele que desmaiou quando René, queimando, abre uma gaveta que contém um estoque de ampolas de morfina.” “A bicha depenada que ele obriga a ajoelhar-se à sua frente.” Ouço esses relatos com atenção. A minha vida

de Antuérpia se fortifica, continuando-se num corpo mais firme, segundo métodos brutais. Estimulo René, aconselho-o, ele me ouve. Digo-lhe que ele nunca deve falar primeiro.

— Deixa o sujeito chegar perto, deixa ele te cercar. Mostre um pouco de surpresa quando ele te fizer alguma proposta amorosa. Você tem de saber com quem fingir ignorância.

Cada noite, algumas palavras me informam. A minha imaginação não se perde sobre elas. A minha perturbação parece nascer do fato de que assumo em mim ao mesmo tempo o papel de vítima e de criminoso. Na realidade, emito, projeto de noite a vítima e o criminoso saídos de mim, faço com que se juntem em alguma parte, e pela manhã é grande a minha emoção ao ficar sabendo que por pouco a vítima não recebeu a morte e o criminoso os trabalhos forçados ou a guilhotina. Assim a minha perturbação se prolonga até aquela região de mim mesmo: a Guiana.

Sem que eles o queiram, os gestos desses meninos, os seus destinos, são tumultuosos. A alma deles suporta uma violência que não havia desejado. Domesticava-a. Aqueles cuja violência é o clima habitual são simples diante de si mesmos. Dos movimentos que compõem esta vida rápida e devastadora, cada um é simples, direto, nítido, como o traço de um grande desenhista — mas no encontro desses traços em movimento estoura então a tempestade, o raio que os mata ou me mata. No entanto, o que é a violência deles ao lado da minha que foi aceitar a deles, fazê-la minha, querê-la para mim, captá-la, obrigar-me a aceitá-la, conhecê-la, premeditá-la, discernindo nela os seus perigos e assumindo-os? Mas o que era a minha, procurada e necessária à minha defesa, à minha dureza, ao meu rigor, ao lado da violência que eles sofrem como uma maldição, vinda de um fogo interior ao mesmo tempo que uma luz exterior que os abrasa e nos ilumina? Nós sabemos que as suas aventuras são pueris. Eles mesmos são tolos. Aceitam matar ou ser mortos por um jogo de cartas em que o adversário — ou eles mesmos — trapaceavam. No entanto, graças a rapazes como eles são possíveis as tragédias.

Tal definição — com tantos exemplos contrários — da violência há de mostrar a vocês que irei utilizar as palavras, não a fim de que pintem melhor um acontecimento ou seu herói, mas para que os instrua sobre mim mesmo. Para me compreender, precisarei de uma certa cumplicidade do leitor. Todavia, eu o avisarei assim que o meu lirismo me abandonar.

Stilitano era alto e forte. Seu andar era ao mesmo tempo elástico e pesado, vivo e lento, ondulante. Era ágil. Grande parte do seu poder sobre mim — e sobre as mulheres do Barrio Chino — residia naquele esgarço que Stilitano fazia correr de uma bochecha à outra, e que ele esticava às vezes como um véu diante

da boca. “Mas onde é que ele arranja esse escarro”, pensava eu, “de onde consegue fazê-lo subir, tão pesado e branco? Nunca os meus terão a untuosidade nem a cor que o dele tem. Não passarão de uma vidraria entretecida, transparente e frágil”. É natural, pois, que eu imagine o que há de ser sua pica se ele a untar em minha intenção com matéria tão bela, com essa teia de aranha preciosa, tecido a que em segredo eu chamava o véu do palato. Ele usava um velho boné cinzento cuja viseira estava quebrada. Se ele o jogava no chão do nosso quarto, de repente tornava-se o cadáver de uma pobre perdiz de asa cortada, mas quando ele o colocava na cabeça, um pouco de lado, a borda oposta da viseira levantava-se para descobrir a mais gloriosa das madeixas louras. Deverei falar dos seus belos olhos tão claros, modestamente abaixados — de Stilitano todavia podia-se dizer: “Sua atitude é imodesta” —, sobre os quais se fechavam cílios e sobrancelhas tão louras, tão luminosas e tão espessas que estabeleciam a sombra não da noite mas a sombra do mal? Enfim, o que significaria o que me transtorna quando vejo no porto, aos solavancos, desenrolar-se e subir uma vela em dificuldade sobre o mastro de um barco, hesitando primeiro, depois com resolução, se esses movimentos não fossem o sinal dos próprios movimentos do meu amor por Stilitano? Conheci-o em Barcelona. Ele vivia entre os mendigos, os ladrões, os veados e as prostitutas. Era belo, mas resta saber se ele ficou devendo tanta beleza à minha decadência. As minhas roupas eram sujas e miseráveis. Eu tinha fome e frio. Eis a época mais miserável da minha vida.

1932. A Espanha então estava coberta por uma escória, os seus mendigos. Eles iam de aldeia em aldeia, na Andaluzia porque é quente, na Catalunha porque é rica, mas o país inteiro nos era favorável. Fui um piolho pois com a consciência de sê-lo. Em Barcelona, frequentávamos principalmente a *calle* Mediodía e a *calle* Carmen. Dormíamos às vezes seis numa cama sem lençóis e logo de madrugada íamos mendigar nos mercados. Deixávamos em bando o Barrio Chino e no Paralelo nos separávamos carregando cestos, pois as donas de casa nos davam mais facilmente um alho-poró ou um nabo do que uma moeda. Ao meio-dia, voltávamos e com a colheita fazíamos a nossa sopa. São os costumes da ralé que vou descrever. Em Barcelona, vi esses casais de homens em que o mais apaixonado dizia para o outro:

— Hoje de manhã eu carrego o cesto.

Ele apanhava o cesto e saía. Um dia Salvador arrancou suavemente das minhas mãos o cesto e me disse:

— Vou mendigar para você.

Nevava. Ele saiu na rua gelada, coberto com um paletó rasgado, em farrapos

— os bolsos estavam rasgados e caíam —, uma camisa suja e rígida. O rosto dele era pobre e infeliz, sonso, pálido e imundo, pois não ousávamos nos lavar de tanto que fazia frio. Ao meio-dia mais ou menos ele voltou com os legumes e um pouco de banha. Aqui indico desde já uma dessas dores terríveis — pois irei provocá-las apesar do perigo — que me revelaram a beleza. Um imenso — e fraternal — amor inchou o meu corpo e me levou a seguir Salvador. Tendo saído um pouco depois dele do hotel, eu o via de longe tentando comover as mulheres. Já havendo mendigado para outros, ou mesmo para mim, eu conhecia a fórmula: ela mistura religião cristã à caridade; confunde o pobre com Deus; é uma emanção tão humilde do coração que acredito que empreste um perfume de violeta ao bafo leve e direto do mendigo que a pronuncia. Na Espanha inteira dizia-se então:

— *Por Dios.*

Mesmo sem ouvi-lo, podia imaginar Salvador a murmurá-la diante de todas as vendas, a todas as donas de casa. Eu o vigiava como o cafetão a sua puta, mas com que ternura no coração. Assim a Espanha e a minha vida de mendigo me terão feito conhecer os faustos da abjeção, pois era preciso muito orgulho (isto é, amor) para embelezar esses personagens imundos e desprezados. Precisei de muito talento. Ele me veio aos poucos. Se me é impossível descrever para vocês o seu mecanismo, pelo menos posso dizer que lentamente me obriguei a considerar essa vida miserável como uma necessidade procurada. Nunca tentei fazer dela nada além do que era, não tentei enfeitá-la, mascará-la; ao contrário, eu quis afirmá-la em sua mais exata sordidez, e os sinais mais sórdidos se tornaram para mim sinais de grandeza.

Foi uma consternação quando, revistando-me depois de uma batida — estou falando de uma cena que precedeu aquela pela qual este livro começa —, uma noite, o policial admirado tirou do meu bolso, entre outras coisas, um tubo de vaselina. Sobre ele ousaram fazer gracejos, já que continha uma vaselina perfumada. Toda a delegacia podia, e eu mesmo às vezes — dolorosamente —, dar boas gargalhadas ao ouvir o seguinte:

— Quer dizer então que a turma te enraba pelo nariz, não é?

— Vê se não te resfria, tá? O teu macho pode pegar coqueluche.

Numa linguagem de vagabundo traduzo canhestramente a ironia maldosa das fórmulas espanholas, brilhantes ou envenenadas. Tratava-se de um tubo de vaselina com uma das extremidades já bem enrolada. Isso mostrava o quanto tinha sido útil. Em meio aos objetos elegantes tirados do bolso dos homens apanhados naquela batida, ele era o sinal da própria abjeção, daquela que se dissimula com o maior cuidado, mas o sinal ainda de uma graça secreta que em breve ia me salvar do desprezo. Depois de trancado na cela, e assim que me

reanimei o bastante para dominar a infelicidade da minha detenção, a imagem daquele tubo de vaselina não mais me deixou. Os policiais o haviam mostrado vitoriosamente para mim, já que com ele podiam empunhar sua vingança, seu ódio, seu desprezo. Ora, eis que esse miserável objeto sujo, cuja destinação parecia ao mundo — a essa delegação concentrada do mundo que é a polícia, e primeiro a essa especial reunião de policiais espanhóis, cheirando a alho, suor e azeite, mas cheios de ostentação, fortes em sua musculatura e em sua segurança moral — das mais vis, tornou-se para mim extremamente precioso. Ao contrário de muitos objetos que a minha ternura distingue, este não foi aureolado: permaneceu sobre a mesa, um pequeno tubo de vaselina, de chumbo cinzento, apagado, alquebrado, lívido, cuja estranha descrição e sua correspondência essencial com todas as coisas banais de uma secretaria de prisão (o banco, o cinzeiro, os regulamentos, a craveira, o cheiro) me teriam, pela indiferença geral, desolado, se o próprio conteúdo desse tubo, por causa talvez da sua característica untuosa, evocando uma lâmpada de óleo, não me tivesse feito pensar numa lamparina funerária.

(Descrevendo-o, recrio aquele pequeno objeto, mas eis que intervém uma imagem: sob um lampião, numa rua da cidade em que escrevo, o rosto descorado de uma velhinha, um rosto chato e redondo como a lua, muito pálido, do qual não saberia dizer se era triste ou hipócrita. Ela veio até mim, disse-me que era muito pobre e me pediu um pouco de dinheiro. A doçura daquele rosto de peixe-lua me informou imediatamente: a velhinha estava saindo da prisão.

“É uma ladra”, pensei. Ao afastar-me dela, uma espécie de sonho agudo, vivo dentro de mim e não na beira do meu espírito, me levou a pensar que talvez fosse minha mãe que eu acabava de encontrar. Nada sei dela, que me abandonou no berço, mas esperei que fosse aquela velha ladra que mendigava de noite.

“Se fosse ela?”, perguntei a mim mesmo enquanto me afastava da velha. Oh! Se fosse ela, iria cobri-la de flores, de gladiólos e de rosas, e de beijos! Iria chorar de ternura sobre os olhos desse peixe-lua, sobre essa face redonda e tola. “E por quê”, pensava eu ainda, “por que chorar sobre ela?” Pouco tempo foi preciso para que o meu espírito substituísse esses signos habituais da ternura por qualquer gosto e até mesmo pelos mais desacreditados, pelos mais vis, que encarreguei de significar tanto quanto os beijos, ou as lágrimas, ou as flores.

“Eu me contentaria em babar sobre ela”, pensava eu, transbordando de amor. “Em babar sobre os cabelos dela ou vomitar-lhe nas mãos. Mas eu haveria de adorá-la, esta ladra que é minha mãe.”)

O tubo de vaselina, cuja destinação é bastante conhecida de vocês, terá feito surgir o rosto daquela que, durante um sonho realizado ao longo das vielas negras da cidade, foi a mãe mais querida. Ele me tinha servido para a preparação

de tantas alegrias secretas, em lugares dignos da sua discreta banalidade, que se tornara a condição da minha felicidade, como o meu lenço manchado podia testemunhar. Sobre essa mesa, era o pavilhão que dizia às legiões invisíveis o meu triunfo sobre os policiais. Eu estava numa cela. Sabia que durante toda a noite o meu tubo de vaselina estaria exposto ao desprezo — o inverso de uma Adoração Perpétua — de um grupo de policiais belos, fortes, sólidos. Tão fortes que o mais fraco, com uma leve pressão dos dedos, poderia dele fazer surgir, primeiro com um ligeiro peido, curto e sujo, um cordão de goma que continuaria saindo num silêncio ridículo. Todavia eu tinha certeza de que esse fraco objeto tão humilde os desafiaria, apenas com a sua presença ele saberia alvoroçar toda a polícia do mundo, ele chamaria sobre si os desprezos, os ódios, as raivas brancas e mudas, um pouco malicioso talvez — como um herói de tragédia que se diverte por estar atiçando a ira dos deuses —, como ele indestrutível, fiel à minha felicidade e orgulhoso. Eu gostaria de poder encontrar as palavras mais novas da língua francesa para cantá-lo. Mas eu teria desejado também me bater por ele, organizar massacres em sua honra e embandeirar de vermelho um campo no crepúsculo. ^[6]

Da beleza da sua expressão depende a beleza de um ato moral. Dizer que ele é belo já decide que ele assim há de ser. Falta provar. Disso, encarregam-se as imagens, isto é, as correspondências com as magnificências do mundo físico. O ato é belo se ele provoca, e em nossa garganta o faz descobrir, o canto. Às vezes a consciência com a qual teremos pensado um ato considerado vil, o poder de expressão que deve significá-lo, nos obrigam ao canto. A traição é bela se nos faz cantar. “Trair os ladrões não seria somente reencontrar-me no mundo moral”, pensava eu, “mas ainda reencontrar-me na pederastia”. Tornando-me forte, sou o meu próprio deus. Eu digo. Aplicada aos homens, a palavra beleza me indica a qualidade harmoniosa de um rosto e de um corpo a que se acrescenta às vezes a graça viril. A beleza então se acompanha de movimentos magníficos, dominadores, soberanos. Imaginamos que atitudes morais muito especiais os determinam, e pela cultura em nós mesmos de tais virtudes esperamos aos nossos pobres rostos, aos nossos corpos doentes conceder esse vigor que os nossos amantes naturalmente possuem. Infelizmente, essas virtudes que eles mesmos nunca possuem são a nossa fraqueza.

Agora que escrevo, sonho com os meus amantes. Queria-os untados com a minha vaselina, com aquela matéria doce, que cheira um pouco a hortelã; queria que mergulhassem os seus músculos nessa delicada transparência sem a qual os seus mais caros atributos são menos belos.

Quando um membro é cortado, ensinam-me, o que fica se torna mais forte. No sexo de Stilitano eu esperava que o vigor do seu braço cortado se tivesse

aglomerado. Imaginei por muito tempo um membro sólido, socador, capaz da pior ousadia, ainda que primeiro me intrigasse o que dele Stilitano me permitia conhecer: a simples prega, mas curiosamente nítida sobre a perna esquerda, da sua calça de linho azul. Talvez esse pormenor tivesse frequentado menos os meus sonhos se, a cada instante, Stilitano não tivesse pousado nele sua mão esquerda, e se ele não tivesse, à maneira das damas que fazem a reverência, indicando a prega, beliscando delicadamente com as unhas a fazenda. Não creio que ele jamais perdesse o sangue-frio, mas na minha frente era especialmente calmo. Com um ligeiro sorriso impertinente, mas com displicência, ele me via adorá-lo. Sei que ele vai me amar.

Antes que ele chegasse a transpor, de cesto na mão, a porta do nosso hotel, eu estava tão emocionado que na rua beijei Salvador, mas ele me afastou:

— Está louco! Vão pensar que somos *mariconas*!

Ele falava bastante bem o francês que havia aprendido na região de Perpignan, onde costumava ir trabalhar nas vindimas. Ferido, afastei-me dele. O seu rosto estava roxo. Tinha a cor dos repolhos colhidos no inverno. Salvador não sorriu. Estava chocado. “Para que”, devia ele estar pensando, “fui me levantar tão cedo para mendigar na neve? Jean não tem compostura”. Os seus cabelos estavam em desalinho e molhados. Atrás do vidro, alguns rostos nos observavam, pois a parte de baixo do hotel era ocupada pelo salão de um café que dava para a rua, e que era preciso atravessar para subir aos quartos. Salvador limpou o rosto com a manga e entrou. Hesitei. Entrei também. Eu tinha vinte anos. Se ela possui a limpidez de uma lágrima, por que a gota hesitante à beira de uma narina não haveria eu de bebê-la com o mesmo fervor? Eu tinha para isso treinado bastante a reabilitação do ignóbil. Se não temesse revoltar Salvador, eu o teria feito no café. Ele, no entanto, fungou, e adivinhei que estava engolindo o ranho. Com o cesto no braço, caminhando entre os mendigos e as bichas, ele foi andando na direção da cozinha. Na minha frente.

— O que é que você tem? — perguntei.

— Você está chamando atenção.

— Que mal há nisso?

— Não se pode beijar assim na rua. Logo mais à noite, se você quiser...

Tudo isso foi dito com um muxoxo sem graça e o mesmo desdém. Eu só quisera provar-lhe a minha gratidão, aquecê-lo com a minha pobre ternura.

— Mas o que foi que você pensou?

Alguém o empurrou sem pedir desculpas, separando-me dele. Não entrei na cozinha atrás dele. Aproximei-me de um banco onde, perto do fogão, um lugar

estava vago. Preocupava-me muito pouco saber por que método, embora apaixonado pela beleza vigorosa, eu conseguiria gostar desse mendigo piolhento e feio, maltratado pelos menos ousados, enamorar-me daquelas nádegas angulosas... e se por desgraça ele tivesse um sexo magnífico?

O Barrio Chino era então uma espécie de valhacouto povoado menos por espanhóis do que por estrangeiros, que eram todos vagabundos piolhentos. Às vezes, estávamos vestidos com camisas de seda verde-amêndoa ou junquilha, calçados com alpargatas gastas, e as nossas cabeleiras coladas pareciam envernizadas a ponto de rachar. Não tínhamos chefes, mas diretores. Sou incapaz de explicar como chegavam a sê-lo. Provavelmente como resultado de uma série de operações felizes na venda dos nossos tristes saques. Tratavam dos nossos negócios e nos indicavam os golpes, extraindo depois dos mesmos uma parte razoável. Não formávamos bandos mais ou menos bem-organizados, mas naquela enorme desordem suja, no meio de um bairro fedendo a azeite, urina e merda, alguns homens perdidos confiavam em outro mais esperto. Tanta piolheira cintilava da juventude de muitos de nós, e daquele brilho mais misterioso de alguns que realmente resplandeciam, esses meninos cujo corpo, olhar e gestos são carregados de um magnetismo que nos torna seus objetos. Foi assim que fui fulminado por um deles. Para falar melhor de Stilitano, o maneta, esperarei mais algumas páginas. Saibam antes de mais nada que não havia nele o adorno de nenhuma virtude cristã. A fonte de todo o seu brilho e do seu poder ficava entre as suas pernas. Sua pica, e aquilo que a completa, todo o aparelho era tão belo que só posso chamá-lo de órgão gerador. Estava morto, pensariam vocês, pois raramente se emocionava, e lentamente: mas ele estava à espreita. Elaborava na noite de uma braguilha bem abotoada, ainda que o fosse por uma única mão, a luminosidade que fará resplandecer o seu portador.

Os meus amores com Salvador duraram seis meses. Não foram os mais estonteantes, mas foram os mais fecundos. Eu conseguia gostar do corpo frágil, do rosto inexpressivo, da barba rala e ridiculamente plantada. Salvador tomava conta de mim, mas durante a noite, à luz da vela, eu procurava nas costuras da sua calça os piolhos, os nossos íntimos. Os piolhos nos habitavam. Às nossas roupas eles davam uma animação, uma presença que, desaparecidas, as tornavam mortas. Gostávamos de saber — e sentir — pululando os bichinhos translúcidos que, sem serem domesticados, eram tão nossos que o piolho de outro que não nós dois nos dava nojo. Nós lhes dávamos caça, mas com a esperança de que durante o dia as lêndeas teriam nascido. Com as nossas unhas os esmagávamos sem nojo e sem ódio. Não jogávamos os cadáveres — ou despojos — no lixo, os deixávamos cair, sangrando com o nosso sangue, em nossa roupa maltratada. Os piolhos eram o único sinal da nossa prosperidade, do

próprio avesso da prosperidade, mas era lógico que ao fazer o nosso estado operar uma recuperação que o justificasse, justificávamos ao mesmo tempo a marca desse estado. Tornados tão úteis para o conhecimento da nossa decadência como as joias para o conhecimento daquilo a que se dá o nome de triunfo, os piolhos eram preciosos. Deles sentíamos ao mesmo tempo vergonha e glória. Vivi por muito tempo num quarto cuja única janela era um pequeno batente que dava para o corredor, onde à noite cinco rostinhos, cruéis e ternos, sorridentes ou crispados pela ancilose de uma posição difícil, molhados de suor, procuravam esses insetos da virtude de que participávamos. Era bom que eu fosse o amante do mais pobre e do mais feio no fundo de tanta miséria. Por causa disso, conheci um estado privilegiado. Enfrentei muitas dificuldades, mas cada vitória alcançada — as minhas mãos imundas orgulhosamente expostas me ajudavam a expor orgulhosamente a minha barba e os meus cabelos compridos — me dava força — ou fraqueza, aqui é a mesma coisa — para a vitória seguinte, que na linguagem de vocês tomaria naturalmente o nome de decadência. Todavia, sendo o brilho e a luz necessários à nossa vida, não nos faltava nessa sombra um raio de sol que atravessasse o vidro e a sua sujeira, tínhamos o gelo, a geada, pois esses elementos, se indicam as calamidades, evocam alegrias cujo sinal, destacado em nosso quarto, nos bastava: do Natal e das festas do *Réveillon* só conhecíamos o que sempre os acompanha e os torna mais doces para os festejadores: o gelo.

A cultura das feridas, pelos mendigos, para eles é também o meio de ter um pouco de dinheiro — para viver —, mas se foram levados a isso por uma fraqueza na miséria, o orgulho que é preciso para sustentar-se fora do desprezo é uma virtude viril: como uma rocha a um rio, o orgulho fura e divide o desprezo, arrebenta-o. Entrando mais ainda na abjeção, o orgulho será mais forte (se esse mendigo for eu mesmo) quando eu tiver a ciência — força ou fraqueza — de aproveitar tal destino. É preciso, à medida que essa lepra me vence, que eu a vença e que eu seja o vencedor. Tornar-me-ei, pois, cada vez mais ignóbil, cada vez mais um objeto de nojo, até o ponto final que ainda não sei o que é, mas que deve ser comandado por uma busca estética tanto quanto moral. A lepra, com que estou comparando o nosso estado, provocaria, dizem, uma irritação dos tecidos, o paciente se coça: ele tem uma ereção. Num erotismo solitário a lepra se consola e canta o seu mal. A miséria nos erigia. Pela Espanha passeávamos uma magnificência secreta, velada, sem arrogância. Os nossos gestos eram cada vez mais humildes, cada vez mais apagados, à medida que se tornava mais intensa a brasa de humildade que nos fazia viver. Assim o meu talento se desenvolvia ao dar um sentido sublime a uma aparência tão pobre. (Ainda não estou falando de talento literário.) Esta terá sido para mim uma disciplina muito

útil, e que me permite ternamente sorrir ainda aos mais humildes entre os detritos, sejam eles humanos ou materiais, e até aos vômitos, até à saliva que deixo babar sobre o rosto de minha mãe, até aos excrementos de vocês. Conservarei em mim a minha própria imagem como mendigo.

Eu me quis igual àquela mulher que, longe dos homens, em sua casa conservou sua filha, uma espécie de monstro pavoroso, disforme, que grunhia e andava de quatro, estúpido e branco. Na hora do parto, o seu desespero foi sem dúvida tão grande que se tornou a própria essência da sua vida. Decidiu amar esse monstro, amar a feiura saída do seu ventre onde se tinha elaborado, e erigi-lo com devoção. Foi em si mesma que ela montou um altar onde conservava a ideia do monstro. Com cuidados devotos, mãos dóceis apesar dos calos das tarefas diárias, com o empenho decidido dos desesperados, ela se opôs ao mundo, ao mundo ela opôs o monstro que tomou as proporções do mundo e do seu poder. Foi a partir dele que se ordenaram novos princípios, sempre combatidos pelas forças do mundo que vinham esbarrar nela mas eram detidas pelos muros da sua moradia onde sua filha estava presa.^[7]

Mas, como era preciso roubar às vezes, conhecíamos também as belezas claras, terrestres, da audácia. Antes de adormecer, o chefe, o cavaleiro nos aconselhava. Com documentos falsos, por exemplo, íamos a diversos consulados para sermos repatriados. O cônsul, enternecido ou irritado pelas nossas queixas e a nossa miséria, nossa imundície, nos dava uma passagem de trem até uma fronteira. O nosso chefe a revendia na estação de Barcelona. Indicava-nos também os roubos a cometer nas igrejas — coisa que os espanhóis não ousavam — ou nas residências elegantes, enfim era ele mesmo que nos trazia os marujos ingleses ou holandeses com quem tínhamos de nos prostituir por algumas pesetas.

Assim às vezes roubávamos, e cada roubo nos fazia por um instante respirar à superfície. Uma reunião preparatória precede cada expedição noturna. O nervosismo que o medo, a angústia às vezes provocam facilita um estado vizinho das disposições religiosas. Tenho tendência então a interpretar todo e qualquer acidente. As coisas se tornam sinal de sorte. Quero encantar as forças desconhecidas de que me parece depender o êxito da aventura. Ora, procuro encantá-las com atos morais, e primeiro pela caridade: dou melhor e mais aos mendigos, cedo aos velhos o meu lugar, apago-me diante deles, ajudo os cegos a atravessarem as ruas etc. Assim pareço reconhecer que ao roubo preside um deus a quem são agradáveis as ações morais. Essas tentativas de lançar uma rede aventureira, em que se deixará capturar o deus de que nada sei, me esgotam, me enervam, favorecem ainda esse estado religioso. Ao ato de roubar elas comunicam a gravidade de um ato ritual. Ele se cumprirá realmente no coração

das trevas, às quais se acrescenta que ele o seja mais durante a noite, durante o sono das pessoas, num lugar fechado, e nós mesmos talvez com uma máscara preta. A caminhada na ponta dos pés, o silêncio, a invisibilidade de que precisamos mesmo em plena luz do dia, as mãos que tateiam organizando na sombra gestos de uma complicação, de uma precaução insólita — girar a simples maçaneta de uma porta exige uma multidão de movimentos de que cada um tem o brilho de uma faceta de joia — (descobrimos ouro, parece-me que o desenterrei: escavei continentes, ilhas oceânicas; os negros me cercam, com suas lanças envenenadas ameaçam meu corpo indefeso, mas, sob a ação da virtude do ouro, um grande vigor me derruba ou me exalta, as lanças se abaixam, os negros me reconhecem e sou da tribo) —, a prudência, a voz sussurrada, o ouvido atento, a presença invisível e nervosa do cúmplice e a compreensão do menor sinal dele, tudo nos firma em nós mesmos, nos confirma, faz de nós uma bola de presença que a palavra de Guy descreve tão bem:

— A gente se sente viver.

Mas em mim essa presença total, que se transforma numa bomba de uma potência que acredito terrível, confere ao ato uma gravidade, uma unicidade terminal — o roubo no momento em que é feito é sempre o último, não porque se pense não fazer mais nenhum depois desse, não se pensa isso, mas porque não se pode comprovar tamanha concentração de si (não na vida; ela nos levaria, mais ampliada, para fora dela) —, e a essa unicidade de um ato que se desenvolve (a rosa sua corola) em gestos conscientes, seguros da sua eficácia, da sua fragilidade e no entanto da violência que conferem a esse ato, concedo mais uma vez aqui o valor de um rito religioso. Muitas vezes até eu o dedico a alguém. Stilitano foi o primeiro a receber tal homenagem. Acho que foi por ele que fui iniciado, isto é, a obsessão do seu corpo me impediu de fraquejar. À sua beleza, ao seu despudor tranquilo, dediquei os meus primeiros roubos. À singularidade também desse maneta magnífico cuja mão, cortada rente ao pulso, apodrecia num lugar qualquer, debaixo de uma castanheira, me disse ele, numa floresta da Europa central. Durante o roubo, o meu corpo está exposto. Sei que de todos os meus gestos ele cintila. O mundo está atento ao meu êxito se deseja a minha queda. Pagarei caro por um erro, mas, se eu consertar o erro, acho que a alegria reinará na morada do Pai. Ou então eu caio, e de desgraça em desgraça é o campo de trabalhos forçados. Mas aí, os selvagens, o forçado que corresse o risco da “Fuga” inevitavelmente os encontraria pelo processo que acima, em resumo, a minha aventura íntima descreve. Atravessando a mata virgem, se ele encontra um filão de ouro guardado por antigas tribos, será morto ou salvo por elas. Foi por um caminho muito longo que escolhi ir ao encontro da vida primitiva. Necessito primeiro da condenação da minha raça.

Salvador não me valeu nenhum orgulho. Se ele subtraía, eram pequenos objetos expostos numa loja. À noite, nos cafés em que nos aglomerávamos, entre os mais bonitos ele se introduzia tristemente. Essa vida o esgotava. Quando eu voltava, tinha a vergonha de encontrá-lo agachado, encolhido, sobre um banco, apertando em torno dos ombros o cobertor de algodão verde e amarelo com o qual nos dias de vento frio saía para mendigar. Ele também possuía um velho xale de lã preta que eu me recusava a usar. Realmente, se o meu espírito suportava, desejava até, a humildade, jovem e violento o meu corpo recusava a humilhação. Salvador falava com uma voz ríspida e triste:

— Você quer que a gente volte para a França? A gente pode trabalhar no campo.

Eu dizia que não. Ele não entendia o meu nojo — não o meu ódio — pela França, nem que a minha aventura, geograficamente detida em Barcelona, ali devesse continuar profundamente, cada vez mais profundamente, nas regiões mais recuadas do meu eu.

— Eu trabalho sozinho. Você poderá passear.

— Não.

Deixava que ele ficasse no seu banco, na sua pobreza sombria. Junto do fogão ou do balcão, eu ia fumar os tocos de cigarros que havia apanhado durante o dia, ao lado de um jovem andaluz arrogante em quem o suéter de lã branca e suja exagerava o torso e os músculos. Depois de esfregar as mãos uma de encontro à outra, como fazem os velhos, Salvador deixava o seu banco. Ia à cozinha comum preparar uma sopa e colocar um peixe na grelha. Uma vez, ele me propôs descer até Huelva para trabalhar na colheita das laranjas. Foi numa noite em que ele recebera tantas humilhações, tanto xingamento quando mendigava para mim, que ousou me censurar por ser tão malsucedido no Criolla.

— Palavra, quando você pega um freguês, deve ser você que o paga — disse-me ele.

Brigamos na frente do patrão, que quis nos expulsar do hotel. Salvador e eu decidimos, pois, roubar no dia seguinte dois cobertores e nos esconder num trem de carga que viajasse na direção do sul. Mas fui tão hábil que naquela mesma noite trouxe a pelerine de um carabineiro. Passando perto das docas onde eles montam guarda, um deles me tinha chamado. Fiz o que ele exigia, na guarita. Talvez, sem ousar me dizer, ele quisesse depois lavar-se numa bica da rua; deixou-me só por um instante e escapei com a sua pelerine de pano preto. Envolvi-me nela para voltar ao hotel, e conheci a felicidade do equívoco, ainda não a alegria da traição, mas já a confusão se estabelecia, insidiosa, aquela que me levaria a negar as oposições fundamentais. Ao abrir a porta do café, vi Salvador. Era o mais triste dos mendigos. Seu rosto tinha a qualidade da

serragem de madeira e quase a sua matéria, de que o chão do café estava coberto. Imediatamente reconheci Stilitano, em pé no meio dos jogadores de ronda. Os nossos olhares encontraram-se. O dele se deteve em mim, e enrubesci. Tirei a pelerine preta, e imediatamente ela começou a ser disputada. Ainda alheio ao que se passava, Stilitano observava o lamentável leilão.

— Se estão querendo ficar com ela, é bom andarem depressa. Decidam-se. Com certeza o carabineiro vai sair à minha procura — disse eu.

Os jogadores se apressaram um pouco. Estávamos todos acostumados com tais motivos. Quando um empurrão me aproximou dele, Stilitano me disse em francês:

— Você é de Paris?

— Sou. Por quê?

— Por nada.

Embora fosse ele que tivesse falado comigo, conheci, ao responder, a natureza quase desesperada do gesto que o invertido ousa se aborda um rapaz. Para esconder a minha perturbação eu tinha o pretexto de estar sem fôlego, eu tinha a precipitação do instante. Ele disse:

— Você se defendeu bem.

Eu sabia que o elogio era um cálculo hábil, mas no meio dos mendigos como Stilitano (eu ainda ignorava o nome dele) era belo! Um dos seus braços, cuja extremidade tinha uma enorme atadura, estava dobrado sobre o peito, como se ele o tivesse na tipoia, mas eu sabia que faltava a mão. Stilitano não era frequentador habitual nem do café, nem do hotel, nem da *calle*.

— Para mim, a pelerine, você deixa por quanto?

— Você paga mesmo?

— Por que não?

— Com quê?

— Está com medo?

— Você é de onde?

— Sérvio. Estou chegando da Legião. Sou desertor.

Senti-me aliviado. Destruído. A emoção abriu em mim um vazio que a lembrança de uma cena nupcial veio preencher. Num baile onde os soldados dançavam entre si, eu olhava a valsa deles. Pareceu-me então que a invisibilidade de dois legionários se tornou total. Pela emoção eles foram escamoteados. Se desde o princípio de “Ramona” a dança deles foi casta, será que assim permaneceu quando eles se desposaram trocando sob os nossos olhos um sorriso como se troca um anel... A todas as injunções de um invisível clero, a Legião respondia sim. Cada um deles era ao mesmo tempo o casal sob o véu de filó e envergando um uniforme de gala (correame branco, braçadeira escarlate e

verde). Trocavam com hesitação sua ternura máscula e sua modéstia de esposa. Para conservar extremada a emoção, tornavam mais leve a sua dança e mais lenta, enquanto suas virilidades entorpecidas pela fadiga de uma longa marcha, atrás de uma barricada de tecido grosso, se ameaçavam, se desafiavam sem prudência. As viseiras de couro envernizado dos seus quepes encontraram-se várias vezes. Eu sabia que estava dominado por Stilitano. E quis me fazer de esperto:

— Isso não quer dizer que você pode pagar.

— Confie em mim.

Um rosto tão duro, um corpo tão bem-feito me pediam que confiasse neles! Salvador olhava para nós. Sabia do nosso acordo e que já havíamos decidido a sua derrota, o seu abandono. Feroz e puro, eu era o espaço em que uma magia se renovava. A valsa cessando, os dois soldados desfizeram o seu abraço. E cada uma daquelas duas metades de um bloco solene e atordado hesitou, começou a andar, feliz de escapar à invisibilidade, penalizada ao encontro de alguma moça para a valsa seguinte.

— Você tem dois dias para pagar — disse eu. — Preciso de grana. Também estive na Legião. E desertei. Como você.

— Combinado.

Entreguei-lhe a pelerine. Ele a segurou com a sua mão única e a devolveu para mim. Sorridente conquanto imperioso, ele disse:

— Enrole-a. — E, zombeteiro, acrescentou: — Enquanto não enrola a mim.

Não respondi nada e fiz o que ele mandava. A pelerine desapareceu logo num dos esconderijos do patrão. Talvez esse simples roubo tivesse dado ao meu rosto algum brilho, ou simplesmente Stilitano quis ser gentil, me dizendo ainda:

— Você quer pagar uma bebida para mim? A um veterano de Bel-Abbès?

Um copo de vinho custava dois tostões. Eu tinha quatro no bolso, mas os estava devendo a Salvador, que nos observava.

— Estou liso — disse Stilitano com orgulho.

Os jogadores de cartas formavam novos grupos que por um instante nos separaram de Salvador. Murmurei entre os dentes:

— Tenho quatro tostões; vou entregá-los a você na moita, é você que vai pagar.

Stilitano sorriu. Eu estava perdido. Sentamo-nos a uma mesa. Já começara a falar da Legião, quando, fixando-me, parou.

— Tenho a impressão de que já vi você antes.

Eu guardara a lembrança do encontro.

Tive de me segurar em invisíveis massames, do contrário teria arruhlado. As palavras — nem o tom da minha voz — não teriam apenas expressado o meu

fervor, eu não teria apenas cantado, seria realmente o apelo da mais amorosa das caças que a minha garganta teria lançado. Talvez o meu pescoço se tivesse eriçado de penas brancas. Uma catástrofe é sempre possível. A metamorfose nos espreita. O pânico me protegeu.

Tenho vivido com o medo das metamorfoses. É a fim de tornar sensível para o leitor, ao reconhecer o amor mergulhar sobre mim — não é apenas a retórica que exige a comparação: como um falcão —, o mais delicioso dos pavores, que utilizo a ideia da rola. O que então experimentei ignoro, mas me basta evocar o aparecimento de Stilitano para que a minha angústia imediatamente se traduza hoje por uma relação de pássaro cruel com sua vítima. (Se não sentisse o meu pescoço inchar-se com um terno arrulho, eu teria falado de um pintarroxo.)

Um bicho curioso haveria de aparecer se cada uma das minhas emoções se tornasse o animal que ela suscita: a raiva ruge sob o meu pescoço de naja, a mesma naja incha o que não ousou nomear, a minha cavalaria, os meus carrosséis nascem da minha insolência... De uma rola só conservei uma rouquidão que Stilitano notou. Tossi.

Atrás do Paralelo existia um terreno baldio onde os vadios jogavam cartas. (O Paralelo é uma avenida de Barcelona paralela às célebres Ramblas. Entre as duas vias, muito largas, uma multidão de ruas estreitas, escuras e sujas formam o Barrio Chino.) Agachados, eles organizavam jogos, dispunham as cartas sobre um pano ou na poeira. Um jovem cigano dirigia uma das partidas, e fui arriscar lá os poucos tostões que possuía. Não sou jogador. Os cassinos ricos não me atraem. A atmosfera iluminada pelos lustres elétricos me caceteia. A desenvoltura afetada dos jogadores elegantes me enoja, enfim a impossibilidade de agir sobre estas máquinas: bolas, roletas, cavalinhos, me desanima, mas eu gostava da poeira, da sujeira, da precipitação dos vagabundos. Arrasado pela minha raiva ou pelo meu desejo, curvando-me sobre ele, de Java eu vejo o perfil esmagado no travesseiro. A dor, a crispação dos seus traços, mas também a sua radiosa angústia, muitas vezes eu os procurei sobre a carinha despenteada dos meninos agachados. Toda aquela população vivia na dependência do ganho ou da perda. Cada coxa estremecia de fadiga ou de preocupação. Naquele dia, o tempo estava tempestuoso. Eu havia caído na impaciência tão jovem daqueles jovens espanhóis. Joguei e ganhei, ganhei todas as vezes. Durante a partida eu não dissera uma só palavra. O cigano aliás me era desconhecido. O costume permitia que eu embolsasse o meu dinheiro e fosse embora. O rapaz tinha tão boa aparência que tive o sentimento, ao deixá-lo assim, de faltar com o respeito à beleza, repentinamente triste, do seu rosto acabrunhado pelo calor e pelo tédio. Devolvi-lhe gentilmente o seu dinheiro. Um pouco espantado, tomou-o e simplesmente agradeceu-me.

— Salve, Pepe — gritou, ao passar, um capenga de cabelos encarapinhados e tez escura.

— Pepe — disse a mim mesmo —, chama-se Pepe. — E fui embora, pois acabara de notar a sua mão pequena, delicada, quase feminina. Mas, mal tinha dado alguns passos nessa multidão de ladrões, prostitutas, mendigos, bichas, percebi que alguém tocava no meu ombro. Era Pepe. Ele acabava de abandonar o jogo. Falou comigo em espanhol:

— Meu nome é Pepe — e estendeu a mão.

— Eu sou Juan.

— Vamos tomar um trago.

Não era mais alto do que eu. O seu rosto, que eu já vira do alto quando ele estava agachado, me pareceu menos achatado. Os traços eram mais finos.

“É uma moça”, pensei, enquanto evocava a sua mão grácil e achei que a companhia dele fosse me entediar. Ele acabava de decidir que o dinheiro que eu ganhara, nós iríamos bebê-lo. Fomos de uma taberna à outra, e o tempo todo em que estivemos juntos ele se mostrou encantador. Não usava camisa, mas uma camiseta de malha azul, muito decotada. Da abertura saía o seu pescoço sólido, tão largo quanto a cabeça. Quando ele a virava sem movimentar o busto, um tendão enorme se retesava. Tentei imaginar o corpo dele e, a despeito das mãos quase frágeis, o supus sólido, pois as coxas enchiam a fazenda leve da calça. Fazia calor. A tempestade não estourava. O nervosismo dos jogadores em volta de nós aumentava. As prostitutas pareciam mais pesadas. A poeira e o sol nos esmagavam. Não bebemos muito álcool, preferimos as limonadas. Sentados junto dos vendedores ambulantes, trocamos raras palavras. Ele sorria sempre, com um pouco de fadiga. Parecia-me indulgente. Teria adivinhado que eu estava gostando da sua carinha, não sei, mas nada demonstrou. Aliás eu tinha o mesmo jeito que ele, um pouco sonso, parecia pronto para qualquer coisa contra o transeunte bem-vestido, tinha a juventude dele e a sua sujeira, e eu era francês. À tardinha ele quis jogar, mas era tarde demais para iniciar uma partida, todos os lugares estavam tomados. Demos um giro entre os jogadores. Quando roçava as prostitutas, Pepe zombava delas. Às vezes beliscava-as. O calor estava mais pesado. O céu estava rente ao chão. O nervosismo da multidão se tornava irritante. A impaciência ganhava o cigano que não se decidia a escolher uma partida. No bolso ele remexia as suas moedas. De repente, tomou-me pelo braço.

— *Venga!*

Ele me levou perto dali ao único banheiro público do Paralelo cuja encarregada era uma mulher idosa. Espantado pela sua decisão repentina, perguntei:

— O que é que você vai fazer?

— Espere por mim.

— Por quê?

Ele me respondeu com uma palavra espanhola que não entendi. Eu lhe disse e ele fez, às gargalhadas, diante da velha que esperava pelos seus dois tostões, o gesto de se masturbar. Quando saiu, tinha o rosto um pouco corado. Continuava sorrindo.

— Agora está tudo bem. Estou pronto.

Eu ficava conhecendo assim as precauções que certos jogadores tomam nas grandes ocasiões para se conservarem calmos. Voltamos para o terreno baldio. Pepe escolheu um grupo. Perdeu. Perdeu tudo o que lhe sobrava. Tentei refreá-lo, era tarde demais. Como o costume permitia, ele pediu ao responsável pela banca que lhe fosse concedida sobre o bolo uma entrada para a partida seguinte. O homem recusou. Pareceu-me então que aquilo mesmo que compunha a gentileza do cigano se tornava, assim como o leite, azedo, e virava a raiva mais feroz que eu jamais havia conhecido. Num gesto vivo ele roubou a banca. O homem levantou-se de um salto e quis lhe dar um pontapé. Pepe esquivou-se. Ele me estendeu o dinheiro mas mal eu o coloquei no bolso, a sua faca estava aberta. Plantou-a no coração do espanhol, um rapagão alto e moreno, que caiu no chão e que, apesar da sua cor morena, empalideceu, crispou-se, torceu-se e expirou na poeira. Pela primeira vez eu via alguém entregar a alma. Pepe sumira, mas quando, deixando de olhar para o morto, levantei a cabeça, vi que Stilitano o olhava com um leve sorriso. O sol estava prestes a se pôr. O morto e o mais belo dos humanos me apareciam confundidos na mesma poeira dourada, no meio de uma multidão de marujos, soldados, malandros, ladrões de todos os países do mundo. A Terra não girava: de tanto carregar Stilitano, em volta do sol, ela tremia. Eu travava conhecimento no mesmo instante com a morte e o amor. Tal visão entretanto foi muito rápida, pois eu não podia ficar ali, temeroso que me tivessem visto com Pepe e que um amigo do morto me arrancasse o dinheiro que eu guardava no bolso; mas ao afastar-me daquele local a minha memória conservava e comentava aquela cena que me parecia grandiosa: “Por um menino que foi encantador, o assassinato de um homem maduro cuja cor morena podia empalidecer, assumir o matiz da morte, e isso sob a vigilância irônica de um rapagão louro com quem, em segredo, eu acabava de noivar.” Por mais rápida que tivesse sido sobre ele a minha olhadela, tivera tempo de perceber a magnífica musculatura de Stilitano e de ver, girando em sua boca entreaberta, um escarro branco, pesado, espesso como um verme branco, e com que ele brincava, esticando-o de cima a baixo até formar um véu diante da sua boca, entre os lábios. Estava descalço na poeira. As suas pernas estavam presas numa calça de linho azul desbotado, usado e rasgado. As mangas da sua camisa verde

estavam arregaçadas, e uma delas acima de um punho cortado, levemente diminuído, onde a pele costurada mostrava ainda uma suave e pálida cicatriz cor-de-rosa.

Stilitano sorriu e zombou de mim.

— Está me gozando?

— Um pouco — disse ele.

— Aproveite.

Arregalando os olhos, ele sorriu outra vez.

— Por quê?

— Você sabe que é bonito. E pensa que pode zombar de todo mundo.

— É o meu direito, sou bacana.

— Você tem certeza?

Ele caiu na risada.

— Claro. Não tem como se enganar. Sou tão simpático que às vezes tem gente que gruda. Para me livrar deles, tenho de fazer sujeiras.

— Quais?

— Está querendo saber? Espere um pouco, você vai me ver em ação. Vai verificar. Onde é que você dorme?

— Aqui.

— Não deve. A polícia vai procurar. E vai procurar primeiro aqui. Venha comigo.

Eu disse a Salvador que não podia ficar no hotel naquela noite, mas que um veterano da Legião me oferecia o seu quarto. Ele empalideceu. A humildade da sua pena me fez sentir vergonha. A fim de poder deixá-lo sem remorsos, insultei-o. Eu podia fazê-lo porque ele me amava até a devoção. Ao seu olhar desolado, embora cheio do ódio de pobre fraco, respondi pela palavra: “Veado.” Fui me juntar a Stilitano, à minha espera na rua. O hotel dele ficava no beco mais escuro do bairro. Fazia alguns dias que morava lá. Do corredor aberto sobre a calçada, uma escada levava aos quartos. No caminho ele me disse:

— Você quer que a gente fique junto?

— Se a gente quiser.

— Está certo. A gente se arranja melhor.

Diante da porta do corredor ele ainda disse:

— Me dê a caixa.

Para nós dois só tínhamos uma caixa de fósforos.

— Está vazia — disse eu.

Stilitano praguejou. Tomou-me pela mão, passando a dele por sobre as minhas

costas, pois eu estava à sua direita.

— Ande atrás de mim — disse ele. — Em silêncio, pois a escada tem ouvidos.

Devagar, de degrau em degrau, ele me guiou. Não sabia para onde estávamos indo. Um atleta espantosamente flexível passeava em meio à noite. Uma Antígona mais antiga e mais grega me fazia escalar um calvário íngreme e tenebroso. A minha mão confiava, e eu tinha vergonha de esbarrar de vez em quando de encontro a uma rocha, uma raiz, ou de perder pé.

Sob um céu trágico, as mais belas paisagens do mundo eu as teria percorrido quando Stilitano, de noite, segurava a minha mão. De que espécie era esse fluido que dele passava em mim e me provocava uma descarga? Andei à beira de margens perigosas, desemboquei em planícies lúgubres, ouvi o mar. Mal eu a tocava, a escada mudava: era a dona do mundo. A lembrança daqueles rápidos instantes me permitiria descrever para vocês passeios, fugas ofegantes, perseguições em partes do mundo aonde nunca irei.

O meu raptor me levava.

“Ele vai me achar desastrado”, pensava eu.

Entretanto ele me ajudava gentilmente, pacientemente, o silêncio que ele recomendava, o segredo com que ele cercava naquela hora a nossa primeira noite, me fizeram por um instante acreditar que ele me amava. A casa não fedia nem mais nem menos que todas as outras do Barrio Chino, mas o cheiro pavoroso daquela permanece para sempre em mim, não só como o do amor mas como o da ternura e da confiança. O cheiro de Stilitano, o cheiro das suas axilas, o cheiro da sua boca, quando o meu olfato se lembra deles, se ele os reencontra de repente com uma verdade inquietadora, acho-os capazes de me proporcionar as mais loucas audácias. (Às vezes encontro algum garoto, de noite, e vou até o quarto dele. No pé da escada, pois os meus malandros moram em hotéis suspeitos, ele segura a minha mão. Com a mesma habilidade que Stilitano ele me guia.)

— Cuidado.

Ele murmurava essa palavra suave demais para mim. Por causa da posição dos nossos braços, eu estava colado ao corpo dele. Por um instante senti o movimento das suas nádegas móveis. Por respeito me afastei um pouco. Subíamos, limitados estreitamente por uma parede frágil que devia conter o sono das putas, dos ladrões, dos cafetões e dos mendigos daquele hotel. Eu era uma criança que o pai conduzia com prudência. (Hoje em dia sou um pai a quem o filho guia para o amor.)

No quarto andar entrei num quartinho miserável. Todo o meu ritmo respiratório ficou transtornado. Eu amava. Nos bares do Paralelo Stilitano apresentou-me aos seus colegas. Nenhum deles pareceu notar que eu gostava de

homens, tantas são as *mariconas* na população do Barrio Chino. Fizemos juntos, ele e eu, alguns roubos sem perigo, que nos davam com que viver. Morava com ele, dormia na cama dele, mas aquele rapagão tinha um pudor tão delicioso que nunca pude vê-lo inteiro. Conseguindo o que eu desejava dele com tanta violência, Stilitano teria permanecido aos meus olhos o mestre encantado e sólido, mas de quem nem a força nem o encanto teriam satisfeito o meu desejo de todas as virilidades: o soldado, o marujo, o aventureiro, o ladrão, o criminoso. Permanecendo inacessível, ele se tornou o signo essencial daqueles que nomeei e que me aniquilam. Eu era casto, pois. Às vezes ele tinha a crueldade de exigir que eu lhe abotoasse a calça e a minha mão tremia. Ele fingia nada ver e se divertia. (Adiante falarei do caráter das minhas mãos e do sentido desse tremor. Não é sem motivo que se diz na Índia que as pessoas e os objetos sagrados ou imundos são intocáveis.) Stilitano sentia-se feliz por me ter sob as suas ordens e aos seus amigos ele me apresentava como o seu braço direito. Ora, era a mão direita que lhe faltava, eu me repetia com arrebatamento que sem dúvida eu era o braço direito dele, eu era aquele que substitui o membro mais forte. Se ele tinha alguma amante entre as prostitutas da *calle* Carmen, eu não conhecia nenhuma. Ele exagerava o seu desprezo pelas bichas. Vivemos assim durante alguns dias.

Uma noite, eu estava no La Criolla, uma das putas disse-me que fosse embora. Um carabineiro, explicou-me ela, estivera à minha procura. Devia ser aquele a quem eu tinha satisfeito primeiro e depois roubado. Voltei para o hotel. Avisei Stilitano, que me disse que se encarregaria de dar um jeito e saiu.

Nasci em Paris no dia 19 de dezembro de 1910. Órfão aos cuidados do Estado, foi-me impossível conhecer qualquer outra coisa a respeito do meu estado civil. Quando fiz 21 anos, consegui uma certidão de nascimento. Minha mãe chamava-se Gabrielle Genet. Meu pai permanece desconhecido. Eu viera ao mundo no nº 22 da rua d'Assas.

“Hei de conseguir algumas informações sobre a minha origem”, pensei, e fui até a rua d'Assas. O número 22 era ocupado pela maternidade. Recusaram-se a me dar informações. Fui criado no Morvan por camponeses. Quando encontro na landa — e estranhamente no crepúsculo, na volta da minha visita às ruínas de Tiffauges onde morou Gilles de Rais^[8] — flores de giesta,^[9] experimento em relação a elas uma simpatia profunda. Considero-as com gravidade, com ternura. A minha perturbação parece comandada pela natureza toda. Estou sozinho no mundo, e não tenho certeza de não ser o rei — talvez a fada — dessas flores. À minha passagem, elas me rendem homenagem, inclinam-se sem inclinar-se, mas me reconhecem. Sabem que sou o seu representante vivo, móvel, ágil, vencedor

do vento. Elas são o meu emblema natural, através delas deito raízes nesse solo da França alimentado pelos ossos em pó das crianças, dos adolescentes enrabados, massacrados, queimados por Gilles de Rais.

Por meio dessa planta espinhosa das Cevenas,^[10] é das aventuras criminosas de Vacher que participo. Enfim, por meio dela cujo nome uso, o mundo vegetal me é familiar. Posso sem piedade considerar todas as flores, elas são da minha família. Se por elas vou ter com os domínios inferiores — mas é nos fetos arborescentes e seus pântanos, nas algas, que eu gostaria de descer —, ainda me afasto mais dos homens.^[11]

Do planeta Urano, parece, a atmosfera seria tão pesada que os fetos são rasteiros; os bichos se arrastam esmagados pelo peso dos gases. A esses humilhados, sempre rastejando sobre o próprio ventre, eu me quero misturado. Se a metempsicose me conceder uma nova moradia, escolho esse planeta maldito, habito-o com os forçados da minha raça. Entre pavorosos répteis, vou à procura de uma morte eterna, miserável, em trevas cujas folhas são pretas, a água dos pântanos espessa e fria. O sono me será negado. Ao contrário, cada vez mais lúcido, reconheço a imunda fraternidade dos crocodilos sorridentes.

Não foi numa época precisa da minha vida que decidi ser ladrão. A minha preguiça e a mania de sonhar me haviam levado à casa de detenção para menores de Mettray, onde eu devia ficar até os “21”; fugi e alistei-me por cinco anos a fim de receber um prêmio de alistamento. No fim de poucos dias desertei levando malas que pertenciam a oficiais negros.

Por algum tempo vivi do roubo, mas a prostituição agradava mais à minha indolência. Tinha vinte anos. Já conhecera, pois, o Exército quando vim para a Espanha. A dignidade que o uniforme confere, o isolamento do mundo que ele impõe, e a própria profissão de soldado me granjearam um pouco de paz — ainda que o Exército esteja *ao lado* da sociedade — e autoconfiança. A minha condição de criança naturalmente humilhada foi suavizada por alguns meses. Conheci finalmente a doçura de ser acolhido pelos homens. A minha vida de miséria, na Espanha, era uma espécie de degradação, de queda com vergonha. Eu havia decaído. Não porque durante a minha passagem pelo Exército eu tivesse sido um puro soldado, comandado pelas rigorosas virtudes que criam as castas (a pederastia seria o bastante para me fazer reprovar), mas porque ainda prosseguia em minha alma um trabalho secreto que um dia aflorou. Talvez seja a sua solidão moral — à qual aspiro — que me faz admirar os traidores e amá-los. Esse gosto pela solidão é a prova do meu orgulho, e o orgulho a manifestação da minha força, sua utilização, e a prova dessa força. Pois eu terei cortado os laços

mais sólidos do mundo: os laços do amor. Como precisarei amar para desse amor retirar o vigor suficiente para destruí-lo! Foi no regimento que fui pela primeira vez (pelo menos assim me parece) testemunha do desespero de um dos meus roubados. Roubar soldados era trair, pois eu rompia os laços de amor que me uniam ao soldado roubado.

Plaustener era bonito, forte e confiante. Trepou na sua cama para olhar o seu equipamento, tentou encontrar nele a nota de cem francos que eu apanhara 15 minutos antes. Os seus gestos eram os de um palhaço de circo. Enganava-se. Supunha os esconderijos mais insólitos: a marmita onde todavia ele acabava de comer, a sacola das escovas, a caixa de graxa. Era ridículo. Dizia:

— Eu não estou louco, não a teria colocado aqui?

Incerto de não estar louco, ele controlava, nada encontrava. Esperando contra toda evidência, resignava-se e deitava-se na cama para imediatamente levantar-se e procurar novamente nos lugares já vistos. Sua certeza de homem sólido sobre as coxas, seguro dos seus músculos, eu a via esfarelar-se, pulverizar-se, empoá-lo com uma doçura que ele jamais tivera, desagregar-se nos ângulos rigorosos. Eu assistia a essa transformação silenciosa. Fingia indiferença. Todavia esse jovem soldado confiante, seguro de si, me pareceu tão digno de pena em sua ignorância, em seu medo, em sua admiração quase, a propósito de uma malícia que ele ignorava — não tendo pensado que ela ousaria manifestar-se a ele pela primeira vez, tomando-o justamente como vítima — em sua vergonha também, que quase me enteneceu a ponto de me fazer desejar lhe devolver a nota de cem francos que eu havia escondido, dobrada 16 vezes, numa fenda do muro do quartel, perto do varal. Uma cabeça de roubado é hedionda. Cabeças de roubados que o cercam dão ao ladrão uma arrogante solidão. Ousei dizer em tom seco:

— Tua cara está um pavor. Parece que você está com cólica. Vá ao banheiro e puxa a descarga.

Essa observação me salvou de mim.

Conheci uma curiosa doçura, uma espécie de liberdade me aliviava, ao meu corpo deitado sobre a cama dava uma agilidade extraordinária. Seria isso a traição? Eu acabava de me separar violentamente de uma imunda camaradagem a que me levava a minha natureza afetuosa, e experimentava o espanto de retirar disso uma grande força. Eu acabava de romper com o Exército, de cortar os laços da amizade.

A tapeçaria intitulada *A Dama do Unicórnio* me transtornou por motivos que não vou enumerar aqui. Mas, quando transpus a fronteira da Checoslováquia para a Polônia, era meio-dia, no verão. A linha ideal atravessava um campo de centeio maduro, cuja cor amarela era a da cabeleira dos jovens poloneses; tinha a doçura um pouco amanteigada da Polônia, a cujo respeito eu sabia que no decorrer da história sempre fora ferida e lastimada. Eu estava com outro rapaz expulso como eu pela polícia checa, mas o perdi de vista rapidamente, talvez ele se tivesse extraviado num bosque ou quisesse me abandonar: desapareceu. Aquele campo de centeio estava cercado do lado polonês por um bosque cuja orla era apenas de bétulas imóveis. Do lado checo, por outro bosque, mas de abetos. Por muito tempo fiquei agachado na beira, atento a me perguntar o que encobria aquele campo, se eu o atravessasse, que guardas de alfândega o centeio dissimulava. Lebres invisíveis deviam percorrê-lo. Eu estava inquieto. Ao meio-dia, sob um céu puro, a natureza inteira me propunha um enigma, e o propunha com suavidade.

“Se acontecer alguma coisa”, pensava eu, “será a aparição de um unicórnio. Um instante e um lugar assim só podem parir um unicórnio.”

O medo e a emoção que experimento sempre que atravesso uma fronteira suscitavam ao meio-dia, sob um céu de chumbo, a primeira magia. Arrisquei-me naquele mar dourado como se entra na água. Em pé atravessei o centeio. Avancei lentamente, com segurança, com a certeza de ser o personagem heráldico para quem se formou um brasão natural: azul-celeste, fundo dourado, sol, florestas. Essa fábrica de imagens onde eu tinha o meu lugar complicava-se com as imagens polonesas.

— “Neste céu de meio-dia deve planar, invisível, a águia branca!”

Chegando às bétulas, eu estava na Polônia. Um encantamento de outra ordem me ia ser proposto. *A Dama do Unicórnio* é para mim a expressão ativa dessa passagem da linha ao meio-dia. Eu acabava de conhecer, graças ao medo, uma perturbação diante do mistério da natureza diurna, quando o campo francês, em que eu vagava principalmente durante a noite, era todo povoado pelo fantasma de Vacher, o matador de pastores. Percorrendo-o, eu ouvia em mim as músicas de acordeão que ele devia estar tocando e mentalmente eu convidava as crianças a virem se oferecer às mãos do degolador. Todavia falei agora dele para tentar dizer a vocês mais ou menos em que época a natureza inquietou-me, provocando em mim a criação espontânea de uma fauna fabulosa, ou de situações, de acidentes de que eu era o prisioneiro temeroso e encantado.^{12}

A passagem das fronteiras e essa emoção que ela me causa iriam me permitir apreender diretamente a essência da nação em que eu estava entrando. Eu estava penetrando menos num país que no interior de uma imagem. Naturalmente eu

desejava possuí-la, mas também agindo sobre ela. O aparelho militar sendo aquilo que melhor a significa, era ele que eu desejava alterar. Para o estrangeiro não há outros meios senão a espionagem. Talvez se mesclasse nisso a preocupação de poluir pela traição uma instituição cuja qualidade essencial pretende ser a lealdade — ou o lealismo. Eu talvez desejasse me afastar ainda mais do meu próprio país. (As explicações que dou aqui apresentam-se espontaneamente ao meu espírito, parecem válidas para o meu caso. Serão aceitas somente para o meu.) De qualquer forma, o que quero dizer é que por uma certa disposição natural à magia (ainda mais exaltada pela minha emoção diante da natureza, dotada de um poder reconhecido pelos homens) eu estava pronto a agir não segundo as regras da moral, mas segundo certas leis de uma estética romanesca que fazem do espião um personagem inquieto, invisível mas poderoso. Enfim, em certos casos, tal preocupação dava uma justificação prática à minha entrada num país aonde nada me obrigava a ir, salvo a expulsão de um país vizinho.

É a propósito do meu sentimento diante da natureza que falo de espionagem, mas, quando fui abandonado por Stilitano, a ideia da mesma ocorreu-me como um consolo, e como para me ancorar no solo de vocês, onde a solidão e a miséria me faziam não andar, mas roubar. Pois sou tão pobre, e já me acusavam de tantos roubos que, ao sair de um quarto furtivamente, na ponta dos pés, prendendo o fôlego, não tenho certeza, ainda agora, de não levar comigo os buracos das cortinas ou das tapeçarias. Não sei até que ponto Stilitano estava a par dos segredos militares nem do que ele conseguira aprender na Legião, nas repartições de um coronel. Mas ele teve a ideia de se tornar espião. Nem o partido que saberíamos tirar disso nem o perigo da operação tinham encantos sobre mim. Apenas a ideia da traição já possuía aquele poder que, cada vez mais, se impunha a mim.

— A quem se pode vendê-los?

— À Alemanha.

Mas, depois de pensar durante alguns segundos, ele se decidiu:

— À Itália.

— Mas você é sérvio. São seus inimigos.

— E daí?

Se a tivéssemos levado até o fim, essa aventura me teria feito sair um pouco da abjeção a que eu me prendia. A espionagem é um processo de que os Estados têm tanta vergonha que a enobrecem pelo que ela tem de vergonhoso. Dessa nobreza nós nos teríamos beneficiado. Salvo que em nosso caso se tratava de traição. Mais tarde, quando me prenderam na Itália e os oficiais me interrogaram sobre a proteção das nossas fronteiras, eu soube descobrir uma dialética capaz de

justificar as minhas confissões. No caso atual eu teria sido ajudado por Stilitano. Eu só podia desejar ser, por meio dessas revelações, o causador de uma catástrofe terrível. Stilitano podia trair o seu país e eu o meu por amor de Stilitano. Quando eu lhes falar de Java, vocês irão descobrir as mesmas características, quase o mesmo rosto também que em Stilitano, e assim como os dois lados de um triângulo se encontram na paralaxe que está no céu, Stilitano e Java vão ao encontro de uma estrela para sempre apagada: Marc Aubert. ^[13]

Se, roubada ao carabineiro, aquela pelerine de lã preta já me tinha concedido como que o pressentimento de uma conclusão em que a lei e a ilegalidade se confundem, uma dissimulando-se sob a outra mas experimentando com um pouco de nostalgia a virtude do seu contrário — a Stilitano ela permitiria uma aventura, menos espiritual ou sutil, porém mais profundamente perseguida na vida cotidiana e melhor utilizada. Ainda não se tratará de traição. Stilitano era uma potência. O seu egoísmo delineava suas fronteiras naturais. (Stilitano *me era* uma potência.)

Quando ele voltou, tarde da noite, disse-me que estava tudo certo. Havia encontrado o carabineiro.

— Ele vai te deixar em paz. Acabou. Você poderá sair como antes.

— E a pelerine?

— Eu fico com ela.

Pressentindo que naquela noite acabara de se dar uma estranha confusão de baixeza e de sedução misturadas de que eu estava naturalmente excluído, não ousei perguntar mais nada.

— Vamos!

Com um gesto da sua mão viva, ele me indicou que queria se despir. Como nas outras noites eu me ajoelhei para despregar o cacho de uvas.

No interior da sua calça ele havia pendurado um daqueles cachos de uvas de imitação cujos grãos, de celulose fina, são forrados de algodão. (São do tamanho de uma ameixa, e as mulheres elegantes naquela época e naquele país os usavam nas capelinas de palha cuja aba se dobrava.) Sempre que, no Criolla, uma bicha, perturbada por aquela inchação, pousava a mão na sua braguilha, os seus dedos horrorizados encontravam esse objeto que eles temiam fosse um cacho do seu verdadeiro tesouro, o ramo que, de maneira cômica, carregava frutas demais.

La Criolla não era somente uma boate de bichas. Usando vestidos, lá dançavam alguns rapazes, mas mulheres também. As putas traziam os seus cafetões e os seus fregueses. Stilitano teria ganhado muito dinheiro se tivesse apreciado as bichas. Mas ele as desprezava. Com o cacho de uvas divertia-se ante a decepção delas. A brincadeira durou alguns dias. Eu despreguei, pois, aquele cacho preso com um alfinete de segurança na sua calça azul, mas, em vez

de colocá-lo em cima da lareira, como de costume, e rindo (pois costumávamos cair na gargalhada e dizer piadas durante a operação), não consegui me controlar e conservei-o nas minhas mãos, nele pousando a minha face. O rosto de Stilitano, por cima de mim, tornou-se hediondo.

— Larga isso! Sua porca!

Para abrir a braguilha eu me agachara, mas o furor de Stilitano, se o meu fervor habitual não tivesse bastado, me fez cair ajoelhado. Era a posição que diante dele, sem que eu pudesse me impedir, mentalmente eu tomava. Não me mexi. Stilitano com os seus dois pés e o seu punho único me bateu. Eu poderia ter fugido, mas fiquei onde estava.

“A chave está na porta”, pensava eu. Entre o esquadro das pernas que me batiam com fúria eu a via presa na fechadura, e eu a teria virado para trancar a porta a fim de ser trancado por mim mesmo com o meu algoz. Não procurei explicar a sua raiva, tão sem proporção com a causa, pois o meu espírito pouco se preocupava com as razões psicológicas. Quanto a Stilitano, daquele dia em diante não mais prendeu o cacho de uvas. De madrugada, entrando no quarto antes dele, eu o esperava. No silêncio, eu ouvia o sussurro misterioso da folha de jornal amarelado que substituíra o vidro ausente.

“É sutil”, pensava.

Eu descobria muitas palavras novas. No silêncio do quarto e do meu coração, à espera de Stilitano, aquele ruído leve me preocupava, pois antes que eu tivesse compreendido o seu sentido, um rápido momento de angústia era experimentado. Quem — ou o quê — se faz notar no quarto de um pobre de modo tão fugidio?

“É um jornal impresso em espanhol”, pensava eu ainda. “É normal que eu não entenda o barulho que faz.” Sentia-me então muito exilado, e o meu nervosismo ia me tornar permeável àquilo que — à falta de outras palavras — chamarei de poesia.

Sobre a lareira, o cacho de uvas me dava nojo. Stilitano uma noite levantou-se para jogá-lo na privada. Durante o tempo em que o usara, aquele cacho não comprometera a sua beleza. Ao contrário, de noite, incomodando-as um pouco, havia conferido às suas pernas uma ligeira curva, ao seu passo um doce embaraço um pouco amaciado, e quando ele andava perto de mim, na frente ou atrás, eu experimentava uma perturbação deliciosa, já que eram as minhas mãos que o haviam preparado. Foi pelo insidioso poder desse cacho, creio eu ainda, que me apeguei a Stilitano. Só me livraria dele um dia em que, num baile, dançando com um marujo, por acaso fiz a minha mão deslizar para dentro da gola dele. O gesto na aparência dos mais inocentes devia revelar uma virtude fatal. Pousada nas costas do rapaz, a minha mão se sabia suavemente, piedosamente escondida pelo sinal, sobre eles, da candura dos marujos. Ouvia-se

a sua pulsação, e a minha mão não podia deixar de acreditar que Java estava meio abatido. Mas ainda é muito cedo para falar dele.

Muito prudente, não comentarei esse uso misterioso do cacho; entretanto apraz-me ver em Stilitano um pederasta que se odeia.

“Ele quer desorientar e ferir, enojar aqueles mesmos que o desejam”, penso quando me lembro dele. Pensando com mais vigor, a ideia de que Stilitano tinha comprado uma chaga postiça para aquele mais nobre lugar, a fim de salvar do desprezo a sua mão amputada, era ainda mais perturbadora — sei que a chaga era magnífica —, e dessa ideia posso tirar o maior partido. Assim, por um grosseiro subterfúgio, eis que estou falando novamente dos mendigos e dos seus males. Atrás de um mal físico real ou fingido que o distingue e o faz esquecer, mais secreto um mal da alma se dissimula. Enumero as chagas secretas:

os dentes estragados,
o hálito fétido,
a mão cortada,
o fedor dos pés etc.

Para escondê-las e estimular o nosso orgulho tínhamos:

a mão cortada,
o olho vazado,
a perna de pau etc.

Enquanto trazemos sobre nós as marcas da degradação, somos uns degradados, e mesmo que não nos abandone a consciência da impostura, isso de nada nos vale. Só quando utilizávamos o orgulho imposto pela miséria é que provocávamos a piedade cultivando as chagas mais nojentas. Nós nos tornávamos uma censura à felicidade de vocês.

Mas Stilitano e eu vivíamos miseravelmente. Quando, graças a alguns veados, eu trazia algum dinheiro, ele manifestava tanto orgulho que me pergunto às vezes se na minha memória ele não fica grande por causa das gabolices de que eu era o pretexto e o principal confidente. A qualidade do meu amor exigia dele que desse provas da sua virilidade. Se ele era a fera admirável que a ferocidade entenebrece e faz brilhar, que ele se entregasse aos jogos dignos dela. Eu o incitei ao roubo.

Com ele decidimos assaltar uma loja. Para cortar o fio telefônico, que imprudentemente passava perto da porta, uma pinça era necessária. Entramos num dos numerosos mercados de Barcelona onde são encontrados balcões de quinquilharia.

— Procure ficar quieto se me vir apanhar alguma coisa.

— O que é que eu faço?

— Nada. Fique na moita.

Stilitano calçava alpargatas brancas. Vestia a sua calça azul e uma camisa cáqui. Nada notei a princípio, mas quando saímos vi com o maior espanto, na tira de pano que servia para abotoar o bolso da sua camisa, uma espécie de pequena lagartixa inquieta e tranquila ao mesmo tempo, suspensa pelos dentes. Era a pinça de aço de que precisávamos e que Stilitano acabava de roubar.

“Que ele encante os macacos, os homens e as mulheres”, pensava eu, “ainda é possível, mas qual pode ser a natureza desse magnetismo, saído dos seus músculos dourados e dos seus cachos de cabelos, daquele âmbar louro, que consegue cativar os objetos?” Entretanto eu não tinha dúvida, os objetos se submetiam a ele. O que quer dizer que ele os compreendia. Conhecia tão bem a natureza do aço, a natureza daquele fragmento especial de aço escurecido que se chama uma pinça que ela permanecia, até a exaustão, dócil, amorosa, presa à sua camisa onde ele soubera com precisão prendê-la, mordendo, a fim de não cair, desesperadamente a fazenda com os seus magros maxilares. Acontecia entretanto que o ferissem aqueles objetos que um gesto desastrado irrita. Stilitano cortava-se, a ponta de seus dedos apresentava cortes finos, a sua unha estava esmagada e preta, e tudo isso aumentava a sua beleza. (As púrpuras do poente, dizem os físicos, são provocadas por uma grande espessura de ar que só atravessam as ondas curtas. Quando nada se passa no céu perto do meio-dia, tal aparência nos perturbaria menos; a maravilha consiste em que ela se produza de noite, no momento mais patético do dia, quando o sol *se deita*, quando ele desaparece a fim de seguir um destino misterioso, quando ele morre talvez. Para dar ao céu tantos faustos, um certo fenômeno de física só é possível no instante mais exaltante para a imaginação: o deitar do mais brilhante dos astros.) As coisas cujo uso é cotidiano irão embelezar Stilitano. As suas covardias derretem o meu rigor. Eu amava o seu gosto pela preguiça. Ele escorria assim como se fala de um recipiente. Quando obtivemos a pinça ele esboçou uma retirada.

— Pode ser que tenha cachorro.

Pensamos em suprimi-lo com um bife envenenado.

— Cachorro de gente rica não come qualquer coisa.

De repente Stilitano lembrou-se do truque famoso dos ciganos: o ladrão, dizem, usa uma calça besuntada de gordura de leão. Stilitano sabia que é coisa que não se encontra, mas aquela ideia o excitava. Parou de falar. Sem dúvida via-se ele, de noite, num bosquezinho espreitando uma presa, vestindo uma calça tornada rígida pela gordura. Ele era forte, da força do leão, selvagem de estar assim preparado para a guerra, a fogueira, o espeto e o túmulo. Em sua armadura de gordura e de imaginação ele era admirável. Não sei se ele próprio conhecia a beleza de enfeitar-se com a força e a audácia de um romano, nem se gozava com a ideia de penetrar assim os segredos da tribo.

— Você gostaria de ser cigano? — perguntei-lhe um dia.

— Eu?

— Você, sim.

— Até que gostaria, mas não poderia viver naquelas casas-reboques.

Ele sonhava, pois, às vezes. Pensei ter descoberto a falha por onde passaria um pouco da minha ternura sob a sua carapaça petrificada. Ele não se apaixonava bastante pelas aventuras noturnas para que eu conhecesse com ele uma embriaguez verdadeira ao espreitar, a seu lado, os muros, os becos, os jardins, escalando cercas, roubando. Nenhuma lembrança grave me ocorre. A revelação profunda do roubo me será feita na França, com Guy.

(Quando ficamos trancados no quartinho à espera de que caísse a noite e chegasse o momento de entrar nos escritórios abandonados do Crédit Municipal de B., Guy apareceu-me de repente fechado, secreto. Ele já não era o rapaz qualquer que podemos roçar, com quem podemos nos acotovelar em qualquer lugar; era uma espécie de anjo exterminador. Ele tentava sorrir, até caía numa gargalhada silenciosa, mas as suas sobranceiras se juntavam. Do interior daquela bichinha onde estava encerrado um malandro, surgia um rapaz decidido, terrível, pronto para tudo, principalmente para o crime, se alguém ousasse dificultar a sua façanha. Ele ria, e nos seus olhos eu pensava ler uma vontade de crime que se exerceria contra mim. Quanto mais ele me olhava, mais eu tinha o sentimento de que ele lia em mim a mesma vontade decidida a exercer-se contra ele. Então ele se retesava. Os seus olhos ficavam mais duros, as suas têmporas metálicas, mais nodosos os músculos do rosto. Em resposta eu me endurecia com a mesma força. Eu preparava um arsenal. Eu o espreitava. Se alguém tivesse entrado naquele momento, incertos um do outro nós nos teríamos, me parecia, trucidado com medo de que um de nós se opusesse à decisão terrível do outro.)

Com Stilitano, sempre a acompanhá-lo, cometi outros roubos. Ficamos conhecendo um vigia noturno que nos deu informações. Graças a ele durante muito tempo vivemos unicamente de roubos. A audácia daquela vida de ladrão — e a sua luz — nada teria significado se Stilitano a meu lado não tivesse sido a prova dela. A minha vida se tornava magnífica segundo os homens, já que eu possuía um amigo cuja beleza se prende à ideia de luxo. Eu era o criado que deve conservar, tirar-lhe o pó, dar-lhe brilho, encerá-lo, um objeto de grande preço, mas que pelo milagre da amizade me pertencia.

“Quando passo na rua a mais rica *señorita*, e a mais bela, talvez tenha ciúme de mim?”, pensava eu. Que príncipe malicioso, pergunta ela com seus botões, que infanta em farrapos pode andar a pé e possui amante tão belo?

Daquele período falo com emoção e magnifico-o, mas se palavras prestigiosas, carregadas, quero dizer, em meu espírito de prestígio mais que de sentido, a mim se propõem, isso talvez signifique que a miséria que elas exprimem e que foi minha é fonte também de maravilha. Quero reabilitar aquela época escrevendo-a com os nomes das coisas mais nobres. A minha vitória é verbal e eu a devo à suntuosidade dos termos, abençoada seja pois essa miséria que me aconselha tais escolhas. Ao lado de Stilitano, na época em que eu a devia viver, deixei de desejar a abjeção moral e odiei o que deve ser o seu signo: os meus piolhos, os meus trapos e a minha imundície. Talvez a Stilitano bastasse o seu poder para que ele se impusesse sem que qualquer ato audacioso fosse necessário; todavia eu teria desejado viver com ele mais brilhantemente, ainda que me fosse doce atravessar à sua sombra (escura como devia ser a de um negro, a sua sombra era o meu serralho) os olhares de admiração das mulheres e dos homens, quando eu sabia que éramos ambos dois pobres ladrões. Eu o incitava a aventuras cada vez mais perigosas.

— Precisamos de um revólver — disse eu.

— Você vai saber usá-lo?

— Com você eu seria capaz de liquidar um cara.

Já que eu era o seu braço direito, a execução caberia a mim. Mas, quanto mais obedecia a ordens graves, maior era a minha intimidade com aquilo que as emitia. Ele, no entanto, sorria. Num bando (associação de malfeitores) são os rapazinhos e os invertidos que se mostram audaciosos. Eles são os incitadores dos golpes perigosos. Desempenham o papel do aguilhão fecundante. A potência dos machos, a idade, a autoridade, a amizade e a presença dos mais velhos os fortificam, os tranquilizam. Os machos só dependem de si mesmos. São o seu próprio céu e, conhecendo a sua fraqueza, eles hesitam. Aplicado ao meu caso particular, parecia-me que os homens, os duros, eram uma espécie de névoa feminina em que eu gostaria de me perder a fim de me sentir um bloco ainda mais sólido.

Uma certa distinção de maneiras, o meu passo mais seguro, eram para mim a prova do meu êxito, da minha ascensão no reino secular. Ao lado de Stilitano eu andava no rastro de um duque. Eu era o seu cão fiel embora ciumento. O meu porte se afirmava, orgulhoso. Nas Ramblas, uma noite, cruzamos com uma mulher e o seu filho. O garoto era bonito, talvez tivesse uns 15 anos. Os meus olhos se demoraram sobre os seus cabelos louros. Depois de passar por ele, me virei para olhar para trás. O garoto não olhou. Para saber quem eu estava observando, Stilitano também se virou. Foi nesse momento que a mãe, quando o olhar de Stilitano e o meu espreitavam o seu filho, apertou-o junto a si ou

apertou-se contra ele, como para protegê-lo do perigo dos nossos dois olhares que ela todavia ignorava. Tive ciúme de Stilitano, de quem um único movimento de cabeça acabava, me parecia, de ser percebido como um perigo pelas costas daquela mãe.

Um dia em que esperava por ele num bar do Paralelo (aquele bar era na época o lugar de encontro de todos os foragidos da justiça francesa: cafetões, ladrões, escroques, evadidos dos campos de trabalhos forçados ou das prisões francesas. A gíria, um pouco cantada com o sotaque de Marselha e atrasada de alguns anos em relação à gíria de Montmartre, era a sua língua oficial. Ah, não se jogava a ronda mas a *passee* inglesa e o pôquer), Stilitano chegou. Com sua polidez habitual, um pouco cerimoniosa, os cafetões parisienses o receberam. Severo, mas com o olho a sorrir, ele gravemente descansou o seu grave traseiro sobre a cadeira de palha cuja madeira gemeu com o impudor de um colchão. Aquele estertor do assento expressava perfeitamente o meu respeito pelo solene posterior de Stilitano cujo encanto nem sempre estava todo contido ali, mas ali, naquele lugar — ou melhor, sobre ele, marcava encontros, acumulava-se, delegava as suas ondas mais carinhosas — e massas de chumbo! — para dar à garupa uma ondulação e um peso retumbantes.

Recuso-me a ser o prisioneiro de um automatismo verbal, mas preciso recorrer ainda desta vez a uma imagem religiosa: aquele posterior era um Altar. Stilitano sentou-se. Sempre com sua elegante lassidão — “Eu os achatei”, dizia ele a cada instante — ele distribuiu as cartas para a partida de pôquer, de que eu estava excluído. Nenhum daqueles senhores teria exigido que eu me afastasse do jogo, mas por mim mesmo, por cortesia, vim me colocar atrás de Stilitano. Quando me curvei para sentar-me, sobre a gola de seu paletó vi um piolho. Stilitano era belo, forte, e admitido numa reunião de machos iguais, cuja autoridade residia também nos músculos e no conhecimento que tinham do seu revólver. Sobre a gola de Stilitano, ainda invisível para os outros homens, o piolho não passava de uma pequena mancha perdida, movia-se, deslocava-se com uma velocidade inquietante, como se tivesse percorrido, medido os seus domínios — melhor dizendo, o seu espaço. Mas ele não estava apenas em casa, sobre aquela gola ele era o sinal de que Stilitano pertencia a um mundo decididamente piolhento, apesar da água-de-colônia e da camisa de seda. Examinei-o com maior atenção: os cabelos, perto do pescoço, estavam compridos demais, sujos e cortados de modo irregular.

“Se o piolho continuar, vai despencar sobre a manga dele ou dentro do seu copo. Os cafetões vão reparar...”

Como por ternura, apoiei-me sobre o ombro de Stilitano e pouco a pouco levei a mão até a gola dele, mas não pude terminar o gesto: sacudindo os ombros,

Stilitano desvencilhou-se, e o inseto prosseguiu a sua andança. Foi um cafetão de Pigalle, que diziam ligado a uma quadrilha internacional de traficantes de mulheres, que fez o reparo seguinte:

— Tem uma belezinha trepando em você.

Todos os olhares convergiram — sem perder de vista entretanto o jogo — na direção da gola de Stilitano, que, entortando o pescoço, conseguiu ver o bicho.

— Quem pega essas coisas é você — disse-me ele enquanto o esmagava.

— Por que eu?

— Estou dizendo que é você.

O tom da voz era de uma arrogância irrespondível, mas os olhos sorriam. Os homens continuaram a partida de cartas.

Foi nesse mesmo dia que Stilitano me disse que Pepe acabara de ser preso. Estava na prisão de Montjuich.

— Como é que você soube?

— Um jornal.

— Quanto é que ele pode pegar?

— Prisão perpétua.

Não fizemos nenhum comentário.

O diário que estou escrevendo não é apenas um descanso literário. À medida que vou progredindo, ordenando o que a minha vida passada me propõe, à medida que aumenta a minha obstinação no rigor da composição — dos capítulos, das frases, do próprio livro —, sinto que vai se fortalecendo a minha vontade de utilizar, para fins virtuosos, as misérias de outrora. Experimento o poder de fazê-lo.

Nos mictórios, onde Stilitano jamais entrava, o vaivém das bichas me informava: elas realizavam sua dança, o notável movimento de uma cobra que ondula, balançando para a direita e para a esquerda, um pouco para trás. Eu levava comigo o que tinha a aparência mais abastada.

Na minha época, as Ramblas eram percorridas por duas jovens *mariconas* que carregavam no ombro um macaquinho domesticado. Constituía um pretexto fácil para abordar os fregueses: o macaco pulava sobre o homem que lhe era indicado. Uma das *mariconas* chamava-se Pedro. Era pálido e magro. Tinha uma cintura flexível e andar rápido. Os seus olhos, principalmente, eram admiráveis, os seus cílios imensos e dobrados.

Tendo-lhe perguntado, por brincadeira, quem era o macaco, ele ou o animal

que levava no ombro, tivemos uma briga. Apliquei-lhe um soco: os cílios dele ficaram colados às minhas falanges, eram postigos. Eu acabara de conhecer a existência dos truques.

Stilitano fazia as mulheres lhe darem um pouco de dinheiro. Na maior parte das vezes ele o roubava delas, ou quando elas pagavam, não devolvendo o troco, ou de noite na bolsa delas, quando estavam no bidê. Enquanto atravessava o Barrio Chino e o Paralelo ia mexendo com todas as mulheres, que procurava irritar ou acariciar, sempre irônico. Quando voltava para o quarto, pela manhã, trazia consigo uma pilha daquelas revistinhas para crianças, cobertas de desenhos coloridos. Às vezes ele dava uma volta grande para comprar alguma numa banca que ficava aberta até tarde. Lia as histórias que correspondem hoje às aventuras de Tarzan. O herói dessas histórias está amorosamente desenhado. Todos os seus cuidados o artista os concedeu à imponente musculatura desse cavaleiro, quase sempre nu ou vestido de modo obsceno. Depois Stilitano adormecia. Dava um jeito para que o corpo dele não tocasse o meu. A cama era muito estreita. Quando apagava a luz, dizia:

— Salve, menino.

E quando acordava:

— Salve, menino. ^{14}

O nosso quarto era pequenino. Era sujo. A bacia era imunda. Ninguém, no Barrio Chino, teria pensado em limpar o seu quarto, os seus objetos ou a sua roupa — com exceção da camisa e, mais frequentemente, apenas a gola. Para pagar aquele quarto uma vez por semana Stilitano trepava com a proprietária, que nos outros dias chamava-o de *señor*.

Num fim de tarde ele precisou brigar. Estávamos passando pela *calle* Carmen, e já era quase noite. Os espanhóis têm às vezes no corpo uma espécie de flexibilidade ondulante. Algumas de suas atitudes se tornam então equívocas. Na luz do dia Stilitano não se teria enganado. Naquele princípio de escuridão ele roçou três homens que falavam baixinho mas cuja gesticulação era ao mesmo tempo viva e lânguida. Ao passar junto deles Stilitano dirigiu-lhes, com a sua voz mais insolente, algumas palavras grosseiras. Tratava-se de três cafetões, vigorosos e rápidos, que responderam aos insultos. Embaraçado, Stilitano parou. Os três homens aproximaram-se.

— Está pensando que somos *mariconas* para falar assim com a gente?

Embora tivesse reconhecido a mancada, Stilitano, diante de mim, quis se exhibir.

— E daí?

— *Maricona* é você.

Algumas mulheres se aproximaram, e homens. Formou-se um círculo à nossa

volta. A briga parecia inevitável. Um dos rapazes provocou abertamente Stilitano.

— Se você não é boneca, venha bater.

Antes de chegar às vias de fato ou às armas, os malandros discutem muito. Não é um apaziguamento do conflito que eles tentam; excitam-se para o combate. Outros espanhóis, amigos deles, animavam os três cafetões. Stilitano sentiu o perigo. A minha presença não mais o incomodou. Ele disse:

— Rapazes, vocês não vão brigar com um estropiado, vão?

Estendeu na direção deles o seu coto. Ora, fez isso com tanta simplicidade, com tanta sobriedade, que essa cabotinagem imunda, em vez de mostrar aos meus olhos um Stilitano nojento, o enobreceu. Ele se retirou não sob apupos mas sob um murmúrio que expressava o mal-estar de homens leais descobrindo a miséria ao seu lado. Stilitano recuou lentamente, protegido pelo coto estendido, colocado com simplicidade diante de si. A ausência da mão era tão real e eficaz como o atributo de um rei, como a mão da justiça.

Aquelas, que uma entre elas chama de as Carolinas, chegaram em procissão ao local onde um mictório público havia sido destruído. Os revoltados, quando dos motins de 1933, arrancaram uma das peças mais sujas, mas de maior valor. Ficava perto do porto e do quartel, e fora a urina quente de milhares de soldados que lhe corroera o zinco. Quando a sua morte definitiva foi constatada, vestindo xales, mantilhas, vestidos de seda, paletós cintados, as Carolinas — todas não, mas escolhidas em delegação solene — vieram ao local depositar uma coroa de rosas vermelhas com uma fita-crepe preta. O cortejo saiu do Paralelo, atravessou a *calle* São Paulo, desceu as Ramblas de Las Flores até a estátua de Colombo. As bichas talvez fossem umas trinta, às oito da manhã, sob a luz do sol levante. Eu as vi passar. Acompanhei-as de longe. Sabia que o meu lugar era no meio delas, não porque era uma delas, mas porque as suas vozes agudas, os seus gritos, os seus gestos exagerados não tinham, ao que me parecia, outro objetivo senão o de querer furar a camada de desprezo do mundo. As Carolinas eram grandes. Elas eram as Filhas da Vergonha.

Chegadas ao porto, viraram à direita, na direção do quartel, e sobre o zinco molhado e fedorento do mictório abatido sobre o monte de ferragens mortas elas depositaram as flores.

Eu não estava no cortejo. Pertencia à multidão irônica e indulgente que com ele se divertia. Pedro confessava com desenvoltura as suas pestanas falsas, as Carolinas as suas loucas aventuras.

Stilitano entretanto, por recusar-se ao meu prazer, tornava-se o símbolo da

castidade, até mesmo da frieza. Se fodia frequentemente com mulheres eu ignorava. Em nossa cama e para deitar-se nela, ele tinha o pudor de dispor entre as suas pernas com tanto jeito a fralda da sua camisa que eu nada via do sexo dele. Até mesmo o erotismo do seu andar, a pureza das suas feições o corrigiam. Ele se tornou a representação de uma geleira. Era ao mais bestial dos negros, à face mais achatada e mais poderosa, que eu teria desejado me oferecer, a fim de que em mim, só tendo lugar para a sexualidade, o meu amor por Stilitano ainda se estilizasse. Eu podia pois ousar diante dele as mais ridículas posturas e as mais humilhantes.

Com ele frequentávamos muito o La Criolla. Até aí ele nunca tivera a ideia de me explorar. Quando eu lhe trouxe as pesetas que ganhara com alguns homens dos mictórios, Stilitano decidiu que eu iria trabalhar no La Criolla.

— Você quer que eu me vista de mulher? — murmurei.

Apoiado no seu ombro poderoso, da *calle* Carmen à *calle* Mediodía, teria eu ousado “pegar”, vestido com uma saia de *pailleté*? Com exceção dos marujos estrangeiros ninguém teria se espantado, mas nem Stilitano nem eu teríamos sabido escolher o vestido ou o penteado, pois para isso é preciso gosto. Talvez tenha sido isso que nos reteve. Eu ainda conservava na memória os suspiros de Pedro, com quem me liguei, quando ele começava a se vestir.

— Quando olho para essas roupagens penduradas fico numa fossa! É como se eu fosse entrar numa sacristia e me preparar para rezar um enterro. Tem cheiro de igreja. Incenso. Urina. É asqueroso! Chego a me perguntar como é que tenho a coragem de entrar nessas espécies de tripas!

— Eu também vou ter de usar isso? Talvez precise até costurá-las e cortá-las com a ajuda do meu homem. E usar um “laço” ou vários nos cabelos.

Com horror eu me via enfeitado com enormes repolhos e, em vez de fitas, com tripas obscenas.

— Será um laço amarrotado — ainda me dizia uma debochada voz interior. — O laço amarrotado de um velho.

Um laço amarrotado, enxovalhado! E que cabelos haviam de ser? Os de uma peruca artificial ou os meus sujos e encaracolados?

Eu sabia quanto às minhas roupas que as usaria muito sóbrias, com modéstia, quando o único jeito de me arrumar teria sido a extravagância mais louca. Eu acarinhava todavia o sonho de costurar na roupa uma rosa de pano. Ela seria uma saliência no vestido e seria o correspondente feminino do cacho de Stilitano.

(Muito tempo depois de reencontrá-lo em Antuérpia, falei a Stilitano do cacho postiço escondido em sua roupa. Ele me contou então que uma puta espanhola usava por baixo do vestido uma rosa de étamine, presa na altura equivalente.

— *Para substituir a sua flor perdida — me disse ele.*)

No quarto de Pedro, eu olhava as saias com melancolia. Ele me deu alguns endereços de senhoras, espécies de vendedoras de trajes, onde encontraria vestidos para o meu tamanho.

— Você precisa ter o seu traje, Juan.

Essa frase de açougueiro me enojava (eu achava que o traje ainda é o tecido gorduroso que envolve as tripas no ventre dos animais). Foi quando Stilitano, ofendido talvez pela ideia de ver seu amigo de travesti, recusou.

— Não vale a pena — disse ele —, você sabe se arranjar para “pegar”.

O patrão do La Criolla, infelizmente, exigia que eu me mostrasse de “moça”.
De moça!

Eu sou moça

De mãos nas cadeiras...

Compreendi então como é difícil chegar à luz arrebatando o abscesso da vergonha. De travesti pude uma vez aparecer com Pedro, exhibir-me com ele. Compareci uma noite, e fomos convidados por um grupo de oficiais franceses. Na mesa deles havia uma senhora de cerca de cinquenta anos. Ela me sorriu gentilmente, com indulgência, e não aguentando mais me perguntou:

— Você gosta de homens?

— Sim, senhora.

— E... quando foi que começou?

Não esbofetei ninguém, mas a minha voz estava tão transtornada que por ela entendi a minha raiva e a minha vergonha. A fim de me livrar delas, roubei um dos oficiais naquela mesma noite.

“Pelo menos”, pensava eu, “se a minha vergonha é verdadeira, dissimula um elemento mais agudo, mais perigoso, uma espécie de dardo que sempre há de ameaçar aqueles que a provocam”. Talvez ela não fosse atirada sobre mim como uma armadilha, não fosse intencional, mas sendo o que é quero que ela me esconda e que debaixo dela eu fique espiando.

Na época do carnaval era fácil vestir-se de mulher, e roubei num quarto de hotel uma saia andaluza com um corpete. Dissimulado pela mantilha e o leque, uma noite atravessei depressa a cidade a fim de me dirigir até o La Criolla. Para que fosse menos brutal a ruptura com o mundo de vocês, debaixo da saia conservei a minha calça. Mal cheguei ao balcão, a cauda do meu vestido rasgou-se. Furioso, me virei.

— Perdão. Desculpas.

O pé de um rapaz louro estava preso nas rendas. Mal tive a força de

murmurar. “Tenha cuidado.” O rosto do desastrado que ao mesmo tempo se desculpava e sorria estava tão pálido que enrubesci. A meu lado alguém me disse baixinho:

— Desculpe-o, *señora*, ele manca.

“Não se manca nas minhas roupas!”, urrou em mim a trágica escondida. Mas em volta as pessoas riam. “Ninguém manca nas minhas roupas”, urrei para mim mesmo.

Elaborando-se em mim, no estômago, me pareceu, ou nos intestinos que o “traje” envolve, essa frase devia-se traduzir por um olhar terrível. Furioso e humilhado, saí sob os risos dos homens e das Carolinas. Fui até o mar e nele afoguei a saia, o corpete, a mantilha e o leque. A cidade toda estava alegre, inebriada por esse carnaval divorciado da terra, solitário no meio do oceano.^[15] Eu era pobre e triste.

(“É preciso gosto...” Eu me recusava a ter. Eu me proibia. Naturalmente poderia ter tido muito. Sabia que cultivá-lo em mim não me teria tornado mais fino, mas amolecido. O próprio Stilitano se admirava de que eu fosse tão rude. Os meus dedos eu os queria sem jeito: *eu me proibi de aprender a costurar.*)

Stilitano e eu partimos para Cádiz. De um trem de carga para outro chegamos perto de San Fernando e decidimos continuar a pé. Stilitano desapareceu. Deu um jeito de marcar encontro comigo na estação. Não foi. Esperei muito tempo, voltei dois dias seguidos, certo todavia de que ele me havia abandonado. Eu estava só e sem dinheiro. Quando compreendi isso senti de novo a presença dos piolhos, sua desoladora e doce companhia nas bainhas da minha camisa e da minha calça: Stilitano e eu nunca havíamos deixado de ser aquelas religiosas de Tebaida que nunca lavavam os pés e cuja camisa apodrecia.

San Fernando fica à beira-mar. Decidi chegar a Cádiz, construída no meio da água, mas ligada ao continente por um molhe muito longo. Entardecia quando nele comecei a andar. Diante de mim tinha as altas pirâmides de sal das salinas de San Fernando, e mais adiante no mar, silhueta pelo sol poente, uma cidade de abóbadas e minaretes: na parte extrema da terra ocidental eu tinha de repente a síntese do oriente. Pela primeira vez na vida desprezei um ser humano para só cuidar das coisas. Esqueci Stilitano.

Para viver, eu ia de manhã cedo ao porto, na *pescatoria*, onde os pescadores sempre atiram do barco alguns peixes que pescaram durante a noite. Todos os mendigos conhecem esse hábito. Em vez de, como em Málaga, cozinhá-los no fogo de outros mendigos, eu voltava sozinho, em meio aos rochedos que olham para Porto Reale. O sol se levantava quando os meus peixes ficavam prontos. Quase sempre sem pão nem sal, eu os comia. Em pé, ou deitado nos rochedos, ou sentado neles, no extremo leste da ilha, de frente para a terra, eu era o

primeiro homem que o primeiro raio iluminava e esquentava. Ele mesmo era a primeira manifestação de vida. Era nas trevas, nos cais de atracamento, que eu tinha apanhado os peixes. E ainda nas trevas eu tinha andado até os meus rochedos. A chegada do sol me arrasava. Eu lhe rendia um culto. Uma espécie de intimidade maliciosa se estabelecia entre mim e ele. Não era complicado, sem dúvida, o ritual com que eu o honrava; não teria pensado em macaquear os primitivos, mas sei que aquele astro se tornou o meu deus. Era no meu corpo que ele se levantava, que prosseguia a sua curva e a terminava. Se o via no céu dos astrônomos, era porque constituía nele a projeção ousada daquele que eu conservava em mim. Talvez até o confundisse com Stilitano desaparecido.

Assim indico para vocês o que podia ser a minha forma de sensibilidade. A natureza me inquietava. O meu amor a Stilitano, o tumulto da sua irrupção em minha miséria, não sei bem o quê, me entregaram aos elementos. Mas estes são maus. A fim de domesticá-los eu os quis conter. Recusei-me a negar-lhes qualquer crueldade; ao contrário, os felicitei por possuírem tanta, eu os adulei.

Não podendo tal operação ter êxito pela dialética, recorri à magia, isto é, a uma espécie de *predisposição* voluntária, uma intuitiva cumplicidade com a natureza. A linguagem em nada me teria ajudado. Foi quando para mim se tornaram maternais as coisas e as circunstâncias em que, todavia, ferrão de uma abelha, me espreitava a ponta do orgulho. (Maternais: isto é, cujo elemento essencial é a feminilidade. Ao escrever isso não pretendo de modo nenhum aludir a qualquer referência ao masdeísmo: indico tão somente que a minha sensibilidade exigia ver à sua volta uma disposição feminina. E ela podia, já que soubera apoderar-se das qualidades viris: dureza, crueldade, indiferença.)

Se tento recompor com palavras a minha atitude de então, o leitor, não mais do que eu, se deixará enganar. Sabemos que a nossa linguagem é incapaz de sequer lembrar o reflexo daqueles estados defuntos, estranhos. O mesmo se daria com este diário inteiro se ele tivesse de ser a notação do que eu fui. Por isso esclareço que ele deve informar sobre quem sou hoje quando o escrevo. Não constitui uma busca do tempo passado, mas uma obra de arte cuja matéria-pretexto é a minha vida de outrora. Há de ser um presente fixado com a ajuda do passado, não o inverso. Saiba-se, pois, que os fatos foram o que eu descrevo, mas a interpretação que deles extraio é o que sou — agora.

De noite, eu andava pela cidade. Dormia encostado a um muro, abrigado do vento. Sonhava com Tânger, cuja proximidade me fascinava assim como o prestígio daquela cidade, espécie de valhacouto de traidores. Para fugir à minha miséria, inventava as mais audaciosas traições que eu teria perpetrado com tranquilidade. Hoje em dia sei que à França só me prende o meu amor à língua francesa, mas naquela época!

Esse gosto pela traição há de formular-se melhor quando Stilitano for preso e eu interrogado.

— Por dinheiro — me perguntava eu — e com a ameaça de apanhar, deveria eu denunciar Stilitano? Ainda gosto dele e respondo que não, mas deveria eu denunciar Pepe, que assassinou o jogador de ronda do Paralelo?

Eu talvez tivesse aceitado, mas ao preço de que vergonha, de saber apodrecido o interior da minha alma porque ela haveria de exalar aquele cheiro que faz as pessoas taparem o nariz. Ora, o leitor há de se lembrar talvez de que as minhas estadas na mendicância e na prostituição foram uma disciplina em que aprendi a utilizar os elementos ignóbeis, a me servir deles, a me comprazer enfim na escolha que deles fizera. O mesmo teria feito (certo da minha habilidade em tirar partido da vergonha) com a minha alma descomposta pela traição. Concedeu-me o destino que a questão se apresentasse a mim na época em que um jovem guarda-marinha era condenado à morte pelo tribunal marítimo de Toulon. Ele entregara ao inimigo os desenhos de uma arma ou planta de um porto de guerra ou de um navio. Não estou falando de uma traição que vem causar a perda de uma batalha naval, leve, irreal, suspensa nas asas de uma escuna, mas da perda de um combate de monstros de aço em que residia o orgulho de um povo não mais infantil, mas severo, ajudado, sustentado pelas sábias matemáticas dos técnicos. Tratava-se, enfim, de uma traição dos tempos modernos. O jornal que relatava esses fatos (e eu o descobri em Cádis) dizia estupidamente, sem dúvida, pois como poderia ele saber: “... pelo prazer de trair.” Acompanhando esse texto, havia a fotografia de um jovem oficial, muito bonito. Apaixonei-me pela sua imagem, que ainda conservo comigo. Exaltando-se o amor nas situações perigosas, dentro de mim, secretamente, ofereci ao proscrito compartilhar a sua Sibéria. A Corte Marítima, opondo-me a ela, ainda facilitava a minha escalada na direção dele, de quem eu me aproximava a passos pesados porém alados. O nome dele era Marc Aubert. “Irei a Tânger”, pensava eu, “e talvez eu seja chamado pelos traidores, e me torne um deles”.

Deixei Cádis e fui para Huelva. Expulso pela guarda municipal, voltei para Jerez e depois para Alicante, pelo litoral. Andava sozinho. Às vezes, eu cruzava ou ultrapassava outro mendigo. Sem sequer nos sentarmos em qualquer monte de pedras, nos dizíamos que aldeia era mais favorável aos mendigos, que alcaide menos desumano, e prosseguíamos em nossa solidão. Zombando da nossa miséria, dizia-se então: “Ele vai caçar com uma espingarda de papel.” Eu estava sozinho. Andava humildemente na beirinha das estradas, ao lado das valas cuja poeira da grama branca empoava os meus pés. Por esse naufrágio, todas as infelicidades do mundo me fazendo andar num oceano de desespero, eu ainda conhecia a doçura de poder me agarrar ao pau terrível e forte de um negro. Mais

forte que todas as correntezas do mundo, ele era mais certo, mais consolador, e mais digno de um único suspiro meu que todos os continentes de vocês. À tardinha, os meus pés suavam, nas noites de verão eu andava, pois, na lama. Ao mesmo tempo que a enchia de um chumbo que me servia de pensamento, o sol esvaziava a minha cabeça. A Andaluzia era bela, quente e estéril. Eu a percorri todinha. Naquela idade eu não conhecia o cansaço. Carregava comigo um fardo de angústia tamanho que toda a minha vida, eu tinha certeza, se passaria a perambular. Não mais um detalhe que enfeitará a vida, a vagabundagem torna-se para mim uma realidade. Não sei mais o que pensava, mas lembro que ofereci a Deus todas as minhas misérias. Em minha solidão, longe dos homens, estava bem perto de ser todo amor, todo devoção.

“Estou tão longe deles”, devo ter pensado, “que não tenho mais esperança de alcançá-los”. Melhor então me desprender deles totalmente. Entre eles e eu haverá menos relações ainda, e a última será rompida se eu opuser ao desprezo deles por mim o meu amor a eles.

Assim, mudando radicalmente de atitude, eis que eu concedia a vocês a minha piedade. O meu desespero, sem dúvida, não se exprimia dessa forma. Em meus pensamentos, tudo se dispersava, mas essa piedade de que falo devia se cristalizar em reflexões precisas que, em minha cabeça queimada pelo sol, tomavam uma forma definitiva e obsessiva. A minha moleza — eu não pensava que fosse o cansaço — me impedia de descansar. Às fontes eu não ia mais beber. A minha garganta ficava seca. Os meus olhos queimavam. Eu tinha fome. O sol dava reflexos acobreados ao meu rosto de barba dura. Eu era seco, amarelo, triste. Aprendia a sorrir para as coisas e a meditar sobre elas. Da minha presença de jovem francês nessa margem, da minha solidão, da minha condição de mendigo, da poeira das valas levantada em volta dos meus pés em minúscula nuvem individual para cada um deles, renovada a cada passo, o meu orgulho tirava partido de uma singularidade consoladora que contrariava a banal sordidez do meu trajar. Nunca os meus sapatos esmagados, nem as minhas meias sujas tiveram a dignidade que levanta, carrega na poeira as sandálias dos carmelitas, nunca o meu paletó sujo permitiu aos meus gestos qualquer nobreza. Era durante o verão de 1934 que eu percorria as estradas andaluzas. De noite, depois de ter mendigado alguns tostões numa aldeia, eu prosseguia pelos campos e adormecia no fundo de uma vala. Era farejado pelos cães — o meu cheiro ainda me isolava —, eles latiam à minha saída e à minha chegada numa fazenda.

“Vou ou não vou?”, perguntava a mim mesmo ao passar perto de uma casa branca, fechada por muros caiados.

A minha hesitação pouco durava. O cão preso à porta ainda ladrava. Eu me aproximava. Ele ladrava mais alto. À mulher que se apresentava sem passar da

porta eu pedia um tostão no espanhol menos correto — ser estrangeiro me protegia um pouco —, retirava-me de cabeça muito baixa, rosto imóvel se me recusavam a esmola.

Da própria beleza desse lugar do mundo eu não ousava me dar conta. A menos que fosse para buscar o segredo dessa beleza, e atrás dela a impostura de que seríamos vítimas se nela confiássemos. Ao recusá-la, eu descobria a poesia.

— Tanta beleza entretanto é feita para mim. Tomo nota dela e sei que ela está tão evidente à minha volta para ressaltar a minha angústia.

Nas costas do Atlântico e nas do Mediterrâneo, eu atravessava portos de pescadores cuja elegante pobreza feria a minha. Sem que me vissem eu roçava homens e mulheres em pé na sombra de um muro, rapazes a se divertir numa praça. O amor que os humanos parecem experimentar então me dilacerava. Ao passar, bastava que dois rapazes trocassem um cumprimento, um sorriso, e eu recuava até os cabos mais extremos do mundo. Os olhares que os dois amigos trocavam — e as suas palavras às vezes — eram a emanção mais sutil de um rio de amor saído do coração de cada um deles. Um raio de luz muito suave e delicadamente trançado: um raio de amor tecido. Eu me espantava de que tanta delicadeza, de que um traço tão fino e de uma matéria tão preciosa como o amor, e tão casto, se elaborassem numa forja tão tenebrosa como o corpo musculoso daqueles machos, enquanto eles mesmos emitiam sempre aquele suave raio em que às vezes cintilam as gotinhas de um misterioso orvalho. Eu pensava ouvir o mais velho dizendo para o outro que não mais era eu, falando daquele lugar do corpo que ele devia amar:

— Esta noite ainda vou destruir a tua auréola!

Eu não podia suportar alegremente que existisse quem se amasse fora de mim.

(Na colônia penitenciária de Belle-Isle, Maurice G. e Roger B. encontram-se. Ambos têm 17 anos. Eu os conheci em Paris. Com eles, mas sem que cada um soubesse da ação do outro, fiz amor algumas vezes. Um dia eles estão em Belle-Isle, olhando vacas ou carneiros. Não sei como, falando de Paris, a primeira pessoa que evocam sou eu. Eles acham graça, se maravilham de saber que o outro também foi meu amigo. É Maurice que vem me contar.

— Tínhamos ficado realmente chapas pensando em você. Eu tinha pena, de noite...

— Por quê?

— Atrás do jirau que separa os homens, eu o ouvia gemer. Ele era mais bonito do que eu, e todos os duros o comiam. Eu não podia fazer nada.

O que me emociona é saber que sempre se perpetua a milagrosa infelicidade da minha infância em Mettray.)

No interior das terras eu percorria paisagens de rochas pontudas, roendo o céu,

rasgando o azul. Essa indigência rígida, seca e maldosa zombava da minha miséria, da minha ternura humana. Incitava-me todavia à dureza. Eu me sentia menos só ao descobrir na natureza uma das minhas qualidades essenciais: o orgulho. Eu queria ser uma rocha em meio às outras. Ficava feliz de sê-lo, e orgulhoso. Assim me sustentava no chão. Tinha os meus companheiros. Sabia o que era o reino mineral.

— Enfrentaremos os ventos, as chuvas, as pancadas.

A minha aventura com Stilitano recuava em meu espírito. Ele mesmo diminuía, não era mais que um ponto brilhante, de uma pureza maravilhosa.

“Era um homem”, pensava eu.

Pois não me tinha ele confessado que matara um homem na Legião e não se justificava do modo seguinte:

— Ele ameaçou me liquidar. Eu o matei. O calibre dele era maior do que o meu. Não tenho culpa.

Eu só lembrava agora as qualidades e os gestos viris que lhe conheci. Imobilizados, fixados para sempre no passado, compunham um objeto sólido, indestrutível, pois procede desses poucos detalhes inesquecíveis.

Às vezes, no interior dessa vida negativa, eu me concedia a realização de um ato, certos roubos em detrimento dos miseráveis cuja gravidade me dava alguma consciência.

As palmas! Um sol da manhã as dourava. A luz tremia, as palmas, não. Eu via as primeiras. Nas margens do mar Mediterrâneo. A geada no vidro das janelas, no inverno, tinha maior diversidade, mas com ela as palmeiras me precipitavam — melhor que ela talvez — no interior de uma imagem de Natal nascida paradoxalmente do versículo sobre a festa que precede a morte de Deus, sobre a chegada a Jerusalém, sobre as palmas atiradas sob os pés de Jesus. Na minha infância sonhara com palmeiras. Eis que estou junto delas. Tinham-me dito que a neve não cai em Belém. Entreaberto, o nome de Alicante me revelara o oriente. Estava no coração da minha infância, em seu instante mais preciosamente conservado. Numa curva de estrada ia descobrir debaixo de três palmeiras aquele presépio de Natal onde, criança, eu vinha assistir à *minha natividade* entre o boi e o burro. Eu era o pobre do mundo mais humilde, miserável caminhava na poeira e no cansaço, merecendo finalmente a palma, pronto para os trabalhos forçados, para os chapéus de palha e as palmeiras.

Num pobre as moedas não são mais o signo da riqueza, mas do seu contrário. É claro que certas vezes — poucas aliás, pois os ricos sabem se proteger muito bem — roubei alguns *hidalgos*, mas tais roubos não me tocavam a alma. Falarei daqueles que cometi contra outros mendigos. O crime de Alicante nos mostrará por quê.

Devem estar lembrados de que, em Barcelona, Pepe, ao fugir, tivera tempo de me entregar o dinheiro que apanhara na poeira. Pela preocupação de uma heroica fidelidade a um herói, por medo também de que Pepe ou um dos seus voltasse a me encontrar, eu tinha escondido aquele dinheiro debaixo de um *catalpa*, num pequeno jardim público perto de Montjuich. Tive bastante caráter para nunca falar disso a Stilitano, mas quando decidimos ir com ele, para o sul, desenterrei o dinheiro (duzentas ou trezentas pesetas) e o mandei para mim, em meu próprio nome, para o correio em Alicante. Muito se discutiu a ação da paisagem sobre os sentimentos, mas não, ao que me parece, sobre uma atitude moral. Antes de entrar em Múrcia, atravessei o campo de palmeiras de Elche e logo estava tão voluntariamente transtornado pela natureza que as minhas relações com os homens começavam a ser as dos homens habitualmente com as coisas. Cheguei de noite a Alicante. Devo ter adormecido numa obra e de manhãzinha tive a revelação do mistério da cidade e do nome: à beira de um mar tranquilo e nele mergulhando, montanhas brancas, algumas palmeiras, algumas casas, o porto e, ao sol nascente, um ar luminoso e fresco. (Em Veneza reencontrei um instante igual.) A relação entre todas as coisas era a alegria. A fim de ser digno de entrar em tal sistema pareceu-me necessário romper gentilmente com os homens, purificar-me. Sendo sentimental o laço que me prendia a eles, sem estardalhaço eu precisava me desligar deles. Pela estrada toda eu me prometera a alegria amarga de retirar o dinheiro no correio e mandá-lo para Pepe, na prisão de Montjuich. Num barraco que estava abrindo bebi uma xícara de leite quente e fui até o guichê do correio. Não criaram dificuldade nenhuma para me entregar o envelope cheio. O dinheiro ali estava, intacto. Tirei e rasguei as notas para jogá-las num esgoto, mas, para melhor provocar a ruptura, sentei-me num banco, onde coleí os pedaços, e me ofereci um almoço suntuoso. Pepe devia estar morrendo de fome em cana; por meio desse crime porém eu me acreditava liberto das preocupações morais.

Todavia eu não ia ao acaso pelas estradas. O meu caminho era aquele de todos os mendigos, e eu devia como eles conhecer Gibraltar. A noite do rochedo percorrido, povoado de soldados e de canhões adormecidos, essa massa erótica me enlouquecia. Fiquei na aldeia de La Línea, que não passa de um imenso bordel, e ali iniciei o período da lata de conserva. Todos os mendigos do mundo — eu os vi idênticos na Europa central e na França — possuem uma ou várias latas de ferro (que contiveram *petits-pois* ou *cassoulet*) onde adaptam uma alça com um pedaço de arame. Nas estradas e nas vias férreas, podem ser vistos com aquelas latas presas ao ombro. Tive a minha primeira lata em La Línea. Era nova. Eu a apanhara numa lata de lixo onde fora atirada na véspera. O metal de que era feita brilhava. Com uma pedra achatei as beiradas recortadas a fim de

que não me cortassem, e vim até às cercas de arame farpado de Gibraltar apanhar as sobras dos soldados ingleses. Assim ainda caía mais baixo. Já não mendigava trocados mas restos de sopa. A isso acrescia-se a vergonha de pedi-los aos soldados. Sentia-me indigno se a beleza de um deles ou o poder do seu uniforme me tinham perturbado. De noite, tentava me vender a eles e conseguia graças à escuridão das vielas. Os mendigos ao meio-dia podiam colocar-se em qualquer lugar da vedação, mas de noite fazíamos fila numa das passagens, perto do quartel. Na fila uma noite reconheci Salvador.

Quando, em Antuérpia, dois anos mais tarde eu encontrar novamente Stilitano mais gordo, ele estará de braços dados com uma piranha de luxo com longos cílios postiços, entravada por um vestido de cetim preto. Ainda muito bonito apesar do rosto mais pesado, ricamente vestido de lã, anelado de ouro, ele era conduzido por um ridículo cachorro branco minúsculo e irritável. Foi aí que tive a revelação desse cafetão: ele levava na coleira a sua idiotice, a sua mesquinha presa, esfregada, amimada. Era ela também que o precedia e o guiava numa cidade triste, sempre molhada pela chuva. Eu morava na rua du Sac, perto das docas. De noite, vagueava pelos bares, nos cais do Escaut. A esse rio, a essa cidade de diamantes lapidados e roubados associava a aventura radiosa de Manon Lescaut. Eu me sentia de muito perto participar do romance, entrar na imagem, me idealizar, me tornar uma ideia de prisão e de amor confundidos. Com um jovem flamengo que trabalhava num carrossel de parque de diversões, roubávamos bicicletas na cidade do ouro, das pedras preciosas e das conquistas do mar. Ali prossegurei na minha pobreza, onde Stilitano era rico e amado. Nunca ousarei recriminá-lo por ter denunciado Pepe à polícia. Nem mesmo sei com certeza se não me senti exaltado pela delação de Stilitano mais que pelo crime do cigano. Sem poder me precisar os detalhes — ao dar ao relato um som histórico, tal indecisão o embelezava ainda mais —, Salvador ficou feliz de contá-la para mim. Quebrada às vezes a fim de não ceder a um canto claro demais de vítima, a sua voz alegre, ébria, denunciava o seu ódio por Stilitano, e sua amargura. Tal sentimento fazia Stilitano parecer mais forte, maior. Nem Salvador nem eu nos espantamos de nos encontrarmos.

Como ele era um dos primeiros e tinha certa antiguidade em La Línea, escapei do pagamento da dízima que dois ou três mendigos brutais e fortes exigiam que lhes fosse entregue. Vim para junto dele.

— Já sei de tudo o que aconteceu — disse-me ele.

— O quê?

— O quê? A prisão de Stilitano.

— Preso? Por quê?

— Não banque o inocente. Você sabe melhor que eu.

Toda a doçura de Salvador se transformara numa espécie de humor rabugento. Falou comigo maldosamente e me contou a prisão do meu amigo. Não fora por causa do roubo da pelerine nem por outro, mas pelo assassinato do espanhol.

— Não foi ele — disse eu.

— Claro que não. Todo o mundo sabe. Foi o Cigano. Mas foi Stilitano que contou tudo. Ele sabia o nome. O Cigano foi encontrado no Albaicin. Prenderam Stilitano para protegê-lo dos irmãos e dos colegas do Cigano.

Na estrada de Alicante, graças à resistência que precisei combater, graças ao que tive de pôr em prática para abolir aquilo a que se dá o nome de remorso, o roubo que cometi se tornou aos meus olhos um ato muito duro, muito puro, quase luminoso, e que só o diamante pode representar. Cumprindo-o, eu havia destruído mais uma vez — e, pensava, de uma vez por todas — os caros laços da fraternidade.

— Depois daquilo, depois daquele crime, que espécie de perfeição moral posso esperar?

Aquele roubo sendo indestrutível, decidi fazer dele a origem de uma perfeição moral.

— Ele é covarde, frouxo, sujo, baixo... (eu só o definirei com palavras que denotem a vergonha), nenhum dos elementos que o compõem me deixa qualquer possibilidade de magnificá-lo. Entretanto, não renego aquele mais monstruoso dos meus filhos. Quero cobrir o mundo com a sua progenitura abominável.

Mas essa época da minha vida não posso descrevê-la demais. A minha memória gostaria de esquecê-la. Parece querer confundir-lhe os contornos, empoá-la com talco, propor-lhe uma fórmula comparável àquele banho de leite que as elegantes do século XVI chamavam de um *banho de modéstia*.

Deixei que enchessem com restos de sopa a minha marmita e fui para um canto tomá-la. Conservava comigo, com a cabeça sob a asa, a lembrança de um Stilitano sublime e abjeto. Sentia orgulho da sua força e me sentia forte da sua cumplicidade com a polícia. O dia todo, estive triste mas grave. Uma espécie de insatisfação inchava cada um dos meus atos, e o mais simples. Teria desejado que uma glória, visível, brilhante, se manifestasse na ponta dos meus dedos, que a minha potência me levantasse da terra, explodisse em mim e me dissolvesse, me dispersasse em aguaceiro aos quatro ventos. Eu teria chovido sobre o mundo. O meu pó, o meu pólen teriam tocado as estrelas. Eu amava Stilitano. Mas amá-lo na secura pedregosa daquele país, sob um sol irrevogável, me esgotava, debruava de fogo as minhas pálpebras. Chorar um pouco me teria desinchado. Ou falar muito, demoradamente, brilhantemente, diante de um auditório atento e respeitoso. Estava só e sem amigos.

Permaneci alguns dias em Gibraltar, mas principalmente em La Línea. Com

Salvador, na hora das refeições, diante das cercas de arame farpado inglesas, nos encontrávamos com indiferença. Mais de uma vez, de longe, eu o vi apontando-me com o dedo ou o queixo a outro mendigo. O período da vida que eu passara com Stilitano o intrigava. Procurava interpretar-lhe o mistério. Como fora passada ao lado de um “homem”, misturada à dele, essa vida, por ser contada por uma testemunha, verdadeiro mártir, me deu um curioso prestígio diante dos outros mendigos. Por precisas — ainda que sutis indicações — eu o senti, e sem arrogância carreguei o seu peso enquanto dentro de mim prosseguia em busca daquilo que, pensava, Stilitano me indicava.

Eu teria desejado embarcar para Tânger. Os filmes e os romances fizeram daquela cidade um lugar terrível, uma espécie de casa de jogo onde os jogadores discutem o preço dos planos secretos de todos os exércitos do mundo. Da costa espanhola, Tânger me parecia uma cidade fabulosa. Era o próprio símbolo da traição.

Às vezes eu ia a Algeciras a pé, vagueava pelo porto e olhava ao longe onde no horizonte aparecia a cidade célebre.

— A que abusos de traição, de regateios, podemos lá nos entregar? — dizia comigo mesmo.

Evidentemente, a razão me impedia de acreditar que eu teria sido utilizado para tarefas de espionagem, mas tão grande era o meu desejo de que assim fosse que eu me imaginava iluminado por ele, designado. Trazia inscrita na testa bem visível a palavra traidor. Economizei, pois, um pouco de dinheiro e tomei lugar em um barco de pesca, mas o mau tempo nos obrigou a voltar para Algeciras. Outra vez, graças à cumplicidade de um marujo, consegui subir a bordo de um navio de passageiros. As minhas roupas em farrapos, a minha figura imunda, os meus cabelos longos e sujos assustaram os empregados da Alfândega, que me impediram de desembarcar. De volta à Espanha decidi passar por Ceuta: lá chegando, prenderam-me durante quatro dias e tive de voltar para o lugar de onde viera.

Não há dúvida de que em Tânger como em qualquer outra parte não teria conseguido me empenhar numa aventura dirigida por uma organização com sede em escritórios, uma aventura comandada pelas regras de uma estratégia de política internacional, mas essa cidade para mim representava tão bem, tão magnificamente a Traição que era lá, me parecia, que eu não poderia deixar de abordar.

— No entanto, que magníficos exemplos encontraria por lá!

Encontraria Marc Aubert, Stilitano e outros ainda em quem eu desconfiara existir, sem ousar crer demais, a indiferença às regras de lealdade e retidão. Dizer deles: “São falsos” me enternecia. Ainda me enternece às vezes. São os

únicos que creio capazes de todas as audácias. A multiplicidade das suas linhas morais, as suas sinuosidades formam interlagos que eu chamo de aventura. Afastam-se das regras de vocês. Não são fiéis. Possuem principalmente uma tara, uma chaga, comparável ao cacho de uvas na calça de Stilitano. Enfim, quanto maior, aos olhos de vocês, fosse a minha culpa inteira, totalmente assumida, maior seria a minha liberdade. Mais perfeita a minha solidão e a minha unicidade. Com a minha culpa eu ainda ganhava direito à inteligência. Há gente demais que pensa e não tem direito a isso, dizia para mim mesmo. Essas pessoas não adquiriram esse direito através de um empreendimento em que o pensar se torne indispensável à *própria salvação*.

Essa *busca* dos traidores e da traição era apenas uma das formas do erotismo. É raro — quase desconhecido — que um rapaz me ofereça a alegria vertiginosa que só podem oferecer os interlagos de uma vida onde eu estaria com ele misturado. Um corpo deitado sob os meus lençóis, acariciado em pé numa rua ou de noite num bosque, numa praia, me concede a metade do prazer: não ousa me ver amando-o, pois conheci tantas situações em que a minha pessoa, haurindo a sua importância na graça, era o fator de encanto do instante. Não as encontrarei nunca mais. Assim me dou conta de que só procurarei as situações carregadas de intenções eróticas. Aqui está o que, entre outras coisas, dirigiu a minha vida. Sei que existem aventuras cujo herói e detalhes são eróticos. São essas que eu quis viver.

Poucos dias depois, soube que Pepe fora condenado aos campos de trabalhos forçados. Mandeí todo o dinheiro que possuía para Stilitano na prisão.

Duas fotografias de carteira de identidade foram encontradas. Numa delas tenho 16 ou 17 anos. Uso, debaixo de um paletó dado pelo serviço de assistência pública, um suéter rasgado. O meu rosto é de um oval puro, o meu nariz é esmagado, achatado por um soco durante uma briga esquecida. O meu olhar é entediado, triste e caloroso, muito sério. Vendo-me naquela idade, o meu sentimento se expressou quase em voz alta:

— Pobre rapazinho, você sofreu.

Eu falava com bondade de um outro Jean que não eu. Sofria então de uma feiura que não encontro mais em meu rosto de criança. Muita insolência — eu era descarado — me fazia caminhar na vida se bem que com desembaraço. Se estava preocupado, a princípio não se notava. Mas no crepúsculo, quando estava cansado, a minha cabeça inclinava-se, e eu sentia o meu olhar pesar sobre o mundo e nele confundir-se ou voltar para dentro de mim e desaparecer, creio que ele conhecia a minha solidão absoluta. Quando trabalhava como lavrador,

quando era soldado, quando estava no serviço de proteção ao menor, apesar da amizade e às vezes do afeto dos meus mestres, eu era absolutamente só. A prisão me ofereceu o primeiro consolo, a primeira paz, a primeira confusão amigável: tudo isso se passava no imundo. Tanta solidão me havia forçado a fazer de mim mesmo um companheiro. Encarando o mundo fora de mim, o seu indefinido, a sua confusão ainda mais perfeita à noite, eu o erigia em divindade da qual era não só o pretexto querido, objeto de tanto cuidado e precaução, escolhido e conduzido superiormente ainda que através de provações dolorosas, esgotantes, à beira do desespero, mas o único objetivo de tantos trabalhos. E, pouco a pouco, por uma espécie de operação que não consigo descrever bem, sem modificar as dimensões do meu corpo, mas porque era mais fácil talvez conter uma tão preciosa razão de tanta glória, foi em mim que estabeleci aquela divindade — origem e disposição de mim mesmo. Eu a engoli. Dedicava-lhe cantos que inventava. De noite eu assobiava. A melodia era religiosa. Lenta. O ritmo um pouco pesado. Através dele pensava entrar em contato com Deus: era o que acontecia, Deus sendo apenas a esperança e o fervor contidos em meu canto. Pelas ruas, com as mãos nos bolsos, a cabeça inclinada ou levantada, olhando as casas ou as árvores, assobiava os meus hinos desajeitados, que não eram alegres, nem tampouco tristes, mas graves. Descobria que a esperança é apenas a expressão que dela se dá. A proteção, também. Nunca teria assobiado num ritmo leve. Reconhecia os temas religiosos: eles criam Vênus, Mercúrio ou a Virgem.

Na segunda fotografia tenho trinta anos. O meu rosto endureceu-se. Os maxilares são mais fortes. A boca é amarga e cruel. Pareço um vagabundo apesar dos olhos, que ainda são muito doces. A doçura, aliás, seria quase imperceptível por causa da imobilidade a que me obrigara o fotógrafo oficial. Por meio dessas duas imagens posso reencontrar a violência que então me animava: dos 16 aos trinta anos, nas prisões de crianças, nas penitenciárias, nos bares, não era a aventura heroica que eu procurava, ia em busca da minha identificação com os mais belos e os mais desventurados criminosos. Queria ser a jovem prostituta que acompanha o amante à Sibéria ou lhe sobrevive, não para vingá-lo, mas para chorá-lo e engrandecer-lhe a memória.

Sem me crer nascido magnificamente, a indecisão da minha origem me permitia interpretá-la. A ela acrescentava a singularidade das minhas misérias. Abandonado pela minha família, já me parecia natural agravar isso pelo amor dos rapazes e por esse amor ao roubo, e o roubo pelo crime ou a complacência para com o crime. Assim recusei decididamente um mundo que me havia recusado. Essa precipitação quase alegre em direção às situações mais humilhadas talvez ainda tire a sua necessidade da minha imaginação de criança, que inventava, para que neles eu pudesse passear a pessoa miúda e ativa de um

garotinho abandonado, castelos, parques povoados de guardas mais que de estátuas, vestidos de noivas, lutos, bodas; e mais tarde, mas apenas pouco mais tarde, quando esses sonhos serão contrariados, até o extremo do esgotamento numa vida miserável, pelas penitenciárias, pelas prisões, pelos roubos, os insultos, a prostituição, esses enfeites (e a linguagem rara que se prende a eles) que ornavam os meus hábitos mentais, os objetos do meu desejo, foi com eles que, muito naturalmente, não só enfeitei a minha real condição de homem mas sobretudo a da criança por demais humilhada que o meu conhecimento das prisões vai satisfazer. Para o detento a prisão oferece o mesmo sentimento de segurança que um palácio real para o convidado de um rei. São os dois prédios construídos com a maior fé, aqueles que dão a maior certeza de serem o que são — que são o que quiserem ser, e assim permanecem. A alvenaria, os materiais, as proporções, a arquitetura estão de acordo com um conjunto moral que torna indestrutíveis essas moradias enquanto a forma social de que são o símbolo permanecerá. A prisão me cerca de uma garantia perfeita. Tenho certeza de que foi construída para mim — com o palácio de justiça, sua dependência, seu monumental vestíbulo. Com a maior seriedade, tudo ali me foi destinado. O rigor dos regulamentos, a sua estreiteza, a sua precisão, são da mesma essência que a etiqueta de uma corte real, que a polidez deliciosa e tirânica de que nessa corte o convidado é objeto. Como os da prisão, os alicerces do palácio descansam numa pedra de cantaria de grande qualidade, em escadas de mármore, no ouro verdadeiro, nas esculturas mais raras do reino, no poder absoluto dos seus hóspedes; mas as semelhanças estão igualmente no fato de que esses dois edifícios são um a raiz e o outro o topo de um sistema vivo circulando entre esses dois polos que o contêm, o comprimem, e são a força em estado puro. Que segurança há nesses tapetes, nesses espelhos e até na intimidade das latrinas do palácio. O ato de cagar de manhãzinha em nenhum outro lugar assume a solene importância que só lhe é conferido quando praticado num banheiro, através de cujos vidros opacos se pode divisar a fachada esculpida, os guardas, as estátuas, o pátio de honra; numa latrina pequena onde o papel de seda é igual a todos mas onde daqui a pouco, de robe de cetim e chinelos cor-de-rosa, despenteada, desempoadada e poeirenta, virá se aliviar pesadamente alguma dama de honra; numa latrina pequena de onde os guardas sólidos não me arranquem com brutalidade, pois cagar nela se torna um ato importante que tem o seu lugar na vida em que o rei me convidou. A prisão me concede a mesma segurança. Nada há de destruí-la. Rajadas de vento, tempestades, falências, nada podem. A prisão permanece segura de si, e vocês no meio dela seguros de si mesmos. Mas a seriedade que presidiu a essas construções, a seriedade que as faz se considerarem elas mesmas com respeito, e uma à outra se medirem de longe e se

entenderem, é por ela, pela sua importância terrestre, que irão perecer. Colocadas sobre a terra e no mundo com maior negligência, talvez soubessem permanecer por muito tempo, mas a sua gravidade me obriga a considerá-las sem piedade. Reconheço que elas têm os seus alicerces dentro de mim, são os sinais das minhas tendências extremas mais violentas, e já o meu espírito corrosivo trabalha para destruí-las. Atirei-me impulsivamente a uma vida miserável que era a real aparência de palácios destruídos, de jardins saqueados, de esplendores mortos. Ela era as suas ruínas, mas quanto mais essas ruínas eram mutiladas, mais aquilo de que elas deviam ser o sinal visível me parecia longínquo, mais enterrado em um passado sagrado, de modo que não sei mais se habitava suntuosas misérias ou se a minha abjeção era magnífica. Enfim, pouco a pouco, essa ideia de humilhação se destacou daquilo que a condicionava, romperam-se as amarras que a prendiam àqueles dourados ideais — justificando-a aos olhos do mundo, aos meus olhos de carne — desculpando-a quase, e ela permaneceu sozinha, de si mesma a única razão de ser, única necessidade e único objetivo de si. Mas foi a imaginação amorosa dos faustos reais, do garoto abandonado, que me permitiu dourar a minha vergonha, cinzelando-a, dela fazendo um trabalho de ourivesaria no sentido habitual do termo, até que, pelo uso talvez e pelo desgaste das palavras que a escondiam, dela se desprendesse a humildade. O meu amor por Stilitano me reensinava tão excepcional disposição. Se através dele eu tinha conhecido alguma nobreza, eis que reencontrava o verdadeiro sentido da minha vida, sentido que só se realizaria fora do mundo de vocês. Conheci naquela época uma dureza e uma lucidez que explicam a minha atitude para com os pobres: a minha miséria era tão grande que me pareceu ser composto de uma massa trabalhada com ela. Ela era a minha própria essência, percorrendo e alimentando o meu corpo tanto quanto a minha alma. Estou escrevendo este livro em um palácio de uma das cidades mais luxuosas do mundo onde sou rico mas não posso ter pena dos pobres: sigo-os. Se me é doce pavonear-me diante deles, deploro, muito precisamente, não poder fazê-lo com maior fausto e insolência.

— Eu teria um carro silencioso e negro, envernizado, no fundo do qual olharia com negligência a miséria. Diante dela eu arrastaria cortejos de mim mesmo suntuosamente vestido para que a miséria me visse passar, para que os pobres que não terei deixado de ser me vissem diminuir a marcha com nobreza em meio ao silêncio de um motor de luxo e em toda a glória terrena que representa, se eu o quiser, a outra.

Com Stilitano eu fui a pobreza sem esperança, conhecendo no mais descarnado país da Europa a fórmula poética mais seca que a noite às vezes enternecia, o meu frêmito inquieto diante da natureza.

Algumas páginas acima eu escrevia: “[...] um campo ao crepúsculo”. Não imaginava então que encobrisse graves perigos, dissimulasse guerreiros que vão me matar ou me torturar, ao contrário, esse campo se tornava tão doce, amoroso e bom que temia não continuar a ser eu mesmo para melhor me fundir naquela bondade. Acontecia-me muitas vezes saltar de um trem de carga e vaguear dentro da noite, cujo lento trabalho eu ficava ouvindo; agachava-me na grama, ou não ousava fazê-lo e ficava em pé, imóvel no meio de uma campina. Supunha o campo às vezes teatro de uma notícia de jornal onde eu colocava aqueles heróis que, com maior eficácia, irão simbolizar até a morte o meu verdadeiro drama: entre dois salgueiros isolados um jovem assassino que, com a mão no bolso, aponta um revólver e atira nas costas de um agricultor. A participação imaginária numa aventura humana dava aos vegetais tanta receptiva doçura? Eu os entendia. Não raspava mais aqueles pelinhos que não agradavam a Salvador, e tomava cada vez mais a aparência musgosa de uma haste.

Salvador não me disse mais nenhuma palavra a respeito de Stilitano. Ficava ainda mais feio e no entanto concedia prazer a outros mendigos, ao acaso de uma viela ou de um catre.

— É preciso ser vicioso para fazer amor com aquele cara — disse-me um dia Stilitano a propósito de Salvador.

Admirável vício, doce e bondoso, que permite amar aqueles que são feios, sujos e desfigurados!

— Você ainda pega rapazes?

— Vou indo bem — disse ele mostrando os dentes raros e pretos. — Alguns dão um resto de sacola ou de marmita. — Com uma regularidade fiel ele sempre executava a sua função simples. A sua mendicância era estagnante. Tornara-se um lago imóvel, transparente, jamais turvado pelo sopro, e esse pobre vergonhoso era a imagem perfeita do que eu quisera ser. É quando talvez encontrando minha mãe, e fosse ela mais humilde do que eu, com ela teríamos prosseguido a ascensão — ainda que a linguagem pareça querer a palavra degradação ou qualquer outra que indique um movimento para baixo — a ascensão, digo, difícil, dolorosa, que leva à humilhação. Com ela eu teria levado a efeito essa aventura, tê-la-ia escrito a fim de magnificar os termos — gestos ou vocábulos — mais abjetos graças ao amor.

Voltei para a França. Sem dificuldades atravessei a fronteira, mas após alguns quilômetros no campo francês fui preso por uns guardas. Os meus farrapos eram

por demais espanhóis.

— Documentos!

Mostrei os pedaços de papéis rasgados e sujos de tanto terem sido dobrados e abertos.

— E o carnê?

— Que carnê?

Eu ficava conhecendo a existência do humilhante carnê antropométrico. É entregue a todos os vagabundos. Em cada gendarmaria um visto lhe é aplicado. Fui preso.

Após numerosas passagens pelas prisões, o ladrão deixou a França. Percorreu primeiro a Itália. As razões que o levaram para lá eram obscuras. Talvez fosse a vizinhança da fronteira. Roma. Nápoles. Brindes. A Albânia. A bordo do *Rodi*, que me desembarcou em Santi-Quaranta, furto uma mala. Em Corfu, as autoridades do porto me recusam o visto de permanência. No barco que aluguei para me trazer, eles me obrigam a passar a noite antes de voltar. Depois é a Sérvia. Em seguida a Áustria. A Checoslováquia. A Polônia, onde tento passar *zlotys* falsos. É por toda a parte o roubo, a prisão, e de cada um desses países a expulsão. Atravesso fronteiras de noite, outonos desesperadores em que todos os rapazes são pesados e cansados, e primaveras em que de repente, quando a noite cai, eles saem de não sei que refúgio onde se preparavam para pulular pelas vielas, sobre os cais, as fortificações, os jardins públicos, os cinemas e os quartéis. Enfim, é a Alemanha de Hitler. Depois a Bélgica. Em Antuérpia tornei a encontrar Stilitano.

Brno — ou Brunn — é uma cidade da Checoslováquia. Cheguei lá a pé, sob a chuva, depois de atravessar a fronteira austríaca em Retz. Os pequenos roubos que fiz nas lojas me permitiram viver alguns dias. Mas eu não tinha amigos, perdido em meio a um povo nervoso. Teria desejado entretanto descansar um pouco de uma viagem turbulenta através da Sérvia e da Áustria, de uma fuga diante da polícia desses países e diante de certos cúmplices encarniçados na minha perda. A cidade de Brno é sombria, molhada, esmagada pela fumaça das fábricas e pela cor das pedras. A minha alma ali se teria estirado, amolecido, como num quarto cujas persianas foram fechadas, se por alguns dias ao menos tivesse podido não me preocupar com dinheiro. Falavam-se em Brno o alemão e o checo. Bandos rivais de jovens cantores se guerreavam na cidade quando fui acolhido por um deles, que cantava em alemão. Éramos seis. Eu passava a

bandeja e controlava o dinheiro. Três dos meus camaradas tocavam guitarra, outro acordeão, o quinto cantava. Foi em pé, encostado a um muro, num dia de neblina, que vi o grupo dando um concerto. Um dos guitarristas tinha cerca de vinte anos. Era louro, vestia uma camisa xadrez e uma calça de veludo cotelê. A beleza é rara em Brno, aquele rosto me seduziu. Fiquei muito tempo a olhá-lo e surpreendi o sorriso cúmplice que ele trocava com um homem gordo e rosado, vestido de modo severo e que tinha na mão uma pasta de couro. Quando me afastei deles perguntava a mim mesmo se os rapazes haviam compreendido que o seu colega se dedicava aos ricos pederastas da cidade. Afastei-me, mas dei um jeito de encontrar-me novamente com eles várias vezes, em diferentes encruzilhadas. Nenhum deles era de Brno, com exceção daquele que se tornou meu amigo e que se chamava Michaelis Andritch. Os seus gestos eram graciosos sem ser efeminados. Enquanto permaneceu comigo nunca se preocupou com as mulheres. Eu tinha a surpresa de ver pela primeira vez um pederasta de modos viris, até mesmo um pouco brutos. Ele era o aristocrata do grupo. Todos dormiam num porão, onde também cozinhavam. Das poucas semanas que passei com eles só poderia contar raros fatos sem importância com exceção do meu amor a Michaelis, com quem eu falava em italiano. Ele me fez conhecer o industrial. Este era rosado e gordo, mas não parecia pesar sobre a terra. Eu tinha certeza de que Michaelis não sentia nenhuma afeição por ele, contudo lhe lembrei que o roubo devia ser mais belo que a prostituição.

— *Ma, sono l'uomo* — dizia-me com arrogância. Eu duvidava, mas fingia acreditar nele. Contei-lhe alguns roubos e que eu conhecera a prisão: ele me admirou. Em poucos dias, ajudado pela qualidade das minhas roupas, adquiri prestígio aos seus olhos. Realizamos alguns roubos e me tornei seu mestre.

Terei muita vaidade em dizer que fui um ladrão habilidoso. Nunca fui apanhado no ato, em “flagrante”. Mas é pouco importante que eu saiba roubar admiravelmente em meu proveito terreno: o que procurei principalmente foi ser a consciência do roubo cujo poema escrevo, isto é: recusando enumerar as minhas façanhas, mostro o que lhes devo na ordem moral, o que a partir deles construo, o que obscuramente procuram talvez os ladrões mais simples, o que eles mesmos poderiam conseguir.

“Uma grande vaidade...”: a minha extrema discrição.

Este livro, *Diário de um ladrão*: busca da Impossível Nulidade.

Tomamos a súbita decisão de partir, depois de roubar o burguês. Devíamos ir

para a Polônia, onde Michaelis conhecia alguns falsários. Passaríamos *zlotys* falsos.

Ainda que eu não esquecesse Stilitano, o outro tomava o lugar dele em meu coração e de encontro ao meu corpo. O que ficava do primeiro mais parecia uma espécie de influência que dava ao meu sorriso, esbarrando contra a lembrança do sorriso dele, um pouco de crueldade e de rigor aos meus gestos. Eu fora o amado de tão bela ave de rapina, sagração da mais alta espécie, que em relação a um guitarrista gracioso eu podia exibir certas insolências, embora ele poucas permitisse, pois o seu olho era muito aberto. Não ousa traçar-lhe o retrato, vocês iriam ler nele as qualidades que encontro em todos os meus amigos. (Pretextos à minha irisação — depois à minha transparência —, à minha ausência enfim — esses rapazes de que falo se evaporam. Só fica deles o que de mim fica: existo apenas por meio deles que não são nada, só existindo por mim. Eles me esclarecem, mas eu sou a zona de interferência. Os rapazes: a minha Guarda crepuscular.) Aquele talvez tivesse um pouco mais de gentil malícia, e para defini-lo melhor sou tentado a usar, tanto ele vibrava com graça, a expressão antiquada:

— Era um bom violino.

Cruzamos a fronteira com pouco dinheiro, pois o velho desconfiara, e chegamos a Katowice. Lá encontramos os amigos de Michaelis, mas no segundo dia a polícia nos prendeu por tráfico de dinheiro falso. Ficamos na prisão, ele três meses e eu dois. É aqui que tem lugar um acontecimento que diz respeito à minha vida moral. Eu gostava de Michaelis. Passar a bandeja enquanto os rapazes cantavam não era humilhante. A Europa central está acostumada com esses grupos de rapazes, e todos os nossos gestos eram inocentados pela juventude e a alegria. Eu podia sem vergonha gostar de Michaelis com ternura e dizer-lhe isso. Enfim tínhamos secretamente as nossas horas luxuosas, de noite, na casa do amante dele. Em Katowice permanecemos, antes de sermos presos e de passar um mês juntos na polícia. Ficávamos cada qual numa cela, mas de manhã, antes da abertura dos escritórios, dois policiais nos vinham buscar para esvaziarmos as latrinas e lavarmos os ladrilhos. O único momento em que nos podíamos ver era sob o signo da vergonha, pois os policiais se vingavam da elegância do francês e do checo. De manhãzinha eles nos acordavam para esvaziar a latrina. Descíamos cinco andares. A escada era íngreme. A cada degrau uma pequena onda de urina molhava a minha mão e a de Michaelis, a quem os policiais me obrigavam a chamar de Andritch. Teríamos desejado sorrir a fim de dar alguma leveza humorística àqueles instantes, mas o mau cheiro nos fazia apertar as narinas e o cansaço crispava os nossos rostos. Enfim a dificuldade que tínhamos em usar o italiano não nos favorecia. Gravemente, com

uma solene lentidão, com prudência, descíamos aquele imenso penico de metal onde por toda uma noite policiais taludos se tinham aliviado de uma matéria e de um líquido então quentes, naquela manhã esfriados. Nós o despejávamos nas fossas do pátio e subíamos com ele vazio. Evitávamos olhar um para o outro. Se tivesse conhecido Andritch na vergonha e se não lhe tivesse dado de mim uma radiosa imagem, será que eu poderia ter permanecido calmo carregando com ele a merda dos carcereiros, mas para tirá-lo da humilhação eu me havia enrijecido até me tornar uma espécie de sinal hierático, um canto para ele soberbo, capaz de levantar os humildes: um herói. Esvaziada a latrina, os policiais nos jogavam um pano e lavávamos o chão. Ajoelhados diante deles nós nos arrastávamos para esfregar os ladrilhos e enxaguá-los. Eles nos batiam com o calcanhar das botas. Michaelis devia entender a minha pena. Não sabendo ler nem nos olhares nem nos modos, eu não tinha certeza de que ele me perdoasse a minha decadência. Tive a ideia de me revoltar uma manhã e de entornar a latrina nos pés dos tiras, mas como a imaginação me representasse o que seria a vingança daqueles boçais — eles vão me arrastar na urina e na merda, pensei, vão me obrigar, na raiva de todos os seus músculos, em seu frêmito, a lambê-la — decidi que aquela situação era excepcional, que me era concedida porque nenhuma outra me teria tão bem realizado.

— Decididamente esta situação é rara — disse para mim mesmo —, é excepcional. Frente ao ser que adoro e aos olhos de quem apareci como um anjo, eis que sou derrubado, que o meu rosto varre o chão, que me viro como uma luva e mostro exatamente o inverso de quem eu era. Por que não haveria de ser igualmente esse “inverso”? O amor que Michaelis tinha por mim — ou melhor, a sua admiração — só sendo possível antigamente, viverei sem esse amor.

Pensando nisso o meu rosto se endureceu. Eu não sabia penetrar no mundo de onde toda a ternura está excluída, pois é o dos sentimentos que se opõem à nobreza, à beleza. Corresponde no mundo físico ao mundo da abjeção. Sem parecer ignorar essa situação Michaelis a suportava tranquilamente. Gracejava com os guardas, sorria muito, o seu rosto chispava de inocência. A sua gentileza em relação a mim me irritava. Ele quis me poupar os trabalhos penosos, mas lhe respondi com rudeza.

Para me afastar mais ainda dele eu precisava de um pretexto. Não esperei quase. Uma manhã ele se abaixou para apanhar o lápis que um dos policiais acabava de soltar. Na escada eu o insultei. Respondeu-me que não estava entendendo. Quis me acalmar mostrando-se mais afetuoso, mas me irritou.

— Você não passa de um covarde — disse-lhe. — Um sujo. Os tiras ainda o poupam demais. Um dia você ainda vai lamber as botas deles de verdade! Talvez eles o visitem na sua cela!

Odiava-o por ser testemunha da minha decadência, depois que ele vira como eu podia ser um Libertador. O meu terno desbotara, estava sujo, de barba crescida, os meus cabelos estavam hirsutos: eu estava enfeando e retomava aquele aspecto de vagabundo que desagradava a Michaelis por ser naturalmente o dele. Eu me afundava na vergonha. Não mais amava o meu amigo. Ao contrário, àquele amor — o primeiro que experimentei que fosse protetor — sucedeu uma espécie de ódio malsão, impuro, porque ainda encerrava alguns filamentos de ternura. Mas se tivesse estado sozinho, sei que teria adorado os policiais. Assim que me vi trancado em minha cela, era com a força deles que sonhava, com a amizade deles, com uma cumplicidade possível entre eles e eu, em que, trocando as nossas virtudes mútuas, eles se teriam revelado como vadios e eu como traidor.

— É tarde demais — dizia ainda para mim mesmo. — Era quando estava bem-vestido, quando ainda tinha um relógio e sapatos engraxados que eu podia pretender a igualdade com eles, agora é tarde demais, sou um pobre coitado.

Aparecia-me como definitivamente fixado que eu tivesse de permanecer na vergonha, ainda que uma tentativa feliz durante alguns meses me tivesse recolocado no mundo. Decidi viver de cabeça baixa e continuar o meu destino para dentro da noite, contrariamente a vocês, e de explorar o inverso de suas belezas.

O espírito de numerosos literatos muitas vezes apoiou-se na ideia de bandos. O país, disseram a respeito da França, estava infestado deles. Imaginam-se então bandidos rudes e unidos pela vontade de saquear, pela crueldade e o ódio. Seria possível? Parece pouco provável que homens como aqueles pudessem organizar-se. A liga que constituiu os bandos, receio que ela não passasse de avidez, embora dissimulada sob a raiva, sob a reivindicação mais justa. Quem se dá pretextos tais, justificações, chega logo a elaborar uma moral sumária a partir desses pretextos. Com exceção das crianças, não é nunca o Mal, um encarniçamento no contrário da moral de vocês, que une os fora da lei e forma os bandos. Nas prisões, cada criminoso pode sonhar com uma organização bem-feita, fechada, mas forte, que seria um refúgio contra o mundo e a sua moral: não passa de sonho. A prisão é aquela fortaleza, a caverna ideal, o valhacouto de bandidos onde as forças do mundo vão arrebentar. Mal fica em contato com elas, é às leis banais que o criminoso obedece. Se hoje em dia se fala na imprensa de bandos formados por desertores americanos e vadios franceses, não se trata de organização, mas de acidentais e rápidas colaborações entre três ou quatro homens quando muito.

Quando ele saiu da prisão em Katowice voltei a ver Michaelis. Havia um mês que eu estava livre. Vivendo de pequenos furtos nas aldeias da região, eu dormia

num parque público que ficava um pouco fora da cidade. Estávamos no verão. Outros vadios também vinham dormir nos gramados, abrigados pela sombra e pelos ramos baixos dos cedros. De madrugada, surgia de um canteiro de flores um ladrão, um jovem mendigo bocejava à luz do sol nascente, outros se catavam os piolhos nos degraus de um pseudotemplo grego. Eu não falava com ninguém. Sozinho, andava alguns quilômetros, entrava numa igreja e roubava o dinheiro da caixa de esmolas com uma varinha molhada de cola. De noite, sempre a pé, voltava para o parque. Esse pátio dos Milagres era claro. Todos os seus hóspedes eram moços. Ao passo que na Espanha eles se juntavam e se informavam mutuamente sobre os lugares de abundância, aqui cada mendigo, cada ladrão, ignorava os outros. Por uma porta secreta, ele parecia ter entrado no parque. Silenciosamente deslizava ao lado dos canteiros ou dos bosques. Só o assinalavam a luz de um cigarro ou um pé furtivo. De manhã o seu rastro estava apagado. Ora, tanta extravagância me tornou mais alado. Agachado em meu canto de sombra, espantava-me de estar sob o céu estrelado que fora olhado por Alexandre e César, quando eu não passava de um mendigo e de um ladrão preguiçoso. Havia atravessado a Europa pelos meus próprios meios que são o avesso dos meios gloriosos, mas eu me escrevia uma secreta história, com detalhes tão preciosos quanto a história dos grandes conquistadores. Era preciso, pois, que tais detalhes me compusessem o mais estranho, o mais raro dos personagens. Seguindo a minha linha eu continuava conhecendo as infelicidades mais apagadas. Talvez me faltassem as minhas roupas de bicha despudorada que sinto não ter carregado, nas minhas malas ou sob o meu traje secular. Era com esses filós com *pailletés* e rasgados que secretamente sonhava assim que transpunha o muro do parque.

Sob um xale de gaze adivinho a translúcida palidez de um ombro nu: é a pureza da manhã, quando as Carolinas de Barcelona, em cortejo, iam levar flores ao mictório.^[16] A cidade acordava. Os operários estavam indo para o trabalho. Diante de cada porta, na calçada, baldes d'água eram despejados. Cobertas de ridículo, as Carolinas estavam protegidas. Riso nenhum podia feri-las, a imundície dos seus trajes sendo testemunha da sua miséria. O sol poupava essa grinalda emitindo a sua própria luminosidade. Todas estavam mortas. O que delas víamos passeando na rua eram Sombras separadas do mundo. As bichas são um povo pálido e colorido que vegeta na consciência das pessoas. Elas nunca terão direito ao dia claro, ao sol verdadeiro. Mas afastadas nesses limbos provocam os mais curiosos desastres anunciadores de belezas novas. Uma delas, a Grande Teresa, esperava os fregueses nos mictórios públicos. Ao crepúsculo, num mictório do tipo circular, perto do porto, ela trazia uma cadeirinha de dobrar, sentava e fazia tricô, crochê. Interrompia o trabalho para comer um

sanduíche. Estava em casa.

Outra, a srta. Dora — Dora exclamava em voz aguda:

— Elas são tão ruins... os homens!

Desse grito que lembro nasce uma breve mas profunda meditação sobre o desespero delas que foi o meu. Tendo fugido — por quanto tempo! — da abjeção, quero voltar para ela. Que pelo menos a minha permanência no mundo de vocês me permita escrever um livro para as Carolinas.

Eu era casto. Os meus trajes me preservavam, e eu esperava pelo sono numa pose artística. Desprendia-me um pouco mais do chão. Sobrevoava-o. Tinha certeza de poder percorrê-lo com a mesma desenvoltura, e os meus roubos nas igrejas me tornavam ainda mais leve. Michaelis de volta me tornou um pouco mais pesado, pois, se ele me ajudava a roubar, sorria quase sempre, com um sorriso conhecido.

Eu me maravilhava com esses mistérios noturnos e que até mesmo de dia a terra fosse tenebrosa. Conhecendo quase tudo da miséria e que ela é purulenta, aqui eu a via projetar sob a lua, recortar-se em sombras chinesas na sombra das folhas. Ela não era mais profunda, não passava de uma silhueta que eu tinha o perigoso privilégio de atravessar com a minha espessura de sofrimento e de sangue. Aprendi que até mesmo as flores são negras durante a noite, quando quis colher algumas para colocá-las nos altares cujas caixas de esmolas eu roubava todas as manhãs. Com esses ramos de flores, não buscava me tornar propício um santo nem a Virgem Maria, ao meu corpo, aos meus braços eu queria dar a oportunidade de atitudes de uma convencional beleza, capazes de me integrar no mundo de vocês.

É possível que se admirem que eu descreva tão reduzido número de personagens pitorescos. Carregado de amor, o meu olhar não repara e não reparava então nos aspectos estranhos que fazem considerar os indivíduos como objetos. Para todo comportamento, o mais estranho em aparência, eu conhecia logo, sem pensar, uma justificação. Os gestos ou atitudes mais insólitos me pareciam corresponder a uma necessidade interior: eu não sabia, ainda não sei zombar. Cada reflexão ouvida me parece exata, mesmo a mais estapafúrdia. Terei atravessado, pois, as penitenciárias, as prisões, conhecido os locais suspeitos, os bares, as estradas, sem me espantar. Quando penso nisso, em minha memória não encontro nenhum daqueles personagens que um olhar diferente do meu, mais divertido, teria alfinetado. Este livro vai decepcionar, eu sei. Para lhe quebrar a monotonia, vou tentar contar algumas historietas, lembrar algumas palavras.

No tribunal. O juiz: — Por que roubou aquele cobre?
O detento: — É a miséria, meritíssimo.
O juiz: — Isso não é desculpa.

— Andei pela Europa toda — disse-me Stilitano. — Estive até na Grécia.
— Gostou?
— Bastante. Mas o país está parcialmente destruído.

Macho bonito, Michaelis me confessa que sentia mais orgulho dos olhares admiradores que os homens lhe dedicam que dos das mulheres.

— Eu fico mais besta.
— Mas você não gosta de homens.
— Não faz mal. Fico feliz quando os vejo babando de inveja diante da minha bela estampa. É por isso que sou bonzinho com eles.

Ao ser perseguido na rua des Couronnes, o pavor que me causavam os inspetores me era comunicado pelo barulho terrível das suas capas de borracha. Todas as vezes que volto a ouvi-lo, o meu coração se aperta.

Quando fui preso daquela vez pelo roubo de documentos relativos à IV Internacional, conheci B. Ele podia ter 22 ou 23 anos. Temia ser desterrado. Enquanto esperávamos o momento de passar na antropometria, ele veio colocar-se a meu lado.

— Eu também — disse eu — posso ser desterrado.
— Verdade? Fique aqui comigo, pode ser que “eles” nos coloquem na mesma celinha. (O detento dá um diminutivo gentil à sua cela.) Vamos dar um jeito de sermos felizes se formos desterrados.

Quando voltamos da identificação, ele me fez esta confidência:

— Conheci um sujeito de vinte anos que me pediu um dia que arranjasse um cara para ele.

E na mesma noite confessou-me:

— Tava dizendo besteiras. Quem tinha vontade de um cara era eu.
— Aqui você vai encontrar — disse-lhe eu.
— É por causa disso que não estou muito preocupado.
B. não foi desterrado. Reencontrei-o em Montparnasse. Apresentou-me um amigo, um padre, com quem, de noite, andava pelos mictórios.
— Por que você não se livra desse seu padre?

— Não sei. Ele é muito simpático.

Quando o encontro, B. fala muito nele. Ele diz “o meu padre” com uma certa ternura. O padre, que o adora, prometeu empregá-lo como fabriqueiro em sua paróquia.

Sem desconfiar do que estavam destruindo, os policiais rasgaram dez ou 12 desenhos descobertos comigo. Sem que o adivinhassem, esses arabescos representavam os ferros, frente e verso, de antigas encadernações. Quando A., G. e eu planejamos assaltar o museu de C., fui encarregado de conhecer a topografia e o saque possível. Esse roubo, feito por outros, é porém recente demais para que lhe possa descrever os detalhes. Não sabendo como justificar as minhas numerosas visitas, tive a ideia, ao ouvir elogiar os livros antigos trancados em certas vitrines, de pedir que me deixassem copiar, de modo sumário e rápido, as encadernações. Durante vários dias, voltei ao museu e fiquei horas sentado diante dos livros, desenhando como podia. De volta a Paris, informei-me sobre o valor das obras; com espanto fiquei sabendo que valiam muito dinheiro. Nunca antes eu teria pensado que livros poderiam justificar um assalto. Não roubamos aqueles livros, mas foi isso que me deu a ideia de frequentar as livrarias. Inventei uma pasta de fundo falso e me tornei tão habilidoso nesses roubos que me dava ao luxo de sempre executá-los sob as vistas do livreiro.

De Java, Stilitano tinha o andar pesado, um pouco balançado, cortando o vento, e se ele se levanta para sair, se Java se movimenta, sinto aquela emoção que experimento quando sob os meus olhos passa, arranca em silêncio e com suavidade um carro de grande luxo. O segundo talvez tivesse no músculo das nádegas maior sensibilidade. A sua garupa ondulava mais. Mas, tal como ele, Java traía com alegria. Tal como ele, gostava de humilhar as mulheres.

— Mas é uma suja, palavra — disse-me. — Sabe o que foi que ela acabou de me dizer? Você não vai adivinhar nunca. Disse que não pode vir hoje à noite porque vai se encontrar com um velho, e que os velhos pagam mais. É uma suja! Mas ela vai ver o que é bom, isso vai!

Em seu nervosismo quebra o cigarro que estava tirando do maço. Resmunga.

Sobre ele: nos punhos a marca da roupa do escafandrista. E o decote da camiseta por onde passam os dois braços. Cada um deles tem o vigor e a elegante individualidade de um marujo indolente e obsceno.

Sob a axila, vi a letra A tatuada.

— O que é?

— Grupo sanguíneo. Quando eu era Waffen S.S.. Todos nós éramos tatuados. Sem olhar para mim, acrescenta:

— Nunca terei vergonha da minha letra. Ninguém poderá fazê-la desaparecer. Eu mataria para a conservar.

— Você se orgulha de ter sido S.S.?

— Sim.

O rosto dele se parece estranhamente com o de Marc Aubert. A mesma beleza fria. Ele fecha o braço, levanta-se e ajeita as roupas. Limpa os cabelos dos pedacinhos de musgo e de casca de árvore. Depois de pular o muro andamos silenciosamente entre as pedrinhas. Na multidão ele me olha com um pouco de tristeza e de malícia misturadas.

— Podem dizer de nós que Hitler nos enrabou, estou pouco ligando.

E logo cai na gargalhada. Com os seus olhos azuis protegidos por uma pele de sol, atravessa a multidão, o ar, o vento, com tal pompa que sou eu que carrego a vergonha dele.

Depois de ter conhecido Erik, de ter gostado dele, e de o ter perdido, eis que encontro...^[17]. Ambos terão conhecido a alegria terrível de pertencer ao Exército maldito. Ex-guarda-costas de um general alemão, ele é gentil. Fez um estágio de algumas semanas em um campo onde lhe ensinaram a usar o punhal, a estar sempre alerta, a aceitar ser morto para proteger o oficial. Conheceu as neves da Rússia, saqueou os países atravessados: a Checoslováquia, a Polônia e até mesmo a Alemanha. Das riquezas nada guardou. A corte de justiça o condenou a dois anos de prisão que ele acabou de cumprir agora. Fala-me às vezes daquela época, e a lembrança que transborda sobre as outras é a sua alegria profunda quando ele via o medo aumentar a pupila daquele a quem ia matar. Na rua ele se exhibe: só anda no meio do asfalto. De noite a uns ele oferece amor, a outros porrada.

O assassinato não é o meio mais eficaz de ir ao encontro do mundo subterrâneo da abjeção. Ao contrário, o sangue derramado, o perigo constante em que estará o seu corpo que pode um dia qualquer ser decapitado (o assassino recua, mas o seu recuo é ascendente) e a atração que ele exerce pois lhe supõem, por tão bem opor-se às leis da vida, os atributos mais facilmente imaginados da maior força, impedem que esse criminoso seja desprezado. Outros crimes são mais aviltantes: o roubo, a mendicância, a traição, o abuso de confiança etc., são estes os que escolhi cometer, ao passo que sempre permaneci habitado pela ideia de um crime que, irremediavelmente, me separaria do mundo de vocês.

Como não demorei a fazer fortuna na Polônia, a minha elegância era acintosa; se os poloneses nunca suspeitaram de mim, o cônsul da França, não se enganando, pediu que eu deixasse o consulado imediatamente, Katowice dentro de 48 horas e até a Polônia o mais cedo possível. Com Michaelis decidimos voltar para a Checoslováquia, mas aos dois o visto de entrada foi recusado. Alugamos um carro com motorista para nos levar à fronteira por uma estrada de montanha. Eu tinha um revólver.

— Se o motorista se recusar a nos levar, nós o matamos e continuamos com o carro.

Sentado atrás, com uma das mãos sobre a arma e a outra na mão de Michaelis, mais forte do que eu mas igualmente mais moço, eu teria atirado com alegria nas costas do motorista. Michaelis devia pular ao volante quando o motorista parou exatamente diante de um posto de fronteira que não tínhamos visto. O crime me era recusado. Acompanhados por dois guardas voltamos para Katowice. Era de noite.

“Se encontrarem o revólver no meu bolso”, pensei, “seremos presos, quem sabe até condenados”.

A escada que levava ao escritório do chefe de polícia era escura. Ao subi-la, tive a ideia repentina de colocar a minha arma num degrau. Fingi um tropeço, abaixei-me e coloquei a arma em um ângulo, perto da parede. Durante o interrogatório (por que queria eu ir à Checoslováquia? O que eu estava fazendo aqui?), tremia à ideia de que a minha astúcia fosse descoberta. Naquele momento conhecia a alegria inquieta, tão frágil como pólen sobre uma flor de aveleira, a alegria matinal e dourada do assassino que foge. Pelo menos, se eu não pudera cometer o crime, encontrava-me suavemente banhado pelas franjas da sua aurora.

Michaelis me amava. A posição dolorosa em que me conheceu transformou talvez esse amor em uma espécie de piedade. As mitologias falam de numerosos heróis que se transformam em criadas. Talvez obscuramente ele receasse que em minha posição curvada, larval, eu elaborasse um sábio trabalho e que a minha metamorfose se realizasse, elevando-me provido de asas repentinas, como o cervo a que milagrosamente Deus concede escapar aos cães que o cercam, diante dos meus guardas fulminados pela minha glória. O simples começo de execução do crime bastou, e Michaelis me olhou com os olhos de antigamente, mas eu já não o amava. Se narro a minha aventura com ele é para que vejam que uma fatalidade me incitava a corromper as minhas atitudes, seja porque o meu herói se desmoronasse, seja porque eu mesmo me mostrasse feito de miserável lama. Java não será exceção. Reconheço agora que a sua dureza não passa de aparência, não porque a revista, mas por ser feita da mais mole gelatina.

Falar do meu trabalho de escritor seria um pleonasmo. O tédio dos meus dias de prisão fez com que eu me refugiasse em minha vida de antigamente, vagabunda, austera ou miserável. Mais tarde, e livre, voltei a escrever para ganhar dinheiro. A ideia de uma obra literária me faria encolher os ombros. Todavia, se examino o que tenho escrito, percebo hoje, pacientemente procurada, uma vontade de reabilitação dos seres, dos objetos, dos sentimentos reputados vis. Tê-los nomeado com palavras que habitualmente designam a nobreza talvez fosse infantil, fácil: eu ia depressa. Utilizava o meio mais rápido, mas não o teria feito se, dentro de mim, esses objetos, esses sentimentos (a traição, o roubo, a covardia, o medo) não tivessem chamado o qualificativo reservado habitualmente e por vocês aos seus contrários. Na hora, no momento em que escrevia, talvez eu desejasse engrandecer sentimentos, atitudes ou objetos que um rapaz magnífico, diante de cuja beleza eu me curvava, honrava, mas hoje, quando me releio, esqueci aqueles rapazes, só ficou deles aquele atributo que cantei, e é ele que irá resplandecer em meus livros com um brilho igual ao orgulho, ao heroísmo, à audácia. Não tentei procurar desculpas para eles. Nem justificações. Quis que eles tivessem direito às honras do Nome. Tal operação para mim não terá sido em vão. Já posso sentir a sua eficácia. Ao embelezar o que vocês desprezam, eis que o meu espírito, cansado do jogo que consiste em nomear com um nome prestigioso o que transtornou o meu coração, recusa qualquer qualificativo. Os seres e as coisas, sem confundi-los, ele os aceita todos em sua idêntica nudez. Depois ele se recusa a vesti-los. E assim não quero mais escrever, morro para a Palavra. Todavia, faz alguns dias que os jornais me informam que o mundo está inquieto. Fala-se novamente em guerra. À medida que a intranquilidade aumenta, que se precisam os preparativos (não mais as declarações sonoras dos estadistas mas a ameaçadora exatidão dos técnicos) conheço uma paz estranha. Entro em mim mesmo. Preparo dentro de mim um lugar delicioso e feroz de onde ficarei olhando, sem receio, o furor dos homens. Espero o barulho do canhão, as trombetas da morte, para dispor uma bolha de silêncio sempre recriada. Eu ainda os afastarei pelas camadas múltiplas, e cada vez mais espessas, das minhas aventuras de outrora, mastigadas, remastigadas, babadas em volta de mim, desfiadas e enroladas como a seda do casulo. Trabalharei para conceber a minha solidão e a minha imortalidade, para vivê-las, se um desejo idiota de sacrifício não me fizer sair delas.

A minha solidão na prisão era total. Ela o é menos agora que falo dela. Antes eu estava sozinho. De noite eu me deixava descer numa correnteza de abandono. O mundo era uma torrente, um rápido de forças unidas para me levar para o mar,

para a morte. Tinha a alegria amarga de me saber só. Tenho a nostalgia daquele barulho: na cela quando eu sonhava e o meu espírito vagueava, acima de mim um detento de repente se levanta e anda de um lado para o outro, com um passo sempre igual. O meu sonho também continua vago, mas aquele barulho (como em primeiro plano por causa da sua nitidez) me lembra que o corpo que o sonha, aquele de onde ele escapa, está numa prisão, prisioneiro de um passo nítido, repentino, regular. Eu queria ser os meus velhos camaradas de miséria, os filhos da infelicidade. Invejo a glória que eles segregam e que utilizo com fins menos puros. O talento é a polidez em relação à matéria, consiste em dar um canto ao que estava mudo. O meu talento será o amor que sinto pelo que compõe o mundo das prisões e dos campos de trabalhos forçados. Não que eu queira transformá-los, trazê-los para a vida de vocês, ou que lhes conceda a indulgência e a piedade: reconheço aos ladrões, aos traidores, aos assassinos, aos malvados, aos velhacos uma beleza profunda — uma beleza oca — que recuso a vocês. Soclay, Pilorge, Weidmann, Serge de Lenz, Senhores da Polícia, delatores sonsos, vocês me aparecem às vezes como enfeitados de trajes fúnebres e de azeviche, de tão belos crimes que, de uns, invejo o medo mitológico que inspiram, de outros os seus suplícios, de todos a infâmia em que finalmente se confundem. Se olho para trás, só vejo uma série de ações melancólicas. Os meus livros as relatam. Eles as enfeitaram com qualidades graças às quais me lembro delas com alegria. Fui aquele miseravelzinho, pois, que só conheceu a fome, a humilhação do corpo, a pobreza, o medo, a baixeza. De tantas atitudes carrancudas, tirei razões de glória.

“Eu sou isso, é claro”, pensava, “mas pelo menos tenho consciência de sê-lo, e tanta consciência destrói a vergonha e me concede um sentimento que pouco se conhece: o orgulho. Vocês que me desprezam não são feitos de outra coisa senão uma sucessão de idênticas misérias, mas disso vocês nunca terão consciência, e por ela o orgulho, isto é, o conhecimento de uma força que lhes permite enfrentar a miséria — não a miséria de vocês, mas aquela de que a humanidade é composta”.

Serão alguns livros e alguns poemas capazes de lhes provar a utilização que fiz das minhas desgraças, que estas eram necessárias à minha beleza? Escrevi demais, estou cansado. Tive tanta dificuldade para fazer tão mal o que tão depressa fazem os meus heróis.

Quando o medo dobrava Java, ele era bonito. Graças a ele o medo tinha nobreza. Era restituído à dignidade de movimento natural, sem outra significação que a de temor orgânico, apavoramento das vísceras diante da imagem da morte ou da dor. Java tremia. Eu via uma diarreia amarela escorrer ao longo das suas coxas monumentais. Sobre o seu rosto admirável, beijado com tanta ternura ou

com tanta avidez, o terror passeava, derrubando-lhe as feições. Esse cataclismo era louco por ousar desarrumar tão nobres proporções, tão exaltantes e tão harmoniosas relações, e essas proporções, essas relações estavam na origem da crise, por ela eram responsáveis, tão belos eram que chegavam a ser sua expressão, pois o que chamo Java era ao mesmo tempo dono do seu corpo e responsável pelo seu medo. O medo dele era bonito de ver. Tudo o indicava: os cabelos, os músculos, os olhos, os dentes, o sexo e a graça viril daquela criança.

Depois disso, ele enobreceu a vergonha. Carregou-a diante de mim como um fardo, como um tigre agarrado aos seus ombros mas cuja ameaça dava aos seus gestos uma insolente submissão! Uma delicada e deliciosa humildade veio depois suavizar o seu comportamento. O seu vigor másculo, a sua aspereza são velados como o seriam os raios do sol com um crepe. Eu sentia, ao vê-lo lutar, que ele recusava o combate. Talvez temesse ser o menos forte ou que o outro rapaz machucasse a sua cara, mas eu o via tomado de terror. Ele se enroscava e queria dormir para acordar na Índia ou em Java, ou ser preso pela polícia e condenado à morte. Ele é covarde, pois. Mas por ele sei que o medo e a covardia podem se expressar pelas mais adoráveis caretas.

— Não vou te machucar mais — disse o rapaz com desprezo.

Java não reagiu. Aceitou o insulto. Levantou-se da poeira, apanhou a sua boina e partiu sem limpar os joelhos. Ainda conservava a sua beleza.

Marc Aubert me ensinou que a traição se desenvolve em um corpo admirável. Poder-se-ia, pois, decifrá-la com toda a clareza se estivesse codificada em todos os signos que formavam ao mesmo tempo o traidor e a traição. Ela era significada por cabelos louros, olhos claros, uma pele dourada, um sorriso carinhoso, por um pescoço, um dorso, braços, pernas, um sexo pelos quais eu teria dado a minha vida e acumulado as traições.

— É preciso — dizia de mim para mim — que esses heróis tenham chegado a uma perfeição tal que eu não deseje mais vê-los viver, a fim de que se realizem através de um destino audacioso. Se atingiram a perfeição, eis que estão à beira da morte e não mais temem o julgamento dos homens. Nada pode alterar o seu espantoso êxito. Concedam-me eles então o que se recusa aos miseráveis.

Quase sempre só, mas ajudado por um companheiro ideal, atravessei outras fronteiras. A minha emoção sempre tinha a mesma força. Transpus vários tipos de Alpes. Da Eslovênia para a Itália, ajudado pelos guardas da alfândega, depois abandonado por eles, subi uma torrente lodosa. Combatido pelo vento, pelo frio, pelos espinheiros, em novembro, consegui alcançar um cume atrás do qual ficava a Itália. Para lá chegar, enfrentei monstros escondidos pela noite ou

revelados por ela. Fiquei preso nos fios de arame farpado de uma fortaleza cujas sentinelas eu ouvia andar e cochichar. Com o coração aos saltos, agachado na escuridão, esperei que, antes de me fuzilarem, elas me fariam carícias e me amariam. Assim eu esperava a noite povoada de guardas voluptuosos. Enveredei ao acaso por um caminho. Era bom. Adivinhava-o pela gratidão das minhas solas sobre o seu chão honesto. Mais tarde, deixei a Itália e fui para a Áustria. Atravessei de noite campos de neve. A lua projetava neles a minha sombra. Em cada país abandonado eu tinha roubado e conhecido as prisões, mas ia não através da Europa mas através do mundo dos objetos e das circunstâncias com uma ingenuidade cada vez mais nova. Tantas maravilhas me preocupavam, mas eu me endurecia mais um pouco a fim de penetrar sem perigo para mim em seu mistério habitual.

Percebi logo que na Europa central é difícil roubar sem perigo, já que a polícia é perfeita. A pobreza dos meios de comunicação, a dificuldade em transpor fronteiras admiravelmente vigiadas me impediam de fugir com presteza, e a minha qualidade de francês me fazia mais notado ainda. Reparei aliás que raros são os meus compatriotas que, no estrangeiro, são ladrões ou mendigos. Decidi voltar para a França e levar — talvez até restringindo apenas a Paris minha atividade — um destino de ladrão. Continuar o meu caminho ao redor do mundo, cometendo furtos mais ou menos importantes, também me seduzia. Escolhi a França por uma preocupação de seriedade. Eu a conhecia bastante para ter a segurança de dar ao roubo toda a minha atenção, os meus cuidados; de trabalhá-lo como um material único de que me tornaria o operário devotado. Tinha naquela época 24 ou 25 anos. Em busca de uma aventura moral, eu sacrificava a dispersão e o ornamento. As razões da minha escolha, cujo sentido só me aparece hoje talvez porque eu precise escrever sobre ela, não me apareceram então com clareza. Acho que precisava cavar, perfurar uma massa de linguagem em que o meu pensamento estivesse à vontade. *É possível que eu quisesse me acusar em minha língua.* A Albânia, a Hungria, a Polônia, nem a Índia ou o Brasil me teriam oferecido um material tão rico como a França. Realmente o roubo — e o que é ligado a ele: as penas de prisão com a vergonha do ofício de ladrão — se tornara um empreendimento desinteressado, espécie de obra de arte ativa e pensada que não se podia realizar a não ser com a ajuda da linguagem, a minha, confrontada com as leis saídas dessa mesma linguagem. No estrangeiro eu só teria sido um ladrão mais ou menos habilidoso, mas, pensando a meu respeito em francês, eu me teria conhecido como francês — esta qualidade não deixando subsistir nenhuma outra — em terra de estrangeiros. Ladrão em meu país, para que me tornasse isso e me justificasse de sê-lo utilizando a língua dos roubados — que são eu mesmo por causa da importância

da linguagem —, era a essa qualidade de ladrão dar a oportunidade de ser única. Eu me tornava estrangeiro.

O mal-estar que neles cria talvez uma política confusa impõe aos Estados da Europa central aquela polícia cuja perfeição aniquila. Estou falando naturalmente da sua rapidez. Parece que um delito, pelo jogo das delações, seja conhecido antes de ser cometido, mas os policiais não têm a fineza dos nossos. Vindo da Albânia, acompanhado por Anton, um austríaco, entrei na Iugoslávia mostrando aos guardas da alfândega um passaporte que era tão somente um certificado militar francês ao qual eu acrescentara quatro páginas de um passaporte austríaco (emitido para Anton) com os vistos do consulado sérvio. Várias vezes, no trem, na rua, nos hotéis, mostrei aos policiais iugoslavos esse estranho documento: pareceu-lhes normal. Os carimbos, os vistos, os satisfaziam. Quando fui preso — por ter dado um tiro de revólver em Anton — os policiais me devolveram o documento.

Amava eu a França? Naquela época o seu brilho me aureolava. O adido militar da França em Belgrado tendo reclamado por diversas vezes minha extradição — a que se opunham as leis internacionais —, a polícia iugoslava usou de um subterfúgio: ela me levou até a fronteira do país mais próximo da França, a Itália. De prisão em prisão, atravessei a Iugoslávia. Encontrei criminosos, violentos e sombrios, praguejando numa língua selvagem em que as injúrias são as mais belas do mundo.

— Enrabo a mãe de Deus!

— Trepo com o muro!

Poucos minutos depois caíam na gargalhada mostrando dentes brancos. O rei da Iugoslávia era naquela época um garotinho de 12 ou 15 anos, gracioso, com o cabelo repartido de lado, Pedro II, cujo retrato, que enfeitava também os selos, estava pendurado em todas as prisões, em todas as delegacias de polícia. A raiva dos vadios, dos ladrões, dirigia-se contra aquela criança. Invectivavam. Reclamavam contra ele. Os roucos insultos dos homens ruins pareciam cenas de amor feitas publicamente a um amante cruel. Eles o tratavam como puta. Quando cheguei — depois de conhecer dez outras em que só passei poucas noites — à prisão de Souchak (fronteira italiana), trancaram-me numa cela em que éramos cerca de vinte. Reparei logo em Radé Peritch. Era um croácio condenado por roubo a dois anos de prisão. Para aproveitar o meu sobretudo, ele me fez deitar no jirau, ao lado dele. Era moreno e bem-feito de corpo. Vestia um

macacão de mecânico azul, um pouco desbotado, com um bolso muito grande no meio, no qual enfiava as mãos. Passei apenas duas noites na prisão de Souchak, mas isso foi o bastante para que me apaixonasse por Radé.

A prisão estava separada da estrada não por um muro, mas por um fosso para onde dava a janela da nossa cela. Depois que os policiais e em seguida os guardas da alfândega me fizeram atravessar a fronteira italiana, pela montanha e numa noite gelada, fui para Trieste. No corredor do consulado da França roubei um sobretudo que vendi imediatamente. Com o dinheiro comprei dez metros de corda, uma serra e, por Piedicolle, voltei para a Iugoslávia. Um carro me levou até Souchak, aonde cheguei de noite. Da estrada assobieei. Radé apareceu na janela, e com muita facilidade fiz chegar o material às mãos dele. Durante a noite seguinte, voltei, mas ele se recusou a tentar a evasão apesar de fácil. Esperei até de madrugada que ele se deixasse convencer. No fim, tiritando, voltei para o caminho da montanha, triste de compreender que aquele parrudo preferia a certeza da prisão à aventura comigo. Consegui cruzar a fronteira italiana e chegar a Trieste, depois a Veneza e finalmente a Palermo, onde fui preso. Vem-me à memória um episódio divertido. Quando entrei na cela, na prisão de Palermo, os detentos me perguntaram:

— *Come va, la principessa?*

— *No lo so* — respondi.

Na hora do passeio matutino, no pátio coberto, me fizeram a mesma pergunta, mas eu nada sabia a respeito da saúde da princesa de Piemonte, nora do rei (era dela que se tratava). Entendi mais tarde que ela estava grávida e que a anistia, que é sempre concedida quando do nascimento de uma criança real, dependia do sexo do bebê. Os hóspedes das prisões italianas tinham as mesmas preocupações que os cortesãos do Quirinal.

Quando me libertaram, fui levado até a fronteira austríaca, que transpus perto de Willach.

Radé fez muito bem em se recusar a partir. Durante a minha viagem pela Europa central a sua presença ideal me acompanha. Não só anda e dorme a meu lado mas em minhas decisões quero ser digno da imagem audaciosa que dele eu formara. Mais uma vez um homem de grande beleza de rosto e de corpo me dava a oportunidade de provar a minha coragem.

Nem pela enumeração, nem pelo cruzamento ou a superposição dos fatos — dos quais não sei o que são, o que os limita no espaço e no tempo —, nem pela sua interpretação, que sem os destruir cria outros, consigo descobrir-lhes a chave, e tampouco, através deles, a chave de mim mesmo. Com um desenho barroco tentei citar alguns, fingindo omitir os que — os primeiros constituindo a trama aparente da minha vida — são os nós dos fios brilhantes. Se a França é

uma emoção que se realiza de artistas em artistas — espécies de neurônios transmissores —, eu sou apenas um rosário de emoções, sem saber quais as primeiras. Pelos ganchos de um arpéu que se prende a um afogado para tirá-lo de um lago, sofri em meu corpo de criança. Seria possível realmente que os cadáveres fossem apanhados com arpões? Percorri o campo, feliz de descobrir, no trigo ou sob os abetos, afogados a quem eu concedia incríveis funerais. Posso dizer que era o passado — ou que era o futuro? Tudo já está cristalizado — até a minha morte — numa banquisa eterna: o meu tremor quando um rapagão pede para se tornar minha esposa (descubro que o desejo dele é o meu tremor) numa noite de carnaval; no crepúsculo, de uma colina de areia, a vista dos guerreiros árabes apresentando a sua rendição aos generais franceses; as costas da minha mão pousadas na braguilha de um soldado mas principalmente nelas o olhar malicioso dele; o mar de repente entre duas casas me aparecendo em Biarritz; da penitenciária a minha fuga a passos minúsculos, com medo não de ser apanhado novamente mas de me tornar a presa da liberdade; em seu pau enorme que estou cavalgando, um louro legionário me carrega durante vinte metros nas fortificações; não o belo jogador de futebol, nem o seu pé, nem a sua chuteira, mas a bola; e depois deixando de ser essa bola eis que me tornei o pontapé inicial e deixo de sê-lo para me tornar a ideia que vai do pé à bola; numa cela, ladrões desconhecidos me chamam Jean; quando, calçando sandálias sem meias, atravesso os campos de neve, durante a noite, na fronteira da Áustria, não fraquejarei, mas então é preciso, penso eu, que esse momento doloroso concorra para a beleza da minha vida, esse momento e todos os outros eu nego que sejam detritos; utilizando o seu sofrimento, me projeto no céu do espírito. Negros me dão comida nos cais de Bordéus; um poeta ilustre põe na sua testa as minhas mãos; um soldado alemão morre em meio à neve na Rússia, e o irmão dele me manda a notícia; um rapaz de Toulouse me ajuda a saquear os quartos dos oficiais e dos suboficiais do meu regimento em Brest: ele morre na prisão; estou falando de alguém — e nisso o tempo de cheirar rosas, de ouvir na prisão uma noite cantar o comboio que parte para o campo de trabalhos forçados, o tempo de apaixonar-me por um acrobata de luvas brancas — morto desde sempre, isto é, fixado, pois me recuso a viver com outro fim que não seja aquele mesmo que eu acreditava conter a primeira infelicidade: que a minha vida deve ser linda, isto é, legível, e sua leitura dar vida a uma nova emoção que chamo de poesia. Sou apenas um pretexto.

Com movimentos vagarosos Stilitano se expunha ao amor como nos expomos ao sol. Oferecendo aos raios todas as suas faces. Quando voltamos a nos ver em

Antuérpia, ele havia engordado. Não que estivesse gordo, mas um pouco mais de espessura arredondava os seus ângulos. No andar, reencontrei a mesma flexibilidade selvagem e mais potente, menos rápida e mais musculosa, nervosa também. Na rua mais suja de Antuérpia, perto do Escaut, sob um céu cinzento, as costas de Stilitano me apareceram riscadas pela sombra e pela luz alternadas de uma persiana espanhola. A mulher que caminhava a seu lado com uma saia justa de cetim preto era realmente fêmea. Espantou-se ao me ver, e tive a impressão de que se alegrava.

— Jeannot! Você em Antuérpia?

— Tudo bem?

Apertei-lhe a mão. Ele me apresentou a Sylvia. Na exclamação quase não o reconheci, mas, mal ele abriu a boca para uma frase mais suavemente pronunciada, revii o escarro branco que lhe fazia um véu; não sei que mucosidades o formavam, mas se conservavam intactas, pelo que, entre os seus dentes, reencontrei Stilitano. Sem precisar eu disse:

— Você o guardou.

Stilitano compreendeu. Enrubesceu um pouco e sorriu.

— Reparou?

— Claro. Você o mostra bastante.

Sylvia perguntou:

— De que estão falando?

— Estamos conversando, benzinho. Não se meta.

Essa inocente cumplicidade me pôs logo em contato com Stilitano. Sobre mim mergulharam todos os antigos encantos: a força dos ombros, a mobilidade das nádegas, a mão arrancada talvez na selva por outra fera, enfim o sexo por tanto tempo recusado, dissimulado numa noite perigosa, protegida por odores mortais. Eu estava à mercê dele. Sem nada saber das suas ocupações, tinha a certeza de que ele reinava sobre o povo dos locais suspeitos, das docas, dos bares, da cidade toda enfim. Encontrar a harmonia para o mau gosto, eis o fino da elegância. Sem falhar, Stilitano soubera escolher sapatos de crocodilo amarelo e verde, um terno marrom, uma camisa de seda branca, uma gravata cor-de-rosa, um lenço de pescoço de diversas cores e um chapéu verde. Tudo isso preso com alfinetes, botões e correntinhas de ouro, e Stilitano estava elegante. Diante dele tornei-me aquele mesmo desgraçado de antes, e ele não parecia se incomodar com isso.

— Cheguei há três dias — disse eu.

— Tá se arrumando?

— Como sempre.

Ele sorriu.

— Você se lembra?

— Está vendo este rapaz — disse ele à mulher —, é meu chapa. Um irmão. Poderá aparecer lá no quarto quando quiser.

Eles me levaram a um restaurante perto do porto para jantar. Stilitano me disse que traficava com ópio. A mulher dele era uma puta. Sobre as palavras droga e ópio a minha imaginação vagueava, eu via Stilitano transformado em aventureiro audacioso e rico. Era uma ave de rapina voando em grandes círculos. Entretanto, se o seu olhar era às vezes cruel, da ave de rapina ele não tinha a rapacidade. Ao contrário, apesar da sua riqueza, Stilitano ainda parecia estar brincando. Levei pouco tempo para descobrir que a sua suntuosidade não passava de aparência. Vivia num hotel pequeno. Sobre a lareira, vi uma pilha grande de revistinhas para crianças, ilustradas com figuras coloridas. Não eram mais comentadas em espanhol, mas em francês: a puerilidade ainda era a mesma, assim como a beleza, o vigor e a coragem do herói, quase sempre nu. Todas as manhãs Sylvia trazia novas revistinhas, que Stilitano lia na cama. Pensei que ele passara dois anos lendo histórias coloridas para crianças, enquanto à margem amadurecia o seu corpo — e talvez o seu espírito. Revendia ópio comprado aos marujos, e vigiava a mulher dele. A sua riqueza ele a levava no corpo: as roupas, as joias, a carteira. Ofereceu-me trabalho. Durante alguns dias levei minúsculos pacotes à casa de clientes sonsos e preocupados.

Como na Espanha, com a mesma rapidez Stilitano se ligara aos malandros de Antuérpia. Nos bares, pagavam-lhe um trago, ele mexia com as mulheres e as bichas. Fascinado pela sua nova beleza e opulência, e destruído talvez pela lembrança da nossa amizade, eu me deixava amá-lo. Seguiu-o por toda a parte. Tinha ciúmes dos amigos dele, ciúmes de Sylvia, e sofria quando, ao meio-dia mais ou menos, reencontrava-o perfumado, fresco, mas com as pálpebras cansadas. Juntos íamos até o cais. Falávamos dos tempos antigos. Ele me contava principalmente os seus feitos, pois era fanfarrão. Nunca tive a ideia de recriminar-lhe a sua falsidade, nem a sua traição e covardia. Ao contrário, eu o admirava por suportar-lhes, em minha lembrança, tão simples e altaneiramente a marca.

— Você ainda gosta de homens?

— Claro. Por quê, te chateia?

Com um sorriso ao mesmo tempo gentil e malicioso ele respondeu:

— A mim? Tá louco. Ao contrário.

— Por quê, ao contrário?

Hesitou, ganhando tempo para responder:

— Hem?

— Você disse ao contrário. Você também gosta.

- Eu?
- Você, sim.
- Não, mas às vezes eu fico me perguntando como é.
- Você fica excitado.
- Nunca. Estou falando assim...
- Riu, contrafeito.
- E Sylvia?
- Meu ganha-pão.
- Só isso?
- Só. E chega.

Se Stilitano reforçasse o seu poder sobre mim, dando-me algumas loucas esperanças, ia fatalmente me reduzir à escravidão. Eu já me sentia balançar em um elemento profundo e triste. E o que me reservaram as borrascas de Stilitano? Disse-lhe:

- Você sabe que ainda é meu xodó e que eu gostaria de fazer amor com você. Sorrindo e sem olhar para mim ele respondeu:
- Vamos pensar nisso.
- Após um ligeiro silêncio ele disse:
- O que é que você gosta de fazer?
- Com você, tudo.
- Vamos ver.

Não se mexeu. Nenhum movimento o empurrou para mim quando todo o meu ser queria mergulhar nele, quando eu queria dar ao meu corpo a flexibilidade do vime a fim de o enrolar, quando eu queria me dobrar, me curvar sobre ele. A cidade era exasperante. O cheiro do porto e a sua agitação me transtornavam. Doqueiros flamengos esbarravam em nós, e Stilitano estropiado era mais forte do que eles. No bolso dele, pois a sua imprudência era deliciosa, talvez ele tivesse alguns grãos de ópio que o tornavam precioso e condenável.

Para chegar a Antuérpia eu acabava de atravessar a Alemanha de Hitler, onde passei alguns meses. Fui a pé de Breslau a Berlim. Teria gostado de roubar. Uma estranha força me continha. À Europa inteira a Alemanha inspirava terror; tornara-se, principalmente aos meus olhos, o símbolo da crueldade. Ela já estava fora da lei. Até em Unter den Linden eu tinha o sentimento de estar passeando num campo organizado por bandidos. Via o cérebro do mais escrupuloso dos burgueses berlinenses encerrar tesouros de duplicidade, de ódio, de maldade, de crueldade, de cobiça. Emocionava-me estar livre no meio de um povo inteiro em acusação. É claro que lá, como alhures, roubei, mas experimentava uma espécie

de embaraço, pois o que comandava essa atividade e o que dela resultava — essa atitude moral especial erigida em virtude cívica — uma nação inteira o conhecia e o dirigia contra os outros.

“É um povo de ladrões”, sentia dentro de mim. “Se eu roubar aqui não estarei efetuando nenhuma ação singular que possa me realizar melhor: obedeco à ordem habitual. Não a destruo. Não faço mal nenhum, não estrago nada. O escândalo é impossível. Simplesmente roubo.”

Parecia-me que os deuses, presidindo às leis, não se revoltavam, simplesmente se admiravam. Eu tinha vergonha. Mas principalmente desejava entrar num país onde as leis da moral corrente fossem objeto de um culto, sobre as quais a vida tem os seus alicerces. Em Berlim, para viver, escolhi a prostituição. Ela me satisfez durante alguns dias e depois me cansou. Antuérpia me oferecia tesouros lendários, museus flamengos, os diamantários judeus, os armadores que se demoravam dentro da noite, os passageiros dos transatlânticos. Exaltado pelo meu amor eu queria viver com Stilitano perigosas aventuras. Ele próprio parecia estar querendo aderir à brincadeira e me deslumbrar com a sua audácia. Dirigindo com uma única mão, chegou uma vez ao hotel, de noite, montado numa motocicleta da polícia.

— Abafei agora mesmo de um tira — disse-me sorrindo e sem sequer saltar da máquina. Todavia ele entendeu que o gesto de montá-la me seria um espetáculo alucinante, desceu, fingiu estar examinando o motor e foi embora comigo, na garupa.

— Vamos acabar com ela logo — disse ele.

— Você está louco. Podemos usá-la para o trabalho...

Exaltado pelo vento e pela corrida, eu me sentia carregado na mais perigosa perseguição. Uma hora depois a moto estava vendida a um navegador grego que a embarcou imediatamente. Mas eu pudera observar Stilitano no centro de um ato autêntico, acabado, pois a venda da máquina, os preços discutidos, o pagamento efetuado, foram uma obra-prima de finura após a ação violenta.^[18]

Assim como eu, Stilitano não era realmente um homem maduro. Embora o fosse de verdade, ele brincava de gângster, isto é, inventava-lhe as atitudes. Não conheço nenhum malandro que não seja criança. Que espírito “sério”, ao passar diante de uma joalheria, um banco, inventaria, minuciosamente e com gravidade, os detalhes de um ataque ou de um assalto? A ideia de uma associação de companheiros fundada — não sobre o interesse dos associados — num acordo cúmplice próximo da amizade, para se fazer ajudar, onde poderia ele encontrá-la senão numa espécie de sonho, de jogo gratuito, que chamam de romanesco? Stilitano brincava. Gostava de se saber um fora da lei, de sentir-se em perigo. Por uma preocupação estética. Ele tentava copiar um herói ideal, o Stilitano cuja

imagem já estava inscrita num céu de glória. Era assim que obedecia às leis que submetem os malandros, e os desenham. Sem elas, ele nada teria sido. Cegado primeiro pela sua augusta solidão, pela sua calma e pela sua serenidade, eu acreditava que ele se criava a si mesmo, anarquicamente, conduzido apenas pela imprudência, pelo topete dos seus gestos. Ora, ele *estava à procura de um tipo*. Talvez fosse aquele que era representado pelo herói, sempre vitorioso, das revistinhas infantis? De qualquer modo, o sonho de Stilitano estava em perfeito acordo com os seus músculos e o seu gosto pela ação. O herói das imagens devia ter acabado por inscrever-se no coração de Stilitano. Respeito-o ainda porque, se ele observava o exterior de um protocolo que o levava, em si, e sem testemunha, sofria as exigências do corpo ou do coração; à mulher, ele sempre recusou a ternura.

Sem nos entregar totalmente um ao outro, habituamo-nos a nos encontrar todos os dias. Eu almoçava no quarto dele e, de noite, enquanto Sylvia trabalhava, jantávamos juntos. Depois íamos, de bar em bar, nos embebedar. Ele também dançava, a noite quase toda, com moças muito bonitas. Logo após sua chegada, primeiro na mesa dele, depois nas outras, pouco a pouco a atmosfera mudava. Tornava-se ao mesmo tempo pesada e frenética. Quase todas as noites ele brigava, selvagem, admirável, sua mão única rapidamente armada de uma faca aberta de repente em seu bolso. Os doqueiros, os navegadores, os cafetões nos cercavam ou nos ajudavam. Aquela vida me esgotava, pois teria gostado de vaguear pelos cais, na neblina ou na chuva. Em minha memória aquelas noites estão crivadas de chispas. Falando de um filme, um jornalista escreve: “O amor floresce em meio às rixas.” Melhor que um belo discurso, essa frase ridícula me lembra as flores conhecidas como “bocas-de-lobo”, que florescem em meio a certas plantas espinhosas, e por meio delas a minha ternura aveludada que Stilitano feria.

Se ele não me confiava trabalho nenhum, eu às vezes roubava bicicletas que ia revender em Maestricht, na Holanda. Quando soube que eu tinha um meio seguro de atravessar a fronteira, Stilitano veio um dia comigo, e fomos até Amsterdã. A cidade não lhe interessou. Ele mandou que o esperasse durante algumas horas num café e depois desapareceu. Eu sabia que ele não gostava que lhe fizessem perguntas. O meu trabalho lhe interessava, o dele a mim, não. De noite voltamos, mas na estação entregou-me um pacotinho, amarrado e lacrado, do tamanho de um tijolo.

— Eu continuo de trem — disse-me.

— E a alfândega?

— Estou em ordem. Não se preocupe. Passe, como de costume, a pé. E não abra o pacote, é de um colega.

— E se me pegarem?

— Não caia nessa besteira porque você pode se dar mal.

Sabendo como dispor os encantos contrários entre os quais eu haveria de oscilar sem jamais conseguir ser eu mesmo, ele me beijou gentilmente e foi andando para o trem. Fiquei olhando essa tranquila Razão, guardiã das Tábuas da Lei, a autoridade contida na segurança do passo, na moleza, no jogo quase luminoso das suas nádegas. Eu ignorava o que continha aquele embrulho, era a marca da confiança e da sorte. Graças a ele já não ia atravessar uma fronteira pela minha mesquinha necessidade, mas por obediência, por submissão a uma Potência soberana. Quando perdi Stilitano de vista todas as minhas preocupações só tiveram por objeto me fazer partir em busca dele, e era o embrulho que me dirigia. Nas minhas expedições (os meus roubos, os meus reconhecimentos, as minhas fugas) os objetos eram animados. Quando pensava na noite, era com um *N* maiúsculo. As pedras, as pedrinhas das estradas tinham um sentido pelo qual eu me devia fazer reconhecer. As árvores se admiravam de me ver. O meu medo trazia o nome de pânico. De cada objeto, ele liberava o espírito que só esperava o meu tremor para se emocionar. À minha volta, o mundo inanimado fremia suavemente. Até com a chuva eu teria conversado. Sem demora preocupei-me em considerar como privilegiada aquela emoção e em preferi-la ao que era o seu pretexto: o medo, e o que era o pretexto desse medo: um roubo ou a minha fuga diante da polícia. Favorecida pela noite, a mesma preocupação finalmente perturbou os meus dias. Movimentava-me assim num universo enigmático, pois tinha perdido o sentido prático. Estava em perigo. Não considerava mais realmente os objetos segundo a sua habitual destinação, mas a amigável preocupação que eles me ofereciam. O embrulho de Stilitano, entre o meu peito e a minha camisa, acusava, precisava ainda o mistério de cada coisa enquanto o resolvia graças ao sorriso, aflorando quase aos meus lábios e descobrindo os meus dentes, e me permitia ousar para passar livremente. Talvez estivesse carregando joias roubadas? De que preocupações das polícias, de que fome de cães policiais, de quantos telegramas secretos esse minúsculo pacote não estaria sendo objeto? Eu precisava, pois, derrotar todas as forças inimigas. Stilitano estava à minha espera.

“Que grande patife”, pensava eu. “Ele não quer se queimar. Não ter uma das mãos não é desculpa.”

Quando cheguei a Antuérpia, fui direto para o hotel dele, sem tomar banho nem fazer a barba, pois queria aparecer com os atributos da minha vitória, com a minha barba, a minha sujeira e o cansaço que pesava sobre os meus braços. Acaso não é ela que se quer simbolizar quando se cobre o vencedor de louros, flores, correntes de ouro? Eu a carregava nua. No quarto dele, na sua frente,

exagerei a naturalidade ao lhe estender o embrulho.

— Aqui está.

Ele sorriu com um sorriso triunfante. Creio que não ignorava que o seu poder sobre mim havia realizado tudo.

— Nenhum galho?

— Nenhum. Foi tudo fácil.

— Ah!

Sorriu outra vez e acrescentou: “Ainda bem.” Mas não ousava lhe dizer que ele teria feito a viagem da mesma maneira e sem maiores dificuldades, pois já sabia que Stilitano era minha própria criação, e que estava em minhas mãos destruí-la. Compreendia porém por que Deus precisa de um anjo, a quem chama de mensageiro, para ter êxito em certas missões que ele mesmo não poderia realizar.

— O que é que tem aí dentro?

— Ora essa... erva.

Secretamente eu tinha traficado ópio.^[19] Não desprezei Stilitano por me ter exposto ao perigo de ser apanhado em lugar dele.

“É normal — dizia para mim mesmo —, ele é um anjo e eu sou um babaca.”

Comportando-se assim comigo, a minha gratidão se alçava na direção dele. Diante de mim, se ele se tivesse manifestado por um número bastante importante de atos audaciosos dos quais a minha participação tivesse sido excluída, tornando-se ao mesmo tempo causa e fim, Stilitano teria perdido todo o seu poder sobre mim. Obscuramente, eu o suspeitava incapaz de uma ação que empenhasse a sua personalidade por inteiro. Os cuidados que ele dispensava ao seu corpo eram a prova disso. Os seus banhos, os seus perfumes, as manhãs dormidas até tarde, a própria forma que o seu corpo atingira: o fofo. Compreendendo que era por meu intermédio que ele tinha de agir, prendia-me a ele, certo de alimentar a minha força com aquela potência elementar e desordenada de que ele era formado.

Aquela época do ano (o outono), a chuva, a cor escura das construções, o peso dos flamengos, o caráter especial da cidade, a minha miséria me incitando também à tristeza, foi primeiro uma melancolia profunda que me fizeram descobrir em mim aqueles objetos diante dos quais eu ficava perturbado. Durante a ocupação alemã, nas *Atualidades cinematográficas*, vi os funerais de cem ou 150 vítimas do bombardeio de Antuérpia. Os caixões cobertos de tulipas ou dalias, expostos nas ruínas de Antuérpia, constituíam igual número de bancas de flores diante das quais passava para abençoá-las uma multidão de padres e de coroinhas vestindo sobrepeliz de renda. Essa imagem, que foi a última, ainda me ajuda a acreditar que Antuérpia me revelava zonas de sombra. “Estão

celebrando”, dizia comigo mesmo, “o culto daquela cidade cujo espírito”, já o pressentia então, “é a Morte”. Entretanto só mesmo a aparência das coisas me devia causar essa perturbação nascida primeiro do medo. Depois a perturbação desapareceu. Pensei estar percebendo as coisas com uma evidente lucidez. Tendo, até mesmo a mais comum, perdido a sua significação habitual, cheguei a imaginar se era verdade que a gente bebia num copo ou calçava um sapato. Descobrimo o sentido singular de cada coisa, a ideia de numeração me abandonava. Stilitano ia aos poucos perdendo o seu fabuloso poder sobre mim. Ele pensava que eu sonhava: eu estava atento. Sem estar silencioso, estava longe. Pelas aproximações que me eram propostas por objetos cujas destinações pareciam contrárias, a minha conversa estava tomando um tom humorístico.

— Você tá ficando meio pancada, palavra.

— Pancada! — repetia eu, arregalando os olhos. — Pancada! Louco.

Creio me lembrar que tive a revelação de um conhecimento absoluto ao considerar, segundo o desprendimento luxuoso de que falo, um pregador de roupa abandonado no arame. A elegância e a esquisitez daquele pequeno objeto conhecido *apareceram sem me espantar*. Passei a perceber os próprios acontecimentos em sua autonomia. O leitor está adivinhando como tal atividade podia ser perigosa na vida que eu levava, que exigia que estivesse de sobreaviso a cada minuto, arriscando ser apanhado se perdesse de vista o sentido usual dos objetos.

Com a ajuda e os conselhos de Stilitano, conseguia me vestir com elegância, muito embora segundo uma elegância especial. Desdenhando as modas rígidas dos vadios, em meu traje apareceu a fantasia. Assim, no momento em que eu deixava de ser um mendigo separado do mundo prático pela vergonha, aquele mundo me escapava. Dos objetos eu distinguia a essência, não as qualidades. Enfim o meu humor me desprendia dos seres a quem apaixonadamente me havia ligado. Sentia-me perdido e absurdamente leve.

Um jovem cafetão, num bar, agachado, se divertindo com um cachorrinho, essa brincadeira me parecendo tão insólita naquele lugar, sorri com alegria para o cafetão e o cachorro: eu os compreendera. E também que o ônibus carregado de pessoas graves e apressadas pode parar com cortesia ao sinal minúsculo do dedo de uma criança. Um pelo rígido saindo, ameaçador, da narina de Stilitano, sem tremer eu pegava uma tesoura para cortá-lo.

Quando mais tarde, sem me recusar a ficar transtornado por um belo rapaz, eu aplicar o mesmo desprendimento, quando aceitar ficar emocionado e, recusando à emoção o direito de me comandar, eu o examinar com a mesma lucidez, terei conhecimento do meu amor; a partir dele, irei estabelecer relações com o mundo: e nascerá então a inteligência.

Mas Stilitano estava desencantado. Eu não o servia mais. Se ele me batia ou me xingava. Se me ensinava o que são o insulto e as pancadas. Antuérpia, aos meus olhos, havia perdido o seu caráter de tristeza e de poesia marítima e crapulosa. Estava vendo claro, e tudo podia me acontecer. Poderia ter cometido um crime. Esse período durou talvez seis meses. Eu era casto.

Armand estava viajando. Ainda que eu o ouvisse às vezes ser chamado por nomes diferentes, ficaremos com Armand. Pois não estou eu mesmo usando hoje em dia, com o Jean Gallien atual, o meu 15º ou 16º nome? Ele havia chegado da França, para onde, soube eu mais tarde, costumava levar ópio. Para que o possa traduzir com uma única palavra, é preciso que um rosto me apareça por alguns segundos apenas. Se ele se demorar, um movimento do lábio, um olhar, um sorriso descoberto vão complicar a interpretação da lealdade, da clareza ou da franqueza, o que ele me sugeria. O rosto fica cada vez mais complexo. Os sinais se confundem: ele está ilegível. No rosto de Stilitano, esforcei-me para ver a dureza apenas alterada, no canto do olho ou da boca, não sei, por um sinal de ironia. O rosto de Armand era falso, sonso, malvado, velhaco, brutal. É claro que me é fácil descobrir tudo isso depois que já conheci o homem, mas sei que a impressão daquela época, só essas qualidades, milagrosamente reunidas num único rosto, podiam provocá-la em mim. Hipocrisia, ruindade, estupidez, crueldade, ferocidade são termos redutíveis a um só. Mais que a sua enumeração no rosto, neste se lia — quero dizer, não no espaço mas no tempo —, segundo o meu próprio humor ou segundo o que se passava no interior de Armand, aquilo que provocava o aparecimento dessas qualidades nas feições dele. Era um bruto. Não apresentava nenhuma beleza regular, mas, no seu rosto, a presença daquilo que mencionei — e que era puro de tão pouco perturbado pelo seu contrário — lhe dava uma aparência soturna mas fascinante. A sua força física era prodigiosa. Tinha então cerca de 45 anos. Tendo vivido por tanto tempo na frequência do seu próprio vigor, ele o suportava com desenvoltura. Soubera, enfim, tirar o melhor partido desse vigor, dessa potência muscular, que, visíveis na forma do crânio e no pescoço, ainda afirmavam, impunham essas qualidades detestáveis. Ela as fazia brilhar. O seu rosto era achatado, creio que naturalmente, o nariz não parecendo ter sido estragado por um soco. O seu maxilar era forte, sólido. O crânio era muito redondo e quase sempre raspado. A pele sobre a nuca fazia três dobras que um pouco de sujeira salientava de leve. Era alto e magnificamente bem-feito. Deslocava-se em geral de modo arrastado e pesado. Pouco ria, e sem franqueza. A sua voz era muito grave, surda, quase baixa. Sem que se pudesse dizer que era uma voz grossa, o seu timbre parecia acolchoado. Falando muito depressa ou falando enquanto andava e a passos rápidos, com a aceleração da elocução se opondo ao tom grave da voz, Armand alcançava um excelente efeito

musical. De um movimento tão precipitado esperava-se um timbre agudo, ou de voz tão grave que se movesse pesada e dificilmente: mas ela era ágil. A oposição ainda provocava inflexões elegantes. Armand mal articulava. As sílabas não se chocavam. Embora simples, a sua linguagem sendo descontraída, as palavras se engatavam com horizontal tranquilidade. Era sobretudo pela sua voz que se compreendia que, por toda a sua juventude, ele havia sido admirado, pelos homens especialmente. Graças a uma espécie de impertinente segurança podemos reconhecer aqueles que encontraram, pela sua força ou beleza, a admiração dos homens. São ao mesmo tempo mais seguros e mais inclinados à gentileza. A voz de Armand tocava um ponto em minha garganta e me cortava o fôlego. Raramente ele se apressava mas, extraordinariamente, se devia correr para um encontro, entre Stilitano e eu, andando de cabeça erguida, um pouco inclinada para a frente, apesar da estatura maciça, o seu andar desembaraçado, a sua voz que se tornava cada vez mais rápida, assim como a gravidade do timbre, realizava uma obra-prima quase por demais audaciosa. Por pouca neblina que houvesse, da garganta daquele atleta de chumbo saía uma voz macia. Supõe-se que ela pertencera a um adolescente apressado, vivo, alegre, festejado, seguro da sua graça, da sua força, da sua beleza, da sua estranheza, da beleza e da estranheza da sua voz.

Dentro de si, em seus órgãos que eu imaginava elementares mas de tecidos sólidos e de cores matizadas muito bonitas, em tripas quentes e generosas, creio que ele elaborava a sua vontade de impor, de aplicar, de torná-las visíveis, a hipocrisia, a estupidez, a ruindade, a crueldade, a servilidade, e delas conseguir em toda a sua pessoa o mais obsceno dos êxitos. Eu o vi no quarto de Sylvia. Quando entrei, Stilitano lhe disse que eu era francês, e que nos tínhamos encontrado na Espanha. Armand estava em pé. Não me estendeu a mão, mas olhou para mim. Fiquei junto da janela sem parecer me preocupar com eles. Quando decidiram ir ao bar, Stilitano me disse:

— Vamos, Jeannot?

Antes que eu respondesse, Armand perguntou:

— Costuma sair com ele?

Stilitano riu e disse:

— Se você acha chato, podemos deixá-lo aqui.

— Oh, pode levar.

Fui com eles. Depois de beber, separaram-se, e Armand não apertou a minha mão. Saiu do bar sem sequer me olhar. Stilitano nada me disse a respeito dele. Dias depois, quando o encontrei perto das docas, Armand ordenou-me que o seguisse. Quase sem falar, levou-me para o seu quarto. Com o mesmo aparente desprezo, submeteu-me ao seu prazer.

Dominado pela sua força e pela sua idade, dediquei ao trabalho todos os meus cuidados. Esmagado por aquela massa de carne abandonada da mais tênue espiritualidade, eu conhecia a vertigem de finalmente encontrar a brutalidade perfeita, indiferente à minha felicidade. Descobri quanta doçura pode ser contida e quanta força transmitida pela pilosidade do torso, do ventre e das coxas. Deixei finalmente que tanta noite tempestuosa me sepultasse. Por reconhecimento ou por medo, deposei um beijo no braço peludo de Armand.

— O que é que há? Tá doente, tá?

— Não fiz nada de mau.

Permaneci junto dele, para servir ao seu prazer noturno. Quando ia deitar-se, ao arrancá-lo da calça, Armand fazia estalar o seu cinto. Fustigava uma vítima invisível, uma forma de carne transparente. O ar sangrava. Se ele me assustava então, era pela sua impotência de ser aquele Armand que vejo, pesado e mau. O estalo o acompanhava e o sustentava. A sua raiva, o seu desespero de não sê-lo o faziam tremer *cada vez mais* como um cavalo domado pela sombra. Ele não teria tolerado todavia que eu vivesse sem fazer nada. Aconselhou-me a vaguear perto da estação, ou do jardim zoológico, e a pegar fregueses. Conhecendo o terror que a sua pessoa me inspirava, ele desprezou vigiar-me. Eu trazia todo o dinheiro que ganhava. Ele próprio operava nos bares. Com os doqueiros e os marinheiros, realizava numerosos tráficos. Era respeitado. Como todos os cafetões e malandros daquela cidade, naquela época, ele calçava alpargatas. Silencioso, o seu passo era mais pesado e mais elástico. Muitas vezes ele usava uma calça de marujo, de lã azul, grossa, de que uma parte nunca estava totalmente abotoada, de tal modo que um triângulo caía na sua frente, ou às vezes era um bolso um pouco virado que ele carregava na barriga. Mais que de qualquer um, o seu andar era ondulado. Acho que escorria por ele a fim de reencontrar a memória do seu corpo de vadio, de marujo de vinte anos. Era-lhe fiel como o somos às modas da nossa juventude. Mas, ele mesmo retrato do erotismo mais irritante, ele o queria exprimir ainda pela linguagem e pelo gesto. Habitado ao pudor de Stilitano e, nos bares dos doqueiros, à grosseria destes, eu era testemunha, frequentemente o pretexto dos mais audaciosos detalhes. Diante de qualquer um, Armand falava do seu sexo com lirismo. Ninguém o interrompia. A menos que, perturbado pelo tom e pelos comentários, um duro replicasse.

Com uma das mãos no bolso, outras vezes, ele se acariciava enquanto bebia, em pé junto ao balcão. Outras vezes ainda fazia alarde da grossura e da beleza — da força também e até da inteligência — do seu sexo realmente maciço. Sem saber a que correspondia tal obsessão do seu sexo e da sua força, eu o admirava. Na rua, se me puxava com um braço para junto de si como para me abraçar, o mesmo braço esticado me afastava dele com brutalidade. Como eu ignorava tudo

da sua vida, salvo que tinha andado pelo mundo inteiro e que era flamengo, eu queria descobrir nele as marcas dos campos de trabalhos forçados de onde, ao evadir-se, teria trazido aquele crânio raspado, aqueles músculos pesados, a sua hipocrisia, a sua violência, a sua ferocidade.

O encontro com Armand constituiu um cataclismo tal que, embora continuasse a vê-lo com frequência, Stilitano me pareceu ter-se afastado de mim de uma só vez, no tempo e no espaço. Fora, havia muito tempo e num lugar muito longínquo, que eu desposara aquele rapaz cuja dureza velada de ironia se transformara repentinamente numa deliciosa suavidade. Enquanto vivi com Armand, Stilitano jamais gracejou a respeito disso. A sua descrição se tornou para mim delicadamente dolorosa. Logo, ele representou os Dias Defuntos.

Ao contrário dele, Armand não era covarde. Além de não recusar o combate pessoal, aceitava as aventuras perigosas. Ousava até concebê-las e prepará-las. Uma semana depois do nosso encontro, ele me disse que iria se ausentar, e que eu esperasse a sua volta. Confiou-me os seus pertences: uma mala com roupas — e partiu. Durante alguns dias fiquei aliviado, e não mais experimentei o peso do temor. Com Stilitano saímos muitas vezes.

Se ele não tivesse cuspidos nas mãos para virar um guincho, eu não teria reparado num rapaz da minha idade. Aquele gesto que os trabalhadores fazem me deu tamanha vertigem que pensei estar caindo em queda livre até uma época — ou uma região do meu eu — há muito esquecida. O meu coração acordando, o meu corpo ficou no mesmo instante desentorpecido. Com uma precisão e uma rapidez louca, observei o rapaz: o gesto, os cabelos, o movimento dos seus rins, a flexibilidade, o carrossel de cavalos de pau no qual estava trabalhando, o movimento do carrossel e a sua música, o parque de diversões, a cidade de Antuérpia os contendo, a Terra girando com precaução, o Universo conservando tão precioso fardo, e eu mesmo naquele lugar, assustado por possuir o mundo e saber que o possuía.

Aquele esgarço nas mãos dele eu não vi: reconheci a crisão da face e a ponta da língua entre os dentes. Vi também o rapaz esfregando as palmas das mãos, duras e pretas. Abaixando-se para pegar na manivela, reparei no cinto de couro, gasto mas espesso. Aquele cinto não podia ser um ornamento como o que segura a calça dos elegantes. Pela sua matéria e pela sua espessura estava por inteiro penetrado de uma função: segurar a marca mais evidente da masculinidade que, sem aquela correia, nada seria, não mais encerraria, não mais guardaria o seu mais viril tesouro, mas haveria de gotejar nos calcanhares de um macho entrevado. O rapaz usava um blusão, e entre este e a calça se via a pele. O cinto não estando enfiado naquelas tirinhas que costumam segurar a calça, a cada movimento subia mais um pouco enquanto a calça descia. Assombrado, eu

olhava. Vi que operava com segurança. No sexto movimento dos rins, atingiu, salvo na altura da braguilha, onde as duas extremidades reunidas estavam presas, as costas e a cintura nua do rapaz.

— Vale a pena ver, não é? — disse-me Stilitano.

Vendo-me olhar, ele não estava falando do carrossel mas do seu gênio.

— Vá dizer-lhe que está gostando dele.

— Não zombe.

— Estou falando sério.

Ele estava sorrindo. Não tendo nem a idade nem o jeito que me permitissem abordá-lo ou observá-lo com a superioridade ligeira ou divertida que os senhores distintos assumem, eu quis me afastar do rapaz. Stilitano me segurou pela manga:

— Vamos.

Desvencilhei-me.

— Deixe-me — disse eu.

— Você está gostando dele, estou vendo.

— E daí?

— E daí? Convide-o para tomar um trago.

Sorriu outra vez e disse:

— Está com medo de Armand?

— Você está maluco.

— Quer que eu convide, quer?

Nesse momento, o rapaz levantou-se, o rosto vermelho e suado como se estivesse bêbado. Ajeitando o cinto sobre a calça, ele se aproximou de nós. Estávamos na rua, ele em pé no chão de tábuas do carrossel. Como estávamos olhando para ele, sorriu e disse:

— Dá um calor!

— Deve dar sede também! — disse Stilitano. E, virando-se para mim, acrescentou: — Você paga um trago para a gente?

Robert foi conosco ao café. A felicidade desse acontecimento, a sua simplicidade me transtornaram. Eu não estava mais ao lado de Robert nem mesmo de Stilitano, me espalhava por todos os pontos do mundo e anotava cem detalhes que eclodiam em estrelas leves. Já não lembro quais. Mas, quando acompanhei Lucien pela primeira vez, conheci a mesma ausência. Ouvia as palavras de uma dona de casa que pechinchava um gerânio:

— Eu queria ter uma planta em casa... — dizia ela. — Uma planta bonita...

Fazendo-a desejar possuir uma planta apanhada, com suas raízes e sua terra, entre a infinidade das plantas, essa preocupação de posse não me surpreendia. Pelas palavras daquela mulher, eu compreendia o sentimento de propriedade.

“Ela vai regar a planta”, pensava. “Esconder o vaso de barro numa jarra de cerâmica. Vai colocar a planta no sol. Vai gostar dela...”

Robert caminhava a meu lado.

De noite, enrolado num cobertor, ele dormia debaixo das lonas do carrossel. Ofereci-lhe compartilhar o meu quarto. Ele veio dormir. Na segunda noite, como estava atrasado, fui à procura dele. Sem que ele desconfiasse, vi-o num bar, perto das docas, falando com um homem com jeito de veado. Não lhe disse nada, mas avisei Stilitano. No dia seguinte, pela manhã, antes que Robert fosse para o trabalho, Stilitano veio nos visitar. O seu incrível pudor ainda o constrangendo, foi com muita dificuldade que conseguiu expressar o que queria. Finalmente, disse:

— A gente vai trabalhar junto. Você os atrai para um mictório público ou um quarto, e nós chegamos com Jeannot. Dizemos que somos teus irmãos e depenamos o tipo.

Quase indaguei: “E Armand, o que é que ele faz?” Calei-me.

Robert estava na cama sentado com o torso fora dos lençóis. Para não constrangê-lo, eu tomava cuidado para não o roçar. A Stilitano ele falou dos riscos do empreendimento, mas eu compreendia que tais riscos ele mesmo os via longínquos, imprecisos, mergulhados numa neblina espessa. Finalmente, ele disse sim. O encanto de Stilitano acabava de produzir efeito sobre ele. Senti vergonha. Eu gostava de Robert e não teria conseguido fazê-lo aceitar, mas principalmente era-me cruel que fossem retomados e utilizados os mesmos detalhes da nossa intimidade da Espanha que Stilitano e eu éramos os únicos a conhecer. Quando Stilitano foi embora, Robert escorregou nos lençóis e apertou-se contra mim.

— É o teu homem, não é?

— Por que pergunta isso?

— A gente vê que ele é o teu homem.

Eu o abracei e quis beijá-lo, mas ele se afastou.

— Tá louco. A gente não vai fazer isso juntos.

— Por que não?

— Hem? Sei lá. A gente tem a mesma idade, não ia ter graça.

Naquele dia, ele se levantou tarde. Almoçamos com Stilitano e Sylvia, depois Robert foi buscar seu pagamento e dizer ao patrão dele que não trabalharia mais no carrossel. Bebemos a noite toda. Havia oito dias que Armand fora embora e não dera notícias. Pensei primeiro em fugir de Antuérpia, e até da Bélgica, levando os pertences dele. O seu poder agindo a distância, fui contido, não pelo temor, mas pela atração da violência daquele homem maduro, amadurecido no mal, autêntico bandido, capaz, e só ele, de me arrastar, de me carregar quase,

naquele mundo apavorante de onde eu o acreditava subido. Não abandonei o quarto dele, mas a cada dia a minha angústia aumentava. Stilitano me prometera que não lhe falaria da minha paixão por Robert, mas eu não tinha certeza de que este, maliciosamente, não me entregasse. Com o maneta, Robert mostrou-se muito à vontade. Livre de todo acanhamento, ele era divertido, trocista, um pouco descarado. Quando falavam de roubos possíveis, reparei que o seu olhar se tornava de repente atento, e quando a explicação estava terminada, Robert a coroava com um gesto explícito: o polegar e o médio juntos pareciam introduzir-se no bolso de dentro de um paletó invisível e delicadamente retirar uma joia invisível. O gesto era leve. Robert o desenhava no ar lentamente, com quebras: uma quando a mão parecia sair do bolso do roubado, a outra ao entrar no seu.

Robert e eu servíamos Stilitano como se serve um padre ou uma peça de artilharia. Ajoelhados diante dele, cada um amarrava um sapato do homem. Isso se complicava para a luva única. Quase sempre era Robert que tinha o privilégio de apertar o botão pressão.

O relato de algumas operações em que alcançamos êxito nada haveria de lhes ensinar sobre esses costumes. Na maior parte das vezes, Robert e eu subíamos com o veado. Quando este adormecia, atirávamos o dinheiro para Stilitano, postado debaixo da janela. De manhã, o sujeito nos acusava. Nós nos deixávamos revistar por ele, que não ousava registrar nenhuma queixa. No princípio, Robert tentou justificar os seus roubos. O ladrão que está começando sempre deseja, ao cometer o assalto, punir um sujo.

— São uns viciados — dizia.

A procura de defeitos nos veados que ele roubava lhe dava um ar aborrecido; com uma fraqueza brutal, Stilitano o chamou à ordem:

— Você, se continuar a fazer sermões, vai acabar padre. O que a gente faz só tem um motivo: gaita.

Essa linguagem fez com que Robert ficasse ainda mais descontraído. Com a segurança de contar com o apoio de Stilitano, ele se mostrou de uma liberdade louca. A sua conversação se tornou muito engraçada. Divertia Stilitano, que passou a só sair com ele. O meu humor foi ficando mais cinzento. Tinha ciúmes dos meus dois amigos. Enfim, como Robert gostasse das mulheres, sorria para todas elas. Era amado. Por causa disso, eu o sentia com Stilitano não contra mim, mas fora do meu alcance. A fim de que, sendo a sua lindeza maior do que a minha, lhe fosse mais fácil atrair os homens, Stilitano lhe deu as minhas roupas. Desenvolto, sorridente, Robert as usava. Eu só possuía uma calça, um paletó e camisas rasgadas. Arquitetei medíocres vinganças contra Stilitano. Em comparação com Armand, ele se tornava cada vez mais achatado, privado de espessura. A sua beleza pareceu-me sem graça. A sua linguagem era tediosa. De

Armand eu esperava novas revelações.

Das suas atitudes impudicas, não posso dizer que estejam na origem da minha decisão de escrever livros pornográficos, mas fiquei, sem dúvida, transtornado pela insolência de uma resposta a Stilitano, que lhe perguntava, calmamente, embora com uma espécie de ligeira indiferença, a razão de tão apaixonado lirismo:

— Os meus colhões — disse ele —, os meus colhões; as mulheres avançam apresentando os peitos, não avançam? Elas os exibem, não é mesmo? Os meus colhões, eu tenho o direito de oferecê-los, de botá-los para a frente, e até de apresentá-los, os meus colhões, numa bandeja. Eu tenho até o direito, eles são bonitos, de mandá-los de presente para Pola Negri, ou para o príncipe de Gales!

Stilitano era capaz de cinismo, de lirismo não. Enterradas havia muito tempo — onde, acumulando-se, elas aumentavam o meu rancor —, subiam de novo, para envenenar o meu hálito, a sua covardia, a sua velhacaria, a sua preguiça. Daquilo que, antigamente, o embelezava — como uma úlcera esculpe e pinta a carne —, eu fazia motivos de desprezo. Eles pareciam ignorar os meus ciúmes, a minha raiva, e que as nossas relações se estavam deteriorando. Um dia em que estava sozinho com ela na rua, Sylvia tomou o meu braço. Apertou-se contra mim. Dois homens a quem eu amava, pela sua amizade mútua e não ambígua, se afastavam de mim, não me permitiam chegar à cordialidade franca e alegre, mas a mulher de um deles, pelo seu desejo vizinho do consolo dos pobres, me aviltava ainda mais. Contra o meu corpo, os seus quadris e os seus seios me teriam feito vomitar. Diante de Stilitano, desejando feri-lo provavelmente, ela ousou dizer que eu lhe agradava. Robert e ele caíram na gargalhada.

— Então, por que vocês não vão passear juntos? Nós dois vamos do nosso lado.

Afastado pelo sorriso deles, eu me sentia resvalar nos degraus de luz que Stilitano dominava. Voltei para a minha Espanha e os meus farrapos, as minhas noites entre os pobres, enriquecido de algumas felicidades, mas desesperado: estou agora certo de que só conseguirei mesmo morder a poeira, lambe-los os pés — os meus, sujos de marchas exaustivas. A mera ideia de piolhos sobre mim bastava para cavá-los. A postura deles estando próxima, eu não cortava mais os cabelos. Resolvi matar Stilitano e Robert. Não conseguindo ser um malandro na glória, desejei sê-lo na desgraça: escolhi o campo de trabalhos forçados ou a morte infamante. Para me sustentar eu tinha, porém, a lembrança de Armand e a esperança da sua volta, mas ele não aparecia.

Estávamos na Bélgica. A polícia francesa é a única que se me impõe com o seu prestígio fabuloso. Assim como o aparelho penitenciário. Aquilo que eu cometia fora da França não era um pecado, mas um erro. O que iria encontrar

nos campos de trabalhos forçados e nas prisões belgas? O único aborrecimento: sem dúvida, ser privado de liberdade. A Stilitano e a Robert propus uma expedição a Maubeuge.

“Se eu os matar nas Ardenas, a polícia francesa me condenará, e é para a Guiana que serei enviado.”

Nenhum dos dois aceitou vir comigo. Um dia em que eu estava sozinho no quarto de Stilitano, roubei-lhe o revólver, que se achava no bolso de um paletó pendurado no armário.

A vida de que falei acima, foi entre 1932 e 1940 que a vivi. Enquanto a escrevia para vocês, eis que novos amores me preocupam. Tendo-os anotado, utilizo-os. Que sirvam para este livro.

Mordi Lucien até sangrar. Esperava fazê-lo urrar, a sua insensibilidade me venceu; mas sei que poderia chegar a rasgar a carne do meu amigo, a me perder numa carnificina irreparável onde conservaria a razão, onde encontraria a exaltação da decadência. “Que dela me cresçam as marcas”, dizia comigo mesmo, “unhas e cabelos compridos, dentes pontudos, baba, e sob as minhas mordidas que Lucien conserve o seu rosto indiferente, pois os sinais de uma dor forte demais me fariam desapertar os maxilares e lhe pedir perdão”. Quando os meus dentes mordiam a carne dele, os meus maxilares se apertavam num tremor de que todo o meu corpo fremia. Reclamo e todavia amo, e com quanta ternura, o meu pescadorzinho do Suquet. Se ele se deita junto a mim, às minhas mistura devagar as suas pernas, mais confundidas pela fazenda fina dos nossos pijamas, e depois procura, com muito cuidado, o lugar onde aninhar o rosto. Enquanto não dorme, sentirei de encontro à parede muito sensível do meu pescoço o frêmito da sua pálpebra e dos seus cílios curvos. Se ele sente nas narinas algumas comichões, a sua preguiça, a sua indolência não lhe permitindo levantar a mão, para coçar-se ele esfrega o nariz na minha barba, dando-me assim delicadas cabeçadas, como um jovem bezerro que mama em sua mãe. A sua vulnerabilidade é então total. Um olhar ruim, uma palavra dura demais da minha parte poderiam feri-lo, ou então atravessariam sem deixar rastros uma matéria que se tornou, de tão tenra, quase mole, elástica. De vez em quando, uma onda de ternura subida do meu coração, sem que eu possa prevê-la, passa em meus braços, que o apertam com maior força, e ele, sem mexer a cabeça, apoia os lábios naquela parte do meu rosto ou do meu corpo com a qual estão em contato. É a resposta automática à pressão repentina do meu braço. À onda de ternura sempre responde esse simples beijinho em que sinto desabrochar à flor da pele a doçura desse rapaz simples e cândido. É a marca que me faz reconhecer a sua docilidade às injunções do coração, a submissão do seu corpo ao meu espírito. Cochicho, com a voz abafada pelo peso da cabeça dele:

— Quando você está assim, aniquilado junto a mim, tenho a impressão de te proteger.

— Eu também — diz ele. E sem demora me dá um dos seus beijinhos-

respostas.

— O quê, você também?

— Eu também tenho a impressão de te proteger.

— É? Por quê? Eu te pareço fraco?

Num sopro, gentilmente ele me diz:

— Parece... eu te protejo.

Depois de beijar os meus olhos fechados, ele sai da minha cama. Ouço-o fechar a porta. Sob as minhas pálpebras formam-se imagens: na água clara, insetos cinzentos, muito ágeis, que se deslocam no fundo lodoso de certas fontes. Correm na sombra e na água clara dos meus olhos cujo fundo é lodo.

Surpreende-me que um corpo tão musculoso sob o meu calor se dissolva a tal ponto. Na rua, ele anda mexendo os ombros, a sua dureza derreteu-se. O que era arestas agudas, estilhas, suavizou-se — com exceção do olho que brilha na neve desmornada. Essa máquina de dar socos, pontapés, se estira, se deita, se abre, para o meu espanto prova que era apenas doçura contraída, enrijecida, várias vezes dobrada sobre si mesma, amarrada, inchada, e aprendo como essa doçura, essa simples docilidade a responder à minha ternura se transformará em violência, em ruindade, se a doçura deixasse de ser a ocasião de ser ela mesma, se a minha ternura parasse, por exemplo, se eu abandonasse esse menino, se retirasse à fraqueza a possibilidade de ocupar esse corpo magnífico. Vejo o que é que comandaria os sobressaltos. Que raiva ter de sofrer esses despertares. A doçura dele se retrairia, se contrairia, várias vezes se dobraria sobre si mesma para formar uma mola terrível.

— Se você me deixasse, eu ficaria louco — disse-me ele. — Eu seria o mais decaído dos vagabundos.

Às vezes eu receava que a sua docilidade de repente não mais obedecesse ao meu amor. É preciso muita prudência e aproveitar sem demora o que ele oferece à minha felicidade. Quando entardece e Lucien me aperta em seus braços, cobrindo de beijos o meu rosto, uma tristeza vela-me o corpo. O meu corpo, dir-se-ia, se obscurece. Uma sombra cobre-o com um crepe. Os meus olhos olham para dentro de mim. Deixarei essa criança se desprender de mim? Cair da minha árvore, espatifar-se no chão?

— O meu amor é sempre triste.

— É verdade, assim que te beijo, você fica triste. Já reparei.

— Você fica chateado?

— Não, não faz mal. Alegro-me por você...

Dentro de mim, murmuro:

— Gosto de você... Gosto de você... Gosto de você...

O meu amor talvez acabe saindo de mim, penso eu, carregado por aquelas

palavras, como um tóxico é expulso do corpo pelo leite ou pelo purgante. Na minha, guardo a mão dele. A ponta dos meus dedos se demora sobre a ponta dos dedos dele. Corto finalmente o contato: ainda gosto dele. A mesma tristeza vela o meu corpo. Vi-o assim pela primeira vez: Lucien estava descendo do Suquet, descalço. Descalço, ele atravessava a cidade, entrava no cinema. Usava uma roupa de uma elegância impecável: uma calça de linho azul com uma camisinha de marinheiro listrada de azul e branco cujas mangas curtas estavam arregaçadas até os ombros. Ouso escrever que ele ainda usava pés descalços, de tanto que eles me pareceram ser acessórios trabalhados para completar a sua beleza. Eu admirava frequentemente o seu domínio e a autoridade que lhe conferia, na multidão vaidosa daquela cidade, a simples e gentil afirmação da sua beleza, da sua elegância, da sua juventude, da sua força e da sua graça. No centro dessa profusão de felicidade, ele me pareceu grave e sorriu.

Da planta araucária as folhas são vermelhas, espessas e peludas, um pouco gordas e escuras. Enfeitam o cemitério, o túmulo dos pescadores mortos há muito tempo e que, durante séculos, passearam naquela costa ainda selvagem e doce. Eles amorenaram os seus músculos já pretos, puxando barcos e redes. Usavam então uma roupa cujos detalhes esquecidos pouco mudaram: uma camisa muito decotada, um lenço colorido em volta das cabeças morenas e crespas. Andavam descalços. Morreram. A planta, que cresce também nos jardins públicos, me faz pensar neles. O povo de sombras que eles se tornaram continua as suas travessuras, a sua discussão ardente: recuso a morte deles. Não tendo outros meios de ressuscitar um jovem pescador de 1730, para que ele vivesse mais alto, eu me agachava nos rochedos ou de noite na sombra dos pinheiros e obrigava a imagem dele a servir ao meu prazer. A companhia de um menino nem sempre bastava para me distrair deles. Uma noite, sacudi as folhas mortas presas aos meus cabelos, ao meu paletó, abotoei a calça e perguntei a Bob:

— Você conhece um sujeito chamado Lucien?

— Conheço, por quê?

— Nada, não. Ele me interessa.

O rapaz nada disse. Tateando, ele se livrava das folhas secas. Roçou sutilmente os seus cabelos para sentir os pedacinhos de musgo, saiu um pouco da sombra do bosque para olhar se nenhuma porra sujara a sua calça de soldado.

— Que tipo de sujeito é? — perguntei.

— Ele? Um malandrinho. Frequentava os caras da Gestapo.

Uma vez mais, eu era o centro de um turbilhão inebriante. A Gestapo francesa

continha estes dois elementos fascinantes: a traição e o roubo. Se lhe fosse acrescida a homossexualidade, ela seria resplandecente, inatacável. Possuía aquelas três virtudes que erijo em teologias, capazes de compor um corpo tão duro como o de Lucien. O que dizer contra ela? Ela estava fora do mundo. Traía (trair significando romper as leis do amor). Entregava-se ao saque. Ela se exclui do mundo, enfim, pela pederastia, estabelecendo-se, pois, numa solidão inatingível. Java muito devia me ensinar a respeito, e falarei nisso adiante.

— Você tem certeza do que está dizendo?

Bob olhou para mim. Com um movimento da cabeça, jogou para trás as suas madeixas morenas. A meu lado, na sombra, ele caminhava.

— Estou te dizendo.

Fiquei em silêncio. Atento, eu me observava. Em mim rebentavam ondas formadas pela palavra Gestapo. Sobre elas andava Lucien. Elas carregavam os seus pés graciosos, o seu corpo musculoso, a sua flexibilidade, o seu pescoço, a sua cabeça coroada de cabelos brilhantes. Eu me maravilhava ao pensar que, no fundo desse palácio de carne, morava o mal perfeito, compondo aquele perfeito equilíbrio de membros, de torso, de sombras e luzes. O palácio, lentamente, afundava nas ondas, nadava no meio do mar que molha a costa em que caminhávamos e pouco a pouco, tornando-se líquido, se tornou mar também. Quanta paz, quanta ternura me prostravam diante de uma solidão tão preciosa num estojo tão rico. Eu teria desejado adormecer sem dormir, sobre aquelas ondas fechar os meus braços. A sombra do mundo, do céu, da estrada e das árvores entrava pelos meus olhos, estabelecia-se dentro de mim.

— E você nunca teve a ideia de entrar lá para dar uns golpes?

Bob virou um pouco a cabeça em minha direção. O seu rosto, às vezes luminoso, às vezes escuro, permaneceu impassível.

— Tá louco! Onde é que eu estaria agora? Nos trabalhos forçados, como os outros!

No campo de trabalhos forçados ou morto, como os chefes daquela organização: Laffon, Bony, Clavié, Pagnon, Labussière. O que me fizera destacar e conservar aquele pedaço de jornal onde estão as fotografias deles fora o desejo de tirar dele alimento para uma argumentação a favor da traição. Ora, sempre lhe emprestei um rosto radioso. Maurice Pilorge, de rosto tão claro, matinal, era a própria falsidade. Mentia. Mentia-me e traía sorrindo todos os seus amigos. Eu o amava. Quando soube do homicídio que ele cometera em Escudero, fiquei um instante paralisado porque o drama, mais uma vez, se aproximava de mim até me tocar, entrava em minha vida, me exaltava, me dava uma importância (os malandros dizem: “Ele não se sente mais um cagão!”) nova. E lhe dediquei esse culto que ainda guardo após talvez oito anos da sua

degolação. Durante o tempo que vai do crime à morte, Pilorge se tornou maior do que eu. Pensando também em sua vida ceifada, em seu corpo apodrecendo, foi quando pude dizer: “Pobre criança”, que o amei. Aceitava então que ele me fosse não um exemplo, mas uma ajuda para percorrer uma estrada até um céu onde espero encontrá-lo (não escrevo reencontrá-lo).

Eu tinha sob os olhos rostos (com exceção do de Labussière) aborrecidos, afrouxados por numerosos medos e pela covardia. Eles tinham contra si a má qualidade do papel, da impressão, o fato de terem sido apanhados em momentos penosos. Tinham a aparência de pessoas presas na armadilha, mas naquela que prepararam para si mesmas — a armadilha interior. Na belíssima fotografia em que apareceu enfaixado, Valpeau Weidmann, ferido por um tira que o prendeu, é também um bicho apanhado na armadilha, mas na dos homens. Contra ele, a sua própria verdade não se volta para enfeiar a sua cara. O que vi e o que vejo às vezes quando olho o retrato de Laffon e dos seus amigos é a revolta deles mesmos contra si mesmos.

“Um verdadeiro traidor, um traidor por amor”, pensei eu então, “não parece falso”.

Cada um dos homens de que falo terá conhecido períodos de glória. Eram, nesses períodos, luminosos. Conheci Labussière, vi-o sair com amantes, de carros suntuosos. Era seguro de si, estabelecido em sua verdade, tranquilo no centro da sua atividade de alcaguete bem-pago. Nada o torturava.

— Escrúpulos, sentimentos que provocam nos outros tantas perturbações que os seus rostos denunciam, deixam Lucien intacto em sua candura — disse para mim mesmo.

Ao descrevê-lo para mim como um sujo, Bob esperava que eu perdesse o interesse por ele. Em vez disso, teria reforçado os laços que me prendiam a ele. Amorosamente eu o imaginava “liquidando” e torturando. Estava enganado. Ele nunca traía. Perguntei-lhe se aceitaria viver comigo a minha vida, até no que ela apresentaria de perigoso, ele me olhou dentro dos olhos e nunca vi olhar mais limpo. Era uma fonte afogando um prado já úmido onde crescem miosótis e aquela gramínea a que dão o nome, no Morvan, de erva-que-treme. Depois ele me disse:

— Está bem.

— Posso contar com você, com sua amizade.

Mesmo olhar, mesma resposta.

— Levarei a mesma vida que você, só que não posso roubar.

— Por quê?

— Não. Eu preferia trabalhar.

Calei-me.

— Se eu te deixasse, você diz que se tornaria um bandido, por quê?

— Porque eu teria vergonha de mim mesmo.

Alguns dias mais tarde, eu lhe disse:

— Sabe de uma coisa, vamos ter de nos arranjar com o que sobrou. Estamos quase sem grana.

Lucien andava e olhava o sol.

— Se pelo menos a gente encontrasse um troço para abafar — disse ele.

Tive o cuidado, a fim de não magoá-lo, em vista da fragilidade do mecanismo que o fez pronunciar tal palavra, de não dizer nada por demais brutalmente vitorioso. Falei de outra coisa. No dia seguinte de uma visita a G.H., ele foi mais preciso.

G.H. mora num apartamento que ele mobiliou em quatro dias, quando da entrada dos alemães em Paris. Com três dos seus amigos tendo vestido o uniforme da Wehrmacht (uniformes roubados por umas putas a soldados arrebetados de cansaço, álcool e amor) ele saqueou algumas casas particulares de parisienses foragidos. O seu caminhão entupido fazia viagens de Passy para a garagem. Agora ele possui os móveis, os tapetes. Tapetes como estes, penso eu, onde pelos pés me entra a discrição, estabelecem o silêncio — a solidão até e a tranquilidade que o coração de uma mãe oferece. Aqui pode-se pronunciar as piores palavras, preparar o mais abominável dos crimes. Os lustres estão amontoados no apartamento dele. Dos amigos que tinham parte igual no saque, dois morreram na Itália, seguindo Darnand. O outro acaba de ser condenado aos trabalhos forçados, à prisão perpétua. Aqueles dois mortos e a condenação sacramentaram o direito de propriedade de G.H.. Autenticaram-no. Seguro — ou não — de nunca ser descoberto, ele anda sobre os tapetes, deita-se nas poltronas, com uma autoridade que ainda não tinha.

— Quero vê-los me desalojarem — disse-me ele.

Ele tira a sua força da certeza do seu direito de ocupar aqueles móveis conquistados, aqueles suntuosos despojos que Lucien admira. O apartamento, como fato, ação que continua a realizar-se, pertence ao drama. É o tabernáculo infinitamente precioso onde a testemunha está vigilante. Desde que conheço aqueles mortos, eu mesmo entro na casa de G.H. com mais segurança e menos admiração. Cada objeto já não tem a aparência de pertencer a outro dono, de ser submetido a outra alma. Tudo aqui está definitivamente entregue ao seu atual possuidor. Ao sair de lá, na escada, Lucien me disse:

— Com esse cara, deve ser gozado trabalhar.

— Que trabalho?

— O dele.

— O que é?

— Ora, você sabe muito bem, o roubo.

Talvez Armand esteja vivendo num luxo semelhante ou tenha sido fuzilado. Quando os alemães ocuparam a França, para onde ele voltara, era natural que entrasse para a Gestapo. Eu o soube por um inspetor que, durante uma detenção, achou comigo a fotografia dele. Era aonde ele tinha de ir, e eu o deveria ter seguido. A sua influência para lá me guiava.

(Uma vez que grande parte deste diário se perdeu, já não posso me lembrar das palavras que me faziam recordar a aventura de Albert e de D., da qual, mesmo sem participar, fui testemunha. Não tenho a coragem necessária para recomençar um novo relato, mas uma espécie de respeito pelo tom trágico que eles deram ao seu amor me obriga a citá-lo. Albert tinha vinte anos. Vinha do Havre. D. o encontrou na prisão da Santé. Quando de lá saíram, passaram a viver juntos. Durante a ocupação alemã, D. foi admitido na Gestapo. Um dia, num bar, ele matou com um tiro de revólver um oficial alemão que zombava do amigo dele. Na desordem, teve tempo de passar a sua arma para Albert.

— Esconda o berro!

— Corra, Dédé, corra!

Antes que tivesse percorrido cinquenta metros, uma barragem o impediu de fugir. Num relâmpago, ele deve ter pensado nas torturas que iria sofrer.

— Me dê o revólver — disse ele a Albert. Albert recusou. — Me dê o revólver, tá ouvindo, eu quero me matar.

Já era tarde demais, os alemães estavam junto deles.

— Bébert, não quero que eles me peguem vivo. Mate-me.

Albert matou-o com uma bala na cabeça e depois suicidou-se.

Quando redigi este fragmento do diário, fiquei por muito tempo obcecado pela ideia da beleza de Albert, sempre usando aquele boné da marinha fluvial (cuja fita preta é bordada de flores). D. em Montmartre passeava as suas botas com insolência. Eles brigavam o tempo todo (D. tinha então quarenta anos), até aquela morte à qual não assisti. Segundo a forma que primeiro dei a este relato, eu o teria utilizado para não sei que conclusão moral. Não experimento em mim nenhum fervor capaz de me fazer reescrevê-lo.)

Conheço a calma extraordinária no momento de realizar o roubo e o temor que a acompanha. O meu corpo tem medo. Na vitrine de um joalheiro: enquanto

não estou dentro, não acredito que vou roubar. Mal entro, tenho a certeza de que sairei com uma joia: um anel ou as algemas. Essa certeza se traduz por um longo arrepio que me deixa imóvel mas vai da nuca aos calcanhares. Ele se exaure nos meus olhos cujos contornos secam. As minhas células, me parece, transmitem umas às outras uma onda, um movimento ondulatório que são a própria substância da calma. Penso-me do calcanhar à nuca. Acompanho a onda. Ela nasceu do medo. Sem ela, não existiria essa calma em que o meu corpo mergulha — que o meu corpo atinge. Preciso de uma grande contenção de espírito para não fugir. Ao sair da loja, sentirei muita dificuldade em correr e até em andar depressa. Uma espécie de elástico me segura. Os meus músculos estão pesados, apertados. Mas uma vigilância muito aguda os dirige na rua. É difícil ver Lucien nessa situação. Não seria capaz de desmaiar? E num arrombamento? Quando a fechadura está arreventada, assim que a empurrei, a porta afasta *dentro de mim* um monte de trevas, mais exatamente um vapor muito espesso em que meu corpo é chamado a entrar. Entro. Durante uma meia hora, vou operar, se estou sozinho, num mundo que será o avesso do mundo habitual. O meu coração bate com muita força. A mão nunca treme. O medo não me abandona nem por um segundo. Não penso exatamente no proprietário do lugar, mas todos os meus gestos o evocam à medida que o veem. Mergulho numa ideia de propriedade quando saqueio a propriedade. Recrio o proprietário ausente. Ele vive não na minha frente, mas em volta de mim. É um elemento fluido que respiro, que entra em mim, que incha os meus pulmões. O início da operação processa-se quase sem medo. Este chega mal tomo a decisão de partir. A decisão nasce quando o apartamento já não possui mais nenhum canto secreto, quando tomei o lugar do proprietário. E não obrigatoriamente logo que descobri o tesouro. Guy quase sempre se senta a uma mesa da cozinha ou do salão saqueado para comer. Alguns ladrões vão ao banheiro depois do saque. Não suporto a ideia de Lucien submetido a esses ritos. A sua natureza não é religiosa. Uma vez descoberto o tesouro, é preciso sair. O medo então invade o meu corpo. Eu desejaria tudo precipitar. Não me precipitar, andar mais depressa, mas fazer com que tudo, magicamente, se apresse. Que eu me veja fora daqui e muito longe, mas quais os gestos para andar mais depressa? Os mais pesados, os mais lentos. A lentidão traz o medo. Não é mais o meu coração, mas todo o meu corpo que bate. Sou uma imensa têmpora, a têmpora que lateja no quarto saqueado. Aconteceu-me preferir adormecer no lugar, durante uma hora, atrás da porta, para me acalmar, para não ter de descer à rua e fugir, pois, embora saiba que não estou sendo perseguido, multiplicarei os zigue-zagues, passarei por certas ruas, voltarei para trás, como se quisesse apagar uma pista. Após um roubo rápido, é ainda mais emocionante: ando mais depressa, acelero, as seções que compõem as linhas

quebradas são mais curtas. Sou levado, parece, pela própria rapidez com que realizo o roubo. Eu não suportaria que Lucien se expusesse assim. O seu jeito não é furtivo. Em seus movimentos, em seu comportamento, reencontramos como que uma ligeira hesitação, uma contenção, comparáveis à contenção das últimas sílabas no canto da boca úmida dos jovens americanos. Lucien é pudico.

Um dia, ameacei deixá-lo.

— Assim não pode mais continuar. Estou farto dos seus caprichos.

Sem beijá-lo, fui embora. Durante três dias, recusei-me a vê-lo. Ele nunca se queixou.

— Como poderei me livrar dele? — perguntava a mim mesmo. — Como?

Os escrúpulos me visitaram, me entristeceram, me envenenaram com os meus pensamentos, o curso de uma vida já muito inquieta. Esperava que ele se atirasse ao meu pescoço. Aguardei um milagre, mas era preciso uma tempestade para desanuviar o céu. Na noite do terceiro dia, entrei no quarto dele.

— Você não saiu para comer?

— Estava sem um tostão.

— Não podia me pedir?

— Pensei que você não quisesse mais me dar.

Ele falou com naturalidade, depois calou-se. Não tentou nada para agarrar-se à vida. A sua insensibilidade em relação à sua própria desventura me exasperava.

“Talvez ele esteja morto de vontade de fazê-lo”, pensei, “mas a sua falta de imaginação o impede de encontrar os gestos adequados”.

De repente, ele me pareceu enclausurado num subterrâneo de onde não podia fazer ouvir a sua voz — uma voz sem dúvida muito discreta e muito suave. Era um paralítico cuja alma se desola no fundo de um corpo imóvel. Mas o que acabou de derreter o meu rigor foi que me lembrei de uma palavra que ele me dissera a propósito do seu ombro deslocado: “Não é culpa minha.” Ele pronunciara com tanta humildade essa desculpa que dentro da noite pensei adivinhar que ele enrubescia.

“Não posso”, pensei então, “deixar este pobre garoto sozinho. Pode ser que ele se lembre de me ter dito aquela frase e ficará sabendo que tenho um coração de pedra”.

Quando dois minutos mais tarde ele estava em meus braços, agarrei-o pelos cabelos a fim de erguer o rosto que ele aninhara em meu pescoço, e vi lágrimas em seus olhos.

Durante aqueles três dias, ele conhecera o desamparo total. Sentia então a alma tranquila por estar trazendo paz àquela criança. Sentia-me orgulhoso de ser a causa daquelas lágrimas, da alegria e da dor de um menino. Por minha graça, ele era uma espécie de joia que as suas lágrimas e a sua aflição endureciam até o

cintilamento. O seu desespero o embelezava, e a sua volta à vida, também. Eles o tornavam precioso. As suas lágrimas, os seus soluços no meu pescoço eram a prova da minha virilidade. Eu era o macho dele. Mal acabou de limpar o rosto, deitado junto a mim na cama, Lucien desmanchava a bainha da minha orelha. Enrolava-a, desenrolava-a, amassava-a.

— Está tomando mau jeito — disse ele.

Abandonou a minha orelha pela minha face, pela minha testa que enrugava com os seus dedos cruéis. (Os dedos dele trabalham a minha pele com dura precisão. O gesto não é automático. Lucien presta uma atenção muito grande ao que faz.) Ele parecia estar me experimentando vários rostos, mas nenhum o satisfazia. Eu me deixava trabalhar por aquele menino a quem o jogo permite que um desamparo ainda maior brote de dentro dele. Inventar aquelas rugas, aqueles vazios, aqueles relevos, o divertia, mas parecia diverti-lo gravemente. Ele não ria. Sob dedos tão inventivos, eu experimentava a bondade dele. Por eles, parecia-me abençoado ser trabalhado, desenhado, e compreendia o que a matéria deve dar de amor a quem a trabalha com tanta alegria.

— O que é que você está fazendo na minha bochecha?

Formulo essa pergunta com ar distante. Onde estou? O que é que está acontecendo neste quarto de hotel, numa cama de cobre? Onde estou? O que ele está fazendo me é indiferente. O meu espírito está descansando. Daqui a pouco, este avião que ronca vai se espatifar no chão. Ficarei aqui, com o meu rosto enfim no pescoço dele. Ele não fará gesto nenhum. Estarei preso no amor, como se fica no gelo, ou na lama, ou no medo.

Lucien mexia, triturava a minha pele, as minhas sobrancelhas, o meu queixo, a minha bochecha. Abri mais os olhos, olhei para ele e, sem sorrir, pois não tinha força para isso, disse-lhe com tristeza (eu tampouco tinha força para mudar de tom):

— O que é que você está fazendo com a minha bochecha?

— Estou fazendo laços.

Respondeu com simplicidade, como se fala de uma coisa natural, com alguém que deveria compreender, ou que nunca há de compreender coisa tão simples, tão misteriosa. A sua voz estava um pouco surda. Quando ele subiu até a minha sobrancelha para amassá-la, afastei um pouco a cabeça. Esticou as mãos para retomá-la, aproximá-la de si. Eu a afastei novamente. Ele esticou os braços e chamou em tom de queixa, quase como um bebê:

— Jean, por favor, deixa.

— Tá me machucando.

— Só um pouquinho, meu Jean. Um pouquinho só a tua sobrancelhinha.

Compreendo o que liga o escultor à sua argila, o pintor às suas tintas, cada

operário à matéria que ele trabalha, a docilidade, a aquiescência da matéria aos gestos daquele que a anima, sei quanto amor dos dedos passa para aquelas pregas, aqueles buracos, aqueles relevos.

Será que o abandono? Lucien me impediria de viver. A menos que a sua tranquila ternura, o seu pudor assustado se tornem sob o meu sol de amor um tigre ou um leão. Se ele me ama, será que vai me seguir?

“O que seria dele sem mim?”

Orgulhoso, ele não vai querer voltar para a sua família. Perto de mim, terá adquirido hábitos de preguiça e de luxo. Será que ele frequentará os bares? Ele se tornará ruim, cruel, por vingança, por desafio, por ódio de todos os homens. No mundo, entre tantas outras, uma infelicidade me é indiferente, mas sofro com a ideia desse garoto enveredando pelo caminho da vergonha. À beira da queda, o meu amor se exalta. Prestes a acabar, acende todas as noites a apoteose do sol poente.

“O que vai ser dele?”

A dor explode sobre mim e me cobre. Vejo Lucien: os seus dedos dormentes, roxos, pesados, sensíveis, gelados até os ossos, se abrem com dificuldade para entrar nos bolsos imundos e rígidos da calça; vejo-o parado, batendo os pés no chão, no frio seco, diante dos cafés em que não se ousa entrar, talvez dos seus pés doloridos nascesse uma nova dança, uma paródia. Ele levantaria a gola do seu paletó. Apesar do vento que racha os seus lábios, ele estará sorrindo para os veados velhos. A dor rebenta em mim, mas que felicidade em meu corpo e no meu coração derramam esses perfumes quando, pelo mesmo pensamento que me faz abandoná-lo, eu o salvo de todo o mal a que o destino? Ele não me odiará. Nauseabundas baforadas da minha Espanha sobem às minhas narinas.

Posso fazer melhor do que colocá-lo, durante algumas páginas, numa das mais humilhantes situações que eu conheça? Um infeliz, pueril e talvez orgulhoso sentimento de redenção me faz acreditar que eu me submetia a tantas vergonhas a fim de que elas lhe fossem poupadas. Mas, para que a experiência seja mais eficaz, farei um instante reviver Lucien em minha pele miserável. Num livro intitulado *Miracle de la Rose*, de um jovem condenado aos trabalhos forçados nas faces e nos olhos do qual os seus colegas cospem, assumo a ignomínia da situação e, falando dele, digo: “Eu...” Aqui é o inverso. Chovia. Com outros mendigos sem nobreza, Lucien estava agachado de encontro a um bloco de pedra, num terreno baldio perto do porto, onde os mendigos eram tolerados. Cada um acendia fogueiras minúsculas onde esquentava arroz e feijão, distribuídos na porta dos quartéis e trazidos numa lata de ferro. Por vir dos soldados magníficos entre os quais ele teria sido o mais belo, deixada por eles, misturada pela sua piedade ou pelo seu desdém confundidos com ela, aquela comida, aquela sopa inominável petrificava-se para passar na garganta. O seu coração se apertava. As lágrimas contidas endureciam as suas pálpebras. A chuva apagava todos os fogos que ainda fumegavam. Os mendigos protegiam a sua sopa como podiam, escondendo a lata debaixo da aba do paletó, com um saco de aniagem atirado sobre os ombros. O terreno baldio ficando aos pés de um muro que sustentava a avenida que leva às *Ramblas*, os transeuntes, apoiados na parte de cima do muro, dominavam um verdadeiro pátio dos Milagres onde, a qualquer momento, se assistia a magras discussões, magras batalhas, pobres transações. Cada ato era uma paródia. Os pobres são grotescos. O que eles faziam aqui não passava de um reflexo deformado de aventuras sublimes que prosseguiram talvez em ricas mansões, com seres dignos de serem vistos e ouvidos. Os mendigos que se batiam e se insultavam atenuavam a violência dos seus gestos e dos seus gritos a fim de que não os enfeitasse nenhum atributo nobre, reservado ao mundo de vocês. Os outros mendigos, vendo essas batalhas, pousavam nelas um olhar rápido, pois este também só deve ser um reflexo. A uma brincadeira, a um insulto sonoro e engraçado, a um repentino fluxo de eloquência como a um soco habilmente, por demais sabiamente dado, eles recusavam o sorriso ou a palavra de admiração. Ao contrário, mas em silêncio, e no segredo dos seus corações, eles o censuravam como uma incongruência. Realmente era, e o seu pudor a recusava. Por exemplo, nenhum pobre teria dito para o outro, em tom de comiseração: “Deixa pra lá, velho, tudo isso passa.” Aqueles cavalheiros tinham tato. Para a sua segurança, a fim de evitar qualquer

rachadura pela qual poderia ter entrado a angústia, assumiam uma atitude de indiferença próxima da mais extrema polidez. A sua linguagem conservava a contenção dos clássicos. Sabendo-se sombras ou reflexos, deformados e infelizes, eles trabalhavam devotadamente para possuir a discrição infeliz dos gestos e dos sentimentos. Não falavam em voz baixa, mas num tom intermediário entre alto e baixo. A cena que desejo descrever se passava sob a chuva, mas mesmo ao meio-dia, sob o céu de julho, sobre eles a chuva parecia cair suavemente e os fazer tiritar. Às vezes, um soldado aparecia. Dizia algumas palavras em espanhol, e cinco ou seis dos mais humildes, dos mais velhos e dos mais feios, se precipitavam miseravelmente: o soldado escolhia dois e os levava até o tanque onde eles torciam e punham roupa para secar. A esses apelos, Lucien nunca respondia. Olhava à sua frente, e do fundo de uma guarita de tristeza, o mar que ao longe se quebrava. Os seus olhos eram fixos. A imundície realçava-lhe as feições. O suor tornava o seu rosto oleoso, liso, perfeito para um retrato. Ele se barbeava raramente e mal, ensaboando a face com a mão. Não tendo, como eu mesmo, naquela época, cortado os cabos que conservam preso aquele cuja única possibilidade é o desprendimento, ele permanecia relacionado com o mundo de vocês pela sua juventude, pela sua beleza, pela sua preocupação de elegância, pela sua fome, pela sua necessidade de glória terrena. É doloroso para mim ter de degradá-lo. Grande seria a minha alegria de poder chamá-lo de vadio, pulha, canalha, crápula, malandro, trapaceiro, lindos nomes encarregados de evocar aquilo que por mofa vocês denominam bela companhia. Ora, estas palavras cantam. Cantarolam. Evocam também para vocês os mais doces e ágeis prazeres, pois, em surdina, fazendo-os anteceder por querido, adorável ou bem-amado que elas sutilmente atraem, vocês as murmuram para os seus amantes. Que Lucien se desespere e que eu sofra com isso! Rasgado o véu do pudor, exibidas as partes vergonhosas, conheço, com as faces em fogo, a necessidade de me esconder ou de morrer, mas creio que, enfrentando esses penosos mal-estares e neles me mantendo, aprenderei por impudor estranhas belezas. (Emprego esta palavra ao acaso, pois suponho que descobrirei um mundo mais claro onde, sem perturbar a emoção, sem perturbar o amor, um riso discreto — e fútil — será permitido.) Lucien sofria, mas surdamente, pois estava torturado. Se ele olhava as suas mãos sujas, às vezes um sobressalto de ódio o precipitava para um chafariz. Lavava o torso corajosamente, depois os pés, as mãos, limpava o rosto e penteava os cabelos com um pente quase sem dentes. Essa tentativa de juntar-se a vocês era vã. Alguns dias depois, a sujeira lhe roía a coragem. Cada vez mais, o vento o gelava, a fome o enfraquecia — não da nobre fraqueza dos langores doentios: o seu corpo continuava tão belo como sempre, mas disso não se podia gabar, pois teria sido uma insolência — um cheiro

horrível o afastava de vocês.

Já falei bastante acerca daquilo em que ele estava se transformando. Passaram turistas franceses que se debruçaram por cima do muro. Um navio de passageiros fazendo escala em Barcelona, eles tinham descido à terra por algumas horas. Estranhos ao país, vestidos com belas fazendas de gabardine, e ricos, eles tinham reconhecido a si mesmos o direito de achar pitorescos aqueles arquipélagos de miséria cuja visita era talvez o objetivo secreto e não confessado do cruzeiro que faziam. Sem preocupação de feri-los, eles mantiveram por cima dos mendigos um diálogo preciso, cujos termos eram nítidos, quase técnicos.

— A combinação é perfeita entre a tonalidade dos céus e as cores um pouco esverdeadas dos farrapos.

— ... um lado Goya...

— O grupo da esquerda é muito curioso de observar. Há cenas de Gustave Doré cuja composição...

— Eles são mais felizes do que nós.

— Eles têm um lado mais sórdido que os de Bidonville, está lembrado, em Casablanca? É verdade que a roupa dos marroquinos confere a um *simples* mendigo uma dignidade que um europeu nunca há de possuir.

— Estão totalmente entorpecidos. Seria melhor vê-los num dia de tempo bom.

— Ao contrário, a originalidade das poses...

Do fundo dos seus quentes agasalhos, os turistas observavam aquela população enroscada, queixo nos joelhos, mal-abrigada do vento e da chuva. Nunca em meu coração conheci o ódio ou a inveja em relação aos ricos que de nós se afastavam com nojo. A prudência nos aconselhava os sentimentos abafados: a submissão, a servilidade. Os ricos obedeciam às leis da natureza. Quando os viu aproximarem-se, Lucien sentiu uma espécie de angústia. Era a primeira vez que via homens chegarem para examinar os seus costumes, as suas anomalias, as suas esquisitices. De uma só vez, vertiginosamente, ele foi precipitado no fundo do inominável, e aquela queda, cortando-lhe o fôlego, fez o seu coração pular. Entre as mãos enluvadas daquela gente ele via brilhar maldosamente a objetiva cruel das máquinas fotográficas. Alguns mendigos compreendiam o francês, mas só ele podia perceber com perfeição a mistura de insolência e de benevolência autoritária. Cada um se desfez com tédio dos seus cobertores ou dos seus farrapos, e levantou um pouco a cabeça.

— Querem ganhar...?

Como os outros, Lucien levantou-se, agachou-se, apoiou-se sobre os cotovelos, segundo as cenas que os turistas desejavam fixar. Ele até sorriu, como lhe pediam, para um velho mendigo, e suportou que embaraçassem os seus cabelos sujos, fazendo-os cair na testa molhada. As poses levaram muito tempo

porque o dia estava escuro. Os turistas queixaram-se da luz, mas louvaram a qualidade das suas películas. Se os mendigos experimentavam a vaidade simples de servir um pitoresco sem o qual a Espanha seria menos bela, Lucien se sentia transbordar de uma vergonha que o afogava. Eles pertenciam a um sítio ilustre. Eu mesmo, em Marselha, quando tinha 16 anos, no meio de outros meninos que esperavam pelos senhores que vão nos escolher, será que sabia estar servindo para compor esse grupo de 15 ou vinte malandros que as pessoas vêm ver do fim do mundo e que são o elemento extensível mas essencial que forma a cidade cara aos veados? Conheço alguns que têm a minha idade e, se eles me encontram, dizem:

“Ah, sei, estou me lembrando, você era da rua Bouterie”, ou “Você era da avenida Belsunce”.

Num exagero de lugar-comum, os mendigos se colocaram nos lugares mais sujos, desdenhando qualquer precaução pelas suas pessoas; Lucien sentara-se num degrau encharcado, com os pés numa outra poça. Não tentava mais esforço nenhum para voltar para o mundo de vocês, desesperava-se. A sua lamentável imagem estava destinada a ilustrar a viagem de um amador milionário.

— Você, eu o fotografei cinco vezes — disse um homem. Deu dez pesetas a Lucien, que agradeceu em espanhol.

Os mendigos mostraram uma gratidão e uma alegria discretas. Se alguns foram beber, os outros retomaram a sua posição inclinada, parecendo estar dormindo, na realidade segregando uma espécie de verdade que será deles e os salvará: a miséria em estado puro.

Essa cena é apenas uma entre muitas pelas quais eu queria que se purificasse a ideia de Lucien a fim de chegar perfeita, e digna de uma felicidade que eu lhe proporcionava na época.

O que sei dele: a ternura, a gentileza, a vulnerabilidade, mais do que qualidades, defeitos (mas, como se diz, o defeito da couraça), que a mim o propunham naquelas situações em que a infelicidade dele seria tal que ele se mataria. Todavia, para amá-lo mais do que eu mesmo, será preciso que eu o saiba fraco, frágil, a fim de nunca ser tentado (contra mim) a abandoná-lo. As minhas aventuras o servem. Eu as vivi. À imagem que quero ter de Lucien, atravesso cruelmente as mesmas provações. Só que será o meu corpo que as terá sofrido, e também o meu espírito. Depois, a partir delas, formarei dele uma imagem que ele imitará.

Acabo de descrever mal a operação que consiste em tomar para si a infelicidade dos outros, mas, além de distinguir-lhe o mecanismo de modo

bastante confuso, já é tarde demais, estou muito cansado para tentar mostrá-lo melhor a vocês.

A fim, não de instalar Lucien na felicidade, mas para que ele irradie felicidade, quero trabalhá-lo segundo uma imagem dele que terei preparado, trazido, esboçado antes pelas minhas próprias aventuras. Assim, pouco a pouco, eu o acostumarei a ouvi-las, a me saber construído por elas, com ele falar nelas sem enrubescer, sem que ele tenha pena de mim ou se entorneça, pois ele precisa saber que decido que vai beneficiar-se dessas aventuras. Exijo, pois, que ele conheça a minha prostituição, e que a reconheça. Que conheça o detalhe dos meus latrocínios mais vis, que sofra com eles e os aceite. Que saiba também a minha origem e a minha pederastia, a minha covardia, a minha estranha imaginação que me quer como mãe uma estranha ladra de rosto pálido e sonso; o meu gesto para pedir esmola; a minha voz que eu quebrava, velava, segundo uma convenção reconhecida pelos mendigos e pelos burgueses; o meu modo inventado, engenhoso de abordar os veados; o meu jeito de bicha nervosa; a minha vergonha diante dos rapazes bonitos; a cena em que um deles preferiu à minha ternura o topete e o encanto de um malandro; outra em que o cônsul da França tapou o nariz ao me ver entrar e mandou que me pusessem para fora; enfim aquelas viagens intermináveis pela Europa, tendo a perseguir-me os farrapos, a fome, o desprezo, o cansaço e os amores viciados.

Quando fui abandonado por Stilitano perto de San Fernando, a minha aflição foi ainda maior, mais profundo o sentimento da minha pobreza. (Falando dos pobres os árabes dizem “Meskine”. Eu era mesquinho.) Não era mais nem mesmo a lembrança dele que eu transportava comigo, mas a ideia de um ser fabuloso, origem e pretexto de todos os desejos, terrível e doce, longínquo e próximo a ponto de me conter, pois, sendo agora sonhado, ele tinha, ainda que brutal e duro, a inconsistência gasosa de certas nebulosas, as suas dimensões gigantescas, o seu brilho no céu e até o nome. Arrasado pelo sol e pelo cansaço, os meus pés pisavam Stilitano, a poeira que eu levantava era a sua matéria impalpável enquanto os meus olhos queimados procuravam perceber os mais preciosos detalhes de uma imagem mais humana dele e também inacessível.

Para conseguir aqui a poesia, isto é, comunicar ao leitor uma emoção que eu ignorava na época — que ainda ignoro —, as minhas palavras apelam para a suntuosidade carnal, para o aparato das cerimônias deste mundo, não, infelizmente, para a arrumação, que se desejaria racional, da nossa, mas para a beleza das épocas mortas ou moribundas. Pensei, ao expressá-la, que me livraria do poder que exercem os objetos, os órgãos, as matérias, os metais, os

humores, aos quais por muito tempo um culto foi prestado (diamantes, púrpura, sangue, espermatozoides, flores, auriflamas, olhos, unhas, ouro, coroas, colares, armas, lágrimas, outono, vento, quimeras, marujos, chuva, crepe), e me desfaria do mundo que eles significam (não daquele que eles nomeiam, mas daquele que evocam e no qual estou me afundando); a minha tentativa foi vã. É sempre a eles que recorro. Proliferam e me agarram. Por culpa deles, atravesso camadas genealógicas, o Renascimento, a Idade Média, as épocas carolíngia, merovíngia, bizantina, romana, as epopeias, as invasões, para chegar à Fábula em que toda criação é permitida.

Eu perguntava a mim mesmo o que pode esconder aquele véu de saliva, o sentido secreto da untuosidade e da brancura do seu escarro, não doentio, ao contrário, de um vigor emocionante, capaz de provocar excessos de energia.

(Emocionado por certas leituras onde encontrei termos que evocam a religiosidade, muito naturalmente eu os usava para sonhar com os meus amores que, por serem assim nomeados, assumiam proporções monstruosas. Com eles eu me atirava numa aventura original, governada pelas forças elementares. Talvez o amor, para me criar melhor, me reensinasse os elementos que chamavam as palavras perturbadoras que são empregadas para nomeá-los: cultos, cerimoniais, visitas, ladainhas, realeza, magia... Por esse vocabulário, pelo universo disforme que ele propõe e que eu continha, eu ficava disperso, aniquilado.) Nessa desordem, nessa incoerência, de aldeia em aldeia eu mendigava.

Ao longo das costas espanholas, de três em três ou de quatro em quatro quilômetros, a alfândega fabricou pequenas choupanas de onde se pode vigiar o mar. Uma noite alguém entrou naquela em que eu me deitara para dormir. Quando eu era miserável, caminhando na chuva ou no vento, a menor saliência, o menor abrigo se tornava habitável. Às vezes eu o enfeitava com um sábio conforto tirado das suas particularidades: um camarote de teatro, a capela de um cemitério, uma caverna, uma carreira abandonada, um vagão de carga, que sei eu? Obcecado pela ideia de moradia, conforme a sua própria arquitetura, em pensamento, eu embelezava aquela que acabara de escolher. Quando tudo me era recusado, eu desejava ser feito para as caneluras das falsas colunas que ornamentam as fachadas, para as cariátides, para os terraços, para a pedra de cantaria, para aquela pesada segurança burguesa que por eles se exprime.

— Vou precisar amá-los — dizia de mim para mim —, adorá-los, pertencer-lhes, a fim de que eles me pertençam e que a ordem que sustentam seja a minha.

Infelizmente, eu ainda não era feito para eles. Tudo deles me afastava,

impedia esse amor. Faltava-me o gosto pela felicidade terrena. Hoje em dia, sou rico mas cansado e peço a Lucien que tome o meu lugar.

Dobrado, enroscado em meu paletó a fim de fugir à umidade do mar, eu esquecia o meu corpo e a sua fadiga imaginando para a choupana de juncos e caniços aqueles detalhes que dela fariam uma habitação perfeita, construída especialmente para abrigar o homem que, em poucos minutos, eu me tornava a fim de que a minha alma estivesse de acordo com o sítio — o mar, o céu, os rochedos, os areais — e a fragilidade da construção. Um homem esbarrou em mim. Praguejou. Eu não sentia mais medo de noite, ao contrário. Era um guarda da alfândega de mais ou menos trinta anos. De fuzil em punho, ele vinha para vigiar os pescadores ou os marujos que fazem contrabando entre o Marrocos e a Espanha. Quis me fazer sair, mas depois, iluminando o meu rosto com a sua lâmpada, vendo que eu era jovem, disse que eu podia ficar. Dividimos a ceia dele: pão, azeitonas, alguns arenques, e bebi vinho. Falamos um pouco, e depois ele me acariciou. Disse-me que era andaluz. Já não sei mais se era bonito. Pela abertura, via-se o mar. Não pudemos ver barco nenhum, mas ouvimos remos que se chocavam contra a água e o som de vozes. Ele fez um movimento para sair, mas apelei para as minhas carícias mais sábias. Ele não conseguiu se desgarrar, os contrabandistas devem ter trabalhado tranquilamente.

Submetendo-me às vontades do guarda da alfândega, eu estava obedecendo a uma ordem dominadora que era impossível não servir: a da polícia. Por um instante eu não era mais o vagabundo esfomeado e esfarrapado que os cães e as crianças põem em fuga, nem tampouco o ladrão audacioso que zombava dos tiras, mas a favorita, sob uma noite estrelada, que nina o vencedor. Quando compreendi que só dependia de mim que os contrabandistas abordassem sem perigo, não foi apenas por eles que me senti responsável, mas por todos os fora da lei. Eu estava sendo vigiado alhures e não podia escapar. O orgulho me sustentava. Enfim, já que era fingindo o amor que eu retinha o policial, eu o reterei com maior segurança, pensei, se o meu amor é mais poderoso, e não podendo fazer melhor, eu o amei com todas as minhas forças. Concedi-lhe a mais bela das minhas noites. Não para que ele fosse feliz, a fim de me cobrir — e de livrá-lo — da sua própria ignomínia.

A traição, o roubo e a homossexualidade são os assuntos essenciais deste livro. Uma relação existe entre eles, se não sempre aparente, pelo menos penso reconhecer uma espécie de troca vascular entre o meu gosto pela traição, o roubo e os meus amores.

Depois que acabei de lhe dar prazer, o guarda me perguntou se eu ouvira alguma coisa. O mistério daquela noite, daquele mar em que vagueavam invisíveis ladrões, me perturbou.

A emoção muito especial que, ao acaso, chamei de poética deixava em minha alma uma espécie de rastro de intranquilidade que se ia atenuando. O murmúrio de uma voz, de noite, e no mar o barulho de remos invisíveis, naquela situação estranha, me haviam transtornado. Conservei-me atento para agarrar esses instantes que, errantes, me pareciam estar à procura, como de um corpo uma alma penada, de uma consciência que os anote e os experimente. Quando a encontram, param: o poeta esgota o mundo. Mas, se ele propõe outro, só pode ser da sua própria reflexão. Quando, na Santé, comecei a escrever, nunca foi com o intuito de reviver as minhas emoções ou de comunicá-las, mas para que, da expressão delas imposta por elas, eu compusesse uma ordem (moral) desconhecida (de mim mesmo, em primeiro lugar).

— Ouvi — disse eu.

Ele me perguntou por onde eles deviam ter abordado. O olhar dele queria investigar as trevas. Tinha o seu fuzil na mão, pronto para atirar. Ora, o meu cuidado com a exatidão é tão grande que por pouco não lhe indiquei a boa direção: foi à reflexão que fiquei devendo a minha lealdade aos contrabandistas. Juntos, como se eu fosse o seu cão, demos alguns passos nos rochedos e voltamos para a choupana e para novas carícias.

Na estrada do litoral, continuei a minha viagem. Às vezes de noite, às vezes de dia. Anotava visões estarrecedoras. O cansaço, a vergonha, a miséria, me obrigavam a só ter recursos num mundo em que cada acontecimento tinha um sentido que não posso definir, mas que não é aquele que ele propõe. Ao entardecer, eu ouvia vozes cantando: eram camponeses que colhiam laranjas. Entrava de dia nas igrejas para descansar. A ordem moral tendo a sua origem nos preceitos cristãos, desejei me familiarizar com a ideia de Deus: na missa da manhã, em estado de pecado mortal, eu comungava. O celebrante apanhava uma hóstia no cibório (um padre espanhol).

— Em que molho estarão mergulhadas? — perguntava a mim mesmo.

O molho era a unção dos dedos pálidos do padre. Para as descolar e só apanhar uma, ele as manipulava com um gesto untuoso, como se tivesse remexido no vaso de ouro um líquido espesso. Ora, sabendo que as hóstias são uma folha de pasta branca e seca, eu me admirava. Recusando admitir um Deus de luz segundo as explicações dos teólogos, Deus me era sensível (ou, mais do que ele, uma enjoativa impressão de mistério) por alguns detalhes maus, sórdidos (e originados de uma imaginação pueril), da liturgia romana.

— Dessa náusea saiu a estrutura admirável das leis em que estou preso — dizia de mim para mim.

Na sombra da igreja, diante do padre de casula, eu sentia medo. Mas como os *hidalgos* ajoelhados a meu lado não se afastavam dos meus trapos, como

recolhiam na ponta da língua a mesma hóstia, sabendo muito bem que o seu poder se manifesta no interior da nossa alma e não alhures, para apanhá-la em flagrante delito de impostura e fazer dela a minha cúmplice, eu a mastigava e a injuriava mentalmente. Outras vezes, eu me recomendava não a Deus mas àquela náusea que me faziam experimentar os ofícios religiosos, a sombra das capelas em que vigiam virgens e velas vestidas para o baile, o canto dos mortos ou o simples apagador das velas. Anoto essa curiosa impressão pois tinha uma certa analogia com a que, durante toda a vida, hei de conhecer em circunstâncias muito afastadas do que acabo de descrever. O Exército, as instalações da polícia e os seus hóspedes, as prisões, um apartamento assaltado, a alma da floresta, a alma de um rio (a ameaça — repreensão ou congratulação pela sua presença de noite) e, cada vez mais, cada acontecimento a que me será dado assistir, estabelece em mim a mesma sensação de nojo e temor que me faz pensar que a ideia de Deus eu a alimento nas minhas tripas.

Sempre a pé, deixando o sul, subi na direção da França. O que conheci de Sevilha, de Triana, de Alicante, de Múrcia, de Córdoba, foram principalmente o asilo noturno e a tigela de arroz que ele nos servia. Mas eu reconhecia, debaixo de tanto falso brilho, de ouros idiotas, a angulosidade, a musculatura que, retesando-se de repente, os fará arrebentar alguns anos mais tarde. No interior da minha miséria eu não ignorava a presença da volúpia, de uma ponta de furor.

(Num periódico comunista, recorto um poema escrito com a intenção de fustigar os guerreiros da Legião Azul, os fascistas, os hitleristas. Escrito contra eles, são eles que ele canta. Cito:

Romanza da Legião Azul

*Somos bons católicos,
Somos bons assassinos
Não falem de república
Falem de bons cacetes
Falem das flores de rícino.*

.....

*Está nevando nas Castelas
Ao sopro dos ventos de inverno,
Teremos cruzes de ferro
Vistam-nos de verde
Teremos cruzes de ferro
Todos os lábios das moças.
Está nevando nas Castelas.*

Escrito por um espanhol, mau rimador, o poema rediz a Espanha. A Legião Azul era uma equipe de matadores enviada à Rússia para ajudar Hitler. A cor do céu ajudando o diabo!)

Nem os carabineiros nem os policiais dos municípios me prendiam. O que eles viam passar não era mais um homem, mas o curioso produto da infelicidade, ao qual não se podem aplicar as leis. Eu havia ultrapassado os limites da indecência. Poderia, por exemplo, sem que ninguém se espantasse, receber um príncipe de sangue, grande de Espanha, nomeá-lo meu primo e lhe falar a mais bonita das linguagens. Não haveria surpresa.

— Receber um grande de Espanha. Mas em que palácio?

Para que vocês entendam melhor a que ponto eu atingira uma solidão que me conferia a soberania, se utilizo este processo de retórica, é porque me é imposto por uma situação, uma realização que se exprime com as palavras encarregadas de expressar o triunfo do século. Um parentesco verbal traduz o parentesco da minha glória com a glória nobiliária. Parente dos príncipes e dos reis, eu o era por uma espécie de relação secreta, ignorada pelo mundo, aquela que permite a uma pastora tratar por tu um rei de França. O palácio de que falo (pois aquilo não tem outro nome) é o conjunto arquitetônico das delicadezas, cada vez mais tênues, que o trabalho do orgulho obtinha sobre a minha solidão. Júpiter rapta Ganimedes e o viola: eu poderia ter-me permitido todas as devassidões. Possuía a elegância simples, a desenvoltura dos desesperados. A minha coragem consistiu em destruir todas as habituais razões de viver e em me descobrir outras. A descoberta se fez lentamente.

Da disciplina observada — não o regulamento interior da penitenciária — em Mettray,^[20] descobrirei mais tarde as virtudes. Esforcei-me para me tornar um colono. Como a maior parte dos malandrinhos, eu poderia espontaneamente, sem pensar, ter executado as numerosas ações que *realizam o colono*. Teria conhecido as penas e as alegrias simples, a vida só me teria proposto banais pensamentos, os que qualquer um podia enunciar. Mettray, que era a realização dos meus gostos amorosos, sempre feriu a minha sensibilidade. Eu sofria. Cruelmente sentia vergonha de estar com a cabeça raspada, vestindo uma roupa infame, de estar proibido de sair daquele vil lugar; conhecia o desprezo dos outros colonos mais fortes do que eu ou piores. A fim de sobreviver à minha desolação, quando a minha atitude era mais recolhida, eu elaborava sem me dar conta uma rigorosa disciplina. O seu mecanismo era mais ou menos o seguinte (a partir daquela época eu o utilizarei): a cada acusação feita contra mim, até mesmo injusta, do fundo do coração, responderei sim. Mal tinha pronunciado esta palavra — ou a frase que a significava — dentro de mim eu sentia a

necessidade de me tornar o que me tinham acusado de ser. Tinha 16 anos. Já me entenderam: em meu coração, eu não conservava lugar nenhum onde se pudesse localizar o sentimento da minha inocência. Eu me reconhecia o covarde, o traidor, o ladrão, o veado que viam em mim. Uma acusação pode ser feita sem prova, mas a fim de me achar culpado terei a impressão de que devia ter cometido os atos que fazem os traidores, os ladrões, os covardes, mas nada disso acontecera: dentro de mim, com um pouco de paciência, com a reflexão, eu descobria razões bastantes para que me dessem esses nomes. E me espantava de me descobrir composto de imundícies. Tornei-me abjeto. Pouco a pouco, acostumei-me com esse estado. Tranquilamente o confessarei. O desprezo que tinham por mim mudou-se em ódio: eu estava realizado. Mas quantas aflições sofrera!^[21]

Dois anos mais tarde, eu era forte. Aquele treinamento — igual aos exercícios espirituais — me ajudará a erigir em virtude a pobreza. Todavia obtive o triunfo apenas sobre mim. Mesmo quando enfrentava o desprezo das crianças ou dos homens, era só a mim que eu tinha de vencer, pois tratava-se não de modificar os outros mas a mim mesmo. O meu poder sobre o meu eu se tornou grande, mas, ao exercê-lo assim sobre o meu ser interior, tornei-me muito desastrado sobre o mundo. Stilitano nem os meus outros amigos me servirão pois estarei, em relação a eles, por demais preocupado com a minha atitude de perfeito amante. As minhas viagens através da Europa poderiam talvez me ter dado um pouco de habilidade se eu não tivesse recusado as preocupações cotidianas em proveito de uma espécie de contemplação. Antes de acontecer o que vou relatar agora, realizara algumas ações, mas nenhuma delas eu havia examinado com a acuidade que dispensava à minha vida moral. Conheci a embriaguez da ação quando consegui amarrar com uma corda um homem que me levou uma noite a Antuérpia, perto do cais. Stilitano tinha ido dançar com Robert. Estava sozinho e triste, sentia ciúmes. Entrei num bar e bebi um pouco de álcool. Tive por um instante a ideia de ir à procura dos meus dois amigos, mas a própria ideia de procura me demonstrava que eles estavam perdidos. Os bares enfumaçados e barulhentos em que bebiam e dançavam eram a tradução terrestre de uma região moral em que eles se tinham, desde a manhã, isolado de mim e do resto do mundo, quando vi, ao entrar no quarto, Stilitano prestes a sair, estender sua mão enluvada, levantá-la um pouco, e Robert sorrindo, quase sem mexer nela, apertar o botão pressão da luva. Eu já não era o braço direito de Stilitano.

Um homem gordo me pediu fogo e me ofereceu uma bebida. Quando saímos, quis me levar para a casa dele: recusei. Hesitou e depois decidiu-se pelas docas. Eu havia reparado no seu relógio de ouro, na aliança e na carteira. Sabia que ele não gritaria por socorro, mas parecia forte. Só poderia dominá-lo com astúcia.

Nada preparei. Pensei de repente em utilizar a cordinha que Stilitano me entregara. Quando chegamos a um recanto das docas, o homem pediu que eu o amasse.

— Está certo.

Dei um jeito para que ele deixasse cair a calça até os calcanhares para que se atrapalhasse com ela se quisesse correr.

— Abra...

Com as duas mãos, ele fez o que eu ordenava, e rapidamente eu as amarrei juntas, nas suas costas.

— O que é que você está fazendo?

— Você não está vendo, não, sua besta?

Eu acabava de usar a própria fórmula e o tom de voz de Stilitano tal como o ouvira um dia em que fomos surpreendidos roubando uma bicicleta.

Pousado nas coisas mais humildes, o olhar de Stilitano era aliviado pela sua gentileza: a sua mão única apanhava sobre a mesa do restaurante, com bondade, o cardápio engordurado. Os objetos podiam apegar-se a ele, que só tinha por eles desprezo. Tocando um deles, Stilitano imediatamente reconhecia a sua qualidade essencial e dela tirava um partido magnífico. Sorrindo, ele a desposava.

Mais que os seus beicinhos, é o sorriso das crianças que me encanta. Fico a contemplá-lo às vezes por muito tempo, fascinado. Ele se torna uma coisa destacada do rosto, animado por uma alma particular. Mais se parece com um animal precioso, de vida dura e todavia frágil, é uma quimera adorável. Se eu conseguisse recortá-lo, tirá-lo do rosto onde brinca, levá-lo no meu bolso, a sua ironia maliciosa me faria realizar prodígios. Às vezes tento me enfeitar com ele (o que é também um desejo de me proteger dele), mas é inútil. Esse sorriso é o verdadeiro ladrão.

— O quê? Você está me amarrando? Olhe, vou te dar...

— Cale a boca. Vou limpá-lo.

O medo de ser surpreendido ou que o homem arrebentasse a corda me deu a inteligência das voltas e dos laços mais seguros. Procurei em seus bolsos. Com a alegria sempre aguda, os meus dedos reconheceram as notas e os papéis íntimos. Tremendo de medo, ele não ousava se mexer.

— Me deixe algum...

— Cale-se!

Não há razões para que cessem momentos tais. À minha mercê, eu tinha uma

das minhas vítimas e queria fazê-la pagar caro por isso. O lugar era escuro e pouco seguro. Um guarda da alfândega podia fazer uma ronda e nos descobrir.

— Seu porco velho, você pensou que eu fosse...

Da botoeira do colete onde estava preso por uma corrente eu arranquei o relógio.

— É uma lembrança — disse ele.

— Por isso mesmo. Gosto de lembranças.

Dei-lhe um soco na cara. Ele gemeu, mas em silêncio. Diante dele, com a mesma rapidez que Stilitano, abri a minha faca e mostrei-lhe a lâmina. Gostaria de dizer com mais precisão o que me foi aquele momento. A crueldade a que eu me forçava concedia uma potência espantosa não só ao meu corpo mas à minha alma. Eu me senti capaz de ser magnânimo com a minha vítima e de desamarrá-la. Capaz também de matá-la. Ela própria devia estar reconhecendo a minha força. Apesar da escuridão, eu a sabia humilde, benévola, disposta a servir a minha embriaguez.

— E não berre, senão te furo.^[22]

Dei um passo dentro da noite.

— Escute...

— O que é?

Ele murmurou com uma voz doce, tremendo talvez ao pressentir a minha recusa:

— Me deixe pelo menos...

Quando reencontrei Stilitano, eu tinha alguns milhares de francos belgas e um relógio de ouro. Tive a ideia de logo de saída lhe contar o meu feito a fim de que ele se sentisse despeitado e Robert com ele. Depois, pouco a pouco, o meu andar mais lento me fez menos glorioso. Decidi permanecer como o único depositário daquela aventura. Sabia, e era o único a saber, do que eu era capaz. Dissimulei o meu saque. Era a primeira vez que via a cara que fazem os meus assaltados: é feia. Eu era a causa de tal feiura e só retirava disso um prazer cruel que, pensava, devia transfigurar o meu rosto, me fazer resplandecente. Eu tinha na época 23 anos. Senti-me desde aquele instante capaz de ir longe na crueldade. A posse daquele dinheiro e do relógio aboliu o que permanecia em mim de um gosto pela pobreza miserável. (Sem destruir o gosto pela infelicidade, mas por uma infelicidade pomposa.) Todavia eu contava, para perseverar na crueldade ou na indiferença pela infelicidade, dos outros, com a minha disciplina rigorosa na mendicância. Provoquei novas agressões. Elas tiveram êxito. Eu estava salvo, pois, da sonsa condição de ladrão envergonhado. Pela primeira vez eu atacava o homem. Eu o combatia com o rosto descoberto. Tinha o sentimento de me tornar vibrante, ruim, gelado, rígido, brilhoso, cortante como uma lâmina de espada.

Essa transformação, ninguém, nem mesmo Stilitano ou Robert, a percebia. Viviam em sua camaradagem compartilhada, procurando mulheres ou desprezando-as. Com Stilitano a minha atitude não mudou. Testemunhava-lhe a mesma deferência e Robert em relação a ele a mesma impertinência. A fim de que me proteja a couraça de um herói, a personalidade de Stilitano, no fundo de quem o mais precioso do meu eu vigiava e comandava, me cobria, ou então será que eu utilizava a voz, as palavras, os gestos do meu amigo como se toca em relíquias das quais é urgente comprovar a magia? Era Stilitano que combatia em meu lugar. Aceitava beber com os veados, requebrava-se diante deles, deixava-os limpos. Ele me assombrava, eu sofria de sabê-lo mas sabia também que, orgulhosamente livre daquele apoio, eu teria desmoronado. Ele ignorava para o que eu o fazia secretamente servir e que ele era o que se chama a pátria: a entidade que combate no lugar do soldado e o sacrifica. Eu tremia ao descer a escada do quarto em que acabara de obrigar o cliente a me entregar o seu dinheiro, pois Stilitano então se retirava de mim, precipitadamente. Não era mais com a ideia de oferecer a ele que eu fazia o levantamento do meu saque. Então, eu estava só.

Estava de novo ficando inquieto. Era dominado pelo mundo dos machos. Quando a sombra os confundia, cada grupo de rapazes me propunha um enigma cuja solução não me podia ser dada pela testa. Os machos imóveis e silenciosos tinham a violência de corpúsculos eletrônicos gravitando em volta de um sol de energia: o amor.

— Se — dizia para mim mesmo — eu conseguisse bombardear um deles, que desintegração se produziria, que aniquilamento repentino? Eles devem obscuramente sabê-lo para tão severamente ficar no lugar onde estão.

Sentindo-me esgotado pelo esforço que acabava de me permitir enfrentar os homens, eu estava entregue às potências das trevas. Tornava-me lúcido. Um medo retrospectivo me invadia. Decidia parar tão perigosos trabalhos: de noite, mal um homem se virava à minha passagem, Stilitano sutilmente se introduzia em mim, me dava músculos, tornava o meu andar mais macio, dava espessura aos meus gestos, quase me emprestava cor. Ele agia. Eu sentia em meus passos, na calçada, o seu corpo pesado de monarca suburbano fazendo estalar os seus sapatos de pele de crocodilo. Possuído, eu me sabia capaz de todas as crueldades. O meu olho ficava mais claro. Em vez de assustar, a minha transformação me ornava com graças viris. Sentia-me vivo, impetuoso. Uma noite, enraivecido pela pose de um veado, os meus punhos fizeram o gesto de bater um invisível tambor.

— Animal, sujo — dizia entre os dentes, enquanto dentro de mim a minha consciência se desolava de ferir, insultar aqueles que eram a expressão miserável

do meu tesouro mais querido: a pederastia.

Excluído por nascimento e por meus gostos de uma ordem social, eu não distinguia a sua diversidade. Admirava a sua perfeita coerência que me recusava. Espantava-me diante de um edifício tão rigoroso cujos elementos conspiravam contra mim. Nada no mundo era insólito: as estrelas sobre a manga de um general, as cotações da Bolsa, a colheita das azeitonas, o estilo judiciário, o mercado do grão, os canteiros de flores... Nada. Essa ordem, temível, temida, de que todos os detalhes estavam em conexão exata tinha um sentido: o meu exílio. Fora na sombra, dissimuladamente, que até então eu agira contra ele. Hoje em dia, ousava tocá-lo, mostrar que o tocava, insultando aqueles que o compõem. Ao mesmo tempo, reconhecendo-me o direito de fazê-lo, reconhecia nele o meu lugar. Pareceu-me natural ser chamado de “senhor” pelos garçons dos cafés.

Era uma brecha que, com um pouco de paciência, eu teria podido agravar. Mas estava contido pelo hábito de viver de cabeça baixa e segundo uma moral inversa da que rege este mundo. Eu temia enfim perder o benefício do meu laborioso e penoso empreendimento no sentido oposto ao de vocês.

Com a mulher dele, Stilitano se comportava com uma brutalidade que eu invejava, mas não se alterava diante dos amáveis gracejos de Robert. Sorria então, deliciosamente, mostrando os dentes brancos. Se ele sorria para mim, o sorriso era igual mas, talvez porque não o surpreendia, eu não conseguia ler nele o mesmo frescor, a mesma cumplicidade. Aos pés de Stilitano, todos eram corpos saltitantes. Robert em volta dele espalhava grinaldas. Eram, o maneta a coluna, e o outro as trepadeiras. Que se amassem a tal ponto e nunca fizessem amor me perturbava. Stilitano parecia-me cada vez mais inacessível. Descobri, esqueci como, que ele não roubara do policial a sua motocicleta preta. Ele até nem mesmo a roubara. Havia feito um arranjo antes: abandonada por alguns segundos, Stilitano só precisaria montar na motocicleta e vendê-la. Dividiram o dinheiro. Tal descoberta, que deveria ter-me afastado dele, tornou-o ainda mais caro para mim. Estava apaixonado por um falso malandro, que fazia acordos com um tira. Eram juntos um traidor e um impostor. Feito de lama e de vapor, Stilitano era realmente uma divindade a quem eu ainda podia me sacrificar. Nos dois sentidos da palavra, eu estava possuído.

De Stilitano, além do seu passado na Legião estrangeira, que fiquei conhecendo por meio de detalhes bastante lamentáveis que de vez em quando ele evocava, conheci o que fizera desde a nossa separação até o nosso reencontro. Havia passado, creio, quatro ou cinco anos durante os quais ele percorrera a França vendendo muito caro rendas baratas. Eis o que ele me contou sorrindo: um amigo lhe fabricou uma carteira de representante que o autorizava — e só a ele — a vender rendas executadas pelos jovens tuberculosos do sanatório de

Cambo.

— De Cambo, estou te dizendo, porque em Cambo não há sanatório. Assim não podiam me acusar de abuso de confiança. Em todos os lugarejos aonde chegava, eu ia ver padre. Mostrava-lhe a minha carteira, a minha mão cortada, as minhas rendas. Dizia que ficariam bem no altar da igreja dele, as toalhas feitas pelos meninos doentes. O padre, isso não falhava, me mandava para a casa de todas as velhotas cheias da gaita. Como eu vinha em nome do padre, elas não ousavam me mandar passear. E também não ousavam deixar de comprar. Aí então eu vendia cem pratos de quadradinhos de renda feita à máquina pelos quais tinha pago cinco na rua Myrrha.

Stilitano desfiava assim, sem enfeites e com voz neutra, a sua história. Disse-me que tinha ganhado muito dinheiro, mas não acreditei, pois ele era pouco engenhoso. A ideia principalmente dessa safadeza devia tê-lo seduzido.

Enfim, um dia, em sua ausência, descobri numa gaveta um monte de medalhas militares, de cruces de guerra, de Nissam, de Ouissam-Alaouite, do Elefante Branco, e ele me confessou, vestido com um uniforme francês, ter espetado o seu peito com elas e no metrô ter pedido esmola, mostrando o seu coto.

— Eu ganhava as minhas dez libras por dia — disse-me ele. — E gozava um bocado a cara dos parisienses.

Contou-me outros detalhes que não tenho tempo de relatar. Ainda gostava dele. As suas qualidades (como as de Java) fazem pensar em certas drogas, em certos cheiros dos quais não se ousa dizer que são agradáveis mas aos quais não se pode fugir.

Entretanto Armand voltou quando eu já não o esperava. Encontrei-o deitado na cama, fumando um cigarro.

— Salve, rapaz — disse-me.

Estendeu-me a mão pela primeira vez.

— Então, tudo certo? Nenhum galho?

Já falei da voz dele. Parece-me que tinha a mesma frieza do seu olho azul. Assim como ele olhava, sem fixar os olhos nos objetos ou nas pessoas, ele falava, com a voz irreal de tão pouco que participava na conversa. De certos olhares, pode-se dizer que expellem raios (os de Lucien, de Stilitano, de Java), os de Armand não. Nem tampouco de sua voz podia-se dizer que emitia radiações. No fundo do seu coração, ela era emitida por um grupo de minúsculos personagens que ele mantinha em segredo. Nada traindo, a voz não poderia trair. Discernia-se nela, entretanto, um vago sotaque alsaciano: os personagens do seu coração eram alemães.

— Tudo certo — disse eu. — Guardei as tuas coisas, você está vendo.

Ainda hoje me acontece desejar que a polícia me prenda para me dizer:

“Realmente, meu senhor, vejo que não cometeu os roubos cujos culpados estão presos.” Eu queria estar inocente de tudo. Dando a Armand aquela resposta, eu teria gostado que ele soubesse que outro que não eu — que, no entanto, era eu — o teria roubado. Quase arrepiado, eu triunfava em minha fidelidade.

— Oh, eu tinha confiança em você.

— E você, tudo bem?

— Tudo, tudo bem.

Ousei sentar-me na beira da cama e colocar a mão sobre os lençóis. Naquela noite, sob a luz vindo de cima, ele tinha a sua força, a sua musculatura dos grandes dias. Senti, de repente, a possibilidade de fugir ao mal-estar, à inquietude em que me tragavam as relações, para mim inexplicáveis, de Stilitano e Robert. Se ele aceitasse não me amar, mas que eu o amasse, Armand, pela sua idade e vigor, me teria salvado. Ele chegava na hora certa. Já o admirando, eu estava pronto a repousar no seu torso coberto de espuma morena, com ternura, a minha face. Adiantei a mão. Ele sorriu. Sorriu-me pela primeira vez e isso bastou, eu o amei.

— Não fiz maus negócios, não — disse ele.

Virou-se de lado. Um levíssimo enrijecimento ensinou-me que eu esperava a sua mão terrível inclinando a minha cabeça de acordo com o gesto imperioso com o qual exigia que eu me curvasse para o seu prazer. Hoje, apaixonado, eu teria resistido um pouco para que ele se enervasse, me desejasse mais.

— Estou com vontade de tomar um trago. Vou me levantar.

Saiu da cama e vestiu-se. Quando chegamos à rua, felicitou-me pelos meus êxitos nos roubos dos veados. Fiquei espantadíssimo.

— Quem te contou?

— Não se preocupe com isso.

Sabia até que eu tinha amarrado um.

— Serviço bonito. Não pensava que você fosse capaz.

Disse-me então que os homens do porto conheciam o meu método. Cada vítima me indicava à outra ou ao doqueiro (todos andaram com veados) a quem levava para uma noite. Eu era agora conhecido e temido pelos veados. Armand chegava para me informar sobre a minha reputação e que ela me era um perigo. Ele mesmo fora avisado logo à sua chegada. Se ainda o ignoravam, Robert e Stilitano seriam rapidamente informados.

— Foi muito bom tudo isso que você fez, menino. Gostei.

— Oh, não tem ciência. São todos uns medrosos.

— Estou te dizendo que é muito bom. Eu não podia pensar. Vamos beber.

Quando voltamos para casa, ele nada exigiu de mim; adormecemos. Nos dias seguintes, voltamos a ver Stilitano. Armand conheceu Robert e, assim que o viu,

ele o desejou, mas, malicioso, o garoto o evitava. Um dia, disse rindo:

— Você tem Jeannot, não chega?

— Com ele, é diferente.

Realmente, desde que soubera das minhas audácias noturnas, Armand me tratava como um amigo. Falava comigo, me dava conselhos. O seu desprezo desapareceu, substituído por uma atenção enternecida, maternal. Para me vestir, ele me aconselhava. E de noite, assim que acabávamos o nosso cigarro, ele me desejava boa-noite e adormecia. Junto dele, a quem eu agora amava, desolava-me por não poder dar-lhe provas do meu amor inventando as carícias mais habilidosas. A forma de amizade que ele me concedia me obrigava à mais alta severidade. Embora em meus delitos eu soubesse o quanto havia de falso, em minha audácia de temor, esforcei-me por ser o homem que Armand via em mim. Às heroicas ações só devem corresponder, pensava eu, os gestos que convencionalmente as negam. Simples, Armand não teria admitido que eu servisse o seu prazer. O próprio respeito impedia-o de utilizar, como antes, o meu corpo, enquanto essa utilização me teria comunicado maior força e coragem.

Stilitano e Robert viviam com o dinheiro ganho por Sylvia. Realmente esquecido dos nossos negócios escusos com as bichas, o segundo fingia desprezar o meu trabalho.

— Você chama a isso dar duro? Que beleza! Você ataca os velhotes que só se aguentam em pé graças ao colarinho duro e à bengala.

— Ele está certo, faz bem em escolher.

Eu não sabia que, imediatamente, essa afirmação de Armand daria um cunho moral a uma das revoluções mais audazes. Antes mesmo que Robert tivesse respondido, com uma voz um pouco mais grave ele continuou:

— E eu, o que é que você acha, hem? — E virado para Stilitano: — O que é que você acha? Quando vale a pena, eu, tá me ouvindo, não são os velhos que eu ataco, são as velhas. Não são os homens, mas as mulheres. E sempre escolho as mais fracas. O que eu quero é gaita. Dar duro é conseguir arranjar gaita. Quando você tiver entendido que não é na corte que estamos trabalhando, terá entendido tudo. Ele (não me chamando nunca pelo meu primeiro nome nem pelo diminutivo, Armand me designava com a mão) está na frente de você e está certo.

A voz dele não tremia, mas a minha emoção era tão grande que, entregue a ela, temi que Armand iniciasse emocionantes confidências. A sólida matéria da última palavra me tranquilizou. Calou-se. Em mim eu senti brotar (eclodir num mar de remorsos) uma multidão de pensamentos, todos a me acusarem de ter cedido às aparências da honra. Nunca Armand voltou ao assunto (que Stilitano e

Robert jamais ousaram discutir), mas ele deixou em meu espírito o seu germe. O código de honra especial dos malandros me pareceu ridículo. Armand pouco a pouco estava se tornando a Onipotência em matéria de moral. Deixando de vê-lo como um bloco, eu lhe adivinhava uma soma de experiências dolorosas. No entanto o seu corpo permanecia a mesma massa de antes, e eu o amava por me proteger. Encontrando num homem em quem o medo não aflorava — assim quero crer — tamanha autoridade, eis que eu me sentia pensar, com uma alegria estranha e nova. Sem nenhuma dúvida, será mais tarde que decidirei desenvolver e explorar os numerosos sentimentos de ambiguidade em que, com a vergonha misturada ao meu deleite, me descobri sede e confusão dos contrários, mas já pressentia que é a nós que cabe declarar o que nos servirá de princípios. Mais tarde, a minha vontade, liberta dos véus da moral pela reflexão e pela atitude de Armand, eu a aplicarei no modo de considerar a polícia.

Foi em Marselha que encontrei Bernardim. Quando o conhecer melhor, eu lhe darei o nome de Bernard. Aos meus olhos, a polícia francesa é a única que possui o monstruoso poder de uma mitologia. Quando eu tinha 22 anos, Bernard estava com trinta. Eu desejaria traçar-lhe com precisão o retrato, a minha memória só conserva a impressão de força física e moral que ele me transmitiu na época. Estávamos num bar da rua Thubaneau. Um jovem árabe o apontou para mim.

— É o fino do cafetão — disse ele. — Sempre tem mulheres lindas.

A que estava com ele pareceu-me muito bonita. Talvez passasse despercebido se não me tivessem dito que ele era tira. As polícias dos diversos países da Europa me causavam o medo que inspiram a qualquer ladrão, a francesa ainda me emocionava por uma espécie de pavor, tendo a sua origem mais no sentimento da minha nativa e irrevogável culpabilidade do que pelo perigo em que me colocavam as faltas ocidentais. Tal como o dos malandros, o mundo dos policiais era um mundo aonde eu nunca teria acesso, a lucidez (a consciência) me impedindo de me confundir com esse universo disforme, movediço, vaporoso, em permanente criação, elementar e fabuloso, cujos motociclistas uniformizados exercem entre nós a função de embaixadores com os seus atributos de força. Mais do que qualquer outra, a polícia francesa era isso para mim. Talvez por causa da sua linguagem em que eu descobria abismos. (Ela já não era uma instituição social, mas uma potência sagrada, agindo diretamente sobre a minha alma, me perturbando. Só os alemães, na época de Hitler, conseguiram ser ao mesmo tempo a Polícia e o Crime. Essa magistral síntese dos contrários, esse bloco de verdade eram apavorantes, carregados de um

magnetismo que há de nos enlouquecer por muito tempo.)

Bernardini era na terra, visível aos meus olhos, a manifestação, talvez rápida, de uma organização demoníaca tão enjoativa como os ritos fúnebres, os ornamentos funerários, tão prestigiosa entretanto como a glória real. Sabendo encontrar-se naquela pele, naquela carne, uma parcela daquilo que eu jamais teria esperado para a minha, tremendo, eu o olhava. Como antigamente Rodolfo Valentino, ele usava cabelos pretos, colados, brilhantes, com um risco branco e reto que os repartia. Era forte. O rosto dele me pareceu rugoso, um pouco granítico, e eu lhe desejei uma alma brutal e cruel.

Pouco a pouco, eu compreendia a beleza dele. Creio até que a criava, decidindo que ela seria aquele rosto e aquele corpo, a partir da ideia de polícia que eles deviam significar. A expressão popular que designa a organização toda aumentava a minha perturbação:

— A Secreta. Ele é da Secreta.

Habilmente, arranjei um jeito de segui-lo, encontrá-lo de longe nos dias seguintes. Organizei-me sutilmente. Sem desconfiar, ele pertenceu à minha vida. Enfim, deixei Marselha. Em segredo, conservei dele uma lembrança ao mesmo tempo dolorosa e terna. Dois anos mais tarde, fui preso na estação Saint-Charles. Os inspetores me espancaram, esperando me fazer confessar. A porta do comissariado abriu-se e, espantadíssimo, vi aparecer Bernardini. Temia que, aos pontapés e socos dos colegas, ele acrescentasse os seus. Mas ele os fez parar. Nunca me notara antes, quando o seguia amorosamente. O meu rosto, se ele o tivesse percebido de relance duas ou três vezes, depois de dois anos, ele o teria esquecido. Não foi nem a simpatia, nem a bondade que lhe ordenaram me poupar. Como os outros, era um sujo. Não sei por quê, ele me protegeu. Mas quando fui solto, dois dias depois, dei um jeito de vê-lo. Agradei-lhe.

— O senhor foi cem por cento.

— Oh, é normal. Não vale a pena maltratar rapazes.

— Aceita tomar um trago comigo?

Ele aceitou. No dia seguinte, encontrei-o novamente. Foi ele que me convidou. Éramos os únicos clientes do bar naquela hora. Com o coração aos saltos, eu disse:

— Faz muito tempo que o conheço.

— É? Desde quando?

Com a garganta apertada, temeroso de que ele se zangasse, confessei o meu amor e as minhas astúcias para o seguir. Ele sorriu:

— Então, você tava gamado? E agora?

— Um pouco, ainda.

Ele riu mais, talvez lisonjeado. (Java acaba de me confessar que se sente mais

orgulhoso do amor ou da admiração de um homem que de uma mulher.) Estava em pé ao lado dele e lhe declarava o meu amor, mas zombando um pouco de mim mesmo, pois eu ainda temia que a gravidade dessa confissão lhe lembrasse a gravidade das suas funções. Sorrindo, com um ar meio crápula, eu disse:

— O que é que o senhor quer? Eu gosto de rapagões bonitos.

Olhou-me com indulgência. A sua virilidade o protegia, impedia a crueldade.

— E se eu te tivesse espancado naquele dia?

— Francamente, eu teria ficado triste.

Mas contive-me e não disse mais nada. Nesse tom, eu já não teria confessado uma apaixonante passageira mas um amor tão profundo que teria ferido o pudor do policial.

— Isso passa — disse-me rindo.

— Assim espero.

Todavia, ele não sabia que, junto dele, diante do balcão, esmagado pela sua força e pela sua segurança, o que me emocionava mais era a presença invisível da sua placa de inspetor. O objeto de metal tinha para mim o poder de um isqueiro nos dedos de um operário, de um gancho de cinto, da trava de um revólver, de um calibre, onde se amontoa violentamente a virtude dos machos. Sozinho com ele, num canto de sombra, eu talvez tivesse tido a audácia de roçar a fazenda, de passar a mão sob a lapela do paletó onde habitualmente os tiras usam o distintivo. A sua virilidade tinha sua sede naquela placa tanto quanto em seu sexo. Se este se tivesse emocionado sob os meus dedos, teria extraído daquele distintivo uma força que talvez o tivesse inchado mais, talvez lhe tivesse dado monstruosas proporções.

— Será que posso revê-lo?

— Claro, vem me visitar.

Para que a minha pressa não o irritasse, eu me contive alguns dias antes de ir vê-lo, enfim acabamos nos amando. Ele me apresentou a sua mulher. Eu era feliz. Uma noite, enquanto andávamos pelo cais da Joliette, a solidão em que nos vimos de repente, a proximidade do Forte Saint-Jean entupido de legionários, a terrível desolação do porto (o que me podia acontecer de mais desesperador do que estar com ele naquele lugar?) me deu de repente uma audácia extrema. Tive a lucidez de notar que ele mesmo estava caminhando mais devagar, enquanto eu me aproximava dele. Com a mão trêmula toquei-lhe desajeitadamente a coxa. Depois, não sabendo como prosseguir, utilizei maquinalmente a fórmula que me serviu para abordar os veados tímidos:

— Que horas são? — perguntei.

— Hem? Olhe, o meu relógio marca meio-dia.

Ele riu.

Voltei a vê-lo com frequência. Na rua, andava ao lado dele, fazendo o meu passo igual ao dele. Se era de dia, dava um jeito para que ele projetasse a sua sombra sobre o meu corpo. Essa brincadeira simples me enchia de alegria.

Continuava a minha profissão de ladrão, despojando de noite o veado que me escolhera. As putas da rua Bouterie (esse bairro ainda não fora demolido) compravam de mim os objetos roubados. Eu era o mesmo. Talvez usasse um pouco demais cada oportunidade que me era dada de exhibir aos tiras a carteira de identidade novinha que ele mesmo selara com um carimbo da chefatura de polícia. Bernard conhecia a minha vida, pela qual nunca me recriminou. Uma vez, entretanto, tentou justificar-se por ser tira, falou-me em moral. Considerando um ato apenas do ponto de vista da estética, eu não podia entendê-lo. A boa vontade dos moralistas arrebenta-se contra o que eles chamam a minha má-fé. Se podem me provar que um ato é detestável pelo mal que faz, só eu posso decidir, pelo canto que ele ergue em mim, se é belo, elegante: só eu posso recusá-lo ou aceitá-lo. Não serei trazido de volta para o bom caminho. No melhor dos casos, poderiam empreender a minha reeducação artística — com o risco todavia, para o educador, de se deixar convencer e ser ganho pela minha causa, se a beleza for provada pela mais soberana das duas personalidades.

— Não me importo que você seja tira, sabe?

— Não te chateia?

Sabendo que seria impossível lhe explicar a vertigem que me precipitava para ele, maliciosamente eu quis feri-lo um pouco.

— Me amola um pouquinho só.

— Você acha que não é preciso ter coragem para ser da polícia? É mais perigoso do que pensam.

Mas ele falava da coragem e do perigo físico. Aliás, ele pouco se questionava. Com exceção de alguns (Pilorge Java, Soclay, cujos rostos, entretanto, anunciam uma dura virilidade mas dissimulam pântanos lodacentos como aquelas regiões tropicais chamadas de savanas trêmulas), os heróis dos meus livros e os homens que eu escolhia para amar tinham a mesma maciça aparência, a serenidade mais imoral. Bernard era parecido com eles. Usando um terno fabricado em série, tinha a elegância exagerada dos marselheses de quem zombava. Calçava sapatos amarelos de saltos muito altos, e todo o seu corpo ficava arqueado. Era a pinta de cafajeste mais bacana que eu já encontrara. Em sua alma, eu descobria felizmente o inverso das leis, das rigorosas qualidades que são emprestadas aos tiras no cinema. Era um sujo. Com todos os seus defeitos, que maravilhoso conhecimento do coração ele poderia ter tido, e quanta bondade se ele se tivesse tornado inteligente!

Imaginava-o perseguindo um criminoso, perigoso, agarrando-o em plena

corrida, como certos jogadores de rúgbi se atiram sobre o adversário que está de posse da bola, seguram-no pela cintura, e por ele são arrastados, com a cabeça colada numa coxa ou na braguilha inimiga. O ladrão seguraria o seu tesouro, ele o protegeria, se debateria um pouco, depois os dois homens, não podendo ignorar que eles têm o mesmo corpo sólido pronto para todas as audácias, e a mesma alma, trocariam um sorriso amigável. Impondo a esse curto drama um seguimento, era o bandido que eu entregava ao policial.

Exigindo (com quanto fervor!) que cada um dos meus amigos possuísse o seu duplo na polícia, a que obscuro desejo obedecia eu? Nem o malandro nem o tira eu enfeitei com aquelas virtudes cavalheirescas que são dadas aos heróis. Nunca um foi a sombra do outro, mas tanto um como o outro me parecendo fora da sociedade, por ela rejeitados e amaldiçoados, talvez eu os quisesse confundir a fim de ainda precisar a confusão em que os atiram às pessoas comuns quando dizem:

— É entre os coroinhas que os tiras são escolhidos.

Se eu queria que eles fossem belos, policiais e malandros, era para que os seus corpos gloriosos se vingassem do desprezo que vocês lhes demonstram. Músculos duros, um rosto harmonioso deviam cantar e glorificar as imundas funções dos meus amigos, impô-las a vocês. Quando eu encontrava um garoto bonito, tremia à ideia de que talvez a sua alma fosse nobre, mas eu sofria com o fato de que uma alma falsa e desprezível habitasse um corpo doentio. Como a lealdade pertencesse ao mundo de vocês, não queria mais saber dela, embora ouvisse frequentemente os seus apelos nostálgicos. Devia lutar contra a sua sedução. Policiais e criminosos são a emanção mais viril deste mundo. Sobre ela, lança-se um véu. Ela é as suas partes vergonhosas que com vocês, todavia, eu chamo de partes nobres. As injúrias trocadas pelos inimigos dizem um ódio fingido, ainda me parecem carregadas de ternura.

Às vezes, encontrava-o no bar, passeava com ele na rua. Podia então imaginar que era algum maquiavélico ladrão que faz o jogo da amizade com o tira, flerta com ele, delicadamente o provoca antes de ser agarrado. Nunca trocávamos impertinências, audaciosas ou irônicas ameaças, com exceção de uma: de repente agarrando o meu braço, num tom decidido ele dizia:

— Vamos, vou te levar...

E com uma voz suave, deslizando num sorriso, acrescentava:

— ... para tomar um trago.

Os policiais utilizam um determinado número de graças desse tipo. Bernardini o fazia comigo. Quando o deixava, eu dizia:

— Agora, vou fugir.

Talvez maquinal nele, essa brincadeira me perturbava. Tinha o sentimento de

penetrar no mais íntimo da polícia. Era preciso realmente que estivesse profundamente nela para que um policial ironizasse comigo a sua função. Todavia, esse jogo, ao que me parece, mostrava-nos ser irrisória a nossa recíproca condição, dela fugíamos para nos reencontrar sorrindo apenas na amizade. De nossas relações, a invectiva estava excluída. Eu era o amigo dele, de quem queria ser o preferido, e se sentia que não nos amávamos em nossas duas qualidades maiores: de policial e de ladrão (era por elas que estávamos ligados), sabíamos que elas não passavam de um meio, algo comparável à natureza de eletricidades contrárias cujo encontro provoca a centelha incomparável. Sem dúvida eu poderia ter amado um homem com os mesmos encantos de Bernard, mas, se tivesse de escolher, eu o teria preferido tira a malandro. Perto dele, estava sempre submetido pela sua magnífica aparência, pelo jogo dos seus músculos adivinhados sob as roupas, pelo seu olhar, pelas suas qualidades especiais enfim, mas, quando estava sozinho e pensava em nosso amor, era pela potência de toda a polícia que eu era dominado (“Noturna” ou “Tenebrosa” são as palavras que se impõem para falar dela. Como qualquer um, os policiais usam roupas de coloridos variados, entretanto em seus rostos e em suas roupas, quando penso neles, vejo como que uma sombra).

Um dia, ele me pediu que lhe “entregasse” alguns colegas. Ao aceitar fazê-lo, eu sabia estar tornando ainda mais profundo o amor que lhe tinha, mas vocês não saberão mais nada a esse respeito.

Diz-se habitualmente de um juiz que ele paira. No simbolismo do Império Bizantino, à imagem da ordem do céu, os Eunucos, segundo se diz, representam os Anjos. Às suas roupas, os juízes devem uma ambiguidade que é a marca do angelismo ortodoxo. Falei, aliás, do mal-estar que a ideia daqueles seres celestiais me causa. Assim também os juízes. As suas roupas são ridículas. Os seus hábitos, cômicos. Se os considero, julgo-os e me preocupo com a inteligência deles. A uma audiência a que comparecia por roubo, eu disse ao juiz Rey:

— Será que o senhor me permitiria explicar (tratava-se de positivar certas provocações de alcaguetes pagos pela polícia) o que é proibido dizer num tribunal, e primeiro me permitiria interrogá-lo?

— O quê? Mas de jeito nenhum. O Código...

Ele logo sentira o perigo de uma relação por demais humana. A sua integridade teria sido atingida. Caí na gargalhada, pois vi esse juiz esconder-se: dissimular-se na sua roupa. Pode-se rir à custa dos juízes, mas não dos tiras, que têm braços para agarrar os criminosos, coxas para montar e dominar poderosas motocicletas. Eu respeitava a polícia. Ela pode matar. Não a distância e por procuração, mas com as próprias mãos. Os seus homicídios, se são comandados,

nem por isso deixam de proceder de uma vontade particular, individual, implicando, com a sua decisão, a responsabilidade do assassino. Ao policial, ensina-se a matar. Gosto dessas máquinas sinistras mas sorridentes destinadas ao ato mais difícil: o homicídio. Na Waffen S.S., era assim que Java era treinado. Para que ele se tornasse um bom guarda-costas — ele o foi de um general alemão —, ensinaram-no, disse ele, a usar rapidamente um punhal, certos golpes de judô, uma corda fina, ou as mãos nuas. A polícia sai de uma escola idêntica, como os jovens heróis de Dickens das escolas de batedores de carteira. De tanto frequentar as delegacias de costumes e a polícia rodoviária, conheço a estupidez dos inspetores: ela não me incomoda. Nem a feiura mesquinha de quase todos eles. Aqueles não são policiais, ainda não, mas a desajeitada tentativa na direção do inseto perfeito. Essas existências ridículas e raquíticas talvez sejam as transformações numerosas que conduzem a uma forma mais acabada que só alguns raros exemplares realizam. Todavia, não era em sua função heroica que eu amava os policiais: a perseguição perigosa dos criminosos, o autossacrifício, alguma atitude que os torna populares; mas em seus escritórios, consultando as fichas e os dossiês. Nas paredes, os boletins de buscas pregados, as fotografias e as características de assassinos foragidos, o conteúdo dos arquivos, os objetos lacrados, criam uma atmosfera de surdo rancor, de crapulosa infamia, que me apraz saber estar sendo respirada por aqueles homens fortes que ela corrompe, cujo espírito ela corrói maldosamente. Era para aquela polícia — reparem que eu ainda exijo dela representantes muito bonitos — que ia toda a minha devoção. Continuando um corpo flexível e forte, habituado às lutas físicas, as suas mãos largas, espessas, podiam desarrumar — com uma falta de jeito brutal e tocante — dossiês carregados de perguntas sutis. Dos crimes que eles contêm, não são os mais extraordinários que eu desejaria conhecer, e sim os mais sombrios, aqueles dos quais se diz que são sórdidos e cujos heróis são apagados. Pelos desacertos morais que provocam, os crimes fazem nascer magias: aqueles gêmeos dos quais um é assassino, o outro morrendo quando o irmão é guilhotinado; as crianças recém-nascidas sufocadas pelo pão quente; algum maravilhoso achado de uma encenação macabra a fim de atrasar a descoberta de um crime; o espanto do criminoso que se perde em seu itinerário, gira sobre si mesmo e é apanhado no próprio local do crime; a clemência de uma neve que cai para proteger a fuga de um ladrão; o vento que apaga as pistas; as descobertas grandiosas do acaso, tendo por objetivo a decapitação de um homem; o encarniçamento dos objetos contra as pessoas; a ingenuidade em vencê-los; todos segredos que as prisões encerram, mas aqui eles foram arrancados dos peitos, exalados lentamente, pedaço por pedaço, por meio da ameaça e do medo. Eu invejava o inspetor Bernardini. Ele podia de um arquivo tirar um homicídio ou um estupro, com eles

entusiasmar-se, saciar-se e voltar para casa. Não quero dizer que ele possa com isso distrair-se como com um romance policial. Não distrair-se, ao contrário. Atrair para si as mais inesperadas situações, as mais infelizes, assumir as mais humilhantes confissões: são as mais ricas. Delas nunca sorrir: são as mais capazes de suscitar as maravilhas do orgulho. À testemunha lúcida e simpática de tantas confissões miseráveis, a inteligência mais vasta parecia permitida. Talvez seja a sua procura também que me conduz para aquelas incríveis aventuras do coração. O que não continha a polícia de Marselha? Nunca, entretanto, ousei pedir a Bernard que me fizesse voltar lá com ele, nunca também que me deixasse ler os seus relatórios.

Eu sabia que ele frequentava alguns gângsteres do bairro da Opera, aqueles dos bares da rua Saint-Saëns. Pouco seguro de mim, ele não me fez conhecer nenhum. Nunca me preocupei em saber se era errado gostar de um tira.

No quarto de um amigo, olhando a sua cama e toda a mobília burguesa.

— Aqui, com toda a certeza, eu não poderia fazer amor. Um lugar desse tipo me gela. Para o escolher, eu precisaria ter qualidades tais, preocupações tão afastadas do amor que teria desencantado a minha vida. Amar um homem não é apenas me deixar perturbar por alguns desses detalhes que qualifico de noturnos porque estabelecem em mim uma treva em que tremo (os cabelos, os olhos, um sorriso, o polegar, a coxa, os pelos etc.), é obrigar os detalhes a transformarem em sombra tudo o que puderem, a desenvolverem a sombra da sombra, isto é, torná-la mais espessa, multiplicar o seu domínio e povoá-lo de preto. Não é apenas o corpo com os seus enfeites que me perturba nem os jogos do amor apenas, mas o prolongamento de cada uma dessas qualidades eróticas. Ora, essas qualidades só podem ser o resultado das aventuras vividas por aquele que lhes traz a marca, que carrega os detalhes onde creio descobrir o germe delas. Assim, de cada zona de sombra, de cada rapaz, eu tirava a mais inquietante imagem a fim de que a minha perturbação aumentasse, e de todas as zonas de sombras um universo noturno onde se afundava o meu amante. É óbvio que aquele em quem esses detalhes são numerosos me atrai mais do que os outros. E eu, tirando deles o que podem dar, prolongo-os por aventuras audaciosas que são a prova da sua potência amorosa. Cada um dos meus amantes suscita um romance negro. São a elaboração, pois, de um cerimonial erótico, de uma cópula às vezes muito longa, essas aventuras noturnas e perigosas onde me deixo arrastar por sombrios heróis.

Bernardini possuía numerosos detalhes iguais cujo desabrochar devia dar a sua impressionante carreira na polícia que, ela mesma, dava um sentido e justificava tais detalhes. Deixei Marselha no fim de algumas semanas, numerosas vítimas me ameaçavam, se queixavam. Eu estava em perigo.

— Se te pedissem para me prender, você o faria? — perguntei a Bernard.

Seu embaraço não durou aparentemente mais de seis segundos. Com uma sobranceira levantada, respondeu:

— Eu daria um jeito para não ter de fazê-lo eu mesmo. Pediria a um colega.

Em vez de me revoltar, tanta baixeza aumenta o meu amor. Deixei-o todavia e vim a Paris. Estava mais calmo. Aquele rápido encontro com um policial, o amor que eu lhe tinha, o que dele recebera, a mistura amorosa dos nossos dois destinos opostos, me haviam purificado. Descansado, livre por um tempo de todas as escórias que o desejo deposita, eu me sentia lavado, purgado, pronto para um salto mais leve. Quando mais tarde, 15 ou 16 anos depois, eu me apaixonei pelo filho de um tira, é em malandro que tentarei transformá-lo.

(O menino tem vinte anos. Chama-se Pierre Fièvres. Escreveu-me pedindo que lhe compre uma motocicleta. Algumas páginas adiante, direi o papel dele.)

Agora ajudado por ele, Armand me dava a metade dos nossos ganhos. Exigia que eu tomasse alguma independência, e quis que eu tivesse um quarto para mim. Por prudência talvez, pois, ainda que ele me protegesse, o perigo se agravava, escolheu-o em outro hotel, em outra rua. Ao meio-dia mais ou menos, eu ia para a casa dele e acertávamos a nossa expedição da noite. Íamos almoçar. Ele continuava igualmente o seu tráfico de ópio em que Stilitano tinha a sua parte.

Teria sido feliz se o meu amor a Armand não tivesse assumido uma importância tal que me pergunto se ele jamais o notou. A sua presença me enlouquecia. A sua ausência me preocupava. Após termos assaltado uma vítima, passávamos uma hora juntos, num bar, mas e depois? Nada sabia das noites dele. Passei a ter ciúmes de todos os jovens malandros do porto. Enfim, a minha angústia chegou ao paroxismo quando um dia, na minha frente, Robert, rindo, lhe disse o seguinte:

— E eu, você pensa que eu não poderia contar muita coisa de você?

— O que é que você pode dizer?

— Bem... quer dizer, tenho direitos sobre você.

— Você, seu merdinha?

Robert caiu na gargalhada.

— Isso mesmo. Porque sou um merdinha. Sou tua mulherzinha, não é mesmo?

Ele o disse sem constrangimento e sem gabolice, com uma olhadela maliciosa na minha direção. Pensei que Armand fosse bater nele, ou que daria uma resposta tão severa que Robert se calaria, mas ele sorriu. Não parecia desprezar nem a familiaridade do menino nem a sua passividade. Se partissem de mim,

tenho certeza, essas duas atitudes o teriam enfurecido. Assim, eu acabava de ser informado dos amores deles. Eu talvez fosse o amigo que Armand estimava, infelizmente teria preferido que ele me escolhesse para ser sua amante bem-amada.

Encostado na porta, atitude de um janízaro vigiando os jardins, Armand uma noite estava à minha espera. Por estar atrasado uma hora, tinha certeza de que ele ia me xingar, me bater talvez, estava com medo. Do último ou penúltimo degrau da escada, eu o vi nu até a cintura: a sua calça de linho azul, larga, esmagada aos seus pés, servia de pedestal não para o busto de Armand, mas para os seus braços cruzados. Talvez a sua cabeça os dominasse, não sei, apenas aqueles braços existiam, sólidos, musculosos, formando um pesado entrançado de carne morena, enfeitados, um deles com uma tatuagem delicada que representava uma mesquita, com o minarete, a abóbada e uma palmeira inclinada pelo simum. Sobre eles caía, amontoava-se, vindo do pescoço, suspensa à nuca, uma longa echarpe de musseline bege com a qual os legionários ou os colonos se protegem da areia. Esmagados sobre os peitorais, inteiramente escondidos por eles, os bíceps projetavam-se. Esses braços tinham uma existência autônoma, isto é, estavam, naquele momento, colocados diante dele, eram o escudo de Armand e, em relevo, as suas armas.

Sobre os sistemas planetários, os sóis, as nebulosas, as galáxias, uma meditação, fulgurante ou descontraída, não me permitirá, nem jamais me consolará de não conter o mundo: diante do Universo, estou perdido, mas o simples atributo de uma virilidade poderosa me tranquiliza. Cessam os pensamentos inquietos, as angústias. A minha ternura — a representação no mármore ou no ouro, e a mais admirável, não vale o modelo de carne — deposita nessa força pulseiras de aveia selvagem. O medo — por causa do meu atraso —, que me fazia quase arrepiar, facilitava sem dúvida a minha emoção e me fazia descobrir-lhe o sentido. O estranho entrançado desses braços cruzados representava bastante as armas de um guerreiro nu, mas eles ainda traziam a lembrança das campanhas africanas. A tatuagem — minarete e abóbada — me perturbava enfim, lembrando-me o abandono de Stilitano quando eu tinha sob os olhos a visão de Cádiz dentro do mar. Passei na frente de Armand, que não se mexeu.

— Estou atrasado.

Não ousava olhar para os braços dele. Eram tão fortes os braços de Armand que eu temia ter me enganado até aí dirigindo-me aos seus olhos ou à sua boca. Estes, ou aquilo que expressavam, não tinham outra realidade senão aquela que, de repente, acabava de se criar pelo interlago desses braços na frente de um torso de lutador. Que se soltem, e a mais aguda, a mais exata realidade de Armand

estará dissolvida.

Ora, descubro hoje que aquele nó de músculos, eu teria enrubescido se o olhasse, pois ele me revelava Armand. Se o estandarte do rei levado por um cavaleiro a galope aparece sozinho, podemos ficar emocionados, descobrir a cabeça, se o rei o trouxesse pessoalmente, ficaríamos consternados. O atalho proposto pelo símbolo carregado por aquilo que ele deve significar confere e destrói a significação e a coisa significada. (E tudo se agravava porque o entrançado cobria o torso!)

— Fiz o que pude para chegar na hora, mas estou atrasado, não é minha culpa.

Armand não respondeu. Sempre encostado, ele girou sobre o seu próprio eixo, de uma só vez. Como as portas de um templo.

(O objetivo deste relato é embelezar as minhas aventuras passadas, isto é, extrair delas a beleza, descobrir nelas o que hoje há de suscitar o canto, única prova dessa beleza.)

Os braços permaneceram cruzados. Armand continuava sendo a estátua da Indiferença. Marcas ainda de uma arma magistral que negligenciava erigir-se atrás do linho azul da calça, os seus braços evocavam a noite — a sua cor de âmbar, os seus pelos, a sua massa erótica (sem que ele ousasse zangar-se, uma noite em que ele estava deitado, como um cego reconhece com o dedo um rosto, com o meu sexo percorri os seus braços cruzados), mas principalmente a tatuagem azul fazia aparecer no céu a primeira estrela. Sob os muros daquela mesquita, apoiado na palmeira inclinada, um legionário frequentemente esperara por mim ao crepúsculo naquela mesma atitude indiferente e soberana. Parecia guardar um invisível tesouro, e agora me ocorre que ele protegia, apesar dos nossos amores, a sua intacta virgindade. Era mais velho do que eu. Era sempre o primeiro a chegar aos encontros nos jardins de Meknès. Olhar vago — ou sobre uma visão precisa? —, fumava um cigarro. Sem mexer nem um pouco (mal me dizia boa-noite, não me estendia a mão), eu lhe concedia o prazer que ele queria, arrumava a minha calça e o deixava. Teria gostado de que me apertasse em seus braços. Era bonito, e, se lhe esqueci o nome, lembro-me que ele dizia ser o filho da Goulue.

A contemplação dos braços de Armand, creio, era naquela noite a única resposta a todas as preocupações metafísicas. Atrás deles, Armand desaparecia, destruído, ainda mais presente entretanto e mais eficaz do que podia sê-lo a sua pessoa, pois ele era a razão de ser do brasão.

Do próprio fato conservo pouca lembrança, salvo que Armand me deu dois ou três bofetões que não posso ter a indelicadeza de esconder de vocês. Não

suportava que eu o fizesse esperar por um segundo sequer. Talvez temesse que eu desaparecesse completamente. Durante alguns dias, fingi considerar as discussões entre ele e Robert com indulgência, mas eu sofria, de amor, de despeito, de raiva. Hoje em dia, eu talvez resolvesse tamanha angústia trabalhando para juntar aqueles dois homens a quem amava: um pela sua força, o outro pela sua graça. Uma caridade possível, familiar agora ao meu coração, me teria feito empreender a felicidade não de dois homens mas daqueles seres mais perfeitos que eles indicam — a força e a beleza. Se uma e outra em mim não se podem unir, que a minha bondade por si, fora de mim, realize um nó de perfeição — de amor. Eu tinha algumas economias. Sem falar com ninguém, Stilitano, Armand, Sylvia nem Robert, peguei o trem e voltei para a França.

Naquelas florestas de Maubeuge, entendi que o país que eu tinha tanta dificuldade em deixar, a região aconchegante da qual eu sentia uma repentina nostalgia ao transpor essa última fronteira, era a radiante bondade de Armand, e que ela era feita de todos os elementos, vistos pelo avesso, que compunham a sua crueldade.

A menos que surja, de tamanha gravidade, um acontecimento que, frente a ele, a minha arte literária seja imbecil e que me seja preciso para domar essa nova infelicidade uma nova linguagem, este livro é o último. Estou à espera de que o céu despenque na minha cuca. A santidade consiste em fazer servir a dor. É forçar o diabo a ser Deus. É conseguir o reconhecimento do mal. Faz cinco anos que escrevo livros: posso dizer que o fiz com prazer, mas acabei. Escrevendo, consegui o que procurava. Sendo para mim um ensinamento, o que vai me guiar não é aquilo que vivi, mas o tom que uso para relatá-lo. Não as anedotas, mas a obra de arte. Não a minha vida, mas a sua interpretação. É aquilo que a linguagem me oferece para evocá-la, para falar dela, traduzi-la. Construir a minha lenda. Sei o que quero. Sei para onde vou. Os capítulos que se seguem (já disse que um grande número se perdeu), entrego-os sem qualquer ordem.

(Por lenda, eu não queria dizer a ideia mais ou menos decorativa que o público que conhece o meu nome vai formar a meu respeito, mas a identidade da minha vida futura com a ideia mais audaciosa que eu mesmo e os outros, depois deste relato, dela possam fazer. Ainda falta verificar se a realização da minha lenda consiste na existência mais audaciosa possível na ordem criminal.)

Na rua, tamanho é o meu medo de que um policial me reconheça que sei entrar para dentro de mim. O mais essencial do meu eu tendo se refugiado no

mais secreto, profundo retiro (um lugar no fundo do meu corpo em que estou à espreita, em que espio sob a forma de pequena chama), não receio mais nada. Tenho a imprudência de crer o meu corpo livre de todas as marcas que o distinguem, e que lhe parece vazio, impossível de identificar, a tal ponto tudo abandonou realmente a minha imagem de mim, o meu olhar, os meus dedos cujos cacoetes se evaporam, e que aquilo que os inspetores veem andando na calçada ao lado deles é uma concha vazia, livre do seu homem. Mas, quando passo por uma rua tranquila, a chama aumenta, ocupa-me os membros, sobe até o meu rosto e o colore com a minha semelhança.

Acumulo as imprudências: andar em carros roubados, passar diante das lojas em que operei, mostrar documentos cuja falsidade é por demais visível. Tenho o sentimento de que dentro de pouco tempo tudo deve acabar. As minhas imprudências são graves, e sei que a catástrofe de asas de luz será o resultado de um pequeno, pequeníssimo erro.^[23] Mas, enquanto espero como uma graça a infelicidade, é bom que me empenhe nos jogos habituais do mundo. Quero me realizar num dos destinos mais raros. Vejo indistintamente o que ele será, quero-o não com uma curva graciosa ligeiramente inclinada para a noite, mas com uma beleza nunca vista, bela por causa do perigo que o trabalha, o transtorna, o mina. Oh, faça com que eu seja toda a beleza! Irei depressa ou devagar, mas hei de ousar o que for necessário. Destruirei as aparências, as lonas cairão queimadas, e aparecerei uma noite, na palma das mãos de vocês, tranquilo e puro como uma estatueta de vidro. Vocês me verão. À minha volta, não existirá mais nada.

Pela gravidade dos meios, pela magnificência dos materiais usados para que ele se aproxime dos homens, avalio a que ponto o poeta estava longe deles. A profundidade da minha abjeção o obrigou a esse trabalho de forçado. Ora, a minha abjeção era o meu desespero. E o desespero é a própria força — e ao mesmo tempo a matéria para o abolir. Mas se a obra é a mais bela, a que exige o vigor do maior desespero, era preciso que o poeta amasse os homens para empreender tamanho esforço. E que ele conseguisse. É bom que os homens se afastem de uma obra profunda se ela é o grito de um homem monstruosamente enterrado em si mesmo.

Pela gravidade dos meios que exijo para afastar vocês de mim, avaliem a ternura que tenho por vocês. Julguem a que ponto eu os amo por essas barricadas que levanto em minha vida e em minha obra (a obra de arte só devendo ser a prova da minha santidade, esta santidade não precisa apenas ser real a fim de fecundar a obra, mas também para que, sobre uma obra já forte da santidade, eu tome apoio para um esforço maior na direção de uma destinação desconhecida) a

fim de que o hálito de vocês (sou extremamente corruptível) não me possa apodrecer. A minha ternura é feita de frágil massa. E o sopro dos homens perturbaria os métodos de buscas de um novo paraíso. Do mal, hei de impor a visão cândida, mesmo que nessa busca tivesse de deixar a minha pele, a minha felicidade e a minha glória.

Criar não é uma frivolidade qualquer. O criador empenhou-se numa aventura apavorante que consiste em assumir pessoalmente até o fim os perigos arriscados pelas suas criaturas. Não se pode supor uma criação em cuja origem não haja amor. Como colocar diante de nós, tão forte como nós mesmos, aquilo que deverá ser objeto do nosso desprezo ou ódio. Mas então o criador tomará a si o peso do pecado dos seus personagens. Jesus torna-se homem. Expia. Depois de, como Deus, os ter criado, ele livra dos seus pecados os homens: é flagelado, cospem-lhe o rosto, zombam dele, pregam-no à cruz. Eis o sentido da expressão: “Ele sofre em sua carne.” Não nos preocupemos com os teólogos. “Tomar o peso do pecado do mundo” significa muito exatamente: experimentar em poder e em efeitos todos os pecados; ter subscrito o mal. Todo criador deve, pois, endossar — palavra talvez fraca —, fazê-lo seu a ponto de sabê-lo sua substância, circulando, em suas artérias —, o mal concedido por ele, mas que os seus heróis escolhem livremente. Queremos ver nisso uma das numerosas utilizações daquele mito generoso da Criação e da Redenção. Se ele concede aos seus personagens o livre-arbítrio, a livre disposição de si, todo criador no segredo do seu coração espera que eles escolham o Bem. Todo amante faz o mesmo esperando ser amado por si.

Desejo por um instante prestar uma atenção aguda à realidade da suprema felicidade no desespero: quando se está sozinho, de repente, diante da perda repentina, quando se assiste à irremediável destruição da própria obra e de si mesmo. Eu daria todos os bens deste mundo — é preciso realmente dá-los — para conhecer o estado desesperado — e secreto — que ninguém sabe que sei. Hitler sozinho, nos porões do seu palácio, nos últimos minutos da derrota da Alemanha, com certeza conheceu esse instante de pura luz — lucidez frágil e sólida —, a consciência da sua queda.

O meu orgulho coloriu-se com a púrpura da minha vergonha.

Se a santidade é o meu objetivo, não posso dizer o que ela é. O meu ponto de

partida é a própria palavra que indica o estado mais próximo da perfeição moral. Da qual nada sei, salvo que sem ela a minha vida seria vã. Não podendo obter uma definição da santidade — nem tampouco da beleza —, a cada instante quero criá-la, isto é, fazer com que todos os meus atos me conduzam para ela, que ignoro. Que me guie a cada instante uma vontade de santidade até o dia em que a minha luminosidade há de ser tal que as pessoas dirão: “É um santo”, ou com mais sorte: “Era um santo.” Demoradas sondagens para lá me guiam. Não existe método. É obscuramente e sem outras provas salvo a certeza de fazer santidade que realizo os gestos que a ela me levam. Que ela seja ganha com uma disciplina matemática é possível, mas receio que se consiga uma santidade fácil, educada, de formas experimentais, numa palavra: acadêmica. Ora, isso é obter um simulacro. Partindo dos princípios elementares das morais e das religiões, o santo alcança o seu objetivo quando se livra deles. Como a beleza — e a poesia — com a qual a confundo, a santidade é singular. A sua expressão é original. Parece-me porém que ela tenha por base única a renúncia. Eu a confundirei, pois, também com a liberdade. Mas principalmente quero ser um santo porque a palavra indica a mais alta atitude humana, e farei tudo para consegui-lo. Empregarei o meu orgulho e o sacrificarei.

A tragédia é um momento alegre. Os sentimentos alegres serão levados pelo sorriso, por uma alegria de todo o corpo, e do rosto. O herói não conhece a seriedade de um tema trágico. Ele não o deve ver, se alguma vez o entreviu. Conhece inatamente a indiferença. Nos bailes suburbanos há jovens graves, indiferentes à música que eles parecem muito mais dirigir do que suportar. Outros semeiam alegremente nas moças uma sífilis colhida numa delas: para a decadência dos seus corpos admiráveis, anunciada pelas figuras de cera dos barracões, eles vão tranquilos, com o sorriso nos lábios. Se é para a morte que ele vai — desenlace necessário —, a menos que seja para a felicidade, é como para a mais perfeita realização, isto é, a mais feliz, de si, ele vai com o coração alegre. O herói não poderia amarrar a cara para uma morte heroica. É herói unicamente por essa morte, ela é a condição tão amargamente procurada pelos seres sem glória, ela é a glória, é, enfim (essa morte e o acúmulo das aparentes infelicidades que a ela conduzem), o coroamento de uma vida predisposta, mas principalmente o olhar da nossa própria imagem num espelho ideal que nos mostra eternamente resplandecentes (até que se gaste essa luz que usará o nosso nome).

A têmpora sangrou. Dois soldados que acabavam de brigar por um motivo que haviam há muito esquecido; o mais moço caiu, a têmpora arrebatada pelo

punho de ferro do outro que olhou o sangue escorrendo, tornando-se um tufo de prímulas. Rapidamente, a floração se espalhou. Invadiu o rosto que logo se cobriu de milhares dessas flores comprimidas, roxas e suaves como o vinho que vomitam os soldados. Enfim, todo o corpo do jovem caído na poeira não passou de um montículo cujas prímulas cresceram bastante para serem margaridas visitadas pelo vento. Apenas um braço permaneceu visível e agitou-se, mas o vento mexia todas essas plantas. O vencedor logo passou a ver apenas uma mão que dizia o desajeitado sinal do adeus e da amizade desesperada. Por sua vez, aquela mão desapareceu, tomada no terreno florido. O vento cessou lentamente, contra a vontade. Obscureceu-se o céu que iluminava antes o olho do jovem soldado brutal e assassino. Ele não chorou. Sentou-se naquele montículo em que o seu amigo se tornara. O vento soprou um pouco, mas um pouco mais fraco. O soldado fez o gesto de afastar os cabelos dos olhos e descansou. Adormeceu.

O sorriso da tragédia ainda é comandado por uma espécie de humor em relação aos deuses. O herói trágico zomba delicadamente do seu destino. Realiza-o tão gentilmente que o objeto desta vez não é o homem, mas os deuses.

Já condenado por roubo, posso sê-lo novamente sem provas, com base numa simples e leve acusação, numa dúvida. A lei me diz então capaz do feito. O perigo não existe apenas quando roubo, mas a cada momento da minha vida, porque já roubei. Uma onda de preocupação obscurece a minha vida, tornando-a ao mesmo tempo mais pesada e mais leve. Para conservar a limpidez, a acuidade do olhar, a minha consciência precisa tocar de leve em todos os atos para que eu possa logo corrigi-los, mudar-lhes o significado. Essa preocupação me mantém de sobreaviso. Ela me dá a atitude espantada do cabrito parado numa clareira. Mas a preocupação me arrasta também como uma espécie de vertigem, faz zumbir a minha cabeça e me deixa cair num elemento de trevas em que me afundo, se ouço sob as folhas ecoar no chão um casco.

Disseram-me que, para os antigos, Mercúrio era o deus dos ladrões, que sabiam assim que potência invocar. Mas nós não temos ninguém. Pareceria lógico rezar ao diabo, mas nenhum ladrão ousaria fazê-lo seriamente. Fazer um pacto com ele seria comprometer-se de maneira demasiado profunda, de tanto que ele se opõe a Deus, que, como se sabe, é o vencedor definitivo. O próprio assassino não ousaria rezar ao diabo.

Para abandonar Lucien, organizarei em volta do abandono, a fim de que ele pareça arrastado por elas, uma avalanche de catástrofes. Ele será uma palhinha

no centro do furacão. Mesmo se vier a saber que eu quis tamanha desgraça, ele me odiará, mas o seu ódio não me atingirá. O remorso, a recriminação dos seus belos olhos não terão bastante força para me emocionar, pois estarei no centro de uma tristeza desesperada. Perderei coisas que me são mais caras do que Lucien, e que me são menos caras que os meus escrúpulos. Assim, eu com prazer mataria Lucien para cobrir com um fausto criminoso a minha vergonha. Infelizmente, um temor religioso me afasta do homicídio, e me atrai para ele. E é capaz de fazer de mim um padre, da vítima Deus. Para destruir a eficácia do homicídio, talvez me seja suficiente reduzi-la ao extremo pela necessidade prática do ato criminoso. Eu poderia matar um homem por alguns milhões. O prestígio do ouro pode combater o do homicídio.

Obscuramente poderia o ex-pugilista Ledoux ter compreendido isso? Por vingança, ele mata um cúmplice. No quarto do morto, põe tudo em desordem para simular um roubo, e, vendo uma nota de cinco francos jogada em cima de uma mesa, Ledoux a apanha e explica à sua amiga admirada:

— Guardo como talismã. Para não dizerem que matei sem lucro.

Fortalecerei o meu espírito sem demora. Convém, quando se pensa no assunto, não deixar cair a pálpebra, nem as narinas formarem uma prega trágica, mas examinar a ideia do homicídio com grande desenvoltura, o olho largo, aberto pela pele da testa que se contrai como sob o efeito do espanto cândido, da admiração. Nenhum remorso, nenhuma pena prévia poderia então alojar-se no canto do olho, nem sob os pés abrir precipícios. Um sorriso zombeteiro, uma música suave assobiada entre os dentes, um pouco de ironia nos dedos que colhem o cigarro bastariam para me colocar novamente em contato com a desolação na solidão satânica (a menos que eu ame algum assassino em quem esse gesto, esse sorriso, essa música suave sejam habituais). Depois de ter roubado o anel de B.R..

— Se ele ficar sabendo? — dizia para mim mesmo —, eu o vendi a alguém que ele conhece!

Imagino, pois ele me ama, a sua pena e a minha vergonha. Encaro, pois, o pior: a morte. A dele.

Bulevar Haussmann, vi o lugar onde alguns ladrões foram presos. Para fugir da loja, um deles tentou atravessar o vidro. Acumulando os estragos em volta da sua prisão, teria ele pensado estar lhe dando uma importância que seria retirada ao fato que a precedeu: o roubo. Já ele procurava cercar a sua pessoa com uma pompa sangrenta, estranha, intimidadora, no centro da qual teria ele mesmo permanecido lamentável. O criminoso magnifica o seu feito. Quer desaparecer

sob o fausto, numa encenação enorme, provocada pelo destino. Ao mesmo tempo, ele decompõe o seu ato em momentos rígidos e o desloca.

— O que são para mim os ultrajes dos homens quando o meu sangue...

Sem enrubescer, poderia eu ainda admirar os belos criminosos, se não tivesse conhecido a natureza deles? Se eles tiveram a infelicidade de servir à beleza de numerosos poemas, quero ajudá-los. A utilização do crime por um artista é ímpia. Alguém arrisca a vida, a sua glória, a fim de servir para o enfeite de um diletante. O herói, mesmo sendo imaginário, um ser vivo o inspirou. Recuso deleitar-me com suas aflições se ainda não as compartilhei. Vou me expor primeiro ao desprezo dos homens, ao seu julgamento. A santidade de Vicente de Paulo, desconfio dela. Ele devia ter aceitado cometer o crime no lugar do homem a quem substituiu nos ferros da galé.

O tom deste livro poderá escandalizar o melhor dos espíritos e não o pior. Não busco o escândalo. Reúno estas notas para alguns jovens. Gostaria que eles as considerassem como a consignação de uma ascese entre todas delicada. A experiência é dolorosa e ainda não a terminei. Que o seu ponto de saída seja um sonho romanesco, não importa, se eu o trabalho com o rigor de um problema matemático; se tiro dele os materiais úteis à elaboração de uma obra de arte, ou à realização de uma perfeição moral (ao aniquilamento talvez daqueles próprios materiais, à sua dissolução) próxima daquela santidade que ainda não passa para mim da mais bela palavra da linguagem humana.

Limitado pelo mundo ao qual me oponho, recortado por ele, serei tanto mais belo e brilhante quanto mais agudos forem os ângulos que me ferem e me dão forma, e quanto mais cruéis forem os meus recortes.

É preciso continuar os atos até a sua realização total. Qualquer que seja o seu ponto de partida, o fim será belo. É pelo fato de não estar acabada que uma ação é infame.

Quando virei a cabeça, a minha vista ficou ofuscada pelo triângulo cinzento que formavam as duas pernas do assassino, com um dos pés apoiado no muro, enquanto o outro permanecia imóvel na poeira do pátio coberto. Aquelas duas pernas estavam vestidas de burel áspero, rígido, desolado. Fiquei novamente ofuscado, pois, parando de mastigar a haste de uma rosa branca que conservava entre os dentes, eu acabara de atirá-la por descuido (no rosto talvez de um

malandro) quando ela se prendeu, com manhosa habilidade, na braguilha que formava o ângulo severo de fazenda cinzenta. Esse gesto simples escapou ao guarda. Escapou até aos outros detentos e ao assassino, que só experimentou um ligeiro choque. Quando ele olhou a sua calça, enrubescou de vergonha. Teria ele pensado descobrir um esgarro ou a marca de alguma volúpia que lhe concedia o simples fato de estar por um instante sob o mais claro céu de França? Enfim, com o rosto vermelho, tentando esconder-se, arrancou com um gesto displicente a rosa absurda, furtivamente presa pela ponta extrema de um espinho, e meteu-a no bolso.

Chamo santidade não a um estado, mas à diligência moral que a ela me conduz. É o ponto ideal de uma moral de que não posso falar pois não o percebo. Afasta-se quando me aproximo dele. Desejo-o e temo-o. Essa busca pode parecer imbecil. Entretanto, ainda que dolorosa, é alegre. É louca. Bobamente, ela assume a figura de uma Carolina navegando nas suas saias e urrando de felicidade.

Faço, nem tanto da solidão, mas do sacrifício, a mais alta virtude. É a virtude criadora por excelência. Deveria existir danação. Será que provocarei espanto se disser que o crime pode me servir para assegurar o meu vigor moral?

Quando poderia eu finalmente pular no coração da imagem, ser eu mesmo a luz que a leva aos olhos de vocês? Quando estaria no coração da poesia?

Corro o perigo de me perder confundindo a santidade com a solidão. Mas, com esta frase, não terei arriscado dar novamente à santidade o sentido cristão de que a quero separar?

Essa busca da transparência talvez seja vã. Conseguida, ela seria o repouso. Deixando de ser “eu”, deixando de ser “vocês”, o sorriso que subsistiria é um sorriso igual pousado nas coisas.

No próprio dia da minha chegada à Santé — para uma das numerosas temporadas que lá passei — compareci diante do diretor: eu tinha conversado no guichê com um amigo que reconhecera de relance. Fui punido com 15 dias de solitária, para onde fui conduzido imediatamente. Depois de três dias de xadrez, um auxiliar me entregou umas guimbas. Eram os detentos da cela para a qual, sem ter ainda pisado nela, eu tinha sido designado que as mandavam para mim. Quando saí da solitária, agradei-lhes. Guy me disse:

— Vimos que tinha um novo, estava escrito na porta: Genet. Genet a gente não sabia quem era. E você não chegava. Então compreendemos que você estava

na solitária e lhe mandamos as vintes.

Porque o meu nome, nos registros, me estabelecia naquela cela, os seus ocupantes já se sabiam solidários de uma punição desconhecida, recebida por um delito no qual eles não tinham nenhuma responsabilidade. Guy era a alma da cela. Ele era, aquele adolescente, branco e cacheado, amanteigado, a sua consciência inflexível, o seu rigor. Sempre que se dirigia a mim, eu me lembrava da estranha expressão: “Nos rins uma descarga de revólver.”

A polícia o prendeu. Na minha frente, desenvolveu-se o seguinte diálogo:

— Foi você quem fez o roubo da rua de Flandre.

— Não, não fui eu.

— Foi você. A porteira te reconhece.

— É um cara com a minha pinta.

— Ela disse que ele se chama Guy.

— Então, é um cara que tem a minha pinta e o meu nome.

— Ela reconhece as tuas roupas.

— Ele tem a minha pinta, o meu nome e as minhas roupas.

— São os mesmos cabelos.

— Ele tem a minha pinta, o meu nome, as minhas roupas e os meus cabelos.

— Encontramos as tuas impressões digitais.

— Ele tem a minha pinta, o meu nome, as minhas roupas, os meus cabelos e as minhas impressões.

— Assim a gente vai longe.

— Até o fim.

— Foi você.

— Não, não fui eu.

Foi dele que recebi a carta onde se pode ler o que segue (eu acabava de ser novamente trancafiado na prisão da Santé...): “Meu pequeno Jeannot, estou duro demais para te mandar uma encomenda. Não tenho mais nem um tostão, mas faço questão de te dizer o seguinte, que vai te agradar, espero, é que, pela primeira vez, eu quis me masturbar pensando em você e gozei. Você pode ter certeza de que pelo menos há um colega aqui fora que pensa em você...”

Às vezes, eu lhe censuro a familiaridade com o inspetor Richardeau. Tento explicar que um policial é ainda mais vil que um delator, Guy mal me ouve. Ele anda com passos miúdos. Em volta do pescoço sente a gola leve da sua camisa de seda mole demais, nos ombros, o seu paletó bem-cortado; anda de cabeça erguida e olha à sua frente com severidade a rua triste e cinzenta, sombria, de Barbès, mas onde um cafetão, atrás das cortinas de um hotel, pode vê-lo passar.

— Pois é, no fundo, você tem razão — diz. — São todos uns sujos.

Passados alguns momentos, quando penso que ele já não está pensando no que

eu disse (realmente passou-se um certo tempo sem que ele pensasse a fim de melhor sentir no seu punho uma correntinha de prata, ou para que um vazio onde encontrasse lugar para essa ideia nele se fizesse), ele murmura:

— É. Mas um tira não é a mesma coisa.

— Ah, você acha?

Apesar dos meus argumentos que querem confundir o tira com o delator, condenar mais o primeiro, sinto como Guy, e não lhe confesso, que não é a mesma coisa. Amo secretamente, sim, amo a polícia. Não lhe contarei a minha emoção quando, em Marselha, avenida Belsunce, passava diante da cantina reservada aos policiais. O interior estava repleto de tiras marselheses, de uniforme e à paisana. A cantina me fascinava. São serpentes que se enrolam e se roçam numa familiaridade que a abjeção não perturba — e talvez até favoreça.

Impassível, Guy caminha. Será que sabe que o desenho da sua boca é mole demais? Ela confere ao rosto dele uma boniteza infantil. Naturalmente louro, tingiu de preto os cabelos. Quer se fazer passar por corso — ele próprio acabará acreditando na sua brincadeira — e desconfio que ele gosta de maquilagem.

— Estou sendo procurado — diz.

A atividade do ladrão é uma sucessão de gestos acanhados mas ardentes. Vindo de um interior calcinado, cada gesto é doloroso, lamentável. É só após o roubo, e graças à literatura, que o ladrão conta o seu gesto. O seu êxito canta em seu corpo um hino que a boca repetirá. O seu fracasso encanta a sua angústia. Ao meu sorriso, ao meu encolher de ombros, Guy responde:

— Pareço moço demais. Com os outros malandros, a gente tem de parecer um homem.

Admiro a sua vontade que nunca se quebra. Uma só das suas gargalhadas — diz ele — haveria de traí-lo. Tenho para com ele a mesma piedade que em relação a um leão que o domador obriga a andar na corda bamba.

De Armand — de quem pouco falo, o pudor impedindo-me, e talvez a dificuldade de dizer quem ele foi e o que representou para mim, de descrever exatamente o seu valor de autoridade moral — a bondade era, creio, uma espécie de elemento em que as minhas qualidades secretas (inconfessáveis) encontravam a sua justificação.

Foi depois que o deixei, que pus entre ele e eu a fronteira, que o senti. Ele me pareceu inteligente. O que quer dizer que ele ousara ultrapassar as regras morais, não inconscientemente, com a decepcionante facilidade dos rapazes que as ignoram, ao contrário, era ao preço de um esforço muito grande, na certeza de perder um tesouro inestimável, mas com a certeza ainda de criar outro, mais

precioso do que aquele que estava perdendo.

Os gângsteres de uma quadrilha internacional tendo-se entregado — “sem luta à polícia, covardemente”, escreveram os jornais belgas —, nós o soubemos uma noite num bar onde todos comentavam a atitude deles.

— São uns cagões, e pronto — disse Robert. — Você não acha?

Stilitano não respondeu. Na minha frente, ele temia evocar o medo ou a audácia.

— Você não acha, não? Fala... Eles dizem que fizeram coisas fantásticas, assaltos a bancos, ataques a trens, e agora, que nem crianças, vão se entregar aos tiras. Eles poderiam ter-se defendido até a última bala. De qualquer jeito, estão liquidados, vão ser extraditados. A França os mandou pedir. E lá, vão encurtá-los. Eu, no lugar deles...

— E eu estou de saco cheio!

A raiva de Armand foi repentina. Tinha os olhos indignados. Mais humilde, Robert disse:

— Por quê, você pensa diferente?

— Na sua idade, eu já tinha feito muito mais coisas do que você e não falava dos homens, não, principalmente daqueles que estão presos. Para eles, agora, só tem os tribunais. Você não tem condição de julgar.

O tom explicativo devolveu um pouco de audácia a Robert. Ele ousou responder:

— Com tudo isso, eles foram frouxos. Se tivessem feito tudo o que dizem deles...

— Pois é, seu filhinho da puta, é justamente porque fizeram tudo o que contam deles que podem se dar ao luxo de ser frouxos, como você diz. E sabe por que foi que eles fizeram isso? Sabe, hem? Eu te digo por que foi. Como para eles é o fim, eles quiseram disputar um luxo que nunca na vida deles tiveram tempo de se dar: dão uma de frouxos. Tá entendendo? Entregar-se à polícia, para eles, é uma festa. Um descanso.

Stilitano não se mexia. Pelo sorriso maroto da sua boca, penso ter adivinhado que o sentido da resposta de Armand lhe era familiar. Não sob essa forma afirmativa, heroica, insolente, mas de um estilo difuso. Robert não respondeu. Dessa explicação ele nada entendia, salvo talvez que ela acabara de colocá-lo um pouco fora de nós três.

Por mim mesmo, mas mais tarde, eu teria encontrado essa justificção. A bondade de Armand consistia em me permitir achar-me à vontade nela. Ele compreendia tudo. (Quer dizer que ele tinha resolvido os meus problemas.) Não que eu pretenda dizer que a explicação que ele ousava dar para a capitulação dos gângsteres fosse válida para aqueles gângsteres, mas que ela o era para mim se

houvesse sido o caso de justificar a minha capitulação em circunstâncias idênticas. A bondade dele consistia ainda em transformar em festa, em desfile solene e irrisório o que não passava de um vil abandono de posto. A preocupação de Armand era a reabilitação. Não dos outros ou dele: da miséria moral. Concedia-lhe os atributos que são a expressão dos prazeres do mundo oficial.

Estou longe de ter a estatura dele, os seus músculos e pelos, mas há dias, quando me vejo num espelho, em que penso reencontrar no rosto um pouco da sua severa bondade. Sinto-me então orgulhoso de mim, da minha cara achatada e pesada. Ignoro em que vala comum ele está enterrado, ou se continua em pé, passeando com indolência o seu corpo flexível e forte. É o único de quem desejo transcrever o nome exato. Traí-lo, mesmo tão pouco, seria demais. Quando ele se levantava de uma cadeira, reinava sobre o mundo. Poderia ter apanhado bofetões sem se mexer, ser insultado em seu corpo, teria permanecido intacto, tão grande como antes. Em nossa cama, ele ocupava todo o espaço, as suas pernas abertas segundo o ângulo mais obtuso, em que apenas encontrava um cantinho onde me aconchegar. Dormia à sombra do sexo dele que às vezes caía nos meus olhos e às vezes na hora de acordar enfeitava a minha testa com um maciço e curioso corno moreno. Quando acordava, o pé dele, não brutal mas com uma imperiosa pressão, me expulsava da cama. Ele não falava. Fumava, enquanto eu preparava o café e as torradas daquele Tabernáculo onde repousava — onde se elaborava a Ciência.

Uma conversa desastrada nos fez saber uma noite que Armand, de Marselha a Bruxelas, de cidade em cidade, de café em café, para ganhar o que comer, recortara rendas de papel na frente dos clientes. O doqueiro que nos informou, a Stilitano e a mim, não estava brincando. Falava, com muita naturalidade, dos paninhos, dos saquinhos, dos lenços delicadamente trabalhados com uma tesoura e papel dobrado.

— Eu o vi, o Armand, eu o vi fazendo o número dele — afirmou.

Imaginar o meu mestre maciço e calmo desempenhando uma tarefa de mulher me emocionava. Ridículo nenhum podia atingi-lo. Não sei de que prisão ele estava voltando, se fora libertado ou se fugira, mas o que eu aprendia dele era a prova daquela escola de todas as delicadezas: as margens do Maroni ou as centrais da França.

Ouvindo o doqueiro, Stilitano sorria maldosamente. Eu receava que ele tentasse ferir Armand: estava certo. A renda mecânica com a qual ele enganava as piedosas castelãs era uma marca de nobreza, indicava a superioridade de Stilitano sobre Armand. Entretanto eu não ousava implorar que se calasse: mostrar em relação a um amigo tal elegância moral teria revelado em mim, em meu coração, estranhas paisagens, iluminadas por luzes tão suaves que uma

pressão do polegar as teria esmagado. Fingi indiferença.

— Vivendo e aprendendo — disse Stilitano.

— Não tem mal nenhum.

— É o que digo. A gente faz o que pode.

Com certeza para me tranquilizar, para escorar a minha inconsistência, eu precisava supor os meus amantes talhados na mais dura das matérias. Eis que eu descobria composto de misérias humanas aquele que mais me impressionava. Hoje em dia, a lembrança que me visita mais frequentemente é Armand, que nunca vi nessa ocupação, aproximando-se das mesas dos restaurantes e recortando — em ponto de Veneza — a sua renda de papel. Talvez fosse nessa época que ele descobrira, sem ajuda de ninguém, a elegância, não daquilo a que se dá o nome de maneiras, mas do jogo numeroso das atitudes. Seja por preguiça, seja porque quisesse me submeter, seja ainda porque experimentasse a necessidade de um cerimonial que valorizasse a sua pessoa, ele exigia que eu lhe acendesse o cigarro na minha boca e que depois o colocasse na dele. Não devia sequer esperar que se manifestasse o desejo dele, mas preveni-lo. Assim fiz no princípio mas, fumando eu também, a fim de ser mais rápido, para economizar os gestos, levava à minha boca dois cigarros que eu acendia e depois estendia um para Armand. Brutalmente, ele me proibiu esse processo, que achava sem beleza. Tive, como antes, de apanhar no maço um cigarro, acendê-lo, espetá-lo em sua boca, e apanhar outro para mim.

Acompanhar um enterro sendo a princípio submeter-me a uma dor à qual escaparei pois a transformo em uma força necessária para sair da moral habitual, não posso roubar flores e levá-las ao túmulo de um morto que me era caro. Roubar determina uma atitude moral que não se consegue sem esforço, é um ato heroico. A dor pela perda de um ser amado nos revela laços com os homens. Exige daquele que permanece a observância de uma dignidade antes de tudo formal. A tal ponto que a preocupação dessa dignidade nos faria roubar flores, se não as pudéssemos comprar. Esse gesto foi provocado pelo desespero de não poder realizar as fórmulas habituais do adeus aos mortos. Guy veio me ver para dizer que Maurice B. tinha sido liquidado.

— Temos de arranjar umas coroas.

— Por quê?

— Para o cortejo.

A voz dele era ríspida. Alongando as sílabas, ele teria receado deixar toda a sua alma se desmanchar. E, talvez pensasse, o momento não era de lágrimas nem de queixas. De que coroas estava ele falando, de que cortejo, de que cerimônia?

— O enterro precisa ter flores.

— Você tem gaita?

- Nem um tostão. A gente vai correr a bandeja.
- Onde?
- Não na igreja, é claro. Com os colegas. Nos bares.
- Todo o mundo está duro.

Não era uma sepultura que Guy reclamava para um morto. Ele queria primeiro que os faustos do mundo fossem concedidos ao malandro seu amigo, liquidado pelas balas de um tira. Para o mais humilde, tranças de flores no manto mais rico segundo os homens. Honrar o amigo, mas principalmente glorificar, com os meios que concedem a si mesmos aqueles que os consideram, sendo que os mais miseráveis até os determinam.

— Você não se irrita ao saber que os tiras que são liquidados têm enterros de primeira?

— E isso o chateia?

— E a você não? E os juízes, quando são enterrados, com o Tribunal do Júri atrás deles.

Guy estava exaltado. A sua indignação o iluminava. Era generoso e não se continha.

— Ninguém tem gaita.

— Temos de achar.

— Abafe umas flores com uns colegas dele.

— Tá maluco?

Disse-o com uma voz surda, com vergonha, com pesar, talvez. Um louco pode fazer funerais insólitos para os seus mortos. Pode, deve inventar ritos. Guy já tem a emocionante atitude de um cão que caga. Faz força, o seu olhar está fixo, as suas quatro patas estão quase juntas debaixo do seu corpo tenso; e ele treme, da cabeça até as fezes fumegantes. Lembro-me da minha vergonha, e também da minha admiração diante de gesto tão inútil, quando no cemitério, domingo, depois de olhar em volta, minha mãe de criação arrancou de um túmulo desconhecido e novo um pé de calêndulas que ela plantou no túmulo da filha. Roubar em qualquer lugar flores para com elas cobrir o caixão de um morto adorado não é um gesto, Guy o compreendia, que dê qualquer satisfação ao ladrão. Humor nenhum é tolerado aqui.

— Então, o que é que vocês vão fazer?

— Um roubo rápido. Um assalto.

— Vocês têm alguma coisa em vista?

— Não.

— Então?

Com dois colegas, de noite, roubaram as flores do cemitério Montparnasse. Pularam o muro na altura da rua Froidevaux, perto do mictório público. Foi,

segundo me contou Guy, uma brincadeira. Talvez, como cada vez que vai numa expedição, ele tenha ido ao banheiro. De noite, se está escuro, em frente ao portão geralmente, ou embaixo da escada, no pátio. Essa familiaridade o tranquiliza. Sabe que, em gíria, uma bosta é uma sentinela.

— Vou deixar uma sentinela — diz ele. — Depois subimos mais tranquilos. O lugar nos parece menos estranho.

Com uma lâmpada de pilha, eles procuraram as rosas. Distinguiam-se muito pouco, ao que parece, das folhagens. Uma embriaguez alegre os fazia roubar, correr, brincar entre os monumentos.

— Depois desta, posso dizer que já vi tudo — me disse ele. — As mulheres foram encarregadas de trançar as flores e de fazer os buquês. Foram os machos delas que fizeram os mais bonitos.

De manhã, tudo estava murcho. Jogaram as flores no lixo, e a zeladora deve ter perguntado a si mesma a que orgia naquela noite eles se tinham entregado naqueles quartos onde habitualmente não entra jamais um ramo de flores, com exceção, às vezes, de uma orquídea. A maior parte dos cafetões não ousou assistir a um enterro tão pobre, a dignidade, a insolência deles precisava da solenidade mundana. Mandaram as mulheres para representá-los. Guy foi. Quando voltou, falou-me da tristeza da cerimônia.

— Que coisa lamentável! Foi uma pena você não ter vindo. Só tinha putas e malandros.

— Oh, você sabe, essa gente eu vejo todos os dias.

— É por isso mesmo, Jean. Era para que alguém respondesse quando os agentes funerários perguntassem pela família. Eu tive vergonha.

(Quando eu estava na colônia penitenciária de Mettray, mandaram-me assistir ao enterro de um jovem colono, morto na enfermaria. Nós o levamos para o pequeno cemitério da penitenciária. Os coveiros eram crianças. Depois de descido o caixão, juro que se um agente funerário, como na cidade, tivesse perguntado: “A família?”, eu me teria adiantado, minúsculo em meu luto.)

— Por que teve vergonha?

Guy espreguiçou-se um pouco, depois sorriu.

— Era tudo feio demais — disse ele. — Enterro de pobre.

— A gente entornou um bocado, a noite toda. Estou aliviado, contente de estar de volta. Finalmente, vou poder tirar os sapatos.

Muito jovem, desejei roubar as igrejas. Mais tarde, conheci a alegria de lhes retirar os tapetes, os jarros e às vezes os quadros. Em M..., G... não reparou na beleza das rendas. Quando eu lhe disse que as sobrepelizes e as toalhas do altar

custavam muito caro, a sua testa quadrada franziu-se. Ele quis um preço. Na sacristia, murmurei:

— Não sei.

— Quanto, cinquenta?

Não respondi. Estava com pressa de sair daquela sala em que os padres se vestem, se despem, abotoam as batinas.

— Hem? Quanto, cinquenta?

A impaciência dele comunicando-se a mim, respondi:

— Mais, cem mil.

Os dedos de G... tremiam, tornavam-se pesados. Quebravam as fazendas e as rendas angulosas. Quanto ao rosto dele, mal-iluminado e transtornado pela cupidez, não sei se convém dizer se estava hediondo ou admirável. Recuperamos a calma à margem do Loire. Sentamos na grama para esperar o primeiro trem de carga.

— Você tem sorte de ser entendido nessas coisas. Por mim, as rendas, eu as teria deixado.

Foi então que Guy me propôs associar-me a ele mais profundamente. “Você só tem de me indicar os lugares, eu faço as limpezas”, me disse ele. Recusei. Não se pode, na profissão de ladrão, realizar aquilo que outro concebeu. Aquele que age deve ser bastante hábil para corrigir o que o imprevisto traz na linha decidida. Enfim, a vida de ladrão, Guy só a vê magnífica, brilhante, escarlate e de ouro. Para mim, ela é escura e subterrânea, arriscada e perigosa tanto quanto a dele, mas não é o perigo de arrebentar os ossos ao escorregar de um teto, em carro perseguido espatifar-se contra um muro, morrer com uma bala de 6,35mm. Não sou feito para esses grandiosos espetáculos em que nos fantasiemos de cardeal para roubar o tesouro das basílicas, em que tomamos um avião para despistar o bando rival. Pouco me importam esses jogos luxuosos.

Quando roubava um carro, Guy dava um jeito de arrancar logo que o proprietário aparecia. Ele tinha o prazer de gozar a cara do homem que vê o seu carro, dócil ao ladrão, abandoná-lo. Era uma festa para ele. Caía numa imensa gargalhada metálica, um pouco forçada, artificial, e arrancava num barulho de tempestade. À visão do roubado, do seu espanto, da sua raiva e da sua vergonha, era raro que eu não sofresse.

Quando saí da prisão, reencontramo-nos num bar de cafetões. No La Villa. As paredes eram cobertas de fotografias com dedicatórias: retratos de pistoleiras, mas principalmente de lutadores de boxe e de bailarinos. Ele não tinha dinheiro: acabava de evadir-se.

— Você não sabe o que a gente podia fazer?

— Sei, sim.

Baixinho eu lhe disse a minha intenção de roubar um amigo que possui alguns objetos de arte que podíamos vender no estrangeiro. (Eu acabava de escrever um romance intitulado *Nossa Senhora das Flores*, cuja publicação me valeu algumas ricas relações.)

— Vai ser preciso liquidar o cara?

— Não. Escute.

Tomei fôlego, inclinei-me para junto dele. Mudei a disposição das mãos na barra de apoio do balcão, desloquei a perna, enfim aprontei-me para o bote.

— Escute. A gente podia mandar o sujeito em cana por oito dias.

Não posso dizer, com precisão, se os traços de Guy se mexeram, mas a sua fisionomia transformou-se por inteiro. O rosto dele imobilizou-se talvez e endureceu. Fiquei de repente apavorado pela dureza do olhar azul. Guy inclinou um pouco a cabeça para o lado, sem deixar de me encarar, ou, mais exatamente, de me fixar, de me pregar. Tive a revelação repentina da expressão: “Vou te alfinetar!” A voz dele, para me responder o que segue, era baixa, igual, mas apontada para o meu estômago. Saía-lhe da boca com a rigidez de uma coluna, de um aríete. Estar contida, monótona, a fazia parecer socada, compacta.

— O quê? É você, Jeannot, que está me dizendo uma coisa dessas? É você que está querendo mandar um sujeito para a cadeia?

O meu rosto permaneceu tão imóvel quanto o dele, tão duro, mas ainda mais voluntariamente tenso. À sua tempestade em que se amontoavam nuvens negras, opus o meu rosto de rocha, aos seus raios, os meus ângulos e as minhas pontas. Sabendo que o seu rigor deve arrebentar e desmoronar-se em desprezo, enfrentei-o, por um instante. Pensei muito rapidamente em como recuar sem que ele desconfiasse que eu quisera uma ação abjeta. Era preciso que eu tivesse o tempo para mim. Calei-me. Deixei o espanto e o desprezo dele se derramarem sobre mim.

— Posso liquidar um cara. Se você quiser, eu abotoo, fecho aquele seu cara. É só falar. Hem, Jeannot, você quer que eu o liquide?

Continuei calado e o fitei. Supunha o meu rosto impenetrável. Guy devia me ver tenso, me crer no auge de um momento extremamente dramático por causa de uma vontade decidida, de uma decisão que o espantava a ponto de emocioná-lo. Ora, eu receava a severidade dele tanto mais que nunca ele pareceu mais viril do que naquela noite. Sentado no banquinho alto, suas coxas musculosas se desenhavam sob a fazenda fina da calça onde, pousada, a sua mão era forte, espessa e áspera. Não sei em que elemento comum com eles de maldade, de besteira, de virilidade, de elegância, de pompa, de viscosidade, ele era igual aos cafetões que nos cercavam, e amigo deles. Esmagava-me. “Eles” me esmagavam.

— Você se dá conta do que é mandar um sujeito para lá? Nós dois já estivemos. Então? A gente não pode fazer isso.

Será que ele próprio traíra, vendera os amigos? A sua intimidade com um inspetor da P.J.^[24] me fizera recear — e esperar — que ele fosse um delator. Receá-lo, pois eu arriscava ser denunciado, recear também porque ele me precederia na traição. Esperá-lo porque eu teria um companheiro e um apoio na abjeção. Compreendi a solidão e o desespero do viajante que perdeu sua sombra. Eu continuava calado, não despregava os olhos de Guy. O meu rosto permanecia imóvel. Ainda não chegara o momento de me retratar. Que ele chafurde no espanto até perder pé. Contudo não pude deixar de perceber o seu desprezo, pois ele disse:

— Mas, Jeannot, considero você como um irmão. Você entende? Se um cara, um cara daqui, me pedir para te fechar, eu faço a pele dele. E você vem me pedir...

Abaixou o tom da voz pois alguns cafetões se tinham aproximado de nós. (Umas putas também poderiam nos ouvir. O bar estava repleto.) O meu olhar tornou-se mais duro. As minhas sobrancelhas juntaram-se. Murmurei coisas indistintas no interior dos lábios e continuei em silêncio.

— Sabe de uma coisa? Se fosse outro que me pedisse uma coisa dessas...

Apesar da couraça de vontade com que eu me protegia, sentia-me humilhado pela doçura fraternal do desprezo dele. O tom da sua voz, as suas palavras me deixaram indeciso. Será ou não ele próprio um delator? Nunca hei de saber com toda a certeza. Se for, pode estar me desprezando por uma ação que ele aceitaria cometer. Pode ser também que lhe repugne ter-me como companheiro na abjeção porque aos seus olhos sou menos prestigioso, menos brilhante que outro ladrão qualquer a quem aceitaria. Estava conhecendo o desprezo dele. Pouco faltou para que me dissolvesse como um rochedo de açúcar. Devia, sem fixá-lo demais entretanto, conservar a minha rigidez.

— Mas, Jeannot, se você fosse outro, eu o desmanchava. Nem sei por que te deixei dizer tudo aquilo. Não, juro que não sei.

— Está certo.

Ele levantou a cabeça, sua boca permaneceu entreaberta. O tom o surpreendera.

— Hem?

— Tô dizendo que tá certo.

Inclinei-me para mais perto e coloquei a minha mão no ombro dele.

— Meu pequeno Guy, prefiro assim. Fiquei apavorado quando te vi com R. (o policial), tão amigo, tenho de te confessar. Eu me mijeí todo. Me mijeí com medo que você fosse um delator.

— Tá maluco. Eu tava negociando com ele, primeiro porque é tão malandro como um malandro, e depois para que ele me arranje documentos. É um cara que funciona na base da gaita.

— Tá certo. Agora tenho certeza, mas ontem, quando vi os dois bebendo juntos, eu te juro que perdi o rebolado. Porque jamais pude suportar os delatores. Você imagina o golpe que foi para mim duvidar de você? Pensar que você podia abrir o bico?

Não tive a prudência que ele próprio mostrara durante as suas censuras e levantei um pouco a voz. O alívio de não estar mais sob o golpe do desprezo dele me dava um novo fôlego, me fazia pular mais alto e mais depressa. Eu me exaltava com a alegria de emergir do desprezo, de estar salvo também de uma briga que teria colocado contra mim todos os cafetões do bar, de ser a minha vez de dominar Guy por uma autoridade que o meu domínio da linguagem me concedia. Enfim, uma espécie de autocompaixão me fez, sem esforço, encontrar inflexões comoventes, pois eu havia perdido, ainda que tivesse saído incólume. A minha dureza, a minha intransigência estavam rachadas, e o negócio do roubo (de que nenhum de nós ousou voltar a falar) ficava definitivamente afastado. Preciosíssimos cafetões nos cercavam. Falavam alto, mas muito educadamente. Guy me falou da mulher dele. Respondi como pude. Um grande véu de tristeza me cobria, rompido, às vezes, pelos relâmpagos da minha raiva. A solidão (cuja imagem poderia ser uma espécie de névoa ou de vapor que sai de mim), um instante rasgada pela esperança, a solidão fechou-se novamente sobre mim. Eu poderia ter tido um companheiro na liberdade (pois finalmente tenho a certeza de que Guy é um delator), ele me é recusado. Teria gostado de trair com ele, pois quero poder amar os meus cúmplices. Esta situação (de ladrão-assaltante) extraordinariamente solitária não pode me deixar emparedado com um rapaz sem graça. Durante a ação, o medo, que é a matéria (ou melhor, a luz) de que quase totalmente sou feito, pode me deixar desabar nos braços do meu cúmplice. Não acho que o escolha alto e forte para que ele me proteja em caso de fracasso, mas a fim de que um medo forte demais me precipite entre os braços dele, entre as coxas dele, refúgios adoráveis. É uma escolha perigosa essa, que muitas vezes deixou o medo tão totalmente se dobrar, tornar-se ternura. Com uma facilidade excessiva, eu me abandono àqueles belos ombros, àquelas costas, àqueles quadris. Guy era desejável no trabalho.

Ele vem me ver, apavorado. Para mim, é impossível saber se o seu pânico é real. Hoje de manhã, está com uma aparência lamentável. Estava mais à vontade nos corredores e nas escadas da Santé com os cafetões cujo prestígio resulta do

traje que eles vestem para ir falar com os seus advogados. Será que a segurança que a prisão oferece lhe dava um andar ainda mais leve?

— Me ajude a sair desta merda. Me arranje um golpe qualquer que eu me safo para a província.

Ele se obstina em viver entre os cafetões, e reconheço em seu nervosismo, no movimento fatal da sua cabeça, o tom trágico das bichas e das atrizes. “Será possível”, digo com os meus botões, “que em Montmartre os ‘homens’ se enganem?”.

— Assim de supetão, não posso fazer nada. A gente não tem sempre um assalto prontinho.

— Qualquer coisa, Jeannot. Eu liquido um cara, se precisar. Sou capaz de queimar um cara por vinte pratas. Ontem, arrisquei os trabalhos forçados.

— Isso não me adianta nada — atalhei sorrindo.

— Você não se dá conta. Você vive num palácio.

Ele me irrita, o que tenho a recear dos hotéis dourados, dos lustres, dos salões, da amizade dos homens? O conforto talvez permita audácias do meu espírito. E, com o espírito já longe, tenho certeza de que o meu corpo seguirá.

De repente ele me olha e sorri.

— O cavalheiro está me recebendo no salão. Não se pode entrar no teu quarto? Tá com teu menino?

— Estou.

— É bonzinho? Quem é?

— Você vai ver.

Quando ele nos deixou, perguntei a Lucien o que pensava de Guy. Secretamente, eu teria ficado feliz se eles se amassem.

— Ele tem uma pinta muito esquisita, com aquele chapéu. Um bocado malvestido.

E imediatamente falou de outra coisa. Nem as tatuagens de Guy, nem as suas aventuras, nem a sua audácia terão interessado a Lucien. Ele só viu o ridículo do seu traje. A elegância dos malandros pode ser contestada por um homem de gosto, mas eles se enfeitam de dia, de noite principalmente, com uma emocionante gravidade, com tantos cuidados quanto uma cocote. Eles querem brilhar. O egoísmo reduz ao corpo unicamente a personalidade deles (indigência da moradia de um cafetão vestido melhor que um príncipe). Mas essa busca da elegância quase sempre alcançada, o que indica em Guy? O que assinala quando os detalhes são aquele ridículo chapeuzinho azul, aquele paletó apertado, aquele lenço de bolso? Entretanto, se ele não tem a graça infantil e o tom discreto de Lucien, em Guy um temperamento apaixonado, um coração mais quente, uma vida mais ardente, mais queimada, fazem que ele ainda me seja caro. É capaz,

como diz, de chegar ao assassinato. Sabe arruinar-se numa única noite só para ele ou um amigo. Tem peito. E talvez todas as qualidades de Lucien não tenham aos meus olhos o valor de uma só virtude daquele ridículo malandro.

O meu amor a Lucien e a minha felicidade nesse amor já me convidam a reconhecer uma moral mais conforme ao mundo de vocês. Não que eu esteja mais generoso, sempre o fui, mas esse objetivo rígido para onde vou, feroz como a haste de ferro no cume de uma geleira, tão desejável, tão caro ao meu orgulho e ao meu desespero, me parece ameaçar demais o meu amor. Lucien não me sabe na estrada dessas regiões infernais. Ainda gosto de ir para onde ele me leva. Quão mais inebriante, até a vertigem, a queda e o vômito, seria o amor que lhe tenho, se Lucien fosse um ladrão e um traidor. Mas, então, será que me amaria? Não será sua submissão às ordens da moral, à doçura, que devo a sua ternura e a leve confusão dentro de mim? Entretanto gostaria de me ligar a um monstro qualquer de ferro, sorridente mas gelado, que mata, rouba e entrega aos juízes pai e mãe. Desejo-o a fim de ser eu mesmo a exceção monstruosa que um monstro, delegado de Deus, se concede, e que satisfaz o meu orgulho com o meu gosto pela solidão moral. O amor de Lucien me realiza, mas quando passo por Montmartre, onde vivi muito tempo, o que vejo, o que adivinho de sujeira, faz bater o meu coração, arrepiar o meu corpo e a minha alma. Melhor que ninguém, sei que nada existe nos bairros malfrequentados, eles são sem mistério, mas para mim continuam a ser misteriosos. Reviver em tais lugares, a fim de neles me sentir de acordo com o meio, exigiria uma volta impossível ao passado, pois eles têm a alma pálida, os pálidos malandros da esquina, e os cafetões mais terríveis são de uma desoladora burrice. Mas de noite, quando Lucien está no quarto dele, eu me enrosco medrosamente debaixo dos lençóis e desejo contra mim o corpo de um ladrão mais duro, mais perigoso e mais terno. Planejo para dentro em breve uma vida mais perigosa de fora da lei nos mais crapulosos bairros do mais crapuloso dos portos. Abandonarei Lucien. Que ele se torne o que puder. Partirei. Irei a Barcelona, ao Rio ou a qualquer outro lugar, e primeiro na prisão. Reencontrarei Sek Gorgui. Devagar, o negro alto se deitará nas minhas costas. O negro, mais imenso que a noite, me cobrirá. Todos os músculos dele sobre mim terão porém a consciência de ser os afluentes de uma virilidade que converge para aquele ponto tão duro, tão violentamente carregado, o corpo inteiro estremeando por esse bem e esse interesse de si mesmo, que só existem para a minha felicidade. Estaremos imóveis. Ele penetrará mais profundamente. Uma espécie de sono, nos meus ombros, arrasará o negro, a noite dele me esmagando, na qual pouco a pouco me diluirei. Minha boca aberta, eu o saberei entorpecido, retido naquele eixo tenebroso pelo seu pivô de aço. Serei leve. Não terei mais nenhuma responsabilidade. Sobre o mundo, pousarei o olhar claro emprestado

pela águia a Ganimedes.

Quanto mais amo Lucien, mais de mim se afasta o meu gosto pelo roubo e pelos ladrões. Sinto-me feliz por amá-lo, mas uma grande tristeza, frágil como uma sombra e pesada como o negro, se espalha sobre a minha vida toda, sobre ela mal descansa, a roça e a esmaga, penetra na minha boca entreaberta: é o pesar da minha lenda. O meu amor a Lucien me faz conhecer as hediondas doçuras da nostalgia. Para abandoná-lo, posso deixar a França. Seria então preciso que eu o confundisse com o meu ódio por ela. Mas aquela criança encantadora tem os olhos, os cabelos, o peito, as pernas que são os ideais dos malandros, aqueles que adoro e que eu teria o sentimento de estar abandonando ao abandoná-lo. O encanto é a sua salvação.

Hoje à noite, eu passeava os meus dedos em seus cachos. Sonhador, ele me disse:

— Eu bem que gostaria de ver o meu guri.

Em vez de lhe dar alguma dureza, essa frase o enterneceu. (Durante uma escala, ele fez um filho numa moça.) Nele os meus olhos pousam com maior gravidade, com mais ternura também. Esse garoto de rosto orgulhoso, de sorriso, olhos vivos e doces, maliciosos, eu o considero com o olhar que teria para uma jovem esposa. A ferida que faço a esse macho me obriga a um respeito súbito, a novas delicadezas, e essa surda, longínqua e quase estreita ferida o amolece como a lembrança dos sofrimentos do parto. Ele me sorri. Mais felicidade me incha. Sinto que se tornou maior a minha responsabilidade, como se — realmente — o céu acabasse de abençoar a nossa união. Mas ele, será que poderá mais tarde, junto das suas amantes, esquecer o que foi para mim? O que será da alma dele? De que mal jamais curada? Terá ele a respeito disso a indiferença de Guy, o mesmo sorriso acompanhando o sacudir de ombros para jogar atrás de si, deixar que seja levada ao vento do seu passo rápido, aquela mágoa pesada e profunda: a melancolia do macho ferido? Em relação a todas as coisas, não nascerá daí alguma desenvoltura?

Muitas vezes Roger me recomendou que não o deixasse tempo demais com os veados que ele acabava de pegar. As nossas precauções eram as seguintes: assim que ele saía do mictório público, de um bosquezinho onde uma bicha acabava de aparecer, às vezes Stilitano, às vezes eu, o seguíamos de longe até o quarto — geralmente num pequeno hotel dirigido por alguma antiga puta, numa rua imunda e fedorenta — eu esperava (ou Stilitano) alguns minutos e subíamos.

— Mas não deixem passar muito tempo, tá bem, Jeannot? Tá ouvindo? Não venham tarde demais.

— A gente tem de esperar um pouco para ele ter tempo de tirar a roupa, não é?

— Claro. Mas veja se não demora. Em frente à porta, sempre deixarei cair uma bolinha de papel.

Ele me fez essa recomendação tantas vezes em tom aflito que um dia eu lhe disse:

— Mas por que você quer que eu ande tão depressa? É só você me esperar.

— Tá louco. Tenho medo.

— Medo de quê?

— Se o cara tem tempo de me bolinar estou frito. Não tenho certeza de não ceder.

— Bem, pois então ceda...

— Imagine! Bem excitado, sim. Mas assim não pode. Mas não diga nada a Stil.

Perdido na floresta, conduzido pelo ogre, Roger semeava as pedrinhas brancas; trancado por um carcereiro malvado, ele indicava a sua presença com uma mensagem deixada à porta. Bobamente, uma noite, brinquei com o medo dele. Stilitano e eu esperamos muito tempo antes de subir. Quando encontramos a porta, nós a abrimos com infinitas precauções. Uma minúscula entrada, estreita como uma alcova, nos separava do quarto. Com um cravo vermelho preso no dedão do pé, deitado na cama, nu, Roger encantava um senhor de idade que se despia lentamente em frente ao espelho. Naquele espelho, aliás, nós vimos este espetáculo: Roger, com um movimento ágil, levava o pé à boca e apanhava o cravo. Depois de o cheirar por alguns segundos, passou-o debaixo da axila. O velho estava indócil. Atrapalhava-se com os botões, os suspensórios, e cobiçava o jovem corpo, hábil em se cobrir com flores. Roger sorria.

— Você é a minha rosa trepadeira — disse o velho.

Antes que ele tivesse começado a dizer essa frase, remexendo-se debaixo dos lençóis, Roger virou-se de bruços e, plantando o cravo na bunda, com a face esmagada no travesseiro, gritou rindo:

— E esta aqui, você vem comer?

— Estou chegando — disse Stilitano, que começou a andar.

Estava calmo. O seu pudor — já contei como este ornava a sua violência quase bestial às vezes, sabendo hoje que esse pudor não é um objeto, espécie de véu na sua testa e nas mãos (ele não coloria Stilitano), nem tampouco um sentimento, mas um incômodo — o esfregamento impedindo de jogar com flexibilidade, nobremente, as diferentes peças de um mecanismo interior —, a recusa de um organismo em participar da alegria de outro, o contrário da

liberdade; eu sabia que o que talvez provocasse esse pudor fosse uma covardia boba; tenho escrúpulo em chamá-la um adorno; não que eu queira dizer que a bobice não saiba às vezes conceder aos gestos — seja pela hesitação, seja pela rudeza — uma graça que sem ela eles não teriam e que essa graça não lhes seja um adorno, mas o pudor de Stilitano era uma palidez, o que o provocava não era o afluxo de pensamentos turvos, de ondas misteriosas, não era uma confusão levando-o para regiões misteriosas, desconhecidas e todavia pressentidas, eu o teria achado encantador por hesitar no limiar de um mundo cuja revelação emocionava as suas faces, não era o amor, mas o refluxo da própria vida, só deixando lugar para o vazio assustador da imbecilidade. Explico como posso, apenas pela coloração da sua epiderme, a atitude de Stilitano. É pouco. Mas talvez assim eu tenha conseguido dizer o personagem ressequido que a minha memória contém — o seu pudor daquela vez não incomodou nem a sua voz, nem o seu andar. Avançou na direção da cama, ameaçador. Mais rápido, muito mais, Roger pulou e precipitou-se sobre as suas roupas.

— Sua porca!

— Mas o senhor não tem o direito...

O velho tremia. Era igual aos desenhos dos caricaturistas que representam um flagrante de adultério. Estava de costas para o espelho em que se refletiam os seus ombros estreitos e a sua calvície um pouco amarela. Uma luz rósea iluminava a cena.

— Você, nem um pio. Quanto a você — disse ele a Roger —, vista-se depressa.

Em pé, junto das roupas, Roger, inocente, ainda segurava o cravo purpúreo. Com a mesma inocência, ele ainda estava em ereção. Enquanto se vestia, Stilitano exigia os tesouros do velho.

— Então, seu velho sujo, você estava achando que ia comer meu irmão?

— Mas eu não...

— Silêncio. Passe a gaita.

— Quanto quer?

— Tudo.

Stilitano falou com tanta frieza que o velho não insistiu mais.

— O relógio.

— Mas...

— Vou contar até dez.

Por essa frase, habitual em minhas brincadeiras de criança, Stilitano me pareceu ainda mais cruel. Pareceu-me que brincava, e que ele poderia ir muito longe já que não se tratava de um jogo. O velho soltou a corrente em que o relógio estava preso e, aproximando-se, entregou-a a Stilitano, que o apanhou.

— Os anéis.

— Meus anéis...

Agora, o velho gaguejava. Imóvel no meio do quarto, Stilitano designava com precisão os objetos cobiçados. Eu estava atrás dele, um pouco à sua esquerda, com as mãos nos bolsos, e o olhava pelo espelho. Tinha certeza de que ele seria assim, diante daquela velha bicha que tremia, mais cruel que o normal. Realmente, como o velho lhe dissesse que as suas articulações nodosas o impediam de tirar os anéis, ele ordenou que eu abrisse a torneira.

— Esfrega sabão.

Com uma grande consciência, o velho ensaboou as mãos. Tentou retirar os dois anéis de ouro, mas em vão. Desesperado, receando que lhe cortássemos as falanges, estendeu a mão para Stilitano, com o tímido nervosismo da noiva ao pé do altar. De Stilitano, maciço — a minha emoção será quase visível quando, no parque dele, o sr. B. me deixar plantado diante de um canteiro muito cheio de cravos, dizendo: “É um canteiro maciço” —, iria eu assistir às bodas com um velhote que tremia, de mão molhada? Com uma delicadeza e uma precisão em que eu pensava estar encerrada uma estranha ironia, Stilitano tentou arrancar os anéis. O velho, com uma das mãos, sustentava a que estava sendo operada. Talvez experimentasse uma alegria secreta em estar sendo assim depenado por um rapagão bonito. (Anoto a exclamação de um pobre corcunda de quem René, sem lhe permitir qualquer instante de prazer, arrancara a sua única nota de mil francos: “Que pena que não tenha recebido o meu salário. Eu te daria tudo!” E a resposta de René: “Não faça cerimônia, pode mandar-me.”) Como se faz com os bebês, ou como a ele mesmo eu ensaboava a mão única, por sua vez Stilitano ensaboava cuidadosamente a do velho. Agora um e outro estavam muito calmos. Colaboravam numa operação simples e necessária. Stilitano não se exasperava, usava a sua paciência. Eu tinha certeza de que os seus esfregamentos gastariam o dedo até a fineza desejada. Enfim, afastando-se do velho e sempre com tranquilidade, deu-lhe duas bofetadas. Renunciava aos anéis.

Alonguei um pouco esta narração por dois motivos. O primeiro é porque me permite rever uma cena cuja sedução não se esgota. Ao impudor de Roger se oferecendo aos velhotes, acresciam-se alguns dos elementos que estão na origem do meu lirismo. As flores, primeiro, acompanhando a robustez de um rapaz de vinte anos. Sem parar de sorrir, aquele rapaz confrontava a sua valentia viril — e a submetia — com o desejo trêmulo de um velho. A brutalidade de Stilitano para destruir aquele encontro, e sua crueldade em prosseguir a destruição até o fim. Enfim, naquele quarto, diante de um espelho onde tanta juventude, apesar das aparências, fora cúmplice e amorosa — me parecia — de si mesma, a presença de um velho cavalheiro meio despido, ridículo, *digno de pena*, e cuja pessoa

prostrada, precisamente porque a proclamo *digna de pena*, me simbolizava.

O segundo motivo: penso que nem tudo está perdido para mim, já que Stilitano confessava amar Roger, e este amar o outro. Na vergonha, eles se tinham reconhecido.

Quer Lucien entre pé ante pé no meu quarto, quer chegue em disparada, experimento sempre a mesma emoção. As torturas imaginárias que inventei para ele me causam uma pena mais aguda do que se ele as tivesse sofrido. Devo acreditar que a ideia que faço dele me é mais cara do que a criança que é o seu pretexto, o seu sustento? A sua pessoa física, também não a posso ver sofrer. Às vezes, em certos momentos de ternura, o seu olhar ligeiramente se vela; os cílios se aproximam, uma espécie de vapor turva o seu olho. A boca então esboça um sorriso emocionado. O horror desse rosto, pois ele me horroriza, é um mergulho em meu amor a esse garoto. Afogo-me nele como na água. Vejo-me afogar nele. A morte me sepulta nele. Não devo, quando ele está deitado, dominar-lhe frequentemente o rosto: nele perderia a minha força, e a que retiro dele é apenas para me perder e salvá-lo. O amor que lhe tenho é feito de mil marquinhos de uma gentileza profunda vinda dele, do fundo do seu coração, marcas que, parecendo emitidas ao acaso, só prendem a mim.

Às vezes penso que, se roubássemos juntos, ele poderia me amar mais, aceitaria os meus caprichos de amante.

— A infelicidade quebraria a sua vergonha — digo a mim mesmo —, a casca da sua vergonha.

Respondo então que o amor dele, dirigindo-se a um igual, teria mais violência, nossa vida de tumulto não o faria mais forte. Eu preferiria matá-lo a fazê-lo sofrer. Lucien, a quem alhures nomeei o meu embaixador sobre a terra, é a minha ligação com os mortais. A minha indústria consiste em servir — para ele e por ele — essa ordem que nega aquele a quem eu queria dar todos os meus cuidados. Trabalharei entretanto para fazer dele uma obra-prima visível e movediça. O perigo reside nos elementos que ele me propõe: a ingenuidade, o relaxamento, a preguiça, a ingenuidade do seu espírito, o seu respeito humano. Eis que terei de utilizar o que me é pouco habitual, mas com isso quero obter uma solução feliz.

Ele mesmo me oferecendo as qualidades inversas, eu as teria trabalhado com o mesmo coração ardente para chegar a uma solução contrária mas também rara.

Eu disse acima que a sua elegância é o único critério de um ato. Não estou me

contradizendo quando afirmo a minha escolha da traição. Trair pode ser um gesto bonito, elegante, composto de força nervosa e de graça. Abandono decididamente a ideia de nobreza que distrai em proveito de uma forma harmoniosa, uma beleza mais escondida, quase invisível, que seria necessário descobrir, mas não nos atos e objetos condenados. Ninguém há de enganar-se se escrevo: “A traição é bela”, nem terá a covardia de acreditar — fingir acreditar — que eu esteja querendo falar dos casos em que ela é tornada necessária e nobre, quando ela permite que o Bem se realize. Falava eu da traição abjeta. Aquela que nenhuma heroica desculpa há de justificar. Aquela que é surda, rastejante, provocada pelos sentimentos menos nobres: a inveja, o ódio (ainda que uma certa moral ouse classificar o ódio entre os sentimentos nobres), a cupidez. Basta para isso que o traidor tenha consciência da sua traição, que ele a queira e que saiba quebrar aqueles laços de amor que o uniam aos homens. Indispensável para conseguir a beleza: o amor. E a crueldade o quebrando.

Se tem coração — entendam-me bem —, o culpado decide ser aquele em quem o crime o transformou. Encontrar uma justificação lhe é fácil, senão, como viveria ele? Tira-a do seu orgulho. (Notar o extraordinário poder de criação verbal que há no orgulho e na raiva.) Ele encerra-se em sua vergonha pelo orgulho, palavra que designa a manifestação da mais audaciosa liberdade. No interior da sua vergonha, em sua própria baba, ele se envolve, tece uma seda que é o seu orgulho. Essa roupa não é natural. O culpado teceu-a para se proteger, e púrpura para embelezar-se. Nada de orgulho sem culpa. Se o orgulho é a mais audaciosa liberdade — Lúcifer cruzando ferros com Deus —, se o orgulho é o manto maravilhoso onde se erige a minha culpa, tecido dela, quero ser culpado. A culpa suscita a singularidade (destrói a confusão) e se o culpado tem o coração empedernido (pois não basta ter cometido um crime, é preciso merecê-lo e merecer tê-lo cometido), ele o içá sobre um pedestal de solidão. A solidão não me é dada, ganho-a. É uma preocupação de beleza que me conduz para ela. Quero nela me definir, delimitar os seus contornos, sair da confusão, ordenar-me.

Ser uma criança abandonada me valeu uma juventude e uma infância solitárias. Ser um ladrão me fazia acreditar na singularidade da profissão de ladrão. Eu era, dizia comigo mesmo, uma exceção monstruosa. Realmente, o meu gosto e a minha atividade de ladrão estavam relacionados com a minha homossexualidade, saíam dela que já me separava numa solidão inabitual. Grande foi o meu espanto quando percebi até que ponto o roubo era divulgado. Encontrei-me mergulhado no seio da banalidade. Para sair dela, só precisei me glorificar do meu destino de ladrão e querê-lo. Foi onde viram uma brincadeira que fez os idiotas sorrirem. Dizem que sou mau ladrão? O que me interessa? A

palavra ladrão determina aquele cuja atividade principal é o roubo. Precisa-o eliminando — enquanto é assim chamado — tudo o que ele é além de ladrão. Simplifica-o. A poesia consiste na sua maior consciência da sua qualidade de ladrão. É possível que a consciência de qualquer outra qualidade capaz de se tornar essencial a ponto de nos dar nome seja igualmente a poesia. Mas é bom que a consciência da minha singularidade seja designada por uma atividade associal: o roubo.

Sem dúvida, o culpado, e que se orgulha de sê-lo, deve à sociedade a sua singularidade, mas ele já precisava tê-la para que a sociedade a reconhecesse e dela lhe imputasse o crime. Pretendi opor-me a ela, mas ela já me havia condenado, punindo menos o ladrão de fato do que o irredutível inimigo de quem ela temia o espírito solitário. Ora, ela continha aquela singularidade que vai lutar contra ela, que lhe será um ferro no flanco, um remorso — uma perturbação —, uma chaga por onde escorre o seu sangue, que ela mesma não ousa verter. Se não posso ter o destino mais brilhante, quero o mais miserável, não para uma solidão estéril, mas a fim de obter, de tão rara matéria, uma obra nova.

Não mais em Montmartre nem nos Champs-Élysées, reencontrei Guy um dia em Saint-Ouen.^[25] Estava sujo, esfarrapado, coberto de imundície. E sozinho num grupo de compradores mais pobres e mais sujos do que os vendedores. Tentava vender dois lençóis, provavelmente roubados num quarto de hotel. (Carreguei-me frequentemente com estes fardos que ridicularizavam a minha silhueta: livros sob a axila, que me impediam o movimento dos braços, lençóis ou cobertores enrolados na cintura e me fazendo parecer obeso, guarda-chuva preso à perna, medalhas numa das mangas...) Ele estava triste. Java me acompanhava. Reconhecemo-nos imediatamente. Eu disse:

— É você, Guy?

Não sei o que leu no meu rosto, pois o dele se tornou terrível.

— Está certo, me deixa.

— Escute...

Os lençóis estavam pousados nos seus antebraços, na atitude muito nobre com que os manequins apresentam as fazendas nas vitrines. Com a cabeça fazendo o gesto de inclinar-se um pouco para o lado como para insistir nas palavras, ele disse:

— Me esquece.

— Mas...

— Me esquece, meu chapa.

A vergonha, a humilhação deviam lhe recusar a saliva para uma frase mais longa. Java e eu continuamos o nosso caminho.

A fim de reencontrar em si — por meio de gestos que os negam ou os querem destruir — os ladrões atraentes, cujas ocupações e profissão me encantam, Maurice R. inventa e põe em prática truques contra eles. A sua engenhosidade prova a sua mania e que, em segredo (ignorando-a talvez), ele tenta em si mesmo a busca do mal. Com sábios dispositivos ele envolveu a sua casa: numa placa de zinco na barra de apoio das janelas passa uma corrente de alta tensão, um sistema de campainhas está instalado, fechaduras complicam as suas portas etc. Ele pouca coisa tem para proteger, mas assim permanece em contato com o espírito ágil e astuto dos malfeitores.

Deus: o meu tribunal íntimo.

A santidade: a união com Deus.

Dar-se-á quando cessar aquele tribunal, isto é, quando o juiz e o julgado estiverem confundidos.

O tribunal separa o bem e o mal. Pronuncia uma sentença, aplica uma pena.

Deixarei de ser o juiz e o réu.

Os jovens que se amam esgotam-se na busca de situações eróticas. São tanto mais *curiosas* quanto a imaginação, ao que parece, que as descobre for pobre, e mais profundo o amor que as suscita. No sexo da mulher dele, René triturava uvas, depois, dividindo-as com ela, comia-as. Às vezes, oferecia algumas aos amigos, que se espantavam com tão estranha geleia. Ele também unta o pau com mousse de chocolate.

— A minha mulher é gulosa — explica.

Outro dos meus amantes enfeita com fitas a sua pelugem íntima. Outro trançou para a pica do seu amigo, minúscula, uma coroa de margaridinhas. Com fervor um culto fálico se celebra na intimidade, atrás da cortina das braguilhas desabotoadas. Se, aproveitando a perturbação, uma imaginação ardente dela se apodera, que festas, para as quais serão convidados os vegetais, os animais, vão se desenrolar e delas, acima delas, quanta espiritualidade! Nos pelos de Java, eu ajeito as plumas que escapam de noite do travesseiro furado. A palavra colhão é uma forma redonda na minha boca. Sei que a minha gravidade, quando invento aquele lugar do corpo, se torna a minha mais essencial virtude. Como do seu

chapéu o mágico pode tirar cem maravilhas, dele posso tirar todas as outras virtudes.

René me pergunta se conheço bichas que ele possa assaltar.

— Os teus colegas, não, claro. Os teus colegas são sagrados.

Penso durante alguns minutos, finalmente me lembro de Pierre W., em casa de quem Java ficou durante alguns dias.

Pierre W, uma bicha velha (cinquenta anos), calva, cheia de trejeitos, que usa óculos de aros de aço. “Para fazer amor, ele os deixa na cômoda”, me disse Java, que o encontrou na Côte d’Azur. De brincadeira, um dia, perguntei a Java se ele gostava de Pierre W.

— Você gosta dele, confesse.

— Tá louco. Não gosto dele, não. Mas é um cara legal.

— Você o respeita?

— Claro, não é? Ele me deu comida. Até grana ele me mandou.

Ele me disse isso seis meses atrás. Hoje, eu lhe pergunto:

— E em casa de Pierre W. não tem nada pra roubar?

— Não tem muita coisa, sabe. Ele tem um relógio de ouro.

— Só?

— Pode ser que tenha dinheiro, mas a gente teria de procurar.

René quer detalhes. Obtém-nos de Java, que aceita até marcar encontro com o seu ex-amante, e atraí-lo para uma cilada onde René o vai assaltar. Depois que Java se retira, René me diz:

— É um bocado sujo o Java. É preciso ser muito sacana pra fazer o que ele tá fazendo. Eu não ousaria, juro.

Uma curiosa atmosfera, de luto e de tempestade, escureceu o mundo: gosto de Java, que gosta de mim, e o ódio nos incita um contra o outro. Não aguentávamos mais, nós nos odiávamos. Aquele ódio raivoso aparecendo, eu me sinto desaparecer, eu o vejo desaparecer.

— Você é um sujo!

— E você é uma merda!

Pela primeira vez, ele se decide. Está com ódio, quer me matar, a raiva o endurece: deixando de ser uma aparência, é uma aparição. Mas aquele que ele era para mim desaparece. Aquele que eu era para ele deixa de ser enquanto permanece em nós dois, vigiando o nosso delírio, a certeza de uma reconciliação tão profunda que choraremos por nos reencontrar nela.

A sua covardia, velhacaria, vulgaridade de maneiras e sentimentos, a sua burrice não impedem que eu goste de Java. E também a sua gentileza. Ou a confrontação, ou a sua mistura desses elementos, ou a sua interpenetração, dá uma qualidade nova — espécie de liga — que não tem nome. Acrescento a pessoa física de Java, o seu corpo maciço e tenebroso. Para traduzir essa qualidade nova, impõe-se a imagem de um cristalóide, de que cada um dos elementos enumerados acima seria uma faceta. Java chispa. A sua água — e os seus fogos — são exatamente a virtude singular a que chamo Java e de que gosto. Explico: não gosto da covardia nem da burrice, não gosto de Java *por causa* de uma ou *por causa* de outra, mas o seu encontro nele me fascina.

Vocês poderão espantar-se de que a reunião de qualidades tão moles consiga as arestas vivas do cristal de rocha; vocês poderão espantar-se de que eu compare — não atos — mas a expressão moral dos atos a atributos do mundo mensurável. Já disse que eu estava fascinado. Esta palavra contém a ideia de luz — melhor: de luzes semelhantes aos fogos dos cristais. Esses fogos são o resultado de uma certa disposição das superfícies. É a eles que comparo a qualidade nova — virtude — alcançada pela velhacaria, a covardia etc.

Tal virtude não tem nome, senão o de quem a emite. Se, saídos dele, esses fogos projetados me abrasam, tendo encontrado um material inflamável, é o amor. Tendo-me empenhado na busca daquilo que comparo em mim a esse material, pela reflexão consigo a ausência de tais qualidades. O seu encontro na pessoa de Java me deslumbra. Ele cintila. Eu queimo, pois ele me queima. Com a caneta suspensa para uma curta meditação, as palavras que me ocorrem ao espírito evocam a luz e o calor, com as quais habitualmente se costuma falar do amor: deslumbramento, raios, braseiro, luzes, fascinação, queimadura. Entretanto, as qualidades de Java — as que compõem os seus fogos — são glaciais. Cada uma delas separadamente evoca uma ausência de temperamento, de temperatura.^{26}

O que acabo de escrever, bem sei, não traduz Java, mas dá a ideia de um momento que ele representou para mim. Exatamente o momento da nossa ruptura. É agora que ele me abandona que explico, pela imagem, por que sofro. A nossa separação acaba de ser brutal, dolorosa para mim. Java foge de mim. Os seus silêncios, os seus beijos rápidos, as suas rápidas visitas — chega de bicicleta — são uma fuga. Debaixo das castanheiras dos Champs-Élysées, lhe declarei o meu amor apaixonado. É fácil para mim. O que ainda me prende a ele e justamente no momento de deixá-lo é a sua emoção, o seu espanto diante da minha resolução, a brutalidade dessa ruptura súbita. Está transtornado. O que lhe

digo — de nós, dele principalmente — faz de nós dois seres tão patéticos que os olhos dele se molham. Está triste. Desola-se em silêncio, e essa desolação o aureola de uma poesia que o torna mais atraente, pois eis que ele chispa na névoa. Prendo-me a ele mais ainda quando tenho de deixá-lo.

A mão que apanha o cigarro que eu lhe oferecia é fraca demais, fina demais para o seu corpo musculoso. Levanto-me, beijo-o e digo que esse beijo é o último.

— Não, Jeannot, eu te darei outros — diz ele.

Alguns minutos mais tarde, pensando naquela cena, tenho de repente a certeza de que a fragilidade da mão dele, sem que eu tivesse reparado nela antes, acabava de tornar definitiva, irrevogável, a minha decisão.

Os dedos colados pelas bolas de visco esmagadas no ano-novo. As minhas mãos cheias do esperma de Java.

O nosso quarto está escurecido pela roupa molhada que seca em cordas que vão em zigue-zague de uma parede a outra. Essa roupa lavada — camisas, sungas, lenços, meias, toalhas de banho, cuecas — entenece a alma e o corpo dos dois rapazes que compartilham o quarto. Fraternalmente adormecemos. Se a palma das mãos dele, por muito tempo na água com sabão, é mais suave, ele compensa isso pondo uma violência maior em nossos amores.

(Um texto — reconciliação com Java — está suprimido pelos cuidados do autor, comandado pela sua ternura em relação ao herói.)

Em cada cidade importante da França, conheço pelo menos um ladrão com quem trabalhei — ou, tendo-o conhecido na prisão, com quem fiz planos, preparei, combinei assaltos. Junto deles, tenho a certeza de encontrar apoio se me encontro sozinho na cidade. Esses rapazes, espalhados por toda a França, às vezes no estrangeiro, sem que eu os veja sequer frequentemente, me são um conforto. Sinto-me feliz e calmo por sabê-los vivos, ativos e belos, escondidos na sombra. No meu bolso, o caderninho em que os nomes deles figuram em código é dotado de poder consolador. Tem a mesma autoridade que um sexo. É o meu tesouro. Transcrevo: Jean B., em Nice. Encontrado uma noite nos jardins Albert-I^{er}. Ele não teve coragem de me socar para roubar o meu dinheiro, mas me indicou o negócio do Mont-Boron. René D. em Orléans, Jacques L. e Martino, marujos que ficaram em Brest. Conheci-os na prisão do Bougen. Traficamos ambos com entorpecentes. Dedé de Nice, em Cannes, um cafetão. Em Lyon, dois malandros, um negro e um dono de bordel. Em Marselha,

conheço vinte. Gabriel B. em Pau. Etc. Já disse que são belos. Não de uma beleza regular, mas de outra, feita de poder, de desespero, de numerosas qualidades cujo enunciado supõe um comentário: a vergonha, a malícia, a preguiça, a resignação, o desprezo, o tédio, a coragem, a covardia, o medo... A lista seria longa. Essas qualidades estão inscritas no rosto ou no corpo dos meus amigos. Neles elas se empurram, se acavalam, se combatem. É por isso que afirmo que eles têm alma. À cumplicidade que nos une, acrescenta-se um acordo secreto, uma espécie de pacto tênue, que pouca coisa, ao que parece, poderia rasgar, mas que sei proteger, tratar com dedos hábeis: é a lembrança das nossas noites de amor, ou às vezes uma curta conversa amorosa, ou roçamentos aceitos com o sorriso e o suspiro contido de um pressentimento de volúpia. Todos aceitaram gentilmente que eu tomasse forças novas a cada uma das suas asperidades como em marcos de estrada onde se polariza uma corrente. Creio que todos eles sabiam obscuramente encorajar-me assim ainda mais, exaltar-me, me animar, e permitir-me acumular bastante força — emanada deles — a fim de protegê-los. Mas estou só. O caderninho que tenho no bolso é a prova escrita de que tive tais amigos; mas a vida deles é aparentemente tão incoerente quanto a minha e, na realidade, nada sei sobre eles. A maior parte talvez esteja na prisão. Onde, os outros? Se estão vagabundeando, que acaso faria com que os encontrasse e sob que forma cada um de nós? Todavia, se as oposições de vil e de nobre tivessem permanecido, será que eu saberia distinguir neles os momentos de orgulho, de rigor, reconhecê-los como os elementos esparsos de uma severidade que quero juntar em mim, a fim de conseguir uma obra-prima voluntária?

De Armand — estatura marinha, maciça e lânguida, olho pesado, crânio baixo, o nariz esmagado não por um punho de homem, mas por ter esbarrado, batido nos espelhos que nos separam do mundo de vocês — a aparência física, se não na época, mas hoje, evoca os campos de trabalhos forçados de que ele me parecia o mais significativo, o mais ilustre representante. Para junto dele, eu era chamado, precipitado, e é agora que ousar, desesperado, nele me afundar. O que nele eu discernia de maternal não é feminino. Os homens interpelam-se assim às vezes:

— Ei, velha?

— Salve!

— É você, fujona?

Esta moda pertence ao mundo da miséria e do crime. Do crime punido que carrega em si — ou em si mesmo — a marca de ferrete. (Falo agora dele como se fosse uma flor, ou melhor, a flor-de-lis, quando a marca do ferrete era a flor-de-lis.) Essas interpelações indicam a decadência de homens outrora fortes.

Podem hoje que estão feridos suportar o equívoco. Até o desejam. A ternura que os inclina não é feminilidade, mas descoberta da ambiguidade. Creio que estão prontos a se fecundarem eles mesmos, a pôr e a chocar os seus ovos sem que se amoleça o agulhão cruel dos machos.

Se, entre os mendigos mais humildes, se diz:

“— Tudo bem, La Grinche (ou La Chine)?”, a Guiana é um nome feminino. Ela contém todos os machos que são chamados os duros. Acresce a isso que ela é uma região tropical, na cintura do mundo, a mais febril — da febre do ouro —, em que a selva ainda dissimula em pântanos povos ferozes. Para ela me dirijo — pois desaparecida ela é agora a região ideal da infelicidade e da penitência para onde se dirige não a minha pessoa física, mas aquela que a vigia — com um receio misturado de embriaguez consoladora. Cada um dos duros que a frequenta permaneceu viril — como os de La Chine ou La Grinche —, mas a derrocada lhe ensina a inutilidade de prová-lo. Armand era um homem, com lassidão. Como os heróis sobre os louros, ele dormia sobre os seus músculos, descansava em sua força e sobre ela. A sua mão, sobre a nuca delicada, se ele curvava, brutal, a cabeça de um garoto, era por indiferença ou por não ter esquecido os métodos e os modos sem precauções de um mundo onde tivera de viver por muito tempo, de onde eu o acreditava de volta. Se ele era bom, disse mais alto, era para me oferecer uma hospitalidade que realizará perfeitamente os meus desejos mais secretos — aqueles que descubro com maior pesar, segundo os dois sentidos dessa expressão —, mas que serão os únicos capazes de extrair de mim o personagem mais belo, isto é, o mais idêntico a mim mesmo. Aspiro à Guiana. Não mais a esse lugar geográfico hoje despovoado, emasculado — mas à vizinhança, à promiscuidade enfim, não no espaço mas na consciência, dos modelos sublimes, dos grandes arquétipos da infelicidade. Ela é boa. O movimento respiratório que a levanta e abaixa segundo um ritmo lento, mas pesado, regular, é uma atmosfera de bondade que a comanda. Esse lugar parece conter a seca e a aridez mais cruel, e eis que ele se exprime por um tema de bondade: ele suscita, e impõe, a imagem de um seio materno, carregado como ele de poder tranquilizador, de onde sobe um cheiro um pouco nauseabundo, oferecendo-me uma paz vergonhosa. A Virgem Mãe e a Guiana, eu as chamo Consoladoras dos aflitos.

Armand parecia conter as mesmas características más, ora se o evoco não surgem imagens cruéis mas as mais ternas, exatamente aquelas pelas quais exprimiria o meu amor não a ele, mas a vocês. Quando deixei, como disse antes, a Bélgica, perseguido por uma espécie de remorso ou vergonha, no trem só pensei nele e, já sem a esperança de o ter um dia à mão ou sob os olhos, eu perseguia com curiosidade o seu fantasma: o trem afastando-me dele, eu devia

me esforçar para reduzir o espaço e o tempo que dele me separavam, fazê-los subir um e outro por um pensamento cada vez mais depressa, enquanto cada vez mais se impunha a mim, adquiria contornos precisos — e só ela capaz de me consolar da perda de Armand —, a ideia da bondade dele, a ponto de que o trem (ele atravessou primeiro um bosque de abetos, e talvez a descoberta de uma paisagem repentinamente clara, pela sua ruptura brutal com a sombra benfazeja dos abetos, tenha preparado a ideia de catástrofe) perto de Maubeuge, transpondo uma ponte num barulho infernal, tive o sentimento de que, aquela ponte ruindo e o trem se cortando em dois, prestes a cair naquele súbito precipício, apenas essa bondade que já me enchia, a ponto de comandar os meus atos, teria bastado para pregar novamente os pedaços, para reconstituir a ponte, para permitir ao comboio evitar a catástrofe. Ultrapassado o viaduto, perguntei-me até se tudo o que acabo de dizer não acontecera realmente. O trem continuou na via férrea. A paisagem da França recuava atrás de mim a Bélgica.

A bondade de Armand não consistia em fazer o bem: a ideia de Armand, afastando-se do seu pretexto de ossos e músculos, se tornava uma espécie de elemento vaporoso em que me refugiava, e aquele refúgio era tão doce que, do seio dele, eu dirigia ao mundo mensagens de gratidão. Teria encontrado nele mesmo a justificação, nele a aprovação do meu amor a Lucien. Ao contrário de Stilitano, ele me teria contido com o ônus daquele amor e de tudo o que dele deve resultar. Armand me absorvia. A sua bondade não era, pois, uma das qualidades reconhecidas pela moral corrente, mas aquilo que, à medida que vou pensando, ainda suscita em mim emoções de onde nascem imagens de paz. É pela linguagem que delas tenho conhecimento.

Abandonando-se com moleza Stilitano, Pilorge, Michaelis, todos os cafetões e os malandros que encontrei permanecem eretos, não severos, mas calmos, sem ternura; na volúpia até, ou na dança, eles permanecem solitários, refletindo-se em si mesmos, mirando-se delicadamente em suas virilidades, em suas forças que lhes dão brilho e os limitam tão preciosamente como um banho de óleo enquanto diante deles, não atingidas por essas presenças fogosas, opulentas amantes se refletem em si mesmas e permanecem elas mesmas, isoladas apenas pelas suas belezas. Eu queria reunir em buquê esses belos meninos. Impor-lhes a solidão. Talvez uma irritação derretesse então a matéria invisível que os isola: na sombra de Armand que os contém todos, eles poderiam florescer, eclodir, e me oferecer aquelas festas que são a razão de ser da minha Guiana ideal.

Admirando-me de que, com exceção de um, todos os sacramentos da Igreja (a palavra já é suntuosa) evocam solenidades, o sacramento da penitência vai tomar enfim o seu lugar no cerimonial litúrgico. Na minha infância, ele reduzia-se a uma conversa vergonhosa, sonsa, com uma sombra atrás do postigo do

confessionário, a algumas orações rapidamente recitadas, ajoelhado numa cadeira; hoje em dia, ele se desenvolve segundo toda a pompa terrena: se não o curto passeio para o cadafalso, é o desdobramento desse passeio que vai no mar e continua por toda a vida numa região fabulosa. Não insisto nas características que a Guiana possui e que a fazem parecer no fim sombria e esplêndida: as suas noites, as suas palmas, os seus sóis, o seu ouro, nós os reencontramos em profusão nos altares. Se eu devesse viver — talvez isso me aconteça, mas essa ideia é insuportável — no mundo de vocês que entretanto me acolhe, morreria. Hoje em dia, tendo vencido uma luta renhida, assinei com vocês uma trégua aparente e sinto-me exilado. Não quero saber se é para expiar um crime ignorado de mim que desejo o campo de trabalhos forçados, a minha nostalgia é tão grande que não poderei deixar de ser levado para lá. Tenho a certeza de que lá, apenas lá, poderei continuar uma vida que foi ceifada quando nela entrei. Livre das preocupações de glória e de riqueza, com uma lenta, minuciosa paciência, farei os gestos penosos dos punidos. Farei todos os dias um trabalho comandado por uma regra que não tem outra autoridade senão a de emanar de uma ordem que submete o penitenciário e o cria. Eu me gastarei. Aqueles que lá encontrarei me ajudarão. Tal como eles, me tornarei fino, polido.

Mas falo de um campo de trabalhos forçados que já não existe. Que eu o reconstitua, pois, em segredo, e que nele viva em espírito como em espírito os cristãos sofrem a Paixão. O único caminho praticável deve passar por Armand e desenvolver-se na Espanha dos mendigos, da pobreza vergonhosa e humilhada.

Escrevo estas notas e tenho 35 anos. É no contrário da glória que desejo continuar o que me resta para viver.

Stilitano tinha mais retidão do que Armand. Se penso neles, é, segundo a representação que o meu espírito me concede, ao universo em extensão que Armand será comparado. Em vez de se precisar e se reduzir a limites observáveis, Armand se deforma à medida que procuro agarrá-lo. Ao contrário, Stilitano já está cercado. A natureza diferente da renda que os ocupou ainda é significativa. Quando Stilitano ousou rir do talento de Armand, este não se zangou imediatamente. Creio que ele comandava a sua raiva. Não penso que a observação de Stilitano o tivesse ferido. Continuou a fumar o seu cigarro, pausadamente, e depois disse:

— Será que você acha que sou um babaca?

— Eu não disse isso.

— Sei muito bem.

Ele ainda continuou a fumar, o olhar ausente. Eu acabava de ver uma das mortificações — elas foram sem dúvida numerosas — que Armand sofrera. Essa massa de orgulho não era apenas composta de elementos audaciosos, nem

mesmo honrados. A sua beleza, o seu vigor, a sua voz, a sua coragem nem sempre lhe tinham assegurado o triunfo, pois ele tivera, como um raquítico, de dobrar-se a uma aprendizagem de rendeira, àquela que se costuma exigir das crianças a quem não se confia outro material senão papel.

— Não parece — disse Robert, a cabeça nos dois cotovelos espetados na mesa.

— Não parece o quê?

— Bem... que você sabe fazer aquilo.

A sua falta de modos habitual não ousava abertamente abordar aquele homem com a sua miséria: Robert hesitava ao falar. Stilitano sorria. Mais do que ninguém, ele devia reconhecer a dor de Armand. Como eu, ele temia e esperava a pergunta — que aliás Robert não ousou formular:

— Você aprendeu onde?

A aproximação de um doqueiro deixou-a no ar. Ele só disse uma hora ao passar junto de Armand: 11 horas. As melodias do piano mecânico aliviavam a espessa fumaça do bar em que estávamos. Armand respondeu:

— Está certo.

O rosto dele permaneceu triste. Sendo as mulheres raras aqui, o tom geral era cordial e simples. Se um homem se levantava da cadeira, era com toda a simplicidade.

Foi mais tarde que eu disse para mim mesmo, pensando nas suas palmas e em seus dedos grossos, que, saindo deles, a renda de papel devia ser feia. Armand era muito desajeitado para trabalhos desse tipo. A menos que ele os tivesse aprendido no campo de trabalhos forçados ou na prisão. A habilidade dos forçados é impressionante. Em seus dedos criminosos aparecem às vezes delicadas e frágeis obras-primas realizadas com pedacinhos de fósforos, pedacinhos de cartolina, de barbante, pedacinhos de qualquer coisa. O orgulho que eles experimentam tem a qualidade da matéria e da obra-prima: é humilde e frágil. Acontece que visitantes felicitem os forçados por um tinteiro talhado numa noz como se felicita um macaco ou um cão: admirando-se de tanta astúcia maliciosa.

Quando o doqueiro se afastou, Armand não mudou de rosto.

— Se você pensa que a gente pode saber fazer tudo, é porque é um babaquinha.

Invento as palavras que relato mas não esqueci o tom da voz que as pronunciou. Em surdina, aquela voz ilustre rugia. A tempestade trovejava batendo com uma falange leve as cordas vocais mais preciosas do mundo. Armand se levantou, sempre fumando.

— Vamos — disse ele.

— Vamos.

Era com essas palavras que ele decidia que a gente ia se deitar. Stilitano pagou, Armand saiu com a sua elegância favorita: o andar apressado. Andou na rua. A elegância era a mesma. Mas essa noite ele não pronunciou nenhuma das palavras, nenhuma das expressões habituais que o faziam passar por grosseiro. Creio que ele estava engolindo a sua mágoa. Andava depressa, de cabeça alta, ereta. Stilitano a seu lado erguia a sua esbelta ironia, Robert a sua jovem insolência. Perto deles, eu os continha; contendo a ideia deles mesmos, eu era a sua consciência reflexiva. Fazia frio. Esses fortões que eu acompanhava eram friorentos. Mergulhadas nos bolsos, para se encontrarem no lugar mais fofo do corpo, suas mãos esticavam a fazenda da calça, delineando as nádegas. Ninguém falava. Chegando perto da rua do Sac, Stilitano apertou a mão de Robert e de Armand, e disse:

— Vou vigiar Sylvia antes de entrar. Você vem comigo, Jeannot?

Acompanhei-o. Andamos algum tempo sem falar, tropeçando nos paralelepípedos. Stilitano sorria. Sem me olhar, disse:

— Você agora está muito bem com Armand.

— Tô. Por quê?

— Oh, por nada, não...

— Você me fala disso por quê?

— À toa.

Andamos mais um pouco, afastando-nos do lugar onde Sylvia trabalhava.

— Ei!

— O que é?

— Se eu fosse cheio da grana, você teria peito para me enganar?

Por gabolice — e já sabendo que a audácia era um traço do meu espírito — respondi que sim.

— Teria. Por que não, se você tivesse um monte!

Ele riu.

— E Armand, você ousaria?

— Por que me pergunta isso?

— Responda.

— E você?

— Eu? Por que não? Se ele tem um monte! Eu limpo outros, por que não ele? Não há motivo. E você, responda!

Pela mudança de tempo, de um súbito presente em lugar de um imperfeito dubitativo, compreendi que acabávamos de nos pôr de acordo para roubar Armand. E eu sabia que por cálculo e por pudor fingira cinismo, declarando a Stilitano que o roubaria. Tal crueldade em nossas relações devia apagar a

crueldade dos nossos atos dirigidos contra um amigo. Na realidade, havíamos compreendido que alguma coisa nos unia, a nossa cumplicidade não resultava do interesse, nascera na amizade. Respondi:

— É perigoso.

— Nem tanto.

Estava transtornado pela ideia de que Stilitano tivera de passar por cima da amizade dele com Robert para me fazer essa proposta. De gratidão, eu o teria beijado se o sorriso dele não tivesse formado uma barreira. Enfim pensei que talvez ele tivesse pedido a Robert a mesma coisa, que este tinha recusado. Nesse mesmo momento, talvez Robert estivesse tentando estabelecer entre Armand e ele relações tão íntimas como as que me uniam a Stilitano. Mas eu tinha a certeza de ter escolhido nessa dança o meu cavalheiro.

Stilitano me explicou o que esperava de mim: que eu roubasse, antes que ele tivesse tempo de passá-lo para a França ou a Holanda, o ópio que lhe trariam os marujos e os mecânicos de um *tremboat* que navegava com bandeira brasileira, o “Aruntaí”.

— Por que é que você foi se meter com Armand? Nós dois, a gente tava na Espanha juntos.

Da Espanha, Stilitano falava como de um teatro heroico. Andávamos na umidade gelada da noite.

— Armand, deixa ele para lá; ele, quando pode enganar um cara...

Entendi que não devia protestar. Já que não tinha poder bastante para decretar, saídas de mim apenas, leis morais que eu imporia, devia utilizar os fingimentos habituais, aceitar agir como justiceiro a fim de desculpar os meus crimes.

— ... ele não faz cerimônia. O pessoal fala um bocado dele. Pode perguntar a uns caras que o conheceram.

— Se ele souber que sou eu...

— Não vai saber. É só você me dizer onde a coisa está metida. Quando ele sair, eu subo.

Tentei salvar Armand e ainda disse:

— No quarto é que não deve estar. Ele deve ter uma toca.

— Então, tem de encontrar. Você é um bocado esperto, vai conseguir.

Antes que ele me tivesse concedido a estima de que já falei acima, eu não teria sem dúvida traído Armand. A simples ideia me teria causado horror. Enquanto ele não me dera a sua confiança, trair não tinha aliás sentido nenhum: era obedecer, simplesmente, à regra elementar que dirigia a minha vida. Hoje, eu o amava. Reconhecia o seu superpoder. E, se não me amava, ele me compreendia nele. A sua autoridade moral era tão absoluta, generosa, que tornava impossível uma revolta intelectual em seu seio. Eu não podia provar a minha independência

a não ser agindo no domínio sentimental. A ideia de trair Armand me iluminava. Temia-o e amava-o demais para não desejar enganá-lo, traí-lo, roubá-lo. Eu pressentia a volúpia inquieta que acompanha o sacrilégio. Se ele era Deus (ele tinha conhecido a piedade) e em mim colocara a sua complacência, era-me doce negá-lo. E melhor, que me ajudasse Stilitano, que não me amava e a quem eu não teria podido trair. À personalidade deste, aguda, servia maravilhosamente esta imagem: o estilete atravessando o coração. A força do diabo, o seu poder sobre nós residem em sua ironia. A sua sedução talvez seja apenas o seu desprendimento. A força com que Armand negava as regras era uma prova da sua própria força — e a força dessas regras sobre ele. Stilitano sorria delas. A sua ironia me dissolvia. Enfim ela tinha a audácia de se expressar num rosto de grande beleza.

Entramos num bar e Stilitano me explicou o que teria de fazer.

— Você falou com Robert?

— Tá louco. Isso é entre nós.

— E você acha que ele tem grana mesmo?

— Claro, ele é pão-duro. Fez um negócio e tanto na França.

Stilitano parecia ter pensado nisso fazia muito tempo. Eu o via subir de uma vida noturna, passada sob os meus olhos e permanecida secreta. Atrás do riso dele, vigiava, espreitava. Saindo do bar, um mendigo nos pediu dinheiro, alguns tostões. Com bastante desprezo, Stilitano o olhou.

— Faz como a gente, meu filho. Se tá querendo gaita, pega.

— Onde é que tem, me conte.

— No meu bolso, tem, se você quiser procurar...

— O senhor diz isso, mas se estivesse...

Stilitano recusou a conversa que podia prosseguir e na qual ele mesmo teria arriscado enfraquecer-se. Sabia muito habilmente encurtar conversas a fim de marcar o seu rigor, dar à sua aparência seções nítidas.

— A gente, quando quer, vai pegá-lo onde ele está — disse-me. — A gente não vai se arriscar por causa de um mendigo.

Seja porque compreendia que era o instante exato para me dar uma lição de severidade, seja porque precisava ele mesmo estabelecer-se melhor em seu egoísmo, Stilitano o disse de tal modo — com uma sábia negligência — que esse conselho, dentro da noite, da névoa, assumiu proporções de uma verdade filosófica um pouco arrogante que agradava à minha natureza com tendência à piedade. Eu podia realmente reconhecer nessa verdade contra a natureza uma atitude virtuosa capaz de me proteger de mim mesmo.

— Você tem razão — disse eu —, se formos apanhados, quem vai em cana somos nós, não é ele, não. Ele que se vire, se tem coragem.

Com essa frase, eu não feria apenas o período da minha vida mais precioso — ainda que dissimulado —, eu me estabelecia em minha riqueza participando do diamante, naquela cidade dos diamantários, e naquela noite da solidão egoísta cujas facetas cintilam. Aproximamo-nos do lugar onde Sylvia trabalhava, mas era tarde, ela já tinha ido para casa.^[27] (Indico que para a mulher dele a ironia de Stilitano desaparecia. Falava dela sem gentileza, mas com seriedade.) A prostituição não sendo na Bélgica regulamentada como na França, um cafetão podia sem risco morar com sua mulher. Stilitano e eu tomamos o caminho do seu hotel. Hábil, não falou mais dos nossos planos, mas evocou a nossa vida da Espanha.

— Você tava um bocado gamado naquela época.

— E agora?

— Agora? Você ainda tá?

Acho que ele queria se certificar do meu amor e de que por ele eu abandonaria Armand. Eram três ou quatro horas da manhã. Vínhamos de um país onde a luz e o barulho são violentos.

— Como antes, não.

— Verdade?

Sorriu e me olhou enviesado, enquanto continuávamos a caminhar.

— O que é que não tá certo?

O sorriso de Stilitano era terrível. A preocupação — como acontecia frequentemente, e sobretudo desde essa época — de ser mais forte do que eu, de vencer a minha natureza, de mentir sobre ela, me fizera pronunciar uma frase que, embora dita em tom calmo, era uma provocação. Devia explicar, esclarecer essa primeira proposição apresentada como as premissas de um teorema. Era, e não o inverso, da explicação que devia nascer a minha atitude nova.

— Tá tudo bem.

— Então? Eu já não te agrado tanto assim?

— Não gosto mais de você.

— Ah!

Estávamos passando naquele momento sob um dos arcos do viaduto que sustenta a estrada de ferro. Estava mais escuro do que em outros lugares. Stilitano havia parado e, virado para mim, me olhava. Deu um passo para a frente. Não recuei. Com a boca quase sobre a minha, murmurou:

— Jean. Gosto que você seja atrevido.

Houve alguns segundos de silêncio. Tive medo de que ele sacasse a faca para me matar e creio que não me teria defendido. Mas ele sorria.

— Me acende um crivo — disse ele.

Tirei um cigarro do bolso de Stilitano, acendi-o, puxei uma baforada, e o

coloquei entre os lábios dele, no meio. Com um hábil golpe de língua, ele o colocou no canto direito da boca e, ainda sorrindo, deu um passo para a frente, ameaçando queimar o meu rosto se eu não recuasse. A minha mão, que pendia na minha frente, por si mesma ia para o corpo dele: ele se emocionava. Stilitano sorria e me olhava nos olhos. Em seu peito, ele devia armazenar facilmente a fumaça, abriu a boca sem deixar escapar nenhum floco. Dele mesmo e dos seus acessórios, só aparecia o cruel. O terno e o impreciso estavam banidos. Eu entretanto o conhecera, havia pouco tempo, em humilhantes situações. A atração do parque de diversões chamado Palácio dos Espelhos é um barracão cujo interior contém um labirinto; suas paredes são forradas com espelhos, uns com aço, outros transparentes. Depois de pagar, a gente entra e tenta sair. É quando esbarra desesperadamente contra a própria imagem ou contra um visitante separado de nós por um vidro. Da rua, as pessoas assistem à busca do caminho invisível. (A cena que vou contar me deu a ideia de um balé intitulado *Adame Miroir*.) Chegando perto desse barracão, o único no parque, o grupo de pessoas que o examinava me pareceu tão importante que soube que estavam vendo algo de excepcional. Riam. Na multidão, reconheci Roger. Olhava para o sistema atravancado de espelhos, e o seu rosto tenso estava trágico. Antes de ver, soube que Stilitano, e só ele, estava preso, *visivelmente* perdido nos corredores de vidro. Ninguém podia ouvi-lo, mas pelos seus gestos, pela sua boca, compreendia-se que estava urrando de ódio. Enraivecido, olhava para a multidão que o observava rindo. O guarda do barracão demonstrava indiferença. Essas situações são habituais. Stilitano estava sozinho. Todo mundo saía, menos ele. Estranhamente, o universo escureceu-se. A sombra que de repente cobria todas as coisas e as pessoas era a sombra da minha solidão diante daquele desespero, pois, não aguentando mais berrar, bater nos vidros, resignado aos risos dos espectadores, Stilitano se agachara, indicando assim que se recusava a continuar. Hesitei, sem saber se devia partir ou me bater por ele e arrebentar a sua prisão de cristal. Sem que ele me visse, olhei para Roger: ainda estava fitando Stilitano. Aproximei-me dele: os seus cabelos lisos mas jeitosos, repartidos no meio, desciam em curva de cada lado das suas faces e se juntavam na boca. A sua cabeça oferecia o aspecto de certas palmeiras. Tinha os olhos úmidos de lágrimas.

Se me acusarem por utilizar acessórios tais como barracões de parques de diversões, prisões, flores, saques sacrílegos, estações, fronteiras, ópio, marinheiros, portos, mictórios públicos, enterros, quartos de hotéis suspeitos, e deles extrair medíocres melodramas e de confundir a poesia com um fácil pitoresco, o que responder? Já disse como amo os fora da lei sem outra beleza que a do corpo. Os acessórios enumerados são impregnados da violência dos

homens, da sua brutalidade. As mulheres não lhes têm acesso. São gestos de homens que os animam. Os parques de diversões no norte são dedicados aos rapagões louros. Só eles lhes dão vida. Aos seus braços, as moças se agarram dificilmente. Eram elas que riam da desgraça de Stilitano.

Decidido, Roger entrou. Pensamos que ele fosse se perder nos espelhos. Vimos as suas repentinas e lentas voltas, o seu andar seguro, os seus olhos baixos para se guiar pelo chão menos hipócrita do que os espelhos. A certeza o guiando, ele chegou junto de Stilitano. Vimos os seus lábios murmurarem. Stilitano levantou-se e, recobrando pouco a pouco a segurança, eles saíram numa espécie de apoteose. Não me tinham visto, e livres, rindo, continuaram a festa enquanto eu voltei sozinho. Seria a imagem de Stilitano ferido que me perturbava assim? Sabia-o capaz de conservar a fumaça de um cigarro inteirinho que, consumindo-se, se expressaria apenas pela brasa. A cada aspiração, o seu rosto se iluminava. Sob os meus dedos, apenas o roçando, senti que ele estava tendo uma ereção.

— Tá gostando?

Não respondi. Para quê? Ele sabia que a minha fanfarronada acabava de terminar. Tirou a mão esquerda do bolso e, com o braço cercando os meus ombros, ele me apertou contra si sem tirar o cigarro da boca. Alguém se aproximava. Murmurei rapidamente:

— Gosto de você.

Despregamo-nos um do outro. Quando o deixei diante do hotel onde morava, ele tinha a certeza de que eu daria todas as informações a respeito de Armand.

Fui para casa e me deitei em meu quarto. Nunca, nem quando eles me enganavam ou me odiavam, consegui odiar meus amantes. Separado por uma parede de Armand, deitado com Robert, sofria por não estar no lugar de um deles, ou por não estar com eles, ou por não ser um deles; eu os invejava, mas não tinha ódio nenhum. Subi a escada de madeira com muito cuidado, pois era barulhenta, tal como quase todas as divisórias de madeira. Quando ele tirou o cinto naquela noite, imagino que Armand não o fez estalar como um chicote. Devia estar vendo a sua forte e viril tristeza e sem dúvida, por alguns gestos silenciosos, sugeriu a Robert que obedecesse ao seu prazer. Para mim, Armand justificava mais o seu poder: procedia também da infelicidade, da abjeção. Aquela renda de papel tinha a mesma estrutura frágil, pouco feita para a moral de vocês, que os truques de mendigo. Pertencia ao artifício, era postiça tanto quanto as feridas, os cotos, as cegueiras.

Este livro não pretende ser, prosseguindo no céu o seu caminho solitário, uma

obra de arte, objeto destacado de um autor e do mundo. A minha vida passada, eu a podia contar com outro tom, com outras palavras. Dei-lhe uma feição heroica porque tinha em mim o que é necessário para fazê-lo, o lirismo. A minha preocupação com a coerência me impõe o dever de continuar a minha aventura a partir do *tom* do meu livro. Terá servido para melhor definir as indicações que o *passado me apresenta*; na pobreza e no crime punido pousei o meu dedo, mais pesadamente, e diversas vezes. É na direção deles que irei. Não com a premeditação pensada de os encontrar, à moda dos santos católicos, mas lentamente, sem tentar escamotear as fadigas, os horrores do empreendimento.

Mas será que me faço entender? Não se trata de aplicar uma filosofia da desgraça, ao contrário. Os campos de trabalhos forçados — as galés (nomeemos esse lugar do mundo e do espírito) — para onde me dirijo me oferecem mais alegrias que as honrarias e as festas de vocês. Entretanto, são estas que vou procurar. Aspiro ao reconhecimento e à sagração de vocês.

Traduzido sob forma de heroísmo, o meu livro, que se tornou a minha Gênese, contém — deve conter — os mandamentos que eu não haveria de transgredir: se sou digno disso, ele há de me reservar a glória infame de que é o grande mestre, pois, se não a ele, a quem me referir? E apenas do ponto de vista de uma moral mais banal não seria lógico que este livro arrastasse o meu corpo e me atraísse para a prisão — não, esclareço melhor, segundo um processo rápido comandado pelos costumes de vocês; mas por uma fatalidade que ele contém, que nele coloquei, e que, como eu o quis, me conserva como testemunha, campo de experiência, prova dos nove da sua virtude e da minha responsabilidade?

Quero falar dessas festas das galés. A presença à minha volta de machos feridos já constitui uma grande felicidade que me é concedida. Mas apenas assinalo isso; outras situações (o Exército, o esporte etc.) podem me oferecer coisa igual. Ao segundo volume deste “Diário”, darei o título de *Affaire de mœurs*.^[28] Nele, tenho o propósito de relatar, descrever, comentar essas festas de galés íntimas que descubro em mim após a travessia dessa região do meu eu a que chamei a Espanha.

Sobre o autor

Jean Genet nasceu em Paris, em 1910, e foi romancista e dramaturgo. Teve uma infância e adolescência turbulentas, com passagens por reformatórios devido a uma série de roubos. Já adulto, passou a viver errante pela Europa, sobrevivendo à custa de atividades ilícitas. De volta a Paris, em 1937, esteve algumas vezes na prisão, onde começou a desenvolver sua atividade literária. Em 1948, prestes a ser condenado à prisão perpétua, obteve um indulto graças à intercessão de personalidades como Jean-Paul Sartre e Jean Cocteau.

Entre suas obras destacam-se *Nossa Senhora das Flores* (1944), *Querelle — amar e matar* (1947), que foi levada ao cinema em 1982 por Rainer Werner Fassbinder com o título *Querelle*, e *Diário de um ladrão* (1949), e as peças de teatro *Haute Surveillance* (1949), *O balcão* (1956), *Os negros* (1958) e *Les Paravents* (1961). Jean Genet foi tema de Jean-Paul Sartre na biografia intitulada *Saint Genet: ator e mártir* (1952).

No fim da década de 1960, passou a atuar como ativista político, com presença nos acontecimentos de maio de 1968 e em outros dos chamados movimentos de libertação. Morreu em Paris, em 1986, e foi sepultado no cemitério espanhol de Larache, no Marrocos.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Frederico Hartje

REVISÃO

Guilherme Bernardo

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E CAPA

Leandro Liporage

DIAGRAMAÇÃO

André Guimarães S.

^[1] Ruth Escobar é atriz e produtora cultural luso-brasileira.

^[2] Jean-Paul Sartre foi filósofo, escritor e crítico francês.

^[3] A minha emoção é a oscilação de umas aos outros.

^[4] Estou falando do forçado ideal, do homem no qual se encontram todas as *qualidades* do punido.

^[5] Sua abolição me priva a tal ponto que dentro de mim e só para mim, secretamente, eu recomponho um campo de trabalhos forçados, pior que o da Guiana. Acrescento que, ao se falar das prisões centrais, pode-se dizer “na sombra”. O campo de trabalhos forçados fica ao sol. Tudo se passa numa luz crua, e não posso deixar de escolhê-la como sinal de lucidez.

^[6] Eu teria realmente preferido me bater até sangrar a renegar esse ridículo utensílio.

^[7] Pelos jornais, fiquei sabendo que, após quarenta anos de dedicação, aquela mãe derramou gasolina na filha adormecida, depois na casa toda e ateou fogo. O monstro (a filha) sucumbiu. Das chamas a velha (75 anos) foi retirada e salvou-se, o que quer dizer que foi levada a julgamento.

^[8] Gilles de Montmorency-Laval, senhor de Retz, Rais ou Rays, marechal da França (1404-1440), cujos crimes cometidos com crianças inspiraram a Perrault o conto do *Barba Azul*. (N.T.)

^[9] Em francês: *genêt*. (N.T.)

^[10] No dia em que me conheceu, Jean Cocteau me chamou “*son genêt d’Espagne*”. Ignorava ele o que aquela região fizera de mim.

^[11] Os botânicos conhecem uma variedade de giesta que chamam de giesta alada.

^[12] O primeiro verso que me admirei de ter formado foi o seguinte: “*moissonneur des souffles coupés*” (ceifeiro dos fôlegos cortados). O que escrevi acima o trouxe à minha lembrança.

^[13] Esse rosto se confunde também com o de Rasseneur, um ladrão com quem trabalhei por volta de 1936. Pelo semanário *Détective*, acabo de saber que foi condenado ao degredo quando, nesta mesma semana, uma moção de escritores pedia, pela mesma pena, a minha graça ao presidente da República. A fotografia de Rasseneur diante do tribunal estava na segunda página. Irônico, o jornalista afirma que ele parecia estar muito satisfeito por ter sido degredado. Isso não me espanta. Na prisão da Santé, ele não passava de um reizinho; em Riom ou Clairvaux, ele será um chefe. Rasseneur, me parece, nasceu em Nantes. Ele assaltava também os pederastas — ou veados. Fiquei sabendo, por um colega, que um carro, dirigido por uma das suas vítimas, andou por muito tempo à procura dele em Paris para atropelá-lo “acidentalmente”. Existem terríveis vinganças de bichas.

^[14] Enquanto eu deixava jogadas por toda a parte as minhas roupas, Stilitano, de noite, colocava as dele em cima de uma cadeira, ajeitando a calça, o paletó, a camisa, a fim de que nada amarrotasse. Parecia assim conceder uma vida às suas roupas, e querer que durante a noite descansassem de um dia de fadiga.

^[15] Ao reler este texto, me dou conta de que localizei em Barcelona uma cena da minha vida que se situa em Cádiz. É a frase “solitário no meio do oceano” que me faz lembrar disso. Quando a escrevi, cometi o erro de localizá-la em Barcelona, mas em sua descrição devia se imiscuir um detalhe que me permitisse repô-la em seu verdadeiro lugar.

^[16] O leitor está prevendo — é a voz dele — que este relato sobre a minha vida íntima ou aquilo que ela sugere será unicamente um canto de amor. Exatamente, a minha vida foi a preparação de aventuras (não de jogos) eróticas de que desejo agora descobrir o sentido. Infelizmente, é o heroísmo que me aparece como o mais carregado de virtude amorosa, e como os heróis só existem em nosso espírito, haverá, pois, necessidade de criá-los. Por isso recorro às palavras. As que utilizo, mesmo se eu tentar com elas uma explicação, irão cantar. O que escrevo terá realmente acontecido? Será falso? Só este livro de amor será real. Os fatos que foram o seu pretexto? Deles devo ser o receptáculo. Não são eles que restituo.

^[17] Devo deixar este nome em branco.

^[18] Quando, poucos dias atrás, Pierre Fièvre, filho de um *garde mobile*, e ele mesmo aprendiz de policial (ele tem 21 anos), me disse que queria ser tira para ter uma motocicleta, fiquei emocionado. Lembrei-me das nádegas de Stilitano esmagando o selim de couro da moto roubada.

^[19] 1947. Um jornal da tarde me informa que acabam de prendê-lo por agressão noturna à mão armada. O jornal diz: “... o belo maneta estava pálido...” A notícia não me provoca nenhuma emoção.

^[20] Mettray, perto de Tours, na França, possuía antigamente uma colônia agrícola para jovens detentos. (N.T.)

^[21] Invejo, como um privilégio, a vergonha que conheceram dois jovens noivos, cuja aventura é publicada pelo jornal *France-Dimanche*. À Nadine, a moça, os habitantes de Charleville ofereceram uma irrisória suástica florida, no dia da sua boda. Durante a ocupação alemã, Nadine fora amante de um capitão berlinense que morreu no *front* russo. “Ela mandou rezar uma missa e usou luto.” A fotografia do jornal representa Nadine e o marido, saindo da igreja em que o padre acaba de casá-los. Ela passa por cima da suástica. Os habitantes de Charleville olham para ela maldosamente. “Segure o meu braço e feche os olhos”, lhe teria murmurado o marido. Diante das bandeiras francesas, de onde pendia uma fita preta, ela passa sorrindo.

Invejo a amarga, a altiva felicidade dessa jovem mulher. Eu “daria” o mundo inteiro para ainda experimentá-la.

{22} René, de quem falarei novamente mais adiante, me contou que em Nice uma bicha agia do mesmo modo com os veados. A anedota que ele me conta me aproxima ainda mais dele.

{23} Mas quem há de impedir o meu aniquilamento? Ao falar de catástrofe, não posso deixar de evocar um sonho: uma locomotiva me perseguia. Eu corria na via férrea. Ouvi o arquejo próximo da máquina. Deixei os trilhos para correr no campo. Cruel, a locomotiva continuou a me perseguir mas parou gentilmente, educadamente, diante de uma pequena e frágil cerca de madeira que reconheci como uma das cercas que fecham um prado de propriedade dos meus pais de criação e para onde, em criança, levava as vacas para pastar. A um amigo a quem relatava esse sonho eu disse: “... o trem parou na cerca da minha infância...”

{24} *Police Judiciaire*. (N.T.)

{25} Subúrbio popular de Paris. (N.T.)

{26} O sonho de Java. Entrando no meu quarto — pois, se dorme com a amante, ele vem me ver durante o dia —, Java me conta o sonho que teve. Mas, primeiro, diz que na véspera encontrou um marinheiro no metrô.

— É a primeira vez que me viro para olhar um cara bacana — me afirma.

— Você não tentou uma esfregadinha?

— Tá maluco. Mas subi no mesmo vagão. Se ele me tivesse pedido, acho que teria aceitado fazer amor com ele.

Depois, completamente, ele me descreve o marujo. Por fim relata-me o sonho que teve durante a noite, após esse encontro. Sendo, naquele sonho, grumete de um barco, outro marujo o perseguia de faca em punho. Quando este conseguiu agarrá-lo em meio às cordas, caindo nos joelhos, diante da faca levantada, Java disse:

— Vou contar até três. Me mate se não é covarde.

Mal tinha pronunciado essas palavras, a cena toda desapareceu.

— Depois — disse-me ele — vi um cu.

— E depois?

— Acordei.

{27} Fomos embora rapidamente pois é sinal conhecido: quando as putas não estão nos lugares habituais de trabalho, é sinal de que os tiras estão por perto. “Onde não há putas, há tiras”, diz um provérbio do *bas-fond*.

{28} Questão de costumes. (N.T.)